DESAFIANDO O RIO-MAR

Descendo o Branco IV

HIRAM REIS E SILVA

A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), no dia 19 de março, de manter a demarcação da reserva Raposa e Serra do Sol, em Roraima, fronteira do Brasil com a Guiana e a Venezuela, tem apenas um triste e melancólico significado – colocar a soberania brasileira em cheque.

O território pertence agora a cinco "*nações indígenas*" e nela não poderão viver ou sequer transitar os chamados "*não índios*", porque os facínoras do Conselho Indigenista de Roraima (CIR) não os reconhecem como irmãos brasileiros

A equivocada decisão de nossos "*doutos*" magistrados foi amparada em leis e portarias, mas não na Constituição Brasileira.

(Hiram Reis e Silva)

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

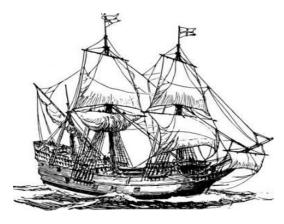
Canção
(Cecília Meireles)

No desequilíbrio dos mares,
As proas giram sozinhas...
Numa das naves que afundaram
É que certamente tu vinhas.

Eu te esperei todos os séculos
Sem desespero e sem desgosto,
E morri de infinitas mortes
Guardando sempre o mesmo rosto.

Quando as ondas te carregaram
Meu olhos, entre águas e areias,
Cegaram como os das estátuas,
A tudo quanto existe alheias.

Minhas mãos pararam sobre o ar
E endureceram junto ao vento,
E perderam a cor que tinham
E a lembrança do movimento.

E o sorriso que eu te levava
Desprendeu-se e caiu de mim:
E só talvez ele ainda viva
Dentro destas águas sem fim.

Mensagens

Gen Avena

Bom dia, meu dileto amigo e idealista convicto.

Lamentável. O parecer jurídico é uma peça cômica, que você deve guardar para que no futuro, quando tivermos em nossa Força pessoas realmente interessadas em um trabalho tão profícuo, possa ser comprovada a oportunidade perdida pela cegueira cultural que não é apanágio somente do Exército, mas de todo o país como nos tem sido demonstrado pelo destino dados aos recursos da Lei Rouanet.

Peço ao amigo não desanimar porque, mesmo perdendo seguidas batalhas a guerra ainda não está perdida, porque confio que o universo conspira a favor das grandes ideias e realizações. E você é um destemido guerreiro, com um ideal gigantesco.

Gen Avena: Força e fé!

Irmão Acosta

Lendo toda esta exposição de motivos, penso que infelizmente o EB, está dando um Tiro na Própria Tropa que ele Treinou. Com a execução destes projetos, com Militares da Ativa, para economizar investimentos, nada mais é do que, colocar Recrutas a dar Instruções de Comportamento Militar, numa Tropa recém arregimentada. Pois com a frequência de rotatividade, que deve existir, na mobilização de um Oficial da Ativa, em suas OM, haverá uma grande lacuna, e perda de conhecimentos da história da Amazônia.

Ao relegar os conhecimentos que o amigo tem nesta área, eu afirmo que infelizmente nossa Força Terrestre, abandona seus Grandes Soldados, que dedicaram sua vida, a uma Nobre Missão.

Quem deve estar aplaudindo estas negativas decisões, são os Elementos de Esquerda, que infelizmente conseguiram se infiltrar nas nossas FFAA.

Sd Acosta Rad. Op. de Combate do lll/2° R. I. – Btl. Suez.

Seeeeelva Brasil!!!

Cel Fregapani

Guerreiro amigo

Você ainda tem muita vida pela frente. Tire umas férias depois desta nova aventura e veja. As vezes a Providência Divina nos faz uma surpresa. Mantenha a esperança! De seu fã.

Grande amigo e Guerreiro de Selva Cel Hiram!

Bueno

Irmão Hiram, segue com essa nobre missão.

Que o GADU lhe dê Forças, Tolerância e Sabedoria. Tenha a certeza de que sendo a sua pessoa chamada para a nobre missão, porque tens a competência em produzir estudos e definir a real situação, pois nos governos anteriores, os vendilhões da esquerda pretendiam deliberar um Estado dentro do Brasil, do Mato Grosso e a toda Amazônia, principalmente, nos pontos delimitados aos índios, mas fora da realidade e com pretensões de furtarem a nossa riqueza.

Os falsos missionários que atuaram com afinco por anos em território brasileiro eram, na verdade, pesquisadores da riqueza que temos na Amazônia Legal, principalmente na Calha Norte e regiões vizinhas. Só de Nióbio, o Brasil pode dominar o mundo com a exclusividade desse e outros minérios, além da fauna

e flora. Humildemente me coloco à sua disposição naquilo que eu possa ajudá-lo diretamente ou na missão que há de cumprir com galhardia. Parabéns.

TFA, Bueno – Veterano da PMESP, mas não inativo.

Luiz J. Mendonça

Caríssimo Cel Hiram Reis e Silva, intrépido "canoeiro" da Amazônia.

Parabenizo-o e agradeço tão primorosas notícias, dos sempre brilhantes trabalhos de nossas Forças Armadas, principalmente os Batalhões de Engenharia e Construção, os "*BEC*".

Eu morava em Santarém PA, quando lá chegou o 8° BEC, com muitos navios de nossa Marinha de Guerra, carregados com equipamentos para abertura, construção de estradas, pistas de pousos para apoio logístico, com todo efetivo de centenas de militares especializados, treinados em Selva, e tudo mais.

É de dar inveja a muitos países, a capacidade operacional dos nossos Batalhões de Engenharia e Construção, de nosso glorioso Exército.

Década de 70, Presidente da República, o grande Estadista, Exmo. Sr. General, Emílio Garrastazu Médici. Não vou estender-me ao assunto que o prezadíssimo Coronel conhece melhor que eu. Todavia confesso: sinto saudades daquela época, daquele progresso maravilhoso, ao compará-lo com o retrocesso e a endêmica corrupção que vivemos até a pouco.

Receba, caro Cel Hiram, meu fraterno e amigo abraço.

Luiz J. Mendonça – ex-piloto da grande selva amazônica

Jorge Diôgo Monteiro

Estimado Hiram!

Ao receber seu e-mail, logo me chamou a atenção a foto do Cel Machado. Ao ler o texto do anexo, pude constatar que você tinha uma relação de amizade e admiração por ele.

O conheci quando trabalhava na POUPEX aqui em Floripa. Vez por outra, ia no Escritório para acertar detalhes de sua conta e sempre se relacionava muito bem comigo. Muito falante, me tratava por "*Cavalaria*". Sempre contando "*causos*", principalmente da fase em que trabalhou na área de inteligência.

Senti muito quando o perdemos em 2016. Foi uma fatalidade, uma pena! Que Deus o guarde!

Quanto ao farsante que usou seu relatório para demonstrar sapiência, não surpreende. Estamos cheios desses tipos, principalmente nas universidades, fazendo a cabeça de nossos jovens. Se Deus quiser, os ventos da mudança farão um novo Brasil. Que assim seja!

Um grande abraço e felicidade na sua nova empreitada na Amazônia. Que Deus o acompanhe!

Jorge Diôgo

Na Rota do Rio Branco

Mar Português: Segunda Parte
(Fernando Pessoa)

[...] O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte –
Os beijos merecidos da Verdade. [...]

Estou Cansado
(Fernando Pessoa)

[...] Tenho visto muito e entendido muito o que tenho visto,
E há um certo prazer até no cansaço que isto nos dá,
Que afinal a cabeça sempre serve para qualquer coisa.

Ano passado concluímos a última fase da Expedição Centenária Roosevelt-Rondon, no período de 04.08.2017 a 20.08.2017, percorrendo os Rios Paraguai e Cuiabá desde o Rio Apa, MS, até Cáceres, MT, embarcados em uma confortável chalana percorrendo exatamente a mesma rota e desfrutando das mesmas comodidades da Expedição original.

Diário de Cáceres – Cáceres, MT
Quinta-feira, 24.08.2017

O Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral [NUDHEO] da UNEMAT em Cáceres recebeu nesta segunda-feira [21] uma série de documentos digitalizados sobre a Expedição Centenária Roosevelt-Rondon. Os documentos foram entregues pelos militares, professores e exploradores que nesta semana passaram por Cáceres, refazendo a terceira fase da Expedição. (DIÁRIO DE CÁCERES, 24.08.2017)

Tão logo concluída esta fase parti para Rio Branco, Acre. Meu caiaque oceânico – o "*Argo I*" – um formidável Cabo Horn, da Opium Fiberglass, graças ao empenho do 8° Batalhão de Engenharia de Construção (8° BEC), do 2° Grupamento de Engenharia de Construção (2° Gpt E) e do 5° e 7° BECs já me aguardava no Quartel do 7° BEC em Rio Branco, Acre.

O caiaque percorreu 740 km pelo Rio Amazonas de Santarém, PA, a Manaus, AM; 1.240 km de Manaus a Porto Velho, RO, pelo Rio Madeira e 510 km pela BR-364 de Porto Velho a Rio Branco, AC – quase 2.500 km.

Parti de Iñapari, Peru, no dia 06.09.2017, e aportei às 11h00, do dia 26.09.2017, na Boca do Acre, AM (08°45'11,67" S / 67°23'58,10" O) concluindo minha solitária jornada pelo Rio Acre com onze dias de remo e nove de descanso. Muito diferente da Expedição anterior, foram 815,2 km que exigiram, mais uma vez, uma energia e determinação invulgar deste velho e alquebrado guerreiro. Nas cidades, recebi o apoio, do Exército Brasileiro, do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Acre, das Prefeituras do Porto Acre e Boca do Acre e dos humildes ribeirinhos. A participação na III Fase da Expedição Centenária Roosevelt-Rondon forçou-me a enfrentar o pico da estiagem do Rio Acre enfrentando condições bastante adversas.

Gente de Opinião – Porto Velho, RO
Domingo, 22.10.2017

05.09.2017 – Partida de Iñapari: Acordei às 04h30, carreguei as tralhas no caiaque que continuava embarcado no caminhão e, às 05h00, fomos até a margem do Rio Acre, no Peru, de onde

> parti às 05h30. Como nos encontrávamos na estiagem o Rio apresentava extensos bancos de areia que dificultavam bastante a navegação. O "*Argo I*" ia arrastando o casco e o leme na areia e esse atrito exigia um esforço maior na remada. Fazia um ano que não me dedicava à canoagem e, por isso mesmo, tinha decidido iniciar num ritmo mais lento adaptando-me progressivamente ao esforço contínuo de remar, no mínimo, 08h30 por dia. [...]
>
> Os enormes bancos de areia e troncos forçavam-me, constantemente, a descer do caiaque e arrastá-lo sob o Sol intenso. A progressão era lenta e penosa e eu tinha dúvidas se conseguiria vencer os quase 190 km que me separavam de Brasileia em apenas três dias. (GENTE DE OPINIÃO, 22.10.2017)

Tão logo conclui minha jornada combinei com o Coronel Luís Henrique Santos Franco, Comandante do 7° Batalhão de Engenharia de Construção (7° BEC), hoje Comandante do Corpo de Cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), o transporte do caiaque de Rio Branco, Acre, para Boa Vista, Roraima, procurando viabilizar minha próxima empreitada – a descida dos Rios Tacutu-Branco-Negro, desde Bonfim, RR, até Manaus, AM (1.250 km).

O processo envolveu o atual Comandante do 7° BEC Ten Cel Flávio do Prado, o ex-Cmt do 2° Gpt E, General de Brigada Paulo Roberto Viana Rabelo, o atual Comandante do Grupamento, Gen Bda Marcus Vinícius Fontoura de Melo e o Cmt do 6° BEC Ten Cel Vandir Pereira Soares Júnior.

Foram 510 km, pela BR-364, desde Rio Branco, AC, a Porto Velho, RO; 1.240 km de Porto Velho a Manaus, AM, pelo Rio Madeira e 785 km de Manaus a Boa vista, RR, pela BR-174 – mais de 2.500 km.

Soneto do Amigo
(Vinicius de Moraes)

Enfim, depois de tanto erro passado
Tantas retaliações, tanto perigo
Eis que ressurge noutro o velho amigo
Nunca perdido, sempre reencontrado.

É bom sentá-lo novamente ao lado
Com olhos que contêm o olhar antigo
Sempre comigo um pouco atribulado
E como sempre singular comigo. [...]

O amigo: um ser que a vida não explica
Que só se vai ao ver outro nascer
E o espelho de minha alma multiplica...

O Dr. Marc Meyers, idealizador da Expedição Centenária Roosevelt-Rondon pretendia, em agosto deste ano, percorrer um trecho de aproximadamente 170 km que fomos impedidos de navegar no Rio Roosevelt por intervenção dos Cinta-Larga, a partir da ponte Ten Marques até o acampamento da APROVALE, na margem direita do Rio Roosevelt, 14 km à jusante da Balsa da APROVALE.

Defesanet – Porto Velho, RO
Segunda-feira, 08.06.2015

"*Perdemos dois dias porque os índios Cinta-Larga não autorizaram a navegação em área circunvizinha à sua reserva*", diz o Cel Hiram. Devido à restrição imposta pelos indígenas, os pesquisadores deixaram de percorrer 184 km, "*que foram considerados os mais difíceis pela expedição original*", segundo o Cel Hiram. Mas, com exceção do pequeno incidente com a tribo indígena, a nova viagem pelo Rio Roosevelt foi tranquila – bem diferente da realizada no século passado. (DEFESANET, 08.06.2015)

Fiquei bastante transtornado com a situação, pois a programação para a descida do Rio Branco que se iniciara em outubro do ano passado e que contava com o apoio direto de dois Comandos Militares, o Comando Militar do Sul (CMS) e o Comando Militar da Amazônia (CMA), e cujo sucesso dependia diretamente das condições climáticas seria seriamente comprometido com o adiamento da jornada, além disso, as passagens aéreas já tinham sido compradas pelo meu amigo Cristian Mairesse Cavalheiro, para 23.08.2018, e já tinha conseguido agendar com o ICMBIO um período de permanência na Base Carabinani, Boca do Jau, Rio Negro, graças ao apoio dos amigos Daniel Reis Maiolino de Mendonça, Gilberto Moreira e Josângela Jesus.

Em contrapartida eu tinha um compromisso moral para com a família Meyers – seu irmão Pedro que me apoiou prontamente, em três oportunidades, quando enfrentei sérias dificuldades financeiras em decorrência da enfermidade de minha esposa, internada numa clínica há mais de 14 anos.

Felizmente o Dr. Marc e o Cel Angonese acordaram em transferir a Descida, para 2019, e com isso posso manter o foco no planejamento de minha próxima missão que é descer, sozinho, os 1.250 km dos Rios Tacutu-Branco-Negro.

Nos últimos dez anos chegamos a ter mais de uma centena de apoiadores às nossas descidas e agora este número foi drasticamente reduzido. Além dos amigos Pedro Meyers, Cristian Mairesse e do meu cunhado Gen Ex Virgílio Ribeiro Muxfeldt, que foram os primeiros a se apresentar como investidores para esta etapa, estão nos apoiando o meu caro xará Cel Hiram de Freitas Câmara, o meu primeiro sub-Cmt Cel Alfredo

José Coelho dos Santos e o meu irmão pantaneiro Cap Roney Bento Alves Ribeiro. O sensoriamento remoto, mais uma vez, será realizado pela Skysulbra Tecnologia Ltdª graças aos camaradas de longa data Luiz Felipe Meneguetti Regadas e Manoel da Rosa Michael.

Imagem 01 – Travessia de Caronte (Alexander Litovchenko)

Ultra Limina... [1]

(Da Costa e Silva)

Em frágil barca de ébano e marfim,
De tírias velas côncavas ao vento,
Vago pela amplidão do firmamento
Nas ondas do éter pelo azul sem fim...

Aonde vou nesse estranho bergantim,
Veloz e afoito como o pensamento?
Que céu de sonho, que país nevoento,
Que mundo de mistério busco, enfim?

Nos extremos remotos do horizonte,
Perde-se a barca, espaço em fora, sem
Que com o porto encantado se defronte.

Colho as velas, deito a âncora, porém
Surge na proa o vulto de Caronte
Com a mão no leme, a dirigir-me: Além!

---

[1] Ultra Limina...: Sem limite...

Aportando em Boa Vista

Retornar à Boa Vista, RR, depois de aqui ter aportado, pela primeira vez, nos idos de 1982, há 36 anos, tinha para mim e meus familiares um significado muito especial. Embora minha experiência como "*trecheiro*" tenha sido colocada à prova no 9° Batalhão de Engenharia de Construção (9° BEC), sediado em Cuiabá (MT), nas BR-070 e BR-364, trabalhando mais de 120 horas semanais, os recursos em equipamentos e pessoal eram mais do que suficientes para o cumprimento da missão antes do prazo estipulado e dentro dos mais altos padrões técnicos.

No 9° BEC, era recém-casado, sem filhos, e podia concentrar todo meu esforço no trabalho, não raras vezes, nos fins de semana, minha esposa me acompanhava até o trecho para que eu pudesse desfrutar, ainda que por breves momentos, de sua companhia.

No 6° BEC, a realidade era bastante diversa, fui destacado, de imediato, para comandar a 1ª Companha de Engenharia de Construção, sediada no Abonari (AM) com a responsabilidade de manter o tráfego da BR-174 de Manaus (AM) até o Rio Jauaperi (RR), um trecho de 423 km, 120 km dos quais dentro da reserva Waimiri-Atroari, única via de acesso terrestre ao então Território Federal de Roraima. A Companhia ocupava derruídas e precárias instalações no Km 202, da Br-174, que graças ao apoio da Mineração Taboca e Eletronorte (os recursos do Ministério dos Transportes eram ínfimos), fomos aos poucos incrementando melhorias. Construímos um Centro de Lazer para os familiares dos militares destacados, alojamento para praças solteiros, escolinha comunitária, instalamos um segundo gerador e refizemos toda a instalação elétrica da Companhia.

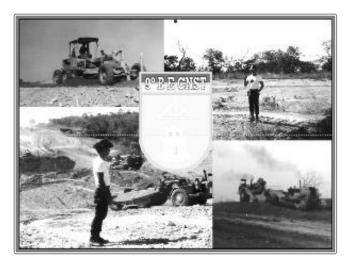



Imagem 02 – 9° BEC – BR-364

Instalamos uma Central de TV, com gravações de uma rede de Manaus, que retransmitia seu sinal para toda Companhia e arredores, e para um telão instalado no "*Clubinho*" onde as famílias se reuniam para confraternizar. As acariquaras, a palha de ubim, o cimento, a geladeira e a televisão do Centro de Lazer (Clubinho) foram doadas pela Mineração Taboca.

O atendimento médico proporcionado pelo Dr. Leônidas Sales Sampaio e depois pelo Dr. Alexandre Augusto Stehling era de alto padrão e estendido às aldeias dos Waimiri-atroari com que mantínhamos um salutar contato. Alguns casos mais delicados, lembro-me, da esposa do "*Elza*", um dos filhos do Tuxaua Comprido, que levou a esposa grávida de nove meses para ser atendida pelo Dr. Sampaio. O "*Elza*" e a esposa permaneceram mais de uma semana na sede da Companhia onde ele fazia questão de nos ajudar nas lides do rancho. Perambulando pela Companhia ele ficou encantado com nossa criação de porcos e prometi-lhe que doaria à sua aldeia um cachaço e três leitoas de uns 4 meses, o que foi feito logo depois do nascimento de sua filha Sônia.

Na época, um dos líderes dos WA era o Tuxaua Viana, inteligente, empreendedor e muito amigo dos militares a quem entreguei, em várias oportunidades, livros didáticos. O Viana era um aficionado pela Matemática e resolvíamos, juntos, alguns exercícios atendendo às suas solicitações.

Nas minhas inspeções ao trecho, eu visitava cada uma das aldeias localizadas ao longo das estradas e fazia um salutar comércio com as lideranças, trocando a farinha que eles produziam por gêneros diversos e pequenos animais que criávamos na Companhia, ensinando- lhes os procedimentos corretos que deveriam adotar para mantê-los.

Os Doutores Leônidas Sales Sampaio e Alexandre Augusto Stehling, valorosos oficiais médico R/2 aceitaram de bom grado a incumbência de vacinar todos os WA da reserva, cuja área corresponde a um quarto do estado de Santa Catarina.

Muitas vezes eles tinham que arrastar ou carregar nas costas a canoa, que os apoiava, através das pedras do Rio Abonari e do Rio Alalau e afluentes para chegar às aldeias mais distantes. Era um trabalho voluntário e eles não tinham nenhuma obrigação de fazê-lo.

A vacinação intensiva dos WA iniciou-se com o Dr. Sampaio e não com o "*Programa WA*". Recebíamos atenciosamente, por diversas vezes, na sede da Companhia, os nativos para atendimento médico e odontológico. O relacionamento era extremamente amigável e éramos muito bem recebidos nas Aldeias, que visitava frequentemente acompanhado de minha esposa Neiva, minhas filhas, Danielle de três meses e Vanessa de um ano e meio.

Consegui, em agosto de 2010, graças ao amigo Paulino (ex-fucionário da FUNAI), restabelecer contato com o Dr. Sampaio e sua esposa Drª Zeina Michiles Sampaio. Solicitei a ele um pequeno relato de sua passagem pelo Abonari, que reproduzo abaixo. O Sampaio é, atualmente, médico Infectologista e Gerente de Vigilância de Doenças Transmissíveis no Amazonas.

> Abonari – Amazonas – Berço do Princípio de Saúde Coletiva de um médico Aspirante a Oficial.
>
> Ao ser responsável médico pelos recursos humanos militares e civis contratados atuantes na manutenção da BR-174, estudei muito na enfermaria para elucidar o diagnóstico de diversas doenças que incidiam na Comunidade. A malária incidia na Comunidade branca e indígena da área.
>
> Entrei no exército como amigo e tive que me tornar um militar de verdade, para acompanhar satisfatoriamente a rotina, com seu estatuto perfeito e na dependência de ser operado por seres humanos justos e honestos, como em qualquer organização social.
>
> Com poucos pacientes a serem atendidos na enfermaria, comecei a achar que poderia levar saúde à população às margem da BR-174 e visitar regularmente os pelotões sediados na Estrada, além de atuar nas Comunidades indígenas "*Waimiri-Atroari*" na reserva indígena sob a proteção da União.
>
> Após minha primeira visita foi constatada a indignação do funcionário da FUNAI Sr. Paulino, que consistia na ausência de atenção médica aos indígenas por mais de seis meses, que concorreram para a continuidade do acompanhamento médico aos indígenas, por todo o ano que passei no exército, que apesar do médico da FUNAI ser chamado por várias vezes para discutirmos saúde indígena, nunca compareceu nas Aldeias.

> Isso motivou uma atenção médica e odontológica por parte do exército sediado no Abonari, até mesmos às localidades distantes e de difícil acesso no Rio Abonari.
>
> No Plano de Atenção Médica às Comunidades da Estrada apresentado ao então Capitão Hiram Reis e Silva, a saúde indígena tomou vulto regular de atuação, com programa de vacinação estimulado, controle de endemias como a malária e doenças diarreicas operado nas Comunidades indígenas, além de tratamento radical de processos infecciosos e contagiosos e patologias diversas de incidência na área indígena, levando a contrapeso a atenção odontológica preventiva e curativa.
>
> Toda essa atuação, de certeza ajudou a inverter os índices negativos de crescimento populacional do povo "*Waimiri-Atroari*" e melhorar a saúde da população indígena e ao longo dessa rodovia federal.
>
> A atenção médica aos militares e civis da região não foi interrompida, haja vista, a operação de ações na área indígena ser levada a termo nas sextas e sábados. Não havia feriado e domingos no acampamento militar do Abonari, apenas "*arejamento*" mensal. (Leônidas Sales Sampaio)

Qual não foi minha surpresa quando tive, por mais de uma vez, negado meu acesso à reserva nas minhas últimas idas à região! O indigenista José Porfírio Fontenele Carvalho, contratado pelo "*Programa Waimiri-Atroari*" da Eletronorte, não vê com bons olhos a aproximação dos nativos com elementos do Exército.

Esquece Porfírio que, se a população dos WA cresceu desde a década de 80, foi graças ao trabalho de heróis anônimos como o Dr. Sampaio, Dr. Alexandre e tantos outros militares que emprestaram sua total solidariedade à causa dos WA.

Meus dedicados médicos conseguiram pessoalmente e com o apoio da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM), hoje Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) eliminar os focos de mosquitos (Anófeles) vetores da malária – não tivemos nenhum novo caso de malária em todo período em que lá servimos (1982/83). Certa feita um dos engenheiros da Mineração Taboca sofreu um mal súbito e embarcou na aeronave que o conduziu do Abonari até Manaus acompanhado de perto pelo Dr. Sampaio até o Hospital, em Manaus. A atenção e gentileza prestada pelo Dr. Sampaio foi recompensada, mais tarde, com a evacuação aeromédica da Sr.ª Denair, esposa do Sgt Pacheco, que se encontrava em missão no trecho, que apresentava complicações do parto. Seu filho Ismar nasceu saudável graças ao apoio imediato dos amigos da Mineração Taboca.

Mensalmente tínhamos um período de arejamento (dispensa) de seis dias. Durante um desses arejamentos em que eu permanecera de plantão na Companhia, com um efetivo mínimo à minha disposição, recebi, por volta das 23h00, um telefonema ([2]) do Coronel Ornélio da Costa Machado (Cmt do 6° BEC), que assumira recentemente. O Cel Machado fora informado, pelo Gen Orlando Morgado (Cmt do 2° GPT E), das preocupantes condições de tráfego da ponte de madeira do Tarumã-açu. O problema era antigo e de nosso conhecimento, um dos cavaletes vinha cedendo pouco a pouco e estávamos programando colocar mais um chapéu de cavalete sobre o original para resolver o problema que não era absolutamente emergencial.

---

[2] PIRF (Posto de integração rádio-fio): posto rádio ligado ao sistema telefônico, permitindo que qualquer integrante da rede-rádio considerada possa ligar-se a qualquer assinante do sistema telefônico.

Imagem 03 – Ponte do Tarumã-açu, BR-174

Parti para a mineração Taboca, que tinha uma excelente equipe de pontes à disposição, onde cheguei por volta da uma da manhã. Pedi para acordar o Dr. Zan e lhe expus o problema e a solução. O Dr. Zan me garantiu que logo que clareasse o dia enviaria uma equipe ao local para solucionar o problema. Considerando a 1ª Fase da Operação Tarumã-açu concluída parti para a solução definitiva. Ao lado da ponte de madeira tínhamos construído uma ponte de concreto que não estava sendo usada por falta de recursos para a construção do aterro de acesso até ela. Balbina se encontrava em pleno período de concretagem com diversos caminhões usando a ponte do Tarumã-açu. Às 06h00, meu motorista estacionou ao lado do refeitório da Eletronorte onde encontrei-me com seus engenheiros e lhes expus o problema e a solução que foi imediatamente acatada.

Voltei para a Companhia com intenção de um breve descanso, mas, ao chegar ao entroncamento da AM-240 (Estrada de Balbina) com a BR-174 (km 103), encontrei o Sargento Okamura, Cmt do 1° Pelotão, que, aflito, me informou que o Cel Machado estaria pousando ao meio-dia em Manaus para verificar o estado da ponte. Imediatamente eu e o Sd Hélio, meu motorista, nos dirigimos à Manaus.

Recebi meu Comandante, no aeroporto, e tranquilizei-o informando que todas as providências relativas à ponte já tinham sido devidamente tomadas. Um tanto apreensivo o Cel Machado só começou a descontrair quando ao chegar à ponte do Tarumã-açu verificou que esta já estava sendo liberada ao tráfego depois de recuperada pela equipe de pontes da Mineração Taboca com a superposição de um chapéu de cavalete ao anterior, sob a fiscalização atenta do Sgt Okamura. Encerrava-se, então, a 1ª Fase da Operação Tarumã-açu ou solução temporária.

Logo depois de passarmos pelo entroncamento e entrarmos na AM-240 com destino à Balbina para conversarmos com o pessoal da Eletronorte cruzamos com um enorme aparato formado por um comboio de lubrificação (melosa), tratores, moto-niveladoras, moto scrapers, pranchas carregando compactadores... Foi só então que expliquei ao comandante que esta era 2ª Fase da Operação Tarumã-açu ou solução definitiva. O comandante franziu a testa e resolvi, então, abrir o jogo.

Na minha explanação aos engenheiros da Eletronorte, extremamente preocupados com a fase de comcretagem de Balbina, disse-lhes que provavelmente teríamos de interromper temporariamente o tráfego na BR-174 em virtude das precárias condições da ponte.

O caos instalara-se no refeitório e eles perguntaram angustiados qual seria a alternativa e eu disse que seria a construção do aterro de acesso à ponte de concreto. Simples assim.

Em Balbina, o Cel Machado agradeceu ao pessoal da Eletronorte, e voltamos para a BR-174, para que ele fosse até o acampamento da mineração Taboca agradecer pessoalmente ao Dr. Zan. Na ponte do Alalau meu caro comandante embarcou na sua viatura pilotada pelo Cabo Júnior e voltou para Boa Vista. Um dia típico de um jovem trecheiro.

Minha jovem família, a esposa Neiva com 27 anos, minha primogênita com um ano e meio e a filha n° 2 com três meses, tiveram nesse período um pai muito ausente em função do trabalho. Mas cada uma delas superou esta faze com galhardia invulgar. Sempre que possível quando ia apenas inspecionar as atividades do 2° Pelotão, do Abonari para o Norte, e retornar no mesmo dia, levava-as comigo para visitar o canteiro de trabalho, as aldeias indígenas e o acampamento da Mineração Taboca onde eram muito bem recebidas.

O Número 666

Apocalipse 13:18
(Bíblia Sagrada)

Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta;
porque é o número de um homem,
e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.

Parti para esta Descida com uma preocupação adicional em virtude da numerologia. Há 36 anos eu estivera por estas plagas ou seja 6+6+6 no século passado e 6+6+6 deste século – nefasta numerologia.

Acho, porém, que o fracasso da missão em função de minhas condições físicas, lesão no manguito rotador ([3]), ocorreu em virtude da numerologia sim, mas de um outro número tão ou mais funesto do que o **666** – o número **13**, adotado pelo facinoroso **PT**. Ao concluir a Descida dos Rios Tacutu/ Branco/Negro eu teria completado mais de **13**.000 km na Bacia Amazônica.

O Número 13

Ester 3:13
(Bíblia Sagrada)

E enviaram-se as cartas por intermédio dos correios a todas as províncias do rei, para que destruíssem, matassem, e fizessem perecer a todos os judeus, desde o jovem até ao velho, crianças e mulheres, em um mesmo dia, a ***treze*** *do duodécimo mês [que é o mês de Adar], e que saqueassem os seus bens.*

O capítulo **13**, do versículo 1 ao 18, do livro do Apocalipse faz referência ao anticristo, à besta e aos seus fiéis seguidores que passaram a ostentar na testa ou na mão direita a sua marca pois do contrário seriam impedidos de "*comprar ou de vender*".

Apocalipse 13:1
(Bíblia Sagrada)

Vi uma besta que saía do mar. Tinha dez chifres e sete cabeças, com dez coroas, uma sobre cada chifre, e em cada cabeça um nome de blasfêmia.

Gênesis 14:4
(Bíblia Sagrada)

Doze anos haviam servido a Quedorlaomer, mas ao ***décimo terceiro*** *ano rebelaram-se.*

---

[3] A lesão ocorreu em minha residência, Porto Alegre, antes mesmo de partir para Roraima, ao trocar uma lâmpada.

Na Última Ceia estavam presentes **13** indivíduos – Jesus Cristo e os seus 12 apóstolos. Nessa oportunidade, Cristo foi traído por Judas Iscariotes.

1307 – No dia 13.10.1307, o rei da França, Filipe IV, considerou ilegal a ordem dos Cavaleiros Templários e decretou que os membros da ordem deveriam ser perseguidos, presos, torturados e mortos.

1647 – No dia 13.05.1647, um forte terremoto destrói Santiago do Chile.

1692 – No dia 13.02.1692, quase 80 integrantes do Clã Macdonald, em Glen Coe, na Escócia, são mortos no início da manhã por não jurarem fidelidade ao novo rei, Guilherme de Orange.

1915 – No dia 13.01.1915, um terremoto destrói por completo a cidade de Avezzano, na Itália, provocando a morte de quase 30 mil pessoas.

1919 – No dia 13.04.1919, o exército britânico, destrói uma cidade sagrada da Índia e executa pessoas que protestavam contra as novas leis impostas pelo império.

1926 – No dia 13.08.1926, nasceu, em Havana, Cuba, o revolucionário **Fidel** A. **Castro** Ruz.

1935 – No dia 13.08.1935, o rompimento da represa de Orada, ao norte de Gênova, deixa centenas de mortos.

1972 – No dia 13.10.1972, acontece um acidente aéreo na Cordilheira dos Andes com um avião uruguaio em que viajavam 45 pessoas, a maioria membros de uma equipe de rúgbi.

1982 – No dia 13.12.1982, um terremoto no Iêmen, resulta em 3 mil mortos e 2 mil feridos.

1985 – No dia 13.11.1985, a erupção do vulcão Nevada Del Ruiz, na Colômbia, causa a morte de mais de 20 mil pessoas.

1992 – No dia 13.03.1992, um terremoto na Turquia, deixa 570 mortos.

1994 – No dia 13.01.1994, o calor e a seca provocam o maior incêndio na Austrália dos últimos 200 anos.

1994 – No dia 13.11.1994, onze alpinistas, morrem ao cair de uma encosta do Himalaia, no Nepal.

1997 – No dia 13.03.1997, um avião militar se choca contra uma montanha no Irã, matando 88 pessoas.

2001 – No dia 13.02.2001, um terremoto, deixa centenas de mortos em El Salvador.

A Data Fatídica
(Jornalista Marta Leite Ferreira)

Eram tempos difíceis para os cristãos. Aqueles que se dirigiam a Jerusalém para rezar no berço do Cristianismo eram atacados pelos muçulmanos que perseguiam os reinos cristãos fundados no Oriente pelas Cruzadas. Precisavam de proteção. Por isso, em 1119, um fidalgo francês natural de Champanhe [França] decidiu fundar uma organização de "*anjos da guarda*" para os peregrinos. Hugo de Payens juntou-se então a oito cavaleiros com o aval do rei Balduíno II de Jerusalém e fez nascer a "*Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão*", cujos membros eram

conhecidos por "*Cavaleiros Templários*". Mas 118 anos mais tarde, a 13.10.1307, os cavaleiros conheceram um fim sangrento. E nós ganhamos o fardo do seu azar.

Um Poder que Desagradava ao Rei

Quem entrava na Ordem dos Templários tinha de fazer um voto de pobreza e castidade. Durante dois séculos, os membros entregavam todos os seus bens e todo o dinheiro à organização, que ganhou um poder financeiro imensurável. Eram vistos com grande prestígio na Europa, ganharam cada vez mais membros fiéis e a sua filosofia tinha de ser digna dos princípios cristãos. Aliás, o mote que seguiam tinha sido retirado dos ensinamentos de São Bernardo: "*Não a nós, Senhor, não a nós, mas pela Glória de teu nome*". Mas um rei francês viu pouca pureza debaixo dos fatos ([4]) brancos com a cruz de Cristo vermelha ao peito. E armou uma cilada aos cavaleiros numa madrugada de outubro de 1307. Era sexta-feira, 13.

Filipe IV, o Belo, não gostava do poder que os Cavaleiros Templários tinham acumulado ao longo dos últimos dois séculos. A sua magnificência era tal que só o Papa, na época Clemente V, podia ter mão sobre a Ordem. Por isso, Filipe IV usou do seu poder de persuasão e tentou convencer o Papa a acusar a Ordem de crimes de heresia, imoralidade e sodomia. Não foi fácil, porque Clemente V sabia que a sua aliança com os Templários era útil para manter uma presença militar bem vincada na Palestina. No entanto, não foi capaz de travar o plano do rei porque os boatos que circulavam sobre os templários já começavam a denegrir a imagem da própria Igreja: se continuasse a defender a Ordem, também a sua boa imagem seria arrastada pela lama.

[4] Fatos: vestuários.

O rei francês planejou então acusar os cavaleiros, todos eles impedidos de casar para respeitar as regras da organização, de manter relações sexuais homossexuais entre eles, uma acusação particularmente humilhante no século XIV. Nenhuma destas acusações era suportada por fatos. O único dado concreto é que a coroa francesa precisava do dinheiro da Ordem, a quem já havia recorrido para empréstimos. Mas Filipe IV sabia que, com o poder e prestígio que os Templários tinham conquistado, só a morte os arruinaria. A última gota d'água para o rei foi quando Tiago de Molay, último grão-mestre dos Templários, pediu ao Papa para perceber o que se passava para que tantos boatos corressem sobre os seus cavaleiros. O Papa acedeu ao pedido de Molay, mas avisou o rei, que bateu punho e, aconselhado pelo ministro Guillermo de Nogaret, enviou em agosto uma carta a todo o reino com instruções claras para que só fosse aberta na noite de 12 de outubro de 1307.

O Castigo Eterno

Toda a gente seguiu as ordens do rei. Na noite marcada, Tiago de Molay foi capturado juntamente com a maior parte dos templários. Todos os bens foram confiscados pela Inquisição. De madrugada, já Filipe IV de França tinha emitido um comunicado onde sugeria que o papa Clemente V concordava com a morte dos Templários. Enfurecido, o Papa enviou dois cardeais para repreender o rei. Vieram de lá com um negócio: a Igreja ficava com parte dos bens dos Templários, mas o rei podia escolher a forma de julgar os cavaleiros. Escolheu então condená-los de acordo com o direito canônico, o mais pesado. Não sabia que estava a cavar a própria sepultura. Os Templários foram sujeitos às mais cruéis formas de tortura, alguns ficaram em prisão perpétua e outros foram queimados na fogueira, um castigo normalmente aplicado às bruxas.

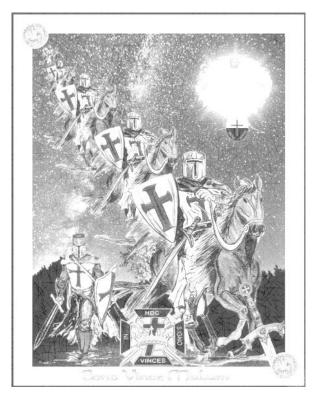



Imagem 04 – Cavaleiros Templários

Um dos Templários condenados à morte por fogo foi o próprio Tiago de Molay. Perante o rei e todas as tropas do reino que tinham conduzido a Ordem dos Templários à morte, Molay lançou uma maldição mortífera:

> Deus sabe que nos trouxe para o limiar da morte com grande injustiça. Em breve virá uma enorme calamidade para aqueles que nos condenaram sem respeitar a verdadeira justiça. Deus vai retaliar a nossa morte. Vou perecer com essa garantia.

As palavras proferidas por Molay no leito da sua morte ecoaram pelo reino durante um ano. E concretizaram-se. O rei Felipe IV morreu com um derrame cerebral e, pouco depois, também o papa Clemente V sucumbiu.

O povo levou a sério a ameaça de Molay e, a partir daquele dia, qualquer sexta-feira 13 era vista com receio: o azar podia bater à porta de qualquer um nesse dia. O medo foi ainda mais instigado já no século XX com o lançamento do livro "*Sexta-feira 13*" por Nathaniel Lachenmeyer, que argumenta que a sexta-feira era um dia pouco afortunado e que o número 13 estava cheio de fantasmas. [...] (observador.pt)

24.08.2018 – Aportei, por volta das duas da manhã, no Aeroporto Internacional de Boa Vista – Atlas Brasil Cantanhede e, logo depois fui conduzido à casa de Apoio dos Oficiais no aquartelamento do 6° BEC.

Antropologia Oportunista e Enganosa

No capítulo anterior fiz um pequeno relato de uma ocorrência, na BR-174, que teve participação direta do meu caro Comandante do 6° BEC Cel Ornélio da Costa Machado.

Contatei, sem sucesso, amigos de longa data da arma de engenharia, com a finalidade de encontrá-lo com o intuito de que ele reportasse, com suas próprias palavras, a sua versão sobre o fato e fiquei muitíssimo chocado ao ler em um jornal de Santa Catarina a triste notícia do seu passamento para o Oriente Eterno.

Hora de Santa Catarina
Florianópolis, SC – Terça-feira, 08.11.2016

Idoso Desaparecido há mais de uma Semana é Encontrado Morto na Cachoeira do Bom Jesus
[Leonardo Thomé]

Oito dias depois de sair para caminhar e não ser mais visto, o aposentado Ornélio da Costa Machado, 81 anos, foi encontrado morto na tarde desta terça-feira, próximo a uma região de mangue, na Cachoeira do Bom Jesus, quase no limite com Ponta das Canas, no norte da Ilha. [...]

Ornélio, aposentado do Exército do Brasil, era casado há 54 anos com Mara Regina da Silva Machado, 71 anos. Ela revelou ao Hora de Santa Catarina que na manhã do dia 31 de outubro, Ornélio, como de costume, saiu para fazer sua caminhada matinal até a praia. (HSC, 08.11.2016)

O Coronel Machado era um "*trecheiro*" dos mais notáveis de nossa Engenharia Militar. A sua grande experiência aliada a um profundo conhecimento técnico e liderança invulgar transmitiam aos seus subordinados uma tranquilidade e confiança nas suas próprias capacidades permitindo que dessem o melhor de si para o cumprimento de tão augusta missão. Essa pesquisa tão específica permitiu que acessássemos um artigo do já mencionado antropólogo (**?**) Stephen G. Baines, que reproduzimos novamente, em ordem cronológica:

O Território dos Waimiri-Atroari e
o Indigenismo Empresarial (páginas 17 e 18)
UNB – Brasília, DF –1993
[Stephen Grant Baines]

Um militar, capitão do 6° BEC, que acompanhava o General Euclydes de Oliveira Figueiredo e representantes da Paranapanema em suas visitas a esta área indígena, organizou reuniões em Manaus em 1983, apoiando a proposta da Paranapanema de financiar a implantação de fazendas modelo em troca de autorização para realizar pesquisa e lavra de mineração dentro da área indígena através de acordos diretos entre a empresa e os capitães Waimiri-Atroari com o pagamento de royalties. (BAINES, 1993)

Minhas reportagem a respeito do tema, sob o título "*Resgates Históricos? Por quê?*", foi publicada no jornal digital ClicNews em 08.08.**2011**, reproduzida no FAPESP, no Blog Póstumo do Giulio Sanmartini no dia 15.08.**2011** dentre outros, e sob cabeçalho "*Indígenas e o Direito de Mineração*" no jornal Gente de Opinião de 02.10.**2011** e outros...

Foi também repercutido no meu livro "*Desafiando o Rio-Mar – Descendo o Negro*" editado pela AMZ Editora, em 2015.

Desafiando o Rio-Mar
Descendo o Negro
Caxias do Sul, RS – 2015
[Hiram Reis e Silva]

> Os antropólogos de hoje, ideologicamente comprometidos, fundamentam suas "*teses*" e "*laudos antropológicos*" em posicionamentos ideológicos carregados de posturas pré-concebidas e não em fatos e comprovações científicas.
>
> O Dr. Stephen Grant Baines é apenas um exemplo destes famigerados antropólogos estrangeiros que são acolhidos pelas hostes entreguistas que vicejam neste país a soldo de interesses alienígenas. [...]
>
> A inspeção, em julho de 1983, do Gen Euclydes de Oliveira Figueiredo, Comandante do Comando Militar da Amazônia (CMA), foi uma inspeção de rotina a uma Unidade Militar sob seu comando e só faziam parte da comitiva os militares do comando do CMA, 2° Grupamento de Engenharia de Construção e do 6° BEC.

> A verdade é que o Ministro Extraordinário para Assuntos Fundiários General Danilo Venturini, em agosto de 1983, determinou ao Comandante do 6° BEC, Coronel de Engenharia Ornélio da Costa Machado, que realizasse estudos junto às Comunidades nativas para verificar da possibilidade de exploração de minérios em terras indígenas por empresas privadas.
>
> Depois de ouvir primeiramente as lideranças WA, suas reivindicações e aspirações [elas é que solicitaram a criação de 100 cabeças de gado em pequenas fazendas-modelo], iniciei, junto com meu "*convidado*" o pseudo-antropólogo Baines, uma série de reuniões, com a FUNAI e representantes da Paranapanema.
>
> Ao final, apresentei um relatório em que mostrava as pretensões das lideranças caso sua terra fosse objeto de exploração mineral, as colocações da FUNAI, do Baines e do Grupo Minerador Paranapanema.
>
> Minha conclusão era de que a exploração era viável desde que respeitadas e ouvidas as Comunidades envolvidas, a FUNAI e que os nativos tivessem uma contrapartida da extração. (REIS E SILVA, HIRAM, 2015)

O antropólogo não estava presente por ocasião da inspeção, em julho de 1983, do general Euclydes de Oliveira Figueiredo e não tem a menor noção da hierarquia militar, afirmando que o capitão do 6° BECnst "*organizou reuniões em Manaus*" como se eu pudesse ter autoridade para isso.

Parece que o resultado do meu relatório, meses depois transformado em Decreto Presidencial e, mais tarde, referendado pela Constituição de 1988 não estava tão distante do que pensam nossos representantes legais.

Qual não foi minha surpresa encontrar um documento mais atual do Baines em que ele usa as mesmas palavras de meus artigos e livro, alterando radicalmente o seu texto de 1993, sem ter qualquer prurido de deixar de citar a autoria de sua fonte.

Mineração e Usinas Hidrelétricas em Territórios de Povos Indígenas e de Outras Populações Tradicionais na Região Amazônica: A Necessidade de Novas Críticas Epistêmicas

29ª Reunião Brasileira de Antropologia
Natal, RN – 03 a 06.08.2014
[Stephen Grant Baines]

Em reuniões realizadas em Manaus, entre representantes (**?**) do 6° Batalhão de Engenharia de Construção [6° BEC] do Exército ([5]) representantes do Grupo Paranapanema e da FUNAI, organizadas por um capitão do ([6]), o mesmo afirmou que o Ministro Extraordinário para Assuntos Fundiários General Danilo Venturini, em agosto de 1983, determinou ao Comandante do 6° BEC, Coronel de Engenharia Ornélio da Costa Machado, que realizasse estudos junto às comunidades **indígenas** ([7]) para verificar da possibilidade de exploração de minérios em terras indígenas por empresas privadas. ([8]) (BAINES, 2014)

---

[5] Havia apenas um representante, eu, o Capitão de Engenharia Hiram Reis e Silva, responsável pela presença do Baines na tal reunião.

[6] Faltou 6° BEC no original.

[7] Trocou a palavra "*nativas*" por "*indígenas*" do texto original por mim redigido.

[8] Mais adiante o Baines falta com a verdade novamente. Ao omitir meu nome mesmo usando informações retiradas de artigos de minha lavra mostrando quão tendencioso é. Omite, intencionalmente, que a primeira reunião realizada foi com as lideranças Waimiri-Atroari.

Nesta mesma inspeção, a construção de uma escolinha foi solicitada pelo líder WA, o Tuxaua Viana, ao General Figueiredo. O General determinou que eu providenciasse para que isso fosse concretizado. No dia seguinte, procurei o Dr. Zan (coordenador do projeto Pitinga do Grupo Paranapanema) que imediatamente assumiu a construção da escolinha, atendendo à orientação do Viana em relação à localização, dimensões, características, etc. A escola e as instalações para o docente, concluída em tempo recorde, foi inaugurada no dia 06.01.1984 (dia do meu 33° natalício), mas levou anos para que a FUNAI designasse um professor para a mesma. Fui informado do evento pelos amigos do Pitinga, quando ainda servia no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR/PA).

Jornal do Comércio, n° 33.156 – Manaus, AM
Sábado, 07.01.1984

Euclydes Inaugurou a Escola Indígena com o Nome de seu Pai

O General Euclydes de Oliveira Figueiredo Filho, Comandante da Escola Superior de Guerra, inaugurou, ontem, às 12h00, o Centro Educacional "*Euclydes de Oliveira Figueiredo*", localizado na reserva dos índios Atroari, no quilômetro 270, da BR-174 [Manaus-Caracaraí]. O Centro Educacional é fruto de um pedido pessoal do chefe indígena Viana Iwandrera ao General Euclydes, quando visitou aquela comunidade ainda como comandante do Comando Militar da Amazônia – CMA. O Comandante da ESG, acompanhado do Comandante da Base Aérea de Manaus, Cel Acir Rebelo, do Comandante do 2° Grupamento de

Engenharia de construção, General Luiz Gonzaga de Oliveira, do General da reserva Mário Humberto Cardoso da Cunha, do Superintendente Regional de Produção da Mineração Paranapanema Junhici Tomita e do Delegado Regional da Funai, Kazuto Kawamoto, desembarcou no aeroporto do Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari poucos minutos antes das 11h00.

Em seguida, foram para o Posto Indígena de Terra-planagem, onde fica localizado o Centro Educacional "*Euclydes de Oliveira Figueiredo*". O General Euclydes e sua comitiva, a convite do chefe indígena Viana percorreram vários núcleos de plantações diversificadas por eles cultivadas. Conheceram ainda a comunidade de "*Jawara*", composta por 5 malocas, habitadas por 34 índios Atroari. O ex-comandante do CMA ficou impressionado com a diversificação das culturas de subsistência dos Atroari. Sempre cercado pelos índios, na sua maioria crianças e mulheres, Euclydes Figueiredo Filho conheceu as técnicas rudimentares de fabricação de farinha de mandioca.

A explicação foi feita pelo chefe Viana Iwandrera, elogiado pelo chefe da ESG pela sua capacidade de dinamizar aquele núcleo indígena. Dirigindo-se aos índios que os cercavam, o General Euclydes declarou:

– Viana é chefe de vocês. A ele vocês devem obedecer.

A reserva dos índios Waimiri-Atroari mede 1 milhão e 850 mil hectares. Ao todo, eles são aproximadamente 700, distribuídos em várias comunidades. Ainda existem vários núcleos arredios, embora estejam sendo contatados há anos pela Fundação Nacional do índio. O PI Terraplenagem, localizado à margem da BR-174 é um dos pontos de atração da Funai, que vem "*cumprindo com muita habilidade a sua meta de trabalho*", como admite o delegado Kazuto Kawamoto.

Inauguração

O General Euclydes e o chefe Viana desenlaçaram a fita de inauguração do Centro Educacional "*Eucliydes de Oliveira Figueiredo*" – construída em madeira rústica e coberta com palha de buritizeiro. O chefe Viana, num ligeiro discurso de agradecimento, declarou:

> – O general esteve aqui. Deu atenção pro índio. Prometeu escola. Hoje escola está pronta. Estamos muito alegres... obrigado general Figueiredo.

O Delegado Regional da FUNAI, por sua vez, agradeceu a colaboração das unidades militares instaladas na região pela contribuição que vêm dando à execução do plano da política indigenista oficial, tendo como ponto básico a integração do índio à comunidade nacional.

Ele declarou, por outro lado, que Euclydes Figueiredo Filho, quando Comandante do CMA, não mediu esforços em ajudar a FUNAI no cumprimento de sua missão, concernente à proteção integral do índio e de seu patrimônio.

Explicou que a afixação do nome do seu saudoso pai, o General Euclydes de Oliveira Figueiredo, naquele Centro Educacional, significa a gratidão pelos serviços que prestou às comunidades indígenas quando Comandante do CMA. Por outro lado, destacou que a homenagem justificava uma dupla homenagem: ao General Euclydes de Oliveira Figueiredo e ao General Euclydes de Oliveira Figueiredo Filho.

A Paranapanema

A exemplo do delegado da FUNAI, o General Euclydes Figueiredo agradeceu à Mineração Paranapanema pelo gesto de reconhecimento ao seu pedido pessoal.

Ele disse que assim que o chefe Viana pediu-lhe uma escola, repassou essa reivindicação aos seus amigos da Paranapanema, que explora uma área de mineração contígua à reserva dos Atroari. Disse o General, referindo-se à Mineração Paranapanema:

– Eu estou profundamente emocionado com essa oportunidade de ver realizado por vocês aquilo que me pediram pra fazer. Eu não fiz nada. Eu só fiz é pedir aos amigos. E os amigos me atenderam.

Em seguida, o ex-Comandante do CMA disse que na Amazônia todos devem trabalhar conjuntamente, ressaltando que:

– Isso bastaria para justificar a nossa vinda e a nossa permanência no Comando é a nossa missão. É a missão do Exército. A gente procura ajudar a todos aqueles que trabalham em favor da população local, assim como a Marinha e a Aeronáutica.

Emocionado, Euclides declarou que estava muito gratificado pelo fato de os índios terem escolhido o nome do seu pai, para homenageá-lo. Encarou a homenagem como uma prova de reconhecimento aos bons serviços prestados por seu genitor à comunidade nacional, ressaltando que ele seria sempre lembrado num local onde nunca tinha servido como militar.

Presente

Antes de retornar ao NAWA, Euclydes conversou isoladamente com os índios que ali se encontravam, fazendo perguntas e respondendo indagações dos Atroari.

O chefe Viana entregou-lhe um arco e duas flechas como presente. Euclides Figueiredo e sua comitiva ainda visitaram, no dia de ontem, a Mineração Paranapanema, no município de Presidente Figueiredo. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 33.156)

JORNAL DO COMÉRCIO

Fundador dos Diários Associados ASSIS CHATEAUBRIAND

ANO LXXX - Nº 33.156 — MANAUS, Sábado, 07 de janeiro de 1984 — EXEMPLAR: CR$ 150,00

Euclides inaugurou a escola indigena com nome de seu pai

O chefe Viana agradece a construção da escola

O general Euclides de Oliveira Figueiredo Filho, comandante da Escola Superior de Guerra, inaugurou, ontem, às 12:00 horas, o Centro Educacional "Euclides de Oliveira Figueiredo", localizado na reserva dos índios Atroari, no quilômetro 270 da BR-174 (Manaus-Caracaraí). O centro educacional é fruto de um pedido pessoal do chefe indígena Viana Iwandrera ao general Euclides, quando visitou aquela comunidade ainda como comandante do Comando Militar da Amazônia - CMA.

O comandante da ESG, acompanhado do comandante da Base Aérea de Manaus, cel. Acir Rebelo, do comandante do 2º Grupamento de Engenharia Civil, general Luiz Gonzaga de Oliveira, do general da reserva Mário Humberto Cardoso da Cunha; do superintendente regional de Produção da Mineração Paranapanema Junhici Tomita e do delegado regional da Funai, Kazuto Kawamoto, desembarcou no aeroporto do Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari poucos minutos antes das 11:00 horas.

Em seguida, foram para o Posto Indígena de Terraplanagem, onde fica localizado o Centro Educacional "Euclides de Oliveira Figueiredo". O general Euclides e sua comitiva, a convite do chefe indígena Viana percorreram vários núcleos de plantações diversificadas por eles cultivadas. Conheceram ainda a comunidade de "Jawara", composta por 5 malocas, habitadas por 34 índios Atroari. O ex-comandante do CMA ficou impressionado com a diversificação das culturas de subsistência dos Atroari.

Sempre cercado pelos índios, na sua maioria crianças e mulheres, Euclides Figueiredo Filho conheceu as técnicas rudimentares de fabricação de farinha de mandioca. A explicação foi feita pelo chefe Viana Iwandrera, elogiado pelo chefe da ESG pela sua capacidade de dinamizar aquele núcleo indígena. Dirigindo-se aos índios que os cercavam, o general Euclides declarou: "Viana é chefe de vocês. A ele vocês devem obedecer".

A reserva dos índios Waimiri-Atroari mede 1 milhão e 850 mil hectares. Ao todo, eles são aproximadamente 700, distribuídos em várias comunidades. Ainda existem vários núcleos arredios, embora estejam sendo contatados há anos pela Fundação Nacional do Índio. O PI Terraplanagem, localizado à margem da BR-174 é um dos pontos de atração da Funai, que vem "cumprindo com muita habilidade a sua meta de trabalho", como admite o delegado Kazuto Kawamoto.

INAUGURAÇÃO

O general Euclides e o chefe Viana desenlaçaram a fita de inauguração do Centro Educacional "Euclides de Oliveira Figueiredo" — constituída em madeira rústica e coberta com palha de buritizeiro.

O chefe Viana, num ligeiro discurso de agradecimento, declarou: "O general esteve aqui. Deu atenção pro índio. Prometeu escola. Hoje escola está pronta. Estamos muito alegres... obrigado general Figueiredo".

O delegado regional da Funai, por sua vez, agradeceu a colaboração das unidades militares instaladas na região pela contribuição que vêm dando à execução do plano da política indigenista oficial, tendo como ponto básico a integração do índio à comunidade nacional. Ele declarou, por outro lado, que Euclides Figueiredo Filho, quando comandante do CMA, não mediu esforços em ajudar a Funai no cumprimento de sua missão, concernente à proteção integral do índio e de seu patrimônio.

Explicou que a afixação do nome do seu saudoso pai, o general Euclides de Oliveira Figueiredo, naquele centro educacional, significa a gratidão pelos serviços que prestou às comunidades indígenas quando comandante do CMA. Por outro lado, destacou que a homenagem justificava uma dupla homenagem: ao general Euclides de Oliveira Figueiredo e ao general Euclides de Oliveira Figueido Filho.

A PARANAPANEMA

A exemplo do delegado da Funai, o general Euclides Figueiredo agradeceu a Mineração Paranapanema pelo gesto de reconhecimento ao seu pedido pessoal. Ele disse que assim que o chefe Viana pediu-lhe uma escola, repassou essa reivindicação aos seus amigos da Paranapanema, que explora uma área de mineração contígua à reserva dos Atroari.

— Eu estou profundamente emocionado com essa oportunidade de ver realizado por vocês aquilo que me pediram prá fazer. Eu não fiz nada. Eu só fiz é pedir aos amigos. E os amigos me atenderam — disse o general, referindo-se à Mineração Paranapanema.

Em seguida, o ex-comandante do CMA disse que na Amazônia todos devem trabalhar conjuntamente, ressaltando que "isso bastaria para justificar a nossa vinda e a nossa permanência no Comando "não é a nossa missão. Não é a missão do Exército. A gente procura ajudar a todos aqueles que trabalham em favor da população local, assim como a Marinha e a Aeronáutica", enfatizou.

Emocionado, Euclides declarou que estava muito gratificado pelo fato de os índios terem escolhido o nome do seu pai, para homenageá-lo. Encarou a homenagem como uma prova de reconhecimento aos bons serviços prestados por seu genitor à comunidade nacional, ressaltando que ele estava sendo lembrado num local onde nunca tinha servido como militar.

PRESENTE

Antes de retornar ao NAWA, Euclides conversou isoladamente com os índios que ali se encontravam, fazendo perguntas e respondendo indagações dos Atroari. O chefe Viana entregou-lhe um arco e duas flechas como presente. Euclides Figueiredo e sua comitiva ainda visitaram, no dia de ontem, a Mineração Paranapanema, no município de Presidente Figueiredo.

Viana dá arco e flexas de presente ao General.

Imagem 05 – Jornal do Comércio, n° 33.156

Imagem 06 – Visita à Aldeia WA da Terraplenagem

Imagem 07 – Visita à Aldeia WA da Terraplenagem

Imagem 08 – Visita aos WA

Imagem 09 – Minas do Pitinga, Giuseppe Craveiro

Imagem 10 – Neiva e Danielle no Rio Abonari

Imagem 11 – Vanessa e Danielle no Rio Abonari

Imagem 12 – Família Reis e Silva no Rio Abonari

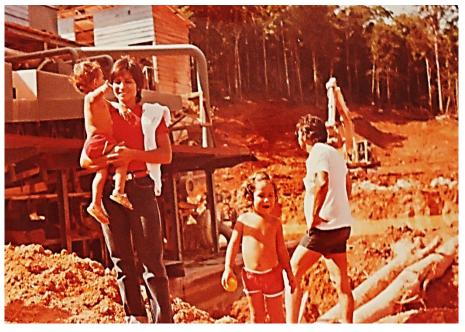



Imagem 13 – Família Reis e Silva no Pitinga

Imagem 14 – Viagem à Boa Vista, RR (agosto, 1983)

Imagem 15 – Viagem à Boa Vista, RR (agosto, 1983)

Imagem 16 – Construção BR-174 (ST Ávila)

Imagem 17 – Balsa no Rio Branco, Caracaraí (ST Ávila)

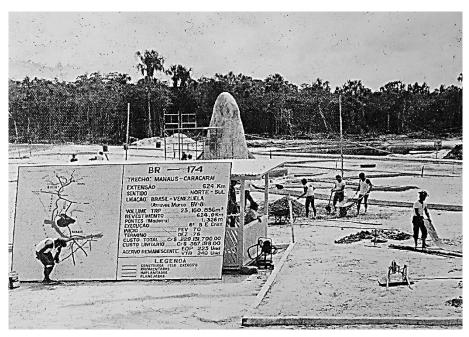



Imagem 18 – Monumento da Linha do Equador (ST Ávila)

Imagem 19 – Monumento da Linha do Equador (ST Ávila)

Caboclo

(Thales Bastos Chaves)

Ao saudoso bardo Juvenal Galeno

Que faz batucada
Na franca peleja
Que brinca e festeja

Na noite estrelada;
Que pensa e palpita
Risonho a brincar
Na porta a cantar

Da deusa catita;
Caboclo da trova
No verso malvado
Caboclo danado

Que a lira renova;
Caboclo que canta
Caboclo que geme
Na nota que treme

No "pé" da garganta;
Caboclo pachola
Que canta chorando
Que chora cantando
Ao som da viola.

Boa Vista, 24 a 30.08.2018 – I

De manhã cedo apresentei-me ao Comandante do 6° BEC Ten Cel Eng Vandir Pereira Soares Júnior e ao Maj Eng Jefferson Fidélis Alves da Silva – SCmt do 6° BEC que, imediatamente, hipotecaram total apoio à expedição. O "*Argo I*", que tinha sofrido algumas avarias no transporte de Santarém [PA) para Rio Branco [AC) e na Descida do Rio Acre, tinha sido totalmente restaurado – mais uma vez a cortesia azul turquesa se manifestava.

Nos primeiros dias fiquei acomodado na casa de Apoio dos Oficiais e depois fui transferido, a pedido, para a dos Sargentos. Embora as duas instalações fossem igualmente muito confortáveis e higiênicas eu, sinceramente, me senti mais à vontade na dos sargentos, mais ampla, dotada de amplos jardins e uma fauna exótica [Iguana iguana) bastante numerosa.

6° Batalhão de Engenharia de Construção

(Seção de Comunicação do 6° BEC)

**ALUSIVO DOS 50 ANOS
DE CRIAÇÃO DO 6° BEC**

> No final da década de 60, dentro do contexto das ações estratégicas do Governo Federal de ocupar e povoar a Região Amazônica, e diante das tensões existentes ao longo da faixa da fronteira com a República da Guiana, o Governo Federal por meio do Decreto Presidencial no 63.184, de 27.08.1968, criou o 6° Batalhão de Engenharia de Construção, que teve como núcleo base a 1ª Companhia Especial de Engenharia de Construção, criada em 1967 e instalada no dia 09.08.1968 em Manaus-AM, data pela qual foi justamente escolhida e reconhecida como o nascimento oficial do 6° BEC.

Nos primeiros dias de 1969, após o Decreto Presidencial que designou a transferência e implantação oficial da sede do 6° BEC, de Manaus-AM para Boa Vista-RR, o Batalhão sob Comando do Tenente Coronel Ney Oliveira de Aquino, primeiro Comandante desta Unidade, e utilizando-se dos meios de deslocamentos aéreos e fluviais existentes na época, os primeiros militares do Batalhão chegam a esta guarnição e montam acampamento no bairro Mecejana.

Iniciando assim os preparativos que culminaram na instalação oficial e provisória do Comando do 6° BEC, na antiga sede da Guarda Territorial, localizada na Avenida Capitão Ene Garcez, em março daquele mesmo ano.

Nos primórdios da década de 70, em cumprimento ao seu propósito de criação, a Unidade enfrentou aquela que seria considerada a mais bela batalha e o maior desafio de sua história, empregando todos os seus meios disponíveis na construção da BR-174 e da BR-401.

Em uma epopeia de 7 anos e alguns meses, que apesar da inconsolável e heroica perda de quatro militares e vinte e oito servidores civis, tombados em serviço durante a execução desta missão, consolidou em abril de 1977 a integração de Roraima com o restante do País, por meio da construção, conservação e manutenção de 971 Km de estradas, que proporcionaram a ligação terrestre entre Manaus-AM e o município de Pacaraima-RR [fronteira com a República da Venezuela].

Tais feitos e conquistas são cultuados no espírito garrido de cada integrante desta Organização, além de sua eternização ter sido definitivamente marcada no terreno com a construção do Monumento da Linha do Equador, localizado as margens da BR 174, no distrito de Nova Colina, região de Rorainópolis-RR.

Ainda no final da década de 70, o Batalhão concluiu a implantação, construção e conservação definitiva de aproximados 226 Km de estradas, ligando Boa Vista-RR aos municípios de Normandia-RR e Bonfim-RR [fronteira com a República da Guiana].

Ainda neste período, atuando de maneira imensurável dentro do contexto de grande desenvolvimento vivido pelo antigo Território de Roraima em consequência dos feitos deste Batalhão, o 6° BEC construiu e transferiu sua sede para as suas atuais instalações.

Realizou a construção de instalações e casas para o Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado [IPASA] e a Empresa Brasileira de Telecomunicações [EMBRATEL], realizou a construção das instalações do 2° Batalhão Especial de Fronteira, atual 7° BIS, do 1° Pelotão Especial de Fronteira – PEF de Bonfim, do 2° Pelotão Especial de Fronteira – PEF de Normandia-RR, do 3° Pelotão Especial de Fronteira – PEF de Pacaraima, construção do Hotel de trânsito da Guarnição, do Clube de Oficiais de Boa Vista [COB], onde destaca-se a construção do 1° Ginásio de esportes da região, atual ginásio do COB, construção do Grêmio Recreativo de Subtenentes e Sargentos [GRESSB], do Grêmio Recreativo de Cabos e Soldados [GRECAS], além da construção de um pavilhão e alojamento para a Polícia Militar do antigo território.

Na década de 80, o 6° BEC continuou seus feitos em apoio ao desenvolvimento Regional, atuando massivamente na construção de pontes, bueiros e pavimentação da BR 174 e da BR 401, realização de serviços de Engenharia na construção e implantação da antiga Base Aérea de Boa Vista [BABV], atual ALA 7, execução do asfaltamento das principais ruas e avenidas da cidade, além das melhorias nas instalações de sua sede e das Organizações e Instituições militares já implementadas na Guarnição.

Nos anos 90, o Batalhão atuou na construção das instalações da 1ª Brigada de Infantaria de Selva, do 32° Pelotão de Polícia do Exército, do 1° Pelotão de Comunicações de Selva, do Posto Médico da Guarnição de Boa Vista e a Terraplenagem da área da 1ª Base Logística de Selva, atual 1° Batalhão Logístico de Selva, realizou a construção do Estande de Tiros da Guarnição e de diversos Próprios Nacionais Residenciais [PNR] das vilas militares de Oficiais, Subtenentes e Sargentos da Guarnição.

Além da construção do muro de arrimo e de parte das infraestruturas do 1° Esquadrão do 2° Grupo de Aviação do Exército, atual 4° Batalhão de Aviação do Exército, com sede em Manaus-AM.

Salienta-se que, neste período, como forma de reconhecimento pelo papel desempenhado pelo 6° BEC na integração Brasil-Venezuela, o Batalhão recebeu, em 21 de janeiro de 1994, a denominação histórica de "*Batalhão Simón Bolívar*", reverenciando o nome do insigne libertador da Venezuela e demais países da América do Sul, fato pelo qual, ocasionou na intensificação dos laços com o país vizinho em consequência dos nobres feitos por este Batalhão.

Na primeira década do século atual, o Batalhão atuou largamente nos Estados do Amazonas e Roraima, com diversos tipos de obras e operações, das quais citamos a construção do campo de pouso de São Luís do Anauá-RR; ampliação do aeródromo de Pacaraima-RR; execução de obras de infraestrutura no Terminal Hidroviário Intermodal de Camanaus, em São Gabriel da Cachoeira-AM; construção das instalações do 6° Pelotão Especial de Fronteira – PEF de Uiramutã; serviços de recuperação de estradas vicinais no Estado de Roraima, com ênfase em construção de bueiros, manutenção de estradas e reforma de pontes na RR-171 e RR-319 na região de Uiramutã-RR; recuperação e manutenção da estrada Puraquequara,

nas bases de instrução do Centro de Instrução de Guerra na Selva em Manaus-AM; pavimentação de ruas de diversas instituições do Estado de Roraima, tais como EMBRAPA, SENAI, Polícia Militar e Organizações Militares da 1ª Bda Inf Sl; execução de serviços de Engenharia na Expansão e Manutenção da Infraestrutura do Distrito Agropecuário de Manaus-AM; Serviços de terraplanagem, encabeçamento de pontes, construção de obras de arte de drenagem e pavimentação na BR-319, Região de Careiro Castanho-AM e Beruri-AM; serviços de Engenharia em apoio à BOVESA na expansão da eletrificação rural em Roraima; construção do pátio e melhoria das instalações da Receita Federal em Pacaraima-RR; e execução dos encabeçamentos da Ponte sobre o Rio Tacutu, fronteira com a República da Guiana, além dos serviços de construção e implantação da inversão de mão da cidade de Lethén, também na Guiana.

Nos últimos anos, este Batalhão continuou prestando os mais variados serviços de Engenharia em prol do desenvolvimento da Amazônia, quer seja com o lançamento de ponte tipo Bailey, para o restabelecimento do tráfego na BR-174, no município de Presidente Figueiredo-AM, ou para reestabelecimento do tráfego de veículos no Bairro Tarumã e Ponta Negra, na cidade de Manaus-AM; na execução de serviços de conservação, manutenção e lançamento de microrrevestimento asfáltico em toda a extensão da BR-401, entre Boa Vista-RR e Bonfim-RR; ou na construção de uma ponte de madeira semipermanente com mais de cem metros de extensão em apoio ao 4° PEF de Estirão do Equador, na fronteira do Amazonas com o Peru.

Nos dias de hoje, por meio das obras e operações atuais, os militares e servidores civis deste Batalhão continuam escrevendo dia a dia a história de glória e sucesso desta nobre OM, estamos trabalhando na

execução dos serviços de terraplenagem, drenagem e pavimentação asfáltica de aproximadamente 13 Km da BR-432, na região do município do Cantá, RR; recuperação da rede mínima de estradas das bases de instrução do Centro de Instrução de Guerra na Selva, em Manaus-AM; nos serviços de implantação da rede de esgoto, drenagem fluvial, terraplenagem e asfaltamento da Vila Militar da Guarnição de Tabatinga-AM; execução de serviços de Engenharia no melhoramento da estrada de acesso do 4° PEF à Comissão de Aeroportos da Região Amazônica, em Estirão do Equador-AM; execução de trabalhos da Operação Acolhida de construção dos abrigos e bases utilizados pela Força-Tarefa Logística Humanitária na recepção e acolhimento de pessoas em situações vulneráveis advindas da Venezuela, com atuação em Pacaraima-RR e principalmente na cidade de Boa Vista-RR; nas ampliações, reformas e construção das instalações atuais, como a construção do novo setor de aprovisionamento do 6° BEC; entre outros.

Onde por fim, destacamos a fase final do planejamento e preparação para a perfuração de poços artesianos no território da República Cooperativa da Guiana, prevista para ocorrer nos meses de outubro e novembro do corrente ano.

O Batalhão Simón Bolívar orgulha-se de ter prestado relevantes serviços ao Estado do Amazonas e Estado de Roraima.

Sua presença tem sido relevante em todo o período de sua história nesta região, não só nas tarefas básicas da Engenharia, mas nas obras de cooperação com o Governo Estadual, Prefeituras Municipais e demais Órgãos Públicos, no apoio à construção de prédios, vilas, casas, estradas, pontes, obras de saneamento, asfaltamento de estradas, ruas, avenidas, edificações, perfuração de poços e quaisquer tipos de missões que lhe têm sido confiadas.

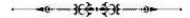
Sem nenhuma veleidade, podemos afirmar que o 6o BEC está intrinsecamente ligado ao progresso e desenvolvimento desta região.

Passados cinquenta anos, a história do Batalhão continua a ser escrita, com dedicação, sacrifício e, acima de tudo, com a fé inabalável de que continuamos lutando "*a mais bela batalha do mundo*".

6° BEC, 50 anos de Pioneirismo por uma Amazônia mais Forte!

Folha de Boa Vista – Boa Vista, RR
Quarta-feira, 08.08.2018

6° BEC Comemora Meio Século

[Folha Web]

Batalhão foi Criado Especialmente para a Construção de Obras que Ajudaram no Desenvolvimento de Roraima, como a BR-174

Ainda no final da década de 1960, o estado de Roraima estava isolado do restante do Brasil, assim como dos países vizinhos, Venezuela e Guiana. Para reforçar a segurança nas fronteiras e também permitir o desenvolvimento do estado, o Governo Federal criou o Decreto n° 63.184/68 que determinava a criação do 6° Batalhão de Engenharia de Construção [6° BEC], onde foi posteriormente instalado no dia 9 de agosto, em Manaus.

Em 1969, a sede oficial foi transferida para Boa Vista, onde está localizada até hoje, 50 anos depois, na Avenida Capitão Ene Garcez.

Em seu propósito de criação, o Batalhão construiu a BR-174, para integrar Roraima com o Amazonas por terra. Foram sete anos para a conclusão de 941 quilômetros de estradas, ligando a capital amazonense ao município de Pacaraima, na fronteira com a Venezuela. [...]

De acordo com o comandante Ten Cel Eng Vandir Pereira Soares Júnior, depois que o Batalhão terminou a missão, que incluiu também a construção de 226 quilômetros de estrada ligando Boa Vista aos municípios de Normandia e Bonfim para interligar o país da Guiana, não houve mais o envolvimento em grandes obras na região justamente porque, com as estradas, o desenvolvimento esperado chegou em Roraima.

"*O Batalhão foi uma grande ferramenta para conseguir a infraestrutura necessária que tem hoje. Aqui era uma área isolada e não tinha nada. Então o Batalhão fez toda essa ligação para que o estado se tornasse o que é hoje. Graças a esse trabalho não é necessário o Batalhão se envolver em obras tão grandiosas como naquela época. Já cumpriu sua finalidade*", afirmou.

No entanto, o 6° BEC cumpre missões de obras que são determinadas pelo Exército para garantir os serviços de engenharia, então acabam dando apoio em trabalhos realizados na BR-432, construção da ponte do Rio Tacutu, auxílio na construção de quartéis e outros. "*A nossa grande missão é formar mão de obra, nos manter capacitados. Para isso, a gente precisa executar obra, não tem como aprender engenharia só nos bancos escolares, é preciso ir para o terreno, manter o nível de capacitação necessário para a nossa missão dentro do Exército*", completou.

CAPACITAÇÃO – Segundo o comandante, o Batalhão tem formado em torno de 200 profissionais em diversas áreas.

Engenheiros civis são contratados temporariamente para ganharem experiência e permanecem até oito anos no Batalhão. O comandante garante que a capacitação é fundamental para melhoria nas habilidades. Dentro da corporação militar, existe também treinamentos para carpinteiros e motoristas. "*Nesse tempo, eles ganham experiência que dificilmente ganhariam se estivessem fora. Então eles vão ganhar experiência em obras verticais, viárias, de saneamento. São várias áreas úteis para o mercado da região*", destacou.

ALISTAMENTO – Atualmente, 780 militares atuam no 6° BEC através do alistamento obrigatório, que acontece anualmente, ou em uma seleção feita pela 12ª RM, em Manaus, por meio de processo seletivo. O 6° BEC também conta com 10 estagiários, alunos da Universidade Federal de Roraima [UFRR] trabalhando na área de engenharia. "*Procuramos fazer convênios com setores do Governo Federal, principalmente o DNIT. Estamos com o termo de execução direta para trabalhar no trecho da BR-432, próximo do Cantá. As outras obras do Batalhão são de interesses do Exército e com o Ministério da Defesa na Operação Acolhida, que é em Pacaraima e em Boa Vista, com a função de infraestrutura dos abrigos*", finalizou. [A.P.L] (FBV, 2018)

Martín Fierro I
(José Hernández)

I

[…] Cantando me he de morir,
Cantando me han de enterrar,
Y cantando he de llegar
Al pie del Eterno Padre;
Dende el vientre de mi madre
Vine a este mundo a cantar.

Que no se trabe mi lengua
Ni me falte la palabra;
El cantar mi gloria labra
Y poniéndome a cantar,
Cantando me han de encontrar
Aunque la tierra se abra.

Me siento en el plan de un bajo
A cantar un argumento;
Como si soplara el viento
Hago tiritar los pastos
Con oros, copas y bastos
Juega allí mi pensamiento.

Yo no soy cantor letrado,
Más si me pongo a cantar
No tengo cuándo acabar
Y me envejezco cantando:
Las coplas me van brotando
Como agua de manantial.

Con la guitarra en la mano
Ni las moscas se me arriman;
Nadie me pone el pie encima,
Y, cuando el pecho se entona
Hago gemir a la prima
Y llorar a la bordona. […]

Imagem 20 – 6° Batalhão de Engenharia de Construção

Imagem 21 – Boa vista, RR

Boa Vista, 24 a 30.08.2018 – II

Crise Venezuelana

Origem da Crise Venezuelana

A Venezuela é detentora de uma das maiores reservas petrolíferas do planeta – uma benção concebida pelo Supremo Arquiteto que a ambição desenfreada, endêmica corrupção e desídia humana transformaram em uma praga maldita. Desde a 1ª Guerra Mundial a Venezuela foi se tornando um dos países mais urbanizados da América Latina ao mesmo tempo em que foi deixando de lado qualquer tipo de investimento em outras indústrias, principalmente no agronegócio. O petróleo foi responsável, nas últimas duas décadas, por um percentual que variou de 95% a 99% das exportações venezuelanas.

O petróleo foi um investimento confiável e seguro enquanto o preço do barril estava no pico. De 2004 a 2015, no governo de Hugo Chávez e no início da gestão de Nicolás Maduro, a partir de 2013, o governo bolivariano navegava seguro nos mares dos "*petrodólares*" financiando paternalistas programas sociais e importando praticamente tudo que era consumido no país.

Em 2008, o barril de petróleo tinha alcançado um pico de US$ 138,54, em junho de 2014 – US$ 114,92 e em dezembro, do mesmo ano, – US$ 62,15. No início do ano de 2015 chegou US$ 46,59. Além da baixa cotação de seu principal produto de exportação, a produção também sofreu uma queda significativa, enquanto nos idos de 1999, a Venezuela produzia mais de 3 milhões de barris por dia, na atualidade este volume caiu em mais de 50%.

O péssimo desempenho das Petrolíferas de Venezuela (PDVSA), comparável à sua coirmã brasileira (PETROBRAS), ocorreu, também, em virtude da má gestão de seus dirigentes, devassos e incapazes. Não foi realizado nenhum investimento na infraestrutura da empresa minada por uma corrupção descomedida.

De 2017 até os dias de hoje, a justiça venezuelana processou mais de 100 funcionários e dirigentes por corrupção. Entre 2014 e 2015, houve um desviou US$ 1,2 bilhão.

Outra grande contribuição para a deterioração das finanças da PDVSA foi a criação, pelo fanfarrão Hugo Chávez, da PETROCARIBE, que fornecia petróleo a preços mais baixos para os países caribenhos alinhados ao chavismo, com financiamentos a prazos por demais estendidos.

Refugiados Venezuelanos

Juiz Federal Oswaldo José Ponce Pérez

[**Baseado no Artigo da Brasil Norte Comunicação (BNC) de Israel Conte – *"Refugiado, Juiz Relata Perseguição Política e Morte na Venezuela"***]

São inúmeros casos de perseguidos políticos e de esfomeados populares venezuelanos que procuraram refúgio noutros países. Dados oficiais apontam para 2,3 milhões de refugiados, mas esse número é consideravelmente maior. Na Colômbia mais de 1 milhão buscaram abrigo, no Peru mais de 400 mil, no Chile mais de 100 mil, Argentina quase 100 mil e no Brasil quase 50.000.

Muitos anônimos, outros, nem tanto, como é o caso do Juiz Federal venezuelano Oswaldo José Ponce Pérez.

Imagem 22 – Juiz Federal Oswaldo José Ponce Pérez

Perseguido desde o governo de Hugo Chávez e agora por Nicolás Maduro por ter se recusado a desapropriar famílias que possuíam legitimamente terras em áreas de grande concentração de minérios. Relata-nos o juiz Ponce Pérez:

> Foi quando o governo [na época Hugo Chávez] queria que eu me prestasse, junto com a Guarda Nacional e com o Ministério Público e todo aquele esquema de corrupção institucionalizada, a colocar 200 famílias na cadeia, simulando serem traficantes de drogas e de armas, para tomar suas terras. Como não aceitei eles começaram a me atacar, primeiro institucionalmente. Tentaram tomar meus bens, mas não conseguiram porque estavam todos declarados. Logo depois, tentaram me prender por crime militar, mesmo sem eu ser militar. Não conseguiram, pois tinham poder político mas não tinham o conhecimento jurídico.

O juiz refugiou-se no Brasil, temendo por sua vida, depois de as forças bolivarianas terem incendiado seu carro, e, em 2013, assassinado seu filho mais velho, de apenas 24 anos. Narra-nos o juiz Ponce Pérez:

> Acabaram com a minha vida, decidi abandonar meu país, porque o próximo passo deles seria me matar.

Nos dois anos que se seguiram regularizou sua documentação, vendeu a mansão em que morava e todos os seus bens para abandonar a Venezuela. Buscando refúgio no Brasil em virtude da crise política, moral e econômica que ainda assola sua Pátria.

Depois de uma traumática experiência como ajudante de mecânico de maus brasileiros, e este, infelizmente, não é um caso isolado, em que se aproveitando da situação desesperadora dos imigrantes usam de má fé fazendo-os trabalhar apenas em troca de comida e abrigo ou pagando-lhes um valor inferior ao combinado. Infelizmente ouvimos muito relatos desses fatos em Boa Vista. Depois desta malograda tentativa o juiz resolveu ganhar a vida como artista de rua, tocando o violão clássico e harpa, instrumentos cuja técnica dominava há quase trinta anos. Conta-nos o juiz Ponce Pérez:

> Levo os instrumentos para as ruas, praças e eventualmente festas ou aniversários. É uma maneira de pagar as contas e me sustentar.
>
> A música é uma atividade espiritual, empreguei-a como alternativa para suportar o trauma causado por esta mudança tão brusca, e ainda levo alegria aos outros.

Ponce Pérez espera revalidar seu diploma de advogado e atuar na área de direito no Brasil. Sua expectativa é de um dia voltar à Venezuela.

Imagem 23 – PDVSA – Patria Socialismo o Muerte

Diz-nos o juiz Ponce Pérez:

> Sempre gostei do Brasil. Já tinha vindo há muitos anos, como turista. É um povo hospitaleiro como nenhum outro do mundo. Agradeço em meu nome e em nome de todos os venezuelanos que estão vindo para cá. Claro que amo minha pátria, onde nasci, cresci e me formei. Gostaria de voltar um dia quando as coisas melhorarem. Mas quero ter dupla cidadania e uma residência aqui também.

Engenheiro Jesus Luís Salazar

Perambulando por Boa Vista, RR, conheci o Engenheiro Jesus Luís Salazar, um simpático engenheiro venezuelano que ainda não conseguiu definir qual a melhor alternativa a adotar. Vejamos a entrevista de Jesus:

Eu era engenheiro das "*Petrolíferas de Venezuela*" (PDVSA) e levava uma vida normal, tranquila, até que, de repente, a situação mudou drasticamente provocando uma mudança radical no modo de vida de todo povo venezuelano.

Minha irmã veio para Boa Vista (RR) e abriu este negócio. Como ela está convalescendo de uma cirurgia eu vim substituí-la, temporariamente, até que ela se recupere totalmente. Enquanto isso estou analisando alguns projetos que possam me levar a recuperar minha qualidade de vida trabalhando como engenheiro.

Se encontrasse alguma proposta renunciaria a qualquer possível indenização da PDVSA e partiria para um novo desafio talvez em Santa Catarina ou Rio Grande do Sul ou mesmo no Chile. Para isso preciso regressar à Venezuela e trazer meus documentos para dar entrada com meu pedido de regularização no Brasil.

Tive de sair da Venezuela porque lá não se consegue comprar nada, há uma crise radical. Meus vencimentos são 1.000 bolívares e um frango custa 2.000 ([9]), o quilo de arroz 3.000 ou mais. Diz Maduro que com as novas medidas tomadas a economia irá se recuperar em seis meses, mas eu não creio que elas tenham o sucesso almejado. A inflação venezuelana é algo incompreensível, a insegurança é total.

No dia em que vinha para o Brasil, ao sair de minha casa, ao tomar um táxi, dois motociclistas armados roubaram a minha maleta. Na Venezuela quando vamos trabalhar, não sabemos se regressaremos vivos à nossa casa.

---

[9] No dia 20.08.2018, o governo venezuelano, que enfrenta a maior inflação do mundo, segundo o FMI chegaria este ano a 1.000.000%, criou uma nova moeda, o bolívar soberano, com **cinco** zeros a menos.

www.correiobraziliense.com.br

LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

EXEMPLAR DE ASSINANTE • VENDA PROIBIDA

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, QUARTA-FEIRA, 6 DE MARÇO DE 2013

NÚMERO 18.182 • 68 PÁGINAS • R$ 2,00

Morte de Chávez abre caminho para a sucessão num país dividido e em crise

O fim de UMA ERA

Um dos mais controversos dirigentes politicos da América Latina, Hugo Chávez governava a Venezuela desde 1999. Foi golpista (em 1992, acabou preso) e também vitima de um golpe (em 2002, chegou a ser apeado da Presidência por quase 48 horas). Mudou a Constituição para garantir sucessivas reeleições e se perpetuar no poder. Teve a carreira interrompida ontem, aos 58 anos, quando perdeu a luta que travava contra um câncer. Populista, ressuscitou o bolivarianismo, que batizou de "socialismo do século 21", e fez escola no continente, deixando seguidores como Rafael Correa, no Equador; Evo Morales, na Bolivia; e o deposto Fernando Lugo, no Paraguai. No próprio país, apontou o vice, Nicolás Maduro, como sucessor. O discipulo não perdeu tempo: anunciou que convocará nova eleição presidencial dentro de 30 dias. Quer ser testado nas urnas logo. De preferência, com a população ainda comovida com a perda do caudilho.

Dilma cancela viagem e vai a velório do amigo | **Enterro foi marcado para a sexta-feira** | **Obama prevê tempo de mudanças no país** | **Bolivarianismo deve perder força política**

PÁGINAS 14 A 20

Imagem 24 – Correio Braziliense n°18.182

Lá os serviços públicos são baratos e a gasolina, em especial, também é, porém, o salário mínimo é de 180 bolívares e um litro de óleo lubrificante 40.000, não é absolutamente possível manter um veículo.

Enquanto isso o governo e os grandes empresários, com ele alinhados, dispõem dos melhores carros e em excelentes condições. Apesar de tudo isto, o povo chavista continua glorificando o maldito governo Maduro.

Correio Braziliense n°18.185
Brasília, DF – Sábado, 09.03.2013

Nicolás Maduro Assume como Presidente Interino.
Supremo Rejeita Apelo da Oposição e Avaliza Candidatura

Posse sob Contestação

[Gabriela Freire Valente]

Logo após ser empossado presidente interino na Assembleia Nacional, no início da noite, Nicolás Maduro oficializou a convocação da eleição que definirá o sucessor de Hugo Chávez, em abril. O Tribunal Superior de Justiça [STJ] da Venezuela concluiu que não há impedimentos legais para que Maduro se candidate, embora a oposição o considere inelegível.

Henrique Capriles, Governador do Estado de Miranda e provável candidato da coalizão antichavista, classificou como "*fraude constitucional*" a sentença do STJ. "*Nicolás, ninguém te elegeu, o povo não votou em você*", disparou o líder da oposição, em rede nacional. Maduro nomeou, como seu vice, o ministro de Ciência e Tecnologia, Jorge Arreaza, genro de Chávez.

Os sete juízes que compõem a Sala Constitucional do STJ entenderam que o vice escolhido por Chávez em 2012 deixou esse posto assim que foi empossado como substituto interino. "*O Conselho Nacional Eleitoral [CNE] pode admitir a postulação do presidente encarregado para que participe do próximo processo*

de eleição, por não estar compreendido com as incompatibilidades previstas no artigo 229 da Constituição", diz a decisão.

Em entrevista ao jornal "*El Universal*", a Deputada opositora Maria Corina Machado afirmou que a sentença é "*uma provocação a todos os venezuelanos e contrária aos interesses do país"*.

Thiago Gehre Galvão, professor de relações internacionais da Universidade de Brasília [UnB], discorda que o pronunciamento do TSJ fira a norma constitucional venezuelana. "*Há uma disputa pela interpretação da lei.*

O que a oposição quer é dificultar a corrida eleitoral e deslegitimar Maduro perante a sociedade", avaliou Galvão. Segundo o estudioso, cabe ao STJ delimitar a interpretação da legislação.

George Ciccariello-Maher, professor da Universidade de Drexel [na Filadélfia] e autor do livro "*We created Chávez: A people's history of the venezuelan revolution*" [Nós criamos Chávez: uma história popular da revolução venezuelana], salienta que a estratégia antichavista é "*encontrar qualquer argumento para questionar o governo*", na tentativa de batê-lo nas urnas. "*Infelizmente para eles, voltar ao poder é uma questão de política, e não técnica, e esse tipo de argumento os faz parecer cada vez mais oportunistas*", opinou Maher.

O coro dos opositores venezuelanos ganhou o reforço presidente do Paraguai, Federico Franco, ele próprio questionado por Chávez e por outros presidentes sul-americanos – Franco substituiu Fernando Lugo, cujo impeachment levou à suspensão do Paraguai no Mercosul, abrindo caminho para o ingresso da Venezuela como membro pleno. "*Até em uma monarquia se sabe quem vai suceder o rei. Na Venezuela, o novo presidente é uma pessoa que não foi eleita*", ironizou.

Ameaça de Boicote

A revolta dos opositores foi alimentada pelo anúncio de que a posse de Maduro seria realizada na sede da Academia Militar. Depois de deputados da coalizão antichavista "*Mesa da Unidade Democrática*" [MUD] ameaçarem não comparecer à sessão, o presidente da Assembleia Nacional, Diosdado Cabello, informou que evento aconteceria na sede do Parlamento.

A oposição venezuelana questiona as relações entre governo e Forças Armadas, mais ainda depois que o Ministro da Defesa, Diego Molero Bellavia, ofereceu a garantia do Exército para a eleição de Maduro. "*Por que nós [o Legislativo] temos de ser tutelados pelos militares e ir a uma sessão em um centro militar?*", questionou o Deputado Ángel Medina.

Três Datas em Estudo

O Conselho Nacional Eleitoral [CNE] informou ontem que tem capacidade técnica para realizar a eleição presidencial a partir de 14 de abril. Segundo o jornal "*El Nacional*", o CNE iniciou consultas com todos os Órgãos envolvidos na organização do pleito para que examinem a viabilidade de três datas propostas inicialmente: os domingos 14,21 e 28 de abril A autoridade eleitoral aguarda a resposta para anunciar o cronograma definitivo do processo. (CORREIO BRAZILIENSE, N° 18.185)

Correio Braziliense n°18.223
Brasília, DF – Terça-feira, 16.04.2013

Brasil S/A
Chavismo em causa
[Antônio Machado]

www.correiobraziliense.com.br

LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

EXEMPLAR DE ASSINANTE • VENDA PROIBIDA — BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, SEGUNDA-FEIRA, 15 DE ABRIL DE 2013 — NÚMERO 18.222 • 66 PÁGINAS • R$ 2,00

Carlos Garcia Rawlins/Reuters

Nicolás Maduro enfrenta o desafio de suceder Chávez

Em eleição tensa e muito disputada, o herdeiro político de Hugo Chávez chega à Presidência da Venezuela com apenas 1,59% de vantagem sobre o adversário, Henrique Capriles, que, durante a votação, insinuou fraude. Maduro terá que administrar uma economia em crise. Em seu primeiro pronunciamento oficial, o eleito festejou a democracia e pregou respeito à Constituição. Ao longo do dia, a conta do candidato governista no Twitter chegou a ser hackeada.

PÁGINA 12

Imagem 25 – Correio Braziliense n°18.222

A apertada vitória do escolhido por Hugo Chávez para sucedê-lo na presidência da Venezuela prenuncia tempos instáveis para a chamada "*revolução bolivariana*", que transpassa as fronteiras venezuelanas, e acende a luz amarela para os governos assentados em programas de transferência de renda, sobretudo na América latina, subestimando a inflação, o investimento e outras metas sociais, como a segurança.

A Venezuela, depois de 14 anos de chavismo, exibe evidentes avanços sociais. O número de pobres diminuiu 44% e a pobreza absoluta, 48%. A renda per capita cresceu 2,5% ao ano de 2004 a 2012. O desemprego era de 14,5% quando ele assumiu pela primeira vez, em 1999. Estava reduzido a 8%, depois de se reeleger por três vezes, a última em outubro de 2012. Chávez voltou logo depois a Havana para se tratar de um câncer na região pélvica, retornando para morrer aos 58 anos. A receita do petróleo, especialmente depois do fracassado golpe de estado para depô-lo 2002, bancou toda a transformação social em um país que tinha uma das rendas mais concentradas do mundo.

Chávez fez a diferença ao aplicar a renda da PDVSA, a estatal petrolífera, nas "*misiones*", o nome dos programas sociais do chavismo. Não houve, no entanto, o mesmo empenho transformador da PDVSA nem dos setores essenciais para o desenvolvimento de qualquer nação, a indústria e a agropecuária, ambas historicamente frágeis devido às facilidades da renda do petróleo para pagar as importações do que se fizesse necessário – do leite em pó a canos comprados em Miami, destino de boa parte da riqueza do pais mesmo depois do chavismo.

O aumento do emprego foi todo ele no setor público, até por causa da estagnação das maiores empresas e de confiscos e controles de preços que desarticularam o setor privado.

A PDVA, num país dono da primeira ou da segunda maior reserva provada de petróleo do mundo, foi perdendo sua capacitação à medida que se transformava numa agência social e de política externa [enviando a preço módico, ou nem isso, petróleo a Cuba, por exemplo]. Chávez assumiu como barril valendo US$ 10. Foi a US$100 em seus 14 anos, enquanto a produção da PDVA desabou de 3,5 milhões de barris/dia para 2,5 milhões.

Maduro sem Indulgência

Vitória Magra do Sucessor de Chávez Sugere que só Políticas Sociais não Asseguram a Hegemonia

Com a PDVSA [responsável por 96% das exportações, 50% da receita de impostos e 30% do PIB] exaurida e o resto da economia em crise, o vice-presidente Maduro, eleito com diferença minúscula em relação à votação do opositor Henrique Capriles pelos 14,8 milhões de venezuelanos que se dispuseram a votar [78% do eleitorado, o que é muito num país sem voto

obrigatório], não teve a Indulgência que os eleitores, sobretudo os mais pobres, dedicavam a Chávez.

Sem o caixa da PDVSA [que passou até a importar gasolina dos EUA, seu maior cliente, além de inimigo figadal de Chávez, em especial depois de o presidente George W. Bush reconhecer o governo golpista de 2002], sem previsão de o petróleo disparar num mundo em crise, com os americanos tendendo à autonomia energética, a Venezuela era um problema à procura de solução com o "*comandante*" O eleitor se dividiu entre Maduro e Capriles, que não reconheceu a derrota.

Capriles Comeu por Fora

Ainda se vai avaliar melhor a expansão de Capriles, não prevista pelos institutos de pesquisas, em relação à sua derrota em outubro para Chávez [por 54,4% dos votos a 44,9%]. As próprias lideranças do chavismo manifestaram surpresa. "*Os resultados nos obrigam a fazer uma profunda autocrítica*", divulgou em seu "*Twitter*" o presidente da Assembleia Nacional, Diosdato Cabello, um chavista tido como rival de Maduro. "*É contraditório que os setores mais pobres da população votem em seus exploradores de longa data*". Essa é a grande questão.

As respostas não estão, provavelmente, na desconfiança quanto aos objetivos sociais do partido chavista, mas em sua competência para enfrentar a violência urbana e retomar não tão bem o crescimento, que no ano passado foi de 5,6% [contra 0,9% no Brasil], mas em fazê-lo numa situação de normalidade. A inflação chegou a 20,1% no índice oficial em 2012. Em fevereiro, o governo desvalorizou o bolívar em 32%, mas US$ 1 no câmbio oficial vale 6,30 bolívares, contra 20 no mercado paralelo. O desabastecimento é outra constante.

A PDVSA Está Exaurida

Capriles se tomou personagem em meio à hegemonia chavista por ter captado as apreensões sociais, sem ameaçar as "*misiones*". E expressou os riscos, ao mostrar uma PDVSA que embarca 450 mil barris/dia de petróleo subsidiado a Cuba, Nicarágua e países do Caribe: envia 600 mil à China para pagar uma dívida já gasta; consome 700 mil barris no mercado doméstico, parte refinada nos EUA e vendida na Venezuela pelo equivalente a R$ 0,03 o litro. Não estranha que relute aportar sua parte na refinaria que a Petrobras constrói em Pernambuco.

Potencial de Incertezas

A vitória estreita do chavismo, além de contestada pela oposição, tem potencial desestabilizador. O governo de Barak Obama deu apoio ao pleito de Capriles para a recontagem dos votos. Vladimir Putin, presidente da Rússia, aliado de Chávez, saudou a eleição de Maduro. O ex-presidente Lula chegou a gravar um vídeo usado pela campanha de Maduro, mas o governo Dilma Rousseff, formalmente, guardou uma distância diplomática da eleição, embora fizesse saber pelos canais apropriados a sua preferência. Tudo isso é minueto político sem ter a importância sobre o que levou à clivagem ([10]) do eleitor venezuelano.

Na morte de Chávez, foi à comoção, ocupando as ruas de Caracas com manifestação de profundo respeito. Mas não avalizou, como esperado, o sucessor que escolhera para seguir sua obra, ou "*revolução*", como preferia. O mistério da Venezuela tende a ser a grande questão nas várias eleições programadas a curto e médio prazo em seus vizinhos. (CORREIO BRAZILIENSE, N° 18.223)

---

[10] Clivagem: ruptura.

Correio Braziliense n°18.531
Brasília, DF – Quarta-feira, 19.02.2014

Entrevista Fernando Henrique Cardoso

Qualquer Ação externa Precisa ser Cautelosa

[RC]

Em entrevista ao Correio, por e-mail, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso confirmou que teve o nome mencionado para uma possível comissão de investigação sobre abusos dos direitos humanos na Venezuela. Ele defendeu esforços de apaziguamento entre a oposição e o governo de Nicolás Maduro e admitiu a influência da crise econômica na convulsão social do país vizinho.

Como o Senhor Analisa o Pedido de Formação de uma Comissão Para Zelar Pelos Direitos Humanos?

Além dos nomes citados [o dele próprio, o de Óscar Arias, Ricardo Lagos e Ernesto Samper], Felipe González [senador do México] foi indicado para, eventualmente, compor uma comissão. Precisamos verificar se há disposição verdadeira de diálogo, tanto por parte do conjunto dos líderes oposicionistas como do governo venezuelano. Em qualquer caso, cabe um apelo pela pacificação do país e pela manutenção das regras democráticas.

De que Forma o Senhor Examina a Crise Política na Venezuela e a Decisão do Mercosul de dar Respaldo a Maduro?

www.correiobraziliense.com.br

CORREIO BRAZILIENSE

Maduro anuncia prisão de generais "golpistas"

Nicolás Maduro (de frente) com os ministros enviados pela Unasul: militares acusados de tramar contra o governo teriam vínculos com "grupos fascistas de extrema direita."

Imagem 26 – Correio Braziliense, n°18.566, 26.03.2014

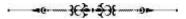
Não tenho suficientes informações para avaliar a profundidade da crise política. Parece claro, isso sim, que há descontrole econômico que gera instabilidade social e, eventualmente, política.

O Senhor Acredita que há Violações de Direitos Humanos e Atropelo das Cláusulas Democráticas na Venezuela, Ante a Repressão Exercida Pelo Governo?

Pela leitura do noticiário, parece que sim. Mas qualquer ação externa precisa ser cautelosa para não agravar ainda mais uma situação já delicada.

Qual Seria a Saída Para a Crise Venezuelana, na Sua Opinião?

[...] De qualquer maneira, é preciso um esforço de apaziguamento, de lado a lado, posto que situações de força são estranhas às democracias. Assim como é importante que as oposições se entendam quanto a métodos de luta e objetivos, no pressuposto de que as regras estatuídas devem ser preservadas, desde que sejam constitucionais e democráticas. (CORREIO BRAZILIENSE, N° 18.531)

Correio Braziliense n°18.566
Brasília, DF – Quarta-feira, 26.03.2014

O presidente Nicolás Maduro escolheu o momento da reunião com os chanceleres da União de Nações Sul-Americanas que visitam a Venezuela, ontem, para anunciar a prisão, na noite anterior, de três Generais acusados de planejar um golpe de Estado, em conexão com setores da oposição civil. Os oficiais, que não tiveram os nomes divulgados, estão, segundo o presidente, em uma prisão militar aguardando julgamento. A descoberta da suposta conspiração coincide com os esforços do governo chavista para provar aos países vizinhos que é vítima de um "*golpe contínuo*", promovido por "*grupos fascistas da extrema direita*".

"*Capturamos três Generais da aviação que vínhamos investigando, graças à poderosa moral de nossas Forças Armadas. Três Generais que pretendiam se rebelar contra o governo legitimamente constituído*"; declarou Maduro aos chanceleres, entre eles o brasileiro, Luiz Alberto Figueiredo. Segundo o presidente, os acusados mantinham "*vínculos diretos com setores da oposição*" e foram denunciados por colegas, "*alarmados*" com a convocação para que "*pegassem em armas*" contra o governo. Essa não é a primeira vez que Maduro denuncia uma trama golpista, apesar de nunca ter sido comprovada publicamente nenhuma tentativa de derrubá-lo. Até ontem, porém, nenhum participante dos alegados complôs havia sido preso. A notícia das detenções foi feita em um pronunciamento televisionado, durante a reunião com os chanceleres da Unasul. Os ministros iniciavam uma visita oficial de dois dias para avaliar a instabilidade política no país e favorecer a abertura do diálogo.

Desde o início de fevereiro, grupos de oposição protagonizam intensas manifestações contra Maduro. Segundo o Itamaraty, além de ter se encontrado com o presidente, a missão se reuniu com o vice, Jorge Arreaza, e com o chanceler, Elías Jaua.

Também estão previstos encontros com representantes da Conferência Nacional de Paz e com organizações de direitos humanos. A imprensa venezuelana informou que uma reunião com membros da oposição, não incluída na agenda prévia, era esperada para a noite de ontem.

Repressão

Mais de 30 pessoas foram mortas e centenas ficaram feridas durante manifestações contra e a favor do governo. "*Enfrentamos 16.270 atos violentos e ataques. Trinta e cinco vítimas perderam a vida. Todas [as mortes] são responsabilidade direta dessas manifestações*", afirmou ontem o presidente, que se disse aberto ao diálogo e denunciou os protestos como uma "*tentativa constante*" de tirá-lo do poder, como aconteceu em 2002 com seu sucessor e mentor, Hugo Chávez.

Convite ao Congresso

A Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional [CREDN] da Câmara dos Deputados discute hoje a aprovação de um convite para que a Deputada venezuelana Maria Carina Machado venha ao Brasil esclarecer, em audiência pública, "*os eventos que levaram à perda de seu mandato eletivo*".

No mês passado, a comissão cobrou do governo brasileiro um posicionamento claro em relação às denúncias de violação de direitos humanos no país vizinho – que exerce a presidência rotativa do Mercosul.

Paralelamente, à repressão a opositores se intensificou no último mês, com a detenção de políticos adversários e a cassação do mandato da Deputada anunciada na segunda-feira pelo presidente da Assembleia Nacional, Diosdado Cabello.

Na semana passada, a parlamentar participou de uma reunião da Organização dos Estados Americanos [OEA], como representante alternativa do Panamá. A intenção de Machado era fazer um pronunciamento criticando o governo, mas o plano foi frustrado por uma articulação da diplomacia, que conseguiu derrubar da pauta o debate sobre a crise venezuelana.

Machado, que estava em Lima quando sua cassação foi anunciada, afirmou que voltará hoje para Caracas. "*Conheço os meus direitos. Sou Deputada e tenho imunidade parlamentar*", disse ela. Uma delegação de parlamentares anunciou a abertura de um "*recurso de ação coletiva em apoio aos direitos dos cidadãos e das garantias constitucionais*", na tentativa de reverter a destituição. A oposição reclama de problemas como insegurança, escassez de produtos básicos e inflação galopante, e acusa o governo de criar distrações para os problemas sociais.

"*O salário mínimo na Venezuela, hoje, é duas vezes mais baixo que a média da América Latina, depois de Cuba*", denunciou no Twitter o governador do estado de Miranda, Henrique Capriles, um dos líderes da oposição, derrotado por Maduro na disputa presidencial de 2013 por uma diferença na casa de 1% dos votos. (Correio Braziliense nº18.566)

Carta do Refugiado às Nações

(Moisés António) *([11])*

Sou um ser e não uma coisa
Ainda que eu fosse uma coisa,
Não seria a de sem valor!

Sou movido a deixar a minha terra
Aquela terra de origem pátria amada,
Que um dia me viu nascer,
Me viu crescer,
Me viu sorrir,
Sorrir para a vida,
– Vida, o grandioso presente de Deus para as nações!

[11] Embora o Poeta Moisés Tiago António seja um refugiado angolano, e não venezuelano, seu poema transcende fronteiras fazendo um apelo pungente à humanidade das criaturas. É um pedido de socorro à compreensão das criaturas daquele que deixou quase tudo para trás, mas que continua sua eterna busca por uma vida digna, pela liberdade e pela justiça.

Hoje…

Estou aqui

Amanhã acolá,

Sou um barco movido a vela

Forçado pela força do vento, pra chegar ao destino!

Outra hora…

Sou uma andorinha,

Movido pela estação a procura de melhores condições de vida!

E pra me moverem,

São vocês que praticam as guerras

Fazendo prevalecer o ditado:

NA LUTA DE DOIS ELEFANTES,

QUEM PAGA COM AS VIDAS, SÃO AS GRAMAS OU O CAPIM!

São nossas vidas jogadas ao nada,

Somos barrados nas fronteiras…

Como se tivéssemos cometidos crimes!

Uns cometem, pagamos nós!

Matam-nos,

Hostilizam-nos,

Mortos, jogam-nos como lixo feito nada

Tudo porque, um diz quem manda aqui sou eu,

E outro do outro lado responde, a terra é minha!

E tudo resulta em uma colisão, e quem morre sou eu!

OH CREDO, A TERRA É DE DEUS!!!

Hoje…
Venho aqui, porque não tenho terra!
Amanhã vou ali também não tenho terra!
Tudo é terra!
O Nativo diz:
Não tens aqui o direito,
Tu que me vens tirar o trabalho…
Então sou submetido ao trabalho escravo,
Porque quero viver a vida!

Ó Céus!
Oh, credo!
Só quero viver a vida
Quero liberdade
Busco a justiça
Quero também pelo menos uma única oportunidade
Para que eu sobreviva e mitigue a minha sede!

Tenho fome, quero roupa, quero abrigo,
Só quero viver a vida!
Repito: NÃO TENHO TERRA, TUDO É TERRA!

Tenho uma vida, que também merece ser vivida ...
Um presente de Deus eterno para todas as nações!
Sou um barco à vela...
À busca de um destino....
POR FAVOR, ME RESPEITEM, SÓ QUERO VIVER A VIDA!

Tive a oportunidade, graças ao Ten Cel Eng Vandir, Cmt do 6° BEC, de acompanhar de perto o excepcional trabalho do Exército Brasileiro na "*Operação Acolhida*" e conversar com seus participantes. O Exército atua desde a Construção dos abrigos, cadastramento, alimentação atendimento médico... O "*Blog do exército Brasileiro*" (eblog.eb.mil.br) publicou:

> **Operação Acolhida em Roraima: Ação de Solidariedade**
>
> Instrumento de ação do Estado brasileiro, a Operação Acolhida destina-se a apoiar – com pessoal, material e instalações – a montagem de estruturas e a organização das atividades necessárias ao acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade. Tal conjuntura é decorrente do fluxo migratório para o Estado de Roraima, provocado pela crise humanitária na República Bolivariana da Venezuela.
>
> Por meio da Medida Provisória [MP] n° 820, de 15.02.2018, o Brasil instituiu o Comitê Federal de Assistência Emergencial, que decreta emergência social e dispõe de medidas de assistência para acolhimento a esse segmento-alvo. [...]
>
> Nesse contexto, depois de visualizado e demandado o emprego do Exército Brasileiro, o Comandante do

Exército, General Eduardo Dias da Costa Villas Bôas, no mesmo dia 15 de fevereiro, nomeou o General de Divisão Eduardo Pazuello coordenador da Força-Tarefa Logística Humanitária no Estado de Roraima. A designação foi oficializada pela primeira resolução do Comitê, chancelada pelo Ministro da Casa Civil em 21 de fevereiro.

A partir daí, o Comitê identificou a necessidade de estabelecer, inicialmente, estruturas de recebimento de pessoal, triagem e áreas de abrigo e acolhimento; e de reforçar as estruturas de saúde, alimentação, recursos humanos e coordenação-geral das operações. [...] Esta Ação não é exclusiva do Ministério da Defesa [MD], considerando que este é um dos 12 ministérios componentes do Comitê Interministerial. [...]

A Operação Acolhida é oportunidade ímpar para que as Forças Armadas exercitem e demonstrem suas capacidades logísticas, em um cenário interagências e com caráter humanitário. Isso, por si só, ratifica o potencial do Brasil em empregar sua expressão militar e, por que não, governamental, em problemáticas dessa natureza.

Desse modo, observou-se a capacidade da Força-Tarefa no Estado de Roraima em aglutinar esforços e conduzir, em todos os níveis [político, estratégico, operacional e tático], pessoas, autoridades, instituições, organismos internacionais, como o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados [ACNUR], as ONG de ajuda humanitária e os órgãos de segurança pública.

Em tudo isso prevaleceu um ambiente de cooperação, materializado em ações que melhoraram a situação dos imigrantes desassistidos, com reflexos diretos no cotidiano de Boa Vista e de Pacaraima. [...]

Quanto aos abrigos humanitários, temporários ou de maior permanência, os ambientes possuem instalações semipermanentes, como barracas coletivas e individuais, contêineres sanitários, escritórios, depósitos e cobertura para áreas de convivência e alimentação. Nesses locais, os imigrantes recebem a atualização da situação migratória; são imunizados contra as doenças mais comuns e outras que têm surgido na área, como o sarampo; são cadastrados para o trato humanitário pelo ACNUR e pelas ONG parceiras; e recebem alimentação e visitas médicas diárias.

Os imigrantes têm três destinos: absorção pelo mercado de trabalho local, interiorização no Brasil ou retorno ao país de origem. Para a interiorização, o imigrante precisa estar em um abrigo sob a administração de órgãos estatais, em conjunto com o ACNUR e as ONG parceiras; estar com sua situação migratória regularizada; estar vacinado e imunizado; ser voluntário ao processo e ter destino certo na localidade para onde migrará.

A interiorização está sob a responsabilidade de um subcomitê específico, no qual a Casa Civil trabalha diretamente com a Organização Internacional para as Migrações – órgão da ONU com experiência mundial no assessoramento a governos, no que tange à realocação geográfica de grandes efetivos populacionais. As primeiras interiorizações ocorreram em 5 e 6 de abril, com cerca de 250 imigrantes interiorizados para São Paulo [SP] e Cuiabá [MT]. A terceira interiorização ocorreu em 4 de maio, com cerca de 240 imigrantes para Manaus e São Paulo. A Operação Acolhida tem duração prevista de 12 meses. Pretende-se que outros estados e municípios cooperem e realizem adesão a esse esforço humanitário, necessário não só para retirar os imigrantes da situação de vulnerabilidade, mas também para auxiliar o Estado de Roraima a superar tamanho desafio social.

Como legado, a Operação é mais uma referência da forma conjunta de atuação das Forças Armadas, em que cada Força está adjudicando seus meios, em pessoal e material, para a correta execução da missão, aproveitando-se daquilo que cada uma tem de capacidade, vocação e dever.

No cumprimento das atividades de comunicação social, foi possível exercitar a compreensão interna da Operação e seus reflexos na mídia, além de poder contar com equipe de militares dedicados e competentes da Marinha, do Exército e da Força Aérea.

Foi uma oportunidade de atestar a crença em nossa capacidade, em nosso valor e no propósito maior de servir à Nação.

Construção de Novos Abrigos

O 6° Batalhão de Engenharia de Construção (6° BEC) contribuiu e contribui, de maneira decisiva, com a Força-Tarefa Humanitária através de trabalhos de engenharia na construção dos abrigos Rondon 1 e Rondon 2, localizados nas proximidades da base da Polícia Federal, onde também está instalado um posto de identificação e triagem dos imigrantes oriundos da Venezuela.

Imagem 27 – Operação Acolhida, Boa Vista, RR

Imagem 28 – Santuários de Boa vista, RR

Boa Vista, 24 a 30.08.2018 – IV

Místico
(Vinicius de Moraes)

[...] No olhar aberto que eu ponho nas coisas do alto
Há todo um amor à divindade.
No coração aberto que eu tenho para as coisas do alto
Há todo um amor ao mundo.
No espírito que eu tenho embebido das coisas do alto
Há toda uma compreensão.

Almas que povoais o caminho de luz
Que, longas, passeais nas noites lindas
Que andais suspensas a caminhar no sentido da luz
O que buscais, almas irmãs da minha? [...]

Tour com o Capelão Mil Gu BVA

O meu caro amigo e irmão maçom Coronel Sérgio Ricardo Vianna Rodrigues de Matos, Chefe das Relações Institucionais da 1° Bda Inf Sl, após o almoço na Brigada, me apresentou o Capelão Militar da Guarnição de Boa Vista Capitão José Ribamar Garcia de Sousa, que fora autorizada pelo Comandante da Brigada – Gen Bda Gustavo Henrique Dutra de Meneses – a realizar uma visitação aos templos da cidade.

Nos meus périplos cumprindo jornadas náuticas, realizando palestras ou simplesmente vagando, tenho o costume de em cada localidade visitada conhecer seus templos religiosos – a arquitetura sacra e a aura que envolve estes lugares santificados embala minha espiritualidade, seus museus – o conhecimento me liberta da ignorância e nas suas praças e parques entro em contato com a natureza para sentir o quanto aquela comunidade se importa com o ambiente que a cerca.

Imagem 29 – Igreja N. Senhora do Carmo, BVA, RR

Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo

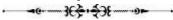
A Mestra em Preservação do Patrimônio Cultural Carolina Viana Albuquerque, reporta-nos:

> De acordo com o Inventário do Patrimônio Cultural de Boa Vista, em 1692 a Câmara de Belém fez uma petição ao Rei de Portugal para que colocasse missionários no Rio Branco. Em 1725, um grupo de frades carmelitas fundou nas Missões do Rio Branco uma capela de madeira e terracota [A terracota é um material constituído por argila cozida no forno, sem ser vidrada, e é utilizada em cerâmica e construção. O termo também se refere a objetos feitos deste material e à sua cor natural, laranja acastanhado]. Em 1775, o ouvidor da capitania de São José do Rio Negro, Ribeiro Sampaio descreveu: "*Na margem ocidental do Rio Branco se encontra a missão Nossa Senhora do Carmo, com 118 almas*". Doze anos depois, Lobo D'Almada na sua descrição relativa ao Rio Branco e seu território, de 1787 informou: "*Na povoação do Carmo no Rio Branco, existe uma capela, 16 fogos e um vigário que assiste as 215 almas*". A freguesia sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo, foi criada em 1856 e a paróquia em 1858, elevando a pequena capela à condição de igreja Matriz.

Imagem 30 – Via Sacra de Augusto Cardoso (2006)

Imagem 31 – Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, BVA, RR

Jornal Roraima Hoje
Boa Vista, RR – Sexta-feira, 29.09.2017

Exposição do Artista Augusto Cardoso Marca Reabertura da Galeria Luiz Canará, no Parque Anauá

SOBRE O ARTISTA – Augusto Cardoso é roraimense e artista autodidata. Começou a pintar aos 14 anos e tem 36 anos de profissão, possui obras expostas em museus e embaixadas no Brasil, Venezuela, Itália, Argentina, Holanda, Japão, França, Bélgica, Uruguai, Canadá, Áustria e Estados Unidos, mas para ele uma obra especial faz parte do acervo do Museu do Papa, no Vaticano, que é a tela São Francisco em uma paisagem regional.

Em 1989, foi nomeado conselheiro estadual de Cultura. Entre 1995 e 1996 foi destaque na revista Amazônia Nossa. Ilustrou o Livro Fatos e Lendas dos Mistérios da Amazônia e é destaque no Livro de Talentos da Listel, com a Obra Macunaíma. Recebeu Diploma de Reconhecimento do Rotary Club Boa Vista-RR; Honra ao Mérito e Notoriedade Cultural do Estado de Roraima; Destaque em 2002 pelo Tríptico ([12]) de São Francisco, com 18 m².

Possui obras em exposição permanente na Di Cardoso Galeria de Arte, em Boa Vista, e Galeria Palácio das Artes, em Manaus [AM]. Destacam-se ainda a Via Sacra [15 peças] na Matriz de Nossa Senhora do Carmo e "*São Francisco do Lavrado*", que compõem o Acervo do Museu do Vaticano. (JRH, 29.09.2017)

---

[12] Tríptico: conjunto de três pinturas unidas por uma moldura tríplice

Paróquia São Francisco das Chagas

"Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Eis que estavas dentro e eu fora. Estavas comigo e não eu contigo. Exalaste perfume e respirei. Agora anelo por ti. Provei-te, e tenho fome e sede. Tocaste-me e ardi por tua paz." (Santo Agostinho)

Da igreja Matriz nos dirigimos à Paróquia São Francisco das Chagas para conhecer as formidáveis pinturas bizantinas do seu Pároco Francisco Mário Ribeiro Castro. Vejamos como ele se refere à esta arte na defesa de seu Mestrado em Ciências da Religião:

> **A Importância da Arte Bizantina para a Igreja Cristã**
>
> A experiência dos cristãos ocidentais com a arte bizantina é muito restrita, portanto, pouco compreensível. Por se tratar de uma arte que tem uma grande carga de códigos e regras, pensa-se que ela não se interessa pelo novo e limita a criatividade de seu artesão e isso é um equívoco, mesmo que as correntes mais tradicionais se ocupem em releituras de obras clássicas, cada ícone é sempre uma expressão nova e carrega os traços característicos de seu artesão, mesmo que isso não seja muito perceptível para os mais leigos nesse conhecimento. [...] O ícone bizantino, é essencialmente simbólico, pois ele é em si mesmo a presença daquilo que o simboliza. É uma arte que não nasceu para si mesma, mas para a Igreja e desde a Igreja. Ela nasceu para as necessidade e finalidades da igreja. [...] Assim, constatamos que o ícone não se trata de uma criação subjetiva sem destinação específica ou um mero objeto de adorno para deleite ou prazer estético. Ela é construída a partir de normas ou cânones que assegura seu valor simbólico, teológico e espiritual, portanto, sua finalidade objetiva.

Para compreender a arte sacra iconográfica, fazer uma leitura coerente de um ícone, são necessárias algumas sensibilidades. Além dos dons artísticos, algum conhecimento teológico e acima de tudo uma boa experiência de espiritualidade cristã, e isso faz a arte bizantina ser especial, rara e especial, [...]

A técnica iconográfica é muito antiga, provavelmente nasceu no mundo egípcio. Na arte cristã primitiva até o final o século VII se usava a encausta como aglutinador para os pigmentos, mas a partir disso, com o fim dos movimentos iconoclastas passou a usar a têmpera de ovo ([13]), e se pintava – pinta-se assim ainda hoje – sobre tábuas. [...]

No ocidente, a arte sacra iconográfica, passou por longo período de decadência, com uma predominância da arte religiosa. Caracterizando-se principalmente pela subjetividade do artista, que transfere para ela características de sentimentalismo, pieguice e pouco conteúdo da fé cristã.

Assim, a arte sacra nos dias de hoje deve buscar maior comunicação com a vida e a espiritualidade do indivíduo religioso, resguardando o sagrado nas experiências desse como ser no mundo, mas, num mundo que se apresenta das formas mais variadas possíveis. A realidade desse mundo que quanto mais heterogêneo mais efêmero mas passageiro onde o ser humano necessita ainda de forma mais intensa de valores que o faça transcender a própria realidade de indigência.

---

[13] A encausta trata-se de uma técnica onde se usava cera de abelha como aglutinante para os pigmentos, usados com pincel ou uma espátula quente. Já a têmpera é uma emulsão feita a base da gema do ovo solvido em duas quantidades de vinho branco e seco. Quando descobriram essa técnica, inicialmente, usavam a gema diluída na água e na própria clara, mas por questão de conservação e durabilidade passou-se a fazer com vinho.

São Francisco
(Vinicius de Moraes)

Lá vai São Francisco
Pelo caminho
De pé descalço
Tão pobrezinho
Dormindo à noite
Junto ao moinho
Bebendo a água
Do ribeirinho.

Lá vai São Francisco
De pé no chão
Levando nada
No seu surrão
Dizendo ao vento
Bom dia, amigo
Dizendo ao fogo
Saúde, irmão.

Lá vai São Francisco
Pelo caminho
Levando ao colo
Jesuscristinho
Fazendo festa
No menininho
Contando histórias
Pros passarinhos.

Imagem 32 – Tríptico de São Francisco, BVA, RR

Imagem 33 – Igreja Católica do Caçari, BVA, RR

Fomos os três, então, para a Igreja Católica do Caçari onde o Padre Francisco nos apresentou sua pujante arte. Um templo arquitetonicamente simples que foi transformado pelas mãos inspiradas de Francisco Mário Ribeiro Castro em um fantástico santuário.

A arte é capaz de expressar e de tornar visível a necessidade que o homem tem de ir além daquilo que se vê, pois manifesta a sede e a busca do infinito. Aliás, é como uma porta aberta para o infinito, para uma beleza e para uma verdade que vão mais além da vida quotidiana. E uma obra de arte pode abrir os olhos da mente e do coração, impelindo-nos rumo ao alto.

Imagem 34 – Arte e Oração – Papa Bento XVI

Boa Vista, 24 a 30.08.2018 – V

O Profeta
(Khalil Gibran)

[...] Quando vos separais de um amigo não fiqueis em dor, pois aquilo que mais amais nele tornar-se-á mais claro com a sua ausência, tal como a montanha, para quem a escala, é mais nítida vista da planície. [...]

Amigos de "*Outras Eras*"

Cada uma destas infindas jornadas náuticas pela "*Terra Brasilis*" nos brindam com uma algo maior que o conhecimento da região percorrida, belas paisagens que nos encantam, histórias de vida que nos fazem crer cada vez mais na capacidade de superação do ser humano, compreensão de nossa capacidade (física, mental, espiritual) e limitações, que nos é ofertada pelo Grande Arquiteto do Universo – os Amigos de outras Eras.

Meu velho e honorável pai Coronel Cassiano Reis e Silva sempre dizia que se media o valor de um Homem pela lealdade de seus Amigos, pois então, sem falsa modéstia, posso afirmar orgulhoso que, apesar de todas as vicissitudes que esta vida me reservou, me considero um Homem privilegiado pelos raríssimos e virtuosíssimos Amigos que possuo.

São eles que nos momentos mais difíceis, fazem com que as paredes desse infindo escuro e macabro túnel, que há tantos anos vagueio, dilatem-se e iluminem-se, o ar se impregne de sutis e delicadas fragrâncias e um eco de sonoridade extremamente melancólica ressoe, um verdadeiro réquiem, a metamorfosear-se em uma ode de louvor à esperança e à fé na humanidade das criaturas.

Este capítulo é dedicado a cada amigo que tornou possível, mais rica, mais amena e agradável nossa expedição pelos Rios tacuru e Branco.

Gostaríamos de agradecer ao Gen Bda Gustavo Henrique Dutra de Meneses (Cmt da 1ª Bda Inf Sl), ao Cel Inf Roberto Jullian da Silva Graça (Cmt do CFront/7° BIS), ao Cel PTTC Sérgio Ricardo Vianna Rodrigues de Matos (Relações Institucionais da 1° Bda Inf Sl), nosso anfitrião Ten Cel Eng Vandir Pereira Soares Júnior (Cmt do 6° BEC), ao Ten Cel Art Alexandre Polo (Cmt do 10° GAC), ao Maj Eng Jefferson Fidélis Alves da Silva (SCmt do 6° BEC), ao Cap Ten Jerry Kenned Sabino (Cmt da Agência Fluvial de Caracaraí), ao Capelão José Ribamar Garcia de Sousa (Capelão Mil Gu BVA), ao 1° Ten Eng Matheus Braga do Nascimento (Cmt da Cia E Eqp Mnt 6° BEC), ao 1° Ten Inf Caio Baksys Pinto (Cmt do 1° PEF – Bonfim- RR), ao STen Eng Dilson Martins de Sousa Soares (Adj Cmdo do 6° BEC), ao Dr. Robério Bezerra de Araújo (proprietário da TV Cultura), ao Sr. José Gilvan da Costa (Jornalista), ao Ir:. Celso Demétrio Acosta, seus filhos Borys e Yuri e ex-esposa Mary, ao Dr. Miquéias Napoleão Raposo e sua esposa Srª Ludmila Vieira de Souza e ao Pároco Francisco Mário Ribeiro Castro (da Paróquia São Francisco das Chagas de Boa Vista, RR).

Boa Vista – Bonfim (31.08.2018)

Bonfim

O município tem uma área de 8.095,4 km² e uma população de mais de 11.000 habitantes (densidade demográfica de aproximadamente 1,4 habitantes por km²). Situa-se a uma altitude 79 m, nas seguintes coordenadas geográficas 03°21’25” N e 59°49’60” O.

Gentílico: bonfinense.

História

O primeiro povoado surgiu ainda no século XIX, e seu nome é uma homenagem à Nossa Senhora do Bonfim. Depois de vários ciclos comerciais com a cidade de Lethem, na fronteira da República Cooperativista da Guiana, a vila passou à condição de município.

Formação Administrativa

Elevado à categoria de município com a denominação de Bonfim, pela Lei Federal n° 7.009, de 01.07.1982, desmembrado dos municípios de Boa Vista e Caracaraí. Sede no atual Distrito de Bonfim [ex-Vila de Bomfim]. Constituído do Distrito sede. Instalado em 13.07.1982. Em divisão territorial datada de 1988, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009. (www.cnm.org.br)

Imagem 35 – Ponte Olavo B. Filho (Arteleste Construções)

Imagem 36 – 1° PEF e Rio Tacutu

Dia 31 de agosto, por volta das 15h00, partimos para Bonfim rumo Nordeste, pela BR-401, rodovia federal que liga Boa Vista à sede dos municípios de Normandia e Bonfim, lindeiros à República Cooperativa da Guiana, com um total de 185 km de extensão (Boa Vista-Normandia), também construída pelo 6° BEC.

Levamos umas três horas percorrendo o excelente trecho de 125 km até Bonfim. Todo o entorno da BR 401 é caracterizado por uma vegetação aberta denominada "*lavrado*" que se estende para a Guiana e Venezuela e é dotada de rica biodiversidade.

No 1° Pelotão Especial de Fronteira (1° PEF) fomos muito bem recebidos pelo 1° Ten Inf Caio Baksys Pinto – Cmt do Pelotão, que nos instalou confortavelmente nos alojamentos de sua Organização Militar. Chequei o caiaque e as bagagens e depois fomos reconhecer o local da partida – a Ponte Prefeito Olavo Brasil Filho, concluída pelo 6° BEC, em 31.07.2009. Embora o 1° PEF fique às margens do Rio Tacutu, nos encontrávamos no final do verão amazônico e as fotografias aéreas de que eu dispunha mostravam, na seca, muitos bancos de areia até a ponte.

www.correiobraziliense.com.br

LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

EXEMPLAR DE ASSINANTE • **VENDA PROIBIDA** BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, TERÇA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO DE 2009 NÚMERO 16.920 • 84 PÁGINAS • R$ 2,00

Repeteco

A inauguração da ponte sobre o Rio Tacutu, na fronteira com a Guiana Francesa, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi a terceira cerimônia do tipo promovida por autoridades brasileiras. Em abril, o governador Anchieta Júnior (PSDB) cortou a fita para, em seguida, a via ser interditada pelo governo do país vizinho. O líder do governo no Senado, Romero Jucá (**foto**), do PMDB-RR, também já fez as honras federais na obra.

?

Imagem 37 – Correio Braziliense, n° 16.929, 15.09.2009

Era uma pequena distância até lá, de apenas 6 km, mas eu já penara, por demais no Rio Acre tendo de rebocar o caiaque inúmeras vezes nos dois primeiros dias e não pretendia repetir aquela desastrosa e cansativa experiência.

Primeiro verificamos se do lado da Guiana existia um local apropriado. Fizemos contato com um morador local, de origem indígena, que não colocou nenhum obstáculo ao nosso propósito mas lembrou que o Posto da Polícia Federal só permitia o tráfego a partir das 08h00. Voltamos, então, nossa atenção para a Margem brasileira que constatamos permitir um fácil acesso do caminhão até as proximidades da margem, decidi então pela segunda opção.

Regressamos ao 1° PEF, para trocar de viatura e fazer uma breve incursão à Guiana para adquirir mais algumas baterias (pilhas) para o rastreador.

Até a passagem da Ponte nenhuma novidade, mas logo adiante, a pouco mais de 200 m, encontramos um raro exemplo de fronteira brasileira onde os motoristas precisam mudar o sentido de circulação adotando a "*mão inglesa*", esta alteração é realizada através de um viaduto.

A cidade de Lethem possui uma população de uns 3.000 habitantes na sua sede municipal e aproximadamente 9.000 no município. Sua denominação é um preito ao antigo Governador da Guiana Inglesa, Gordon James Lethem (1946/7), que realizou a demarcação dos limites da então Guiana com o Brasil.

O governador trouxe consigo policiais e operários da construção civil. Seus primeiros habitantes foram, na sua maioria, de origem africana, e mais tarde, vieram os indígenas, os indianos e chineses.

Os administradoras e funcionários dos shopping centers são, praticamente, na sua totalidade de origem chinesa e prestam um atendimento de péssima qualidade o que me fez lembrar, mais uma vez, de minha descida do Rio Acre quando tive a oportunidade de observar o tratamento rude que os comerciantes bolivianos dispensavam a seus clientes.

Jantamos no 1°PEF, e logo após a refeição o comandante do Pelotão fez questão de nos presentear com três Rações Operacionais de Combate (R2). Mais uma vez a gentileza e camaradagem que tanto caracterizam nossa instituição se fazia presente.

Fomos, depois à cidade degustar um sorvete, e nos recolhemos cedo pois pretendia madrugar no dia seguinte.

Vento Xucro I
(Jayme Caetano Braun)

Vento xucro do meu Pago ([14])
Que nos Andes de originas
Quando escuto nas campinas
O teu bárbaro assobio,
E sinto o golpe bravio
Do teu guascaço ([15]) selvagem
Eu te bendigo a passagem
Velho tropeiro do frio.

Pois eu sei que tu carregas
Nessa tropilha gelada
A seiva purificada
No topo da Cordilheira
Que faz da raça campeira
A mais legendária estampa
Forjada do bate-guampa
Das guerrilhas da fronteira.

Também sei que tu repontas ([16])
Das velhas plagas Andinas
As tradições campesinas
Entreveradas ([17]) por diante,
E como um centauro errante
Vagueias no Continente
Remexendo a cinza quente
Da nossa História distante. [...]

---

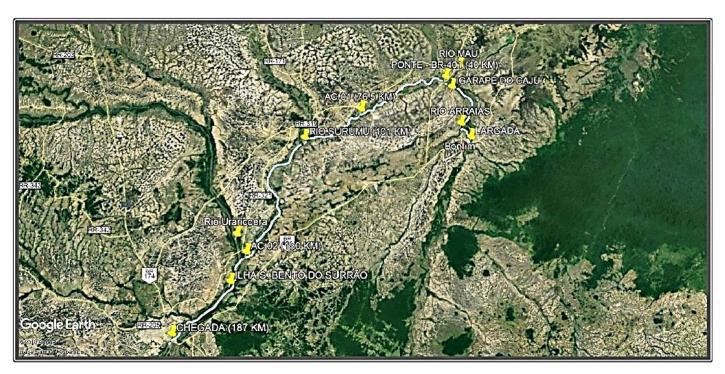
[14] Pago: lugar onde se nasceu.
[15] Guascaço ou Guasqueaço: pancada, golpe dado com guasca. Relhaço, relhada, chicotada, chibatada, correada, açoite.
[16] Repontas: tocar o gado por diante de um lugar para outro.
[17] Entreverada: misturada desordenadamente.

Mapa 01 – Bonfim a Boa Vista (01 a 03.09.2017)

Imagem 38 – Rio Tacutu (01 e 02.09.2017)

Bonfim – AC 01 (01.09.2018)

O Rio
(João Cabral de Melo Neto)

Os Rios que eu encontro vão seguindo comigo, Rios
são de água pouca, em que a água sempre está por um fio.
Cortados no verão que faz secar todos os Rios.
Rios todos com nome e que abraço como a amigos.
Uns com nome de gente, outros com nome de bicho, uns
com nome de santo, muitos só com apelido.

Acordamos por volta das 06h00, e nos dirigimos ao local de partida, felizmente o Policial Federal solicitamente abriu o portão que nos permitia acessar a margem esquerda do Rio Tacutu.

Feitos os devidos ajustes no "*Argo I*" despedi-me daquela altaneira tropa que tão gentilmente me apoiou. O dia estava claro e o Sol ainda não surgira no horizonte.

O Rio Tacutu (Itacutu para os guianenses) escorria sua torrente preguiçosa e languidamente pelos tortuosos labirintos formados pelos enormes bancos de areia.

Na Foz do Rio Arraias, avistei um pescador e cumprimentei-o e o carrancudo homem, que recolhia frustrado a sua rede, não respondeu minha saudação, imediatamente lembrei-me do livro sagrado (Lucas V, 1-7) que relata a difícil jornada de Pedro, Tiago e João que, durante toda a noite, lançaram suas redes no mar da Galileia sem alcançar o sucesso esperado.

Por volta das 08h34, avistei um bando de tuiuiús (Jabiru mycteria) onde um grande macho pavoneava-se para uma das fêmeas.

O macho com as asas abertas realizava uma elaborada dança ritualística, típica desta espécie, em torno da fêmea ao mesmo tempo que batia ruidosamente seu longo e robusto bico, a fêmea acompanhava, com certo recato, a evolução sem abrir as asas. A excitação que antecipa a cópula aumenta a irrigação sanguínea e a pele vermelha do papo do macho torna-se intensamente rubra.

Pelas 10h00, uma Pata Brava (Cairina moschata) que me espreitava sorrateiramente, de longe, por trás de um tronco de uma palmeira, de repente, ela abandonou o esconderijo dissimuladamente e desfilou pelo banco de areia ostensivamente para se mostrar e entrou rapidamente n'água passando a apresentar um comportamento bastante estranho batendo as asas, sem alçar voo, como se estivesse lesionada, aproximando-se, as vezes, do caiaque sem qualquer receio com o intuito de me levar a persegui-la, com o fito de me afastar daquele tronco seco.

Por mais de uma vez assisti a comportamentos semelhantes, nas plagas gaúchas, quando os pais (patos, marrecas) tentavam me afastar do seu ninho. Desembarquei no banco de areia de onde a mamãe pata partira, segui suas pegadas pela areia e avistei camuflado entre a vegetação o objeto de sua dissimulação um ninho com mais de 16 ovos de cor branco azulada. Confirmada minha expectativa, deixei a mamãe pata em paz e prossegui minha solitária viagem.

Às 11h10, logo depois de deixar o Igarapé do Caju à margem esquerda do Tacutu e o Rio Mau à direita passei pela ponte da BR-401 que liga Conceição do Mau à Normandia, mantendo uma média horária de 9,3 km/h nestes 40 km percorridos em 04h23.

Fiz uma única parada, de 30 minutos, às 12h00, para ingerir algum alimento e espichar as pernas. O braço doía um pouco, principalmente durante este breve repouso. Tinha muita dificuldade em levantar o abraço, mas como minha remada é baixa a dor era suportável.

Os prognósticos para esta jornada não tinham sido nada alvissareiros, as relações numéricas o braço com movimentos limitados, o fim de minha contratação como Prestador de Tarefa por Tempo Certo (PTTC) em 31.12.2018 pelo Exército Brasileiro, as dívidas com a esposa internada há 15 anos se acumulando... Acho que tudo isto abalou meu lado emocional que em consequência afetou o físico.

Às 16h30, parei e montei a Acampamento 1 (AC 01 – 03°27’49,84” N / 60°08’47,46” O) em uma bela e extensa praia, à margem direita. Carreguei as tralhas para o local onde montaria a barraca, tomei um banho morno, e na hora de montar a barraca é que senti muita dificuldade, meu braço direito realmente doía muito. Tive de arrastar o caiaque para a terra usando apenas o braço esquerdo. Tinha remado 77 KM em 09h10 (8,4 km/h). Dormi cedo.

Total 1° Dia – Ponte Tacutu / AC 01 = 77,0 km

Vento Xucro II
(Jayme Caetano Braun)

[..] Por isso, quando tu passas,
Assobiando pelas frinchas ([18])
E rebolcando ([19]) nas guinchas ([20]),
Que sem piedade guasqueias ([21]),
Me parece que tenteias,
Nesse rústico atropelo,
Juntar de novo o sinuelo
Do Rio Grande, nas peleias! ([22])

E mateando ao pé do fogo
Ao te ouvir, de manhã cedo,
O meu pensamento "alpedo" ([23])
Reponta as mágoas que cincho ([24])
Porque sente a cada guincho,
Quando choras na coxilha
Que és uma gaita andarilha
Fugida de algum bochincho! ([25])

É tão cheia de mistérios
Tua rude sinfonia,
Que na têmpera bravia
Do meu instinto bagual, ([26])
Sinto o sobrenatural
Como se nessa cadência
Andasse o Deus da querência ([27])
Chorando algum funeral! [...]

---

[18] Frinchas: frestas.
[19] Rebolcando: volteando.
[20] Guinchas: chias.
[21] Guasqueias: golpeias.
[22] Peleias: pelejas, disputas.
[23] Alpedo: vagando à toa, sem destino.
[24] Cincho: segurar um animal por um laço preso à chincha ou cincha.
[25] Bochincho: confusão, tumulto.
[26] Bagual: bravio, reprodutor, cavalo manso que se tornou selvagem.
[27] Querência: lugar onde se nasceu

AC 01 – AC 02 (02.09.2018)

O Futuro da Humanidade
(Augusto Cury)

Mais sábios que os homens são os pássaros. Enfrentam as tempestades noturnas, tombam de seus ninhos, sofrem perdas, dilaceram suas histórias. Pela manhã, têm todos os motivos para se entristecer e reclamar, mas cantam agradecendo a Deus por mais um dia. E vocês, portadores de nobre inteligência, que fazem com suas perdas?

Acordei às 05h30, a meia lua (Quarto Minguante) não cooperava com sua claridade mas o Sol que surgiria por trás da serra apenas às 06h17 já começava a clarear a abóboda celeste, de modo que usei minha lanterna de cabeça apenas dentro da barraca para arrumar as tralhas nas mochilas impermeáveis.

A passarada entoava seus cânticos em louvor ao Astro Rei que ainda visivelmente entorpecido espreguiçava seus longos raios rasgando diáfanas nuvens.

Parti às 06h10, e às 08h20 passava pela Foz do Rio Surumu, tantas vezes citado no Tomo II desta série, adentrei um pouco, na sua Foz, para melhor ouvir o rouco e poderoso concerto dos guaribas (bugios). Um bando grande sem dúvida capaz de fazer calar todos os demais cantores do lavrado.

Por volta das 10h00, um boto vermelho resolveu me acompanhar gingando graciosamente ora à proa, à boreste ou à bombordo do "*Argo I*". O gracioso cetáceo acompanhou-me por mais de meia hora fazendo-me esquecer por breves momentos da dor e das limitações de meu ombro direito.

Mais adiante uma pequena nuvem a uns 500 metros de minha proa atravessava o Rio da margem esquerda para a direita, ela chegara de fininho esparramando a chuva devagarinho. Marquei o local por onde ela passara, acostei na margem esquerda onde fui surpreendido pelo crepitar incessante das gotinhas de chuva. O curioso é que a nuvem já partira, mas as minúsculas gotículas que se acumularam nas folhas das copas das árvores uniam-se morosamente umas às outras até desprenderem-se delas lançando-se altaneiras no espaço. O coral dos guaribas no Surumu, o dançarino boto vermelho e o malabarismo das lágrimas da pequena nuvem maravilharam meu dia.

Cheguei, às 16h00, à foz do Tacutu no Rio Branco, depois de remar 75 km, durante 09h30, totalizando 152 km. Tentei me aproximar das coordenadas do Forte São Joaquim desembarcando em uma pequena ilha de seixos e quase fui tragado pelo terreno movediço. Retornei ao Rio Tacutu remando 2 km contra a corrente até uma pequena ilha de areias muito brancas onde acampei (AC 02 – 03°01'50,97" N / 60°28'27,23" O). Quando fui entrevistado pela repórter Marleide Cavalcante no programa "*Bom dia Cidade*", da TV Cultura, ela havia me contado sua trágica experiência:

BVNEWS, Boa Vista, RR
Quinta-feira, 05.02.2015

Corpo do Professor é Encontrado
As buscas Pelo Professor Rafael Oliveira Encerraram no Início da Tarde Desta Quinta-feira com um fim Trágico

Corpo do professor Rafael Oliveira é desembarcado por bombeiros na orla de Boa Vista. O corpo do professor da Universidade Federal de Roraima [UFRR] e diretor da Fundação Ajuri, Rafael Oliveira, 35 anos, foi localizado às 14 horas desta quinta-feira [05], no rio Branco, onde se afogou no início da noite de ontem quando realizava um passeio de lancha com sua namorada, a jornalista e apresentado de TV, Marleide Cavalcante.

As buscas pelo professor iniciaram ontem à noite logo após o acidente. Cerca de oito bombeiros em dois barcos realizaram buscas superficiais e em profundidade com a ajuda de um malhador ainda durante a noite e madrugada. Na manhã de hoje, mergulhadores começaram a procurar Rafael Oliveira próximo ao local onde desapareceu. De acordo com informações extraoficiais, o corpo do professor foi localizada boiando próximo à Praia Grande, município do Cantá. Ele foi resgatado e entregue ao Instituto de Medicina Legal (IML) na Orla Taumanan. (BVNEWS, 2015)

Total 2° Dia – AC 01 / AC 02 = 75,0 km

Total Parcial – Ponte Tacutu / AC 02 = 152,0 km

Canção ao Braço Firme

(Cad Eng Wallace Gomes de Morais)

Junto à Nação Brasileira,
Erguemos nossa bandeira.
Nas pontes, nas ferrovias.
Sempre com muita alegria,
Sempre com seu braço forte.
Seja de Sul ou à Norte,
Levamos com galhardia,
A força da Engenharia.
XINGU!

Engenharia, és a pioneira.
E nos combates,
Levas sempre a vitória à Nação Brasileira.
Em tuas histórias,
Em tuas lutas e glórias.
Com a força e a coragem de um tigre voraz,
XINGU!

Ante o inimigo perece jamais.
E com as armas em mãos,
No peito a vibração.
No combate ou na construção,
Tens o braço mais forte (ao braço firme).
AO BRAÇO FIRME,
Se preciso lutar.
És a ENGENHARIA,
Da Academia Militar.

AC 02 – Boa Vista (03.09.2018)

É melhor atirar-se à luta em busca de dias melhores, mesmo correndo o risco de perder tudo, do que permanecer estático, como os pobres de espírito, que não lutam, mas também não vencem, que não conhecem a dor da derrota, nem a glória de ressurgir dos escombros. Esses pobres de espírito, ao final de sua jornada na Terra não agradecem a Deus por terem vivido, mas desculpam-se perante Ele, por terem apenas passado pela vida. (Bob Marley)

Às 05h20, acordei, e às 06h00, parti. Tinha pressa de chegar em Boa Vista, o ombro continuava me incomodando muito e eu precisava examiná-lo. Tentei fazer isso antes de iniciar a navegação mas a burocracia atrasaria por demais o início de minha jornada. Aportei, às 10h00, na Cerâmica Kotinscki, logo à jusante da Ponte dos Macuxis, onde a equipe de resgate já me aguardava. Com o auxílio de alguns irmãos venezuelanos embarcamos o "*Argo I*" e as tralhas no caminhão e fomos para o 6° BEC. Tinha percorrido 187 km em três dias, um total de 22h40 de navegação, uma média de 8,2 Km/h. O resultado da ressonância magnética determinou que a missão fosse abortada, ano que vem daremos continuidade ao nosso projeto.

Total 3° Dia – AC 02 / Ponte dos Macuxis = 35,0 km

Total Geral – Ponte Tacutu / P. Macuxis = 187,0 km

O Sonho dos Sonhos

(Mucio Teixeira)

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais sinto ter passado distraído
Por tanto bem – tão mal compreendido,
Por tanto mal – tão bem recompensado!

Em vão relanço o meu olhar cansado
Pelo sombrio espaço percorrido:
Andei tanto – em tão pouco... e já perdido
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado!

E assim prossigo sempre para diante,
Vendo, o que mais procuro, mais distante,
Sem ter nada – de tudo o que já tive...

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais julgo a vida – o sonho mal sonhado
De quem nem sonha que a sonhar se vive!

Na Noite Terrivel

(Fernando Pessoa)

[...] Mas o que eu não fui, o que eu não fiz, o que nem sequer sonhei; o que só agora vejo que deveria ter feito, o que só agora claramente vejo que deveria ter sido – isso é que é morto para além de todos os Deuses, isso – e foi afinal o melhor de mim – é que nem os Deuses fazem viver [...]

Imagem 39 – Rio Branco (03.09.2017)

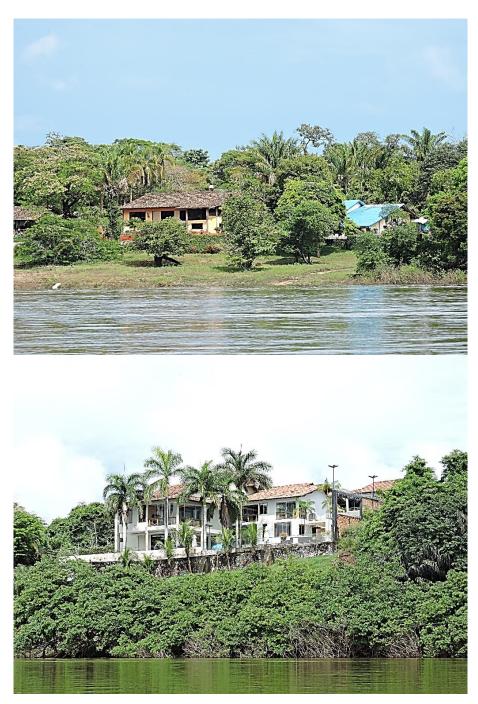



Imagem 40 – Boa vista (03.09.2017)

Os Waimiri

A abertura de novas áreas de extrativismo, em Rios habitados por indígenas, estabeleceu diversas fontes de choque inter-racial, com o correr dos tempos. Às incursões dos civilizados, respondiam os índios com as chamadas excursões, terminologia coetânea ([28]), para indicar os seus ataques. [...] (LOUREIRO)

RELATORIO

APRESENTADO Á ASSEMBLÉA LEGISLATIVA ROVINCIAL,

PELO EXCELLENTISSIMO SENHOR,

DOUTOR JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA,

DIGNISSIMO PRESIDENTE DESTA PROVINCIA.

NO DIA 8 DE JULHO DE 1856

POR OCCASIÃO DA PRIMEIRA SESSÃO ORDINARIA DA TERCEIRA LEGISLATURA DA MESMA ASSEMBLÉA

BARRA DO RIO NEGRO — 1856.

Typ. de F. J. S. Ramos.

Os relatórios oficiais, a imprensa em geral, desde meados do século XIX, se nos apresentam uma face terrivelmente sanguinária dos Waimiri que nas suas cruentas e covardes excursões atacavam indiscriminadamente homens, mulheres grávidas e mesmo crianças, mutilando-as e desmembrando-as e não raras vezes sequestrando as crianças para incorporá-las à sua tribo.

[28] Coetânea: da época.

RELATÓRIO APRESENTADO À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVIDENCIAL PELO EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA, DIGNÍSSIMO PRESIDENTE DESTA PROVÍNCIA NO DIA 8 DE JULHO DE 1856

Segurança individual e de Propriedade

[...] Regressou do Jauaperi o Major Manoel Ribeiro de Vasconcellos, à quem em março último incumbi de fazer uma entrada na Maloca dos Índios Waimiris, observando, para isso as instruções constantes do doc. N° 5. Como vereis do seu relatório, doc. N° 6, a diligência foi efetivamente até o lugar da Aldeia dos ditos índios; mas não pode infelizmente apreender um só deles, por terem-na pressentido ao avizinhar-se. Em número de cento e tantos, os Waimiris acudiram em defesa de seu lar, esperando em caminho a diligência e não recuaram aos primeiros tiros de pólvora seca, sendo mister que a diligência continuasse neste fogo até apossar-se da Maloca. Ainda assim só passados dois dias foi que eles resolveram-se com suas mulheres e filhos à internarem-se pelos matos, tendo até então conservado em sítio a diligência. No primeiro recontro ([29]) foi ferido de uma flecha um dos soldados da diligência, mas sem perigo.

O referido Major Vasconcellos, na conformidade das minhas instruções, deixou no lugar denominado – Lages –, distante 4 horas de viagem da foz do Igarapé Macucuahu, um destacamento de dez praças e um Inferior, afim de proteger o Rio contra as depredações dos Uaimiris, que, como sabeis, são ferozes, e ainda em novembro passado assassinaram a duas pessoas, que pescavam no sobredito Rio. [...]

[29] Recontro: conflito.

Instruções do Presidente da Província Dr. João Pedro Dias Vieira ao Sr. Major Ribeiro de Vasconcellos:

Documento N° 5

Cumprindo evitar as depredações que quase anualmente praticam os gentios Waimiri, amalocados nas cabeceiras do Rio Uatucurá, tributário do Jauaperi, os quais até hoje se têm mostrado inacessíveis a todo trato e comunicação com gente civilizada, tenho resolvido encarregar a Vossa Mercê de explorar as matas, onde os ditos gentios se acham e conduzi-los para fora delas.

Nesta comissão deverá Vossa Mercê observar as instruções seguintes:

1° Reunirá cinquenta praças da Guarda Nacional sob seu comando e os trabalhadores que forem mister para a tripulação das canoas em que houver de fazer a viagem, e provendo-se de víveres e outros objetos indispensáveis, subirá pelo Rio Jauaperi e irá à maloca dos ditos gentios Waimiri. Procurará por todos os meios brandos e suasórios, a seu alcance, reduzi-los a acompanharem-no para a Freguesia de Moura ou Carvoeiro, onde os aldeará provisoriamente, dando logo parte a esta presidência, para resolver definitivamente acerca dos destinos deles e outras providências concernentes ao seu aldeamento.

Só em caso de absoluta e extrema necessidade usará Vossa Mercê da força contra as agressões dos mencionados gentios, ou de quaisquer outros que porventura o acometam, atirando-lhes primeiro com pólvora seca, porque muito se aterram ([30]) com o estampido do tiro, e então é de supor que baste isso para reduzi-los à sujeição e obediência.

---

[30] Aterram: aterrorizam.

2° No regresso, escolherá Vossa Mercê um local próximo da confluência do Rio, denominado Campina, e mandará construir as acomodações precisas para permanecerem destacados um Cabo e dez Praças, sob seu comando, a fim de proteger, no futuro, a navegação contra as excursões dos referidos gentios e de outros quaisquer, que porventura estejam amalocados, dos quais não se tenha notícia.

3° Fará Vossa Mercê explorar o dito Rio Campina, mandando subir por ele até dois ou três dias de viagem, em ordem a verificar-se a existência de campos de criar nas suas margens, ou em lugares não muito arredados delas. Os 300$000 que lhe mandei entregar na Administração da Fazenda serão por Vossa Mercê aplicados à compra de farinhas e de canoas, que necessárias forem para conduzir a Bandeira ao seu destino.

Desta exploração apresentar-me-á Vossa Mercê um relatório minucioso, para o que tomará diariamente notas dos lugares onde passar, da distância destes da Foz do Jauaperi, da produção, da natureza de suas margens e de todos os acontecimentos que emergirem, dignos de serem mencionados.

Deus guarde Vossa Mercê, Palácio do Governo da Província do Amazonas, 15 de março de 1856. João Pedro Dias Vieira ao Sr. Major Ribeiro de Vasconcellos.

Conferido pelo oficial maior – Souza.

Conforme. O Secretário interino, Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães.

Documento N° 6

Il.mo Ex.mo Sr. Tendo recebido as últimas ordens de V.Exª, embarquei no vapor "*Monarcha*", da Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas, empregado na navegação da 4ª linha, e Comandado por

Antônio Joaquim de Oliveira Pinto, e a 15 de março deste ano saímos do Porto desta Cidade, e ancoramos no de Moura a 18, não se tendo dado na viagem sucesso algum extraordinário.

No mesmo vapor seguia até Santa Isabel, e daí a seu destino, o Coronel João Henrique de Mattos, encarregado por V.Exª da direção das obras de fortificação, que se mandou construir na Serra do Cucuí.

Logo que cheguei à Moura mandei avisar 50 Guardas Nacionais que me deveriam acompanhar, e comprei as farinhas e canoas que julguei necessárias para a diligência de que V. Exª houve por bem encarregar-me. Tudo prestes ([31]), parti para o Rio Jauaperi no dia 29 de abril pelas 2 horas da manhã.

Até o dia 8 de Maio, 9° de viagem não houve incidente algum.

No dia 9 saltei com a tropa na margem meridional do Rio, deixando apenas algumas praças de guarda às canoas, fui em demanda das malocas dos gentios; o guia que levei, só ao segundo dia de caminho foi que deu com a trilha deles; por ela: caminhávamos no terceiro dia, 11, quando fomos descobertos por um aborígene que andava à caça, o qual; imediatamente voltou às malocas a dar aviso aos seus; seguimos-lhe no encalço, e antes de uma hora, que o fazíamos, fomos cercados por uns cem Waimiris, que denodados ([32]) nos atacaram lançando sobre a tropa um chuveiro de flechas.

Mandei fazer-lhes fogo de pólvora seca, conforme as instruções de V.Exª, e avançando sempre ganhei as casas, onde me recolhi com as demais praças, e me conservei até o dia 13.

---

[31] Prestes: preparado, pronto.
[32] Denodados: destemidos.

Os Índios haviam cercado os nossos quarteis, e só no dia 12 foi que se retiraram para o centro, para onde tinham mudado suas famílias antes que chegássemos às suas malocas, pois que aí não encontramos uma só pessoa.

No recontro ([33]) do dia 11, tivemos um Guarda flechado no peito esquerdo; mas, felizmente, resvalando a flecha não profundou a ferida, e se acha ao presente completamente restabelecido.

As malocas consistiam em duas circulares casas, em pouca distância, com cerca de 50 palmos de diâmetro, cada uma; tendo duas portas em lados opostos, e mui estreitas; cobertas de palha de caraná, bem como cercadas da mesma palha, porém, posta por forma tal, que não deixava de apresentar a resistência de uma parede qualquer. Dentro destas casas encontrei maqueiras ([34]) de merití ([35]), arcos, flechas, machados de pedra, uns cendais ([36]) de que usam as mulheres tecidos primorosamente e feitos com coquilhos ([37]), e alguns pães de massa da mandioca, que curtidos no fumeiro ([38]), onde tomam uma forte consistência, conservam-se em estado de fazer-se uso em qualquer tempo, preservando-se assim a massa de arruinar-se.

De cada um destes objetos, menos das maqueiras, tenho a honra de apresentar a V.Exª algumas peças.

Também apresento outras formadas para diversos usos, e construídas com pregos; pedaços de tachos de cobre, de facas que pela ventura os gentios puderam apanhar nas suas sortidas.

---

[33] Recontro: combate.
[34] Maqueiras: redes de dormir.
[35] Merití: buriti.
[36] Cendais: tecidos finos.
[37] Coquilhos: cocos pequeninos.
[38] Fumeiro: local onde se defuma carne ou outros alimentos.

Estes índios, chamados Waimiris, são bem feitos de corpo, de estatura pouco maior que a ordinária; cor de mamelucos; cabelos pretos, e um tanto crespos, imberbes, olhos pequenos e mui brilhantes; usam de tangas feitas de algodão como a dos africanos.

Apresentaram-se corajosos, não se pondo na defensiva, mas atacando; seus movimentos são rápidos, e parecem dotados de muita discrição. Com estas qualidades ao menos, senão pelos princípios de humanidade, julgo estes homens, até agora abandonados à sua sorte, vivendo, na primitiva, bem dignos das atenções de um Governo que deseja levar o seu País à prosperidade, e fazer a ventura dos brasileiros.

Bem verdade é que tem estes gentios, por vezes, cometido assassinatos, em alguns infelizes, que, imprevidentes, vão saltar nas terras de que se eles presumem verdadeiros proprietários, mas nem por isso devemos nós desprezá-los, antes procurar pelos meios a nosso alcance chama-los à civilização, e aproveitar seus braços nos trabalhos agrícolas, para cujos, são as terras do Jauaperi, e seus afluentes as mais próprias.

No dia 13, retirei-me com a tropa, e tomando as canoas, fui, segundo as ordens de V.Exª, explorar o chamado Rio Campina, aonde cheguei a 15, e o. explorei nos dias 16 e 17. Não é mais que um riacho, que se perde no mato a dois dias de viagem; e que tem as suas margens paludosas e cobertas do arbusto de nome Araçarana ([39]).

Não me parecendo o terreno contiguo à foz deste Riacho, o mais próprio para colocar o destacamento, desci, e em uma ponta da margem direita do Jauaperi, pouco acima do Rio Macucuahu, com grandes lajes no

[39] Araçarana (Eugenia patrisii Vahl): comida-de-jabuti.

porto, mandei levantar o Quartel para o destacamento, o qual deixei pronto, faltando-lhe unicamente portas; e foi construído com esteios de Acari, e coberto de palha de Ubim.

Se V. Exª servir-se de mandar as precisas ferragens, e alguma ferramenta indispensável, os mesmos guardas ali destacados poderão aprontar e sentar as portas necessárias.

Enquanto se construía o Quartel, subi três dias o Rio Macucuahu, reconheci ser assaz piscoso; as suas margens são de terras chamadas pretas, as melhores que se conhecem para toda a sorte de lavoura, e nelas se descobriu um muito extenso cacoal, muita itaúba, andiroba, e outras madeiras de construção e marcenaria.

Concluído o Quartel, regressei em 11 do mês passado, deixando ali um destacamento de dez guardas e um Cabo. Ficaram armados, e municiados com 30 cartuxos embalados cada praça, e com seis alqueires de farinha, que podem equivaler a rações para 18 dias; e deixei-lhes para o serviço do destacamento, uma pequena igarité ([40]) e uma montaria ([41]).

Da conta, que junta tenho a honra de apresentar ficará V. Exª ciente em que foram empregados os 300$000 réis, que V. Exª mandou-me entregar para compra de farinha, e canoas, e rogo a V. Exª se queira servir de mandar arrecadar duas igarités, o armamento, e parte das ferramentas que serviram na expedição, e que restam.

Concluindo este imperfeito trabalho, devo rogar a V. Exª, queira dignar-se de relevar as faltas que nele apareçam; bem como se não dei satisfatório

[40] Igarité: Canoa de um só tronco.
[41] Montaria: canoa ligeira.

cumprimento às ordens de V. Exª na comissão de que serviu-se encarregar-me, a que as circunstâncias que ocorreram dariam causa, mas não a falta de minha vontade e dedicação pelo serviço público.

Deus Guarde a V. Exª – Cidade da Barra do Rio Negro 10 de julho de 1856 – Ilm° Exm° Sr. Doutor João Pedro Dias Vieira, Presidente desta Província. – Manoel Ribeiro de Vasconcellos, Major.

Conferida. Pelo Oficial Maior – O Oficial Agostinho Rodrigues de Sousa.

Conforme. O Secretário interino, Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães.

Diário de Pernambuco, n° 128 – Recife, PE
Segunda-feira 06.06.1865

Segurança Individual e de Propriedade

Sinto ter de registrar novos casos de atrocidade praticados pelos selvagens do Rio Jauapery, afluente do Rio Negro, contra pacíficos habitantes do Lago Curiuau.

No mês de fevereiro, um indivíduo que, arrastrado ([42]) pelo prazer da caça, se internara no mato, foi assaltado por uma grande horda de índios Waimirys, que o acabaram à flechadas, deixando estendido em um jirau o cadáver dissecado, e carregando com os ossos do infeliz, para sem dúvida os converterem, como costumam, em gaitas e ponteiras de flechas.

[42] Arrastrado: impelido.

Mais tarde, dois rapazes ali moradores, cometendo igual imprudência, foram acometidos pelo mesmo gentio, vindo a perecer o mais moço, e escapando milagrosamente o irmão, apesar de flechado em cinco partes do corpo. O destacamento de 15 praças e um oficial que eu tinha feito seguir no Pirajá para proteger aqueles habitantes, apenas recebera notícia do primeiro fato, não pode infelizmente evitar a sua reprodução, impossível aliás de prevenir no interior das terras e dos Rios desabitados, onde os selvagens costumam surpreender algum caçador ou pescador desgarrado, vítima quase sempre de sua imprudência. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, N° 128)

Diário de Pernambuco, n° 03 – Recife, PE
Sexta-feira, 04.01.1867

O destacamento de Curiuau que foi mandado recolher e chegou a esta cidade, terça-feira, e foi na véspera de sua partida daquele ponto cercado e atacado por uma horda de selvagens do Rio Jauapery. Inúmeras flechas foram arrojadas sobre as poucas praças que ali se achavam, mas, em geral o selvagem que não tem contato algum com o homem civilizado, teme e foge ao estampido do tiro de espingarda, e o destacamento fazendo algumas descargas, conseguiu arrefecer o ímpeto dos assaltantes e ganhar tempo para salvar-se.

Também o destacamento da freguesia de Moura que chegou a esta cidade ultimamente, refere, que andando uma marinha de três praças, do lado oposto do Rio, por causa ao receio de acometimento dos índios bravios que infestam aquelas margens, foi no dia 29 de novembro último disparada sobre ela grande número de flechas que felizmente não alcançaram a pessoa alguma.

Pensa o encarregado deste destacamento terem os gentios combinado previamente um plano simultâneo de ataque em Curiuau e Moura, malogrando-se este plano quanto a este último ponto, pelo encontro com a marinha, que depois foi informada já ter pouco antes do seu acometimento, passado na direção de Moura, uma canoa carregada de gentes a qual seguramente volveu por falta de outros auxiliares com que contava. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, N° 03)

Amasonas, n° 34 – Manaus, AM
Quarta-feira, 06.02.1867

Governo da Província
Expediente do Mês de Dezembro de 1866
Administração do Exm° Sr. Dr. Antonio Epaminondas de Mello

OFÍCIOS
Dia 22

Em resposta ao seu ofício n° 589 de 26 de novembro passado, tenho a dizer-lhe que em relação ao suposto ataque de índios brasileiros nos lugares de Moura, Airão e Curiuau, as providências a dar são recomendar às autoridades policiais que empreguem todos os meios indiretos e brandos afim de moderar-lhes o furor e ferocidade, e que estando extinta a missão do Rio Jauapery, cessou o motivo para o destacamento que ali havia; que declarando o subdelegado que tem doze armas, mas não tem pessoal que as maneje, é evidente que não há pelo menos uma povoação para defender-se, que no caso que os índios voltem o subdelegado tem nas leis o recurso para repeli-los, já requisitando força da Guarda Nacional, já reunindo os cidadãos que puder aliciar, sendo que em tais casos o serviço é gratuito. (AMASONAS, N° 34)

Amasonas, n° 46 – Manaus, AM
Quarta-feira, 17.04.1867

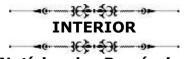
Segurança Individual e de Propriedade

A 11 de fevereiro, do corrente ano [1866], os índios Waimirys acometeram com flechas envenenadas os moradores do Lago – Curiuau –, resultando desse ato a morte de um filho de João Galvão, e ferimentos graves de outro.

A 12 de março, deste mesmo ano, os índios do Rio Jauapery assaltaram uma diligência que expedira o missionário Frei Samuel Luciani de Sayona.

A 18 de março, os mesmos índios, antropófagos, assassinaram a flechadas a João Sebastião do Castro e Eduardo Pereira dos Reis, que andavam à pesca no Rio Jauapery. (AMASONAS, N° 46)

Diário de São Paulo, n° 821 – São Paulo, SP
Sexta-feira, 15.05.1868

INTERIOR

Notícias das Províncias

Lê-se no Amazonas:

"Por um expresso particular, vindo de Tauapessassu, teve o Dr. Chefe de Polícia conhecimento de terem os índios bravios do Rio Jauapery, perpetrado 13 mortes em um assalto que deram, armados de flechas envenenadas.

Averiguando o mesmo, o Sr. Dr. Chefe de Polícia, esse fato e interrogando as pessoas dali vindas, verificou ser verdadeiro este triste acontecimento, tendo sido vítima da selvageria desses índios a família do agricultor Manoel João, em número de 12 pessoas, inclusive mulheres e crianças, e mais um outro indivíduo". (DIÁRIO DE SÃO PAULO, N° 821)

Diário de São Paulo, n° 1.863 – São Paulo, SP
Quarta-feira, 27.12.1871

INTERIOR

Notícias das Províncias do Norte

Tinham-se recebido em Manaus notícias desagradáveis do Rio Negro; o Amazonas narra-as do seguinte modo:

"Os Waimiris, selvagens bravios do Rio Jauapery, desceram às praias e dominam a margem esquerda do Rio Negro, desde o quarteirão de Anavilhanas até a embocadura do Rio Branco. A população, sobressaltada, procurou asilar-se na margem direita, nos distritos de Airão e de Moura, onde não é provável que os selvagens vão, porque não são navegadores, e nem as ubás, de que usam, se prestam às grandes travessias.Apenas servem para se transportarem para as ilhas pelo lado mais estreito, e nessas ilhas passam o verão por causa da abundância de ovos de tartarugas e peixe que há na seca do Rio. O Tenente Souza Lobato, que segue para o Rio Branco, acha-se parado em Moura e receoso de prosseguir em sua viagem. De bordo do vapor, distinguiu-se perfeitamente na praia da ilha do Jacaré um magote de gentios, a mui curta distância, tanto que houve quem contasse até ao número do 14 seres.

Todos os anos, os Waimiris fazem suas correrias, e o mais é que, tão próximo da capital, ainda se não pode extinguir essa horda de selvagens, cuja índole perversa e sanguinária tão tristes resultados tem dado. Há bem pouco tempo, deram eles cabo de uma família de 14 pessoas, escapando apenas uma, que pode fugir em uma pequena montaria. O ano passado, atacaram a embarcação do venezuelano André Level, ferindo e matando-lhe algumas pessoas de equipagem, além do roubo e prejuízo que sofreu em suas mercadorias”. (DIÁRIO DE SÃO PAULO, N° 1.863)

RELATORIO

APRESENTADO

Ao Exm. Sr. Dr. Presidente da Provincia

Domingos Monteiro Peixoto.

PELO

CHEFE DE POLICIA INTERINO

Felippe Honorato da Cunha Meninéa.

Manáos

Impresso na Typographia do —Commercio do Amazonas—

1874

FALLA

DIRIGIDA Á ASSEMBLÉA PROVINCIAL DO AMASONAS

NA

Primeira Sessão da 12.ª Legislatura.

EM 25 DE MARÇO DE 1874

MANÁOS

1874

FALLA DIRIGIDA À ASSEMBLEIA PROVINCIAL DO AMASONAS NA PRIMEIRA SESSÃO DA 12ª LEGISLATURA EM 25 DE MARÇO DE 1874

PELO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA BACHAREL DOMINGOS MONTEIRO PEIXOTO

Excursão de Índios (1873)

[...] Em 30 de Dezembro, pela manhã, reapareceram nas imediações da freguesia de Moura, os índios selvagens Waimirys, os quais atacaram uma canoa, na, qual iam 3 mulheres e um menino, que se recolhiam ao seu sítio, depois de assistirem a Festa de Natal, na freguesia. Ignorar-se-ia este triste acontecimento, se não fosse um soldado do destacamento da mesma freguesia, que por ali passando, viu o ataque e o mesmo foi acometido mas pode escapar para vir dar parte ao seu comandante o Tenente Antonio d'Oliveira Horta, o qual com a atividade que lhe é própria, característica da disciplina militar que recebeu na campanha do Paraguai, dirigiu-se ao lugar indicado e viu a horrível realidade.

No mato antes de chegar ao teatro de tantas ferocidades encontrou um menino de 12 anos transpassado por nove flechas, único que pode salvar-se por haver-lhe acertado uma delas no olho esquerdo e com tal força que o atirou n’água; mergulhou e assim pode salvar-se e escapar dos maus instintos dos canibais. Quando o digno comandante orientado pelas informações do menor foi ao lugar indicado deparou-se com os corpos das três mulheres em terra e em completa nudez! As duas mais moças já estavam sem as cabeças e as pernas esquerdas, a mais velha somente estava atravessada por grande número de flechas.

Nesse mesmo lugar o dito Tenente formou a força que o acompanhava e percorreu toda a mata, não encontrando os malvados. Retrocedeu, embarcou os corpos e logo que chegou a freguesia deu-lhes sepultura. Embarcou, de novo, e logo foi, em direção da praia denominada Capitão, pouco abaixo da mesma freguesia, donde estavam os ditos índios atravessando para o lado oposto. Navegou toda a costa do Rio Jauapery, porém debalde tudo. A sagacidade perversa dos índios logrou evitar o encontro com a Força. O menor está vivo, porém ainda doente. RELATÓRIO, 1874)

Diário de São Paulo, n° 3.608 – São Paulo, SP
Sábado, 29.12.1877

INTERIOR
Províncias do Norte do Amazonas

O Presidente da Província, que partira para o Rio Negro, a bordo de um vapor, não pode passar além do Carvoeiro, por falta de água. [...] A presidência da província resolvera mandar aumentar o destacamento da freguesia de Moura com 19 praças da Guarda Nacional, pela conveniência de repelir as agressões dos índios Jauaperys, que têm tentado atravessar o Rio Negro para invadir a referida freguesia, como já tem sucedido em anos anteriores, e pela falta absoluta de soldados do 3° Batalhão de Artilharia. (DIÁRIO DE SÃO PAULO, - N° 3.608)

Diário do Maranhão, n° 1.605 – Piauí, MA
Sexta-feira, 13.12.1878

Correria de Índios Jauaperys

Pelo vapor que ancorou vindo do Rio Negro, diz o "*Commércio do Amazonas*" de 28 de novembro findo:

"Fomos informados de que os Índios Jauaperys, tentaram atacar de novo a Vila de Moura, aparecendo em uma praia onde se achavam parte dos habitantes da Vila ocupados com o fabrico da manteiga de ovos de tartaruga. Surpreendidos mandaram à Vila um expresso avisar as autoridades do ocorrido. Seguiu incontinente para o lugar mencionado a lancha da Flotilha de Guerra que se acha ali estacionada e cuja presença pôs os Índios em debandada". (DIÁRIO DE SÃO PAULO, N° 3.608)

RELATORIO

PRESIDENTE DA PROVINCIA DO AMAZONAS.

MANÁOS

1880

Relatório do Presidente da Província do Amazonas Tenente Coronel José Clarindo de Queiroz de 14 de janeiro de 1880

Correrias de Índios

Além das agressões mencionadas na Exposição com que recebi a administração da Província, mais dois casos tiveram lugar posteriormente no Rio Jauapery e no Purus.

Tendo esta Presidência mandado fornecer, como está estabelecido, alguns brindes para serem distribuídos aos índios da tribo "*Waimiry*" do Rio Jauapery, o subdelegado do Distrito de Moura encarregou desta distribuição alguns moradores daquela Vila, aos quais, logo que chegaram ao lugar denominado Curé, apresentaram-se os índios mostrando-se satisfeitos com os brindes.

Dois dos índios em sinal de paz desceram à praia trazendo consigo apenas umas flechas; e aproximando-se dos portadores de brindes, que para eles também caminhavam, pararam à pouca distância uns dos outros, e os índios conservaram-se aparentemente em boa camaradagem por espaço de 3 horas, no fim do qual apareceu na orla da mata um terceiro índio, que dando o sinal de alarma reuniu-se aos dois primeiros, e arremessando flechas sobre os dois distribuidores de brindes, que se lhes tinham aproximado, um deles foi ferido, e morreu momentos depois, sendo o seu cadáver conduzido pelos companheiros para Vila de Moura onde foi dado à sepultura. (RELATÓRIO, 1880)

Amazonas, n° 385 – Manaus, AM

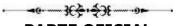
Domingo, 08.02.1880

PARTE OFICIAL

Ao Dr. Chefe de Polícia.

Tendo em vista a comunicação, que em ofício de ontem, sob n° 23, me dirigiu V. S.ª dos ferimentos feitos pelos índios do Rio Jauapery no lugar Cureru do Distrito de Moura em Manoel José Gonçalves, um menor deste e Honório Nunes Pacheco e do receio em que se acha a população daquela Vila de ser esta atacada pelos mesmos índios.

Mandei, de acordo com a sua requisição, aprontar vinte armamentos e um cunhete de cartuchos embalados a fim de serem remetidos para o destacamento do lugar na lancha que deverá seguir para ali amanhã pela madrugada: o que declaro à V. S.ª em resposta ao seu referido ofício. (AMAZONAS, N° 385)

Amazonas, n° 407 – Manaus, AM
Sexta-feira, 02.04.1880

PARTE OFICIAL

Correrias de Índios

À 17 de novembro do ano próximo passado [1879] os índios selvagens do Rio Jauapery apareceram na praia do Curé-curé e atacaram os cidadãos Manoel José Gonçalves, Wenceslão Rodrigues da Veiga, Justino José Pereira e Antônio José de Aguiar, resultando a morte deste último, conseguindo os demais escaparem incólumes. (AMAZONAS, N° 407)

Amazonas, n° 522 – Manaus, AM
Sexta-feira, 21.01.1881

PARTE OFICIAL

Correrias de Índios

A Vila de Moura acaba de ser mais uma vez assaltada pelos índios Waimirys, do Rio Jauapery. O assalto teve lugar de dia, às 11 horas da manhã de 6 do corrente, mas os assaltantes foram repelidos pela Força Pública ali destacada, sendo esta eficazmente auxiliada pela lancha da Flotilha, que cruza em frente da foz do Jauapery a fim de evitar que os selvagens possam atravessar para a margem direita do Rio Negro.

Na ocasião em que retiravam-se repelidos pela força pública e pelos moradores foi morto Felipe Antônio Videira por 25 flechadas e ferido Manuel Marques por uma flecha que lhe atravessou as costelas do lado direito.

Consta de uma carta à que se refere o "*Jornal do Amazonas*" de ontem que os selvagens destruíram o sítio de Leonardo Antônio da Veiga; ignorando-se o que poderão ter feito a outros sítios, cujos donos se achavam na Vila e não se animavam a ir vê-los. (AMAZONAS, N° 522)

A Folha Nova n° 423 - Rio, RJ
Segunda-feira, 21.01.1884

O Alto Amazonas"
Notas d'um Viajante

Já, em agosto, escrevi-lhe, de Manaus, dando uma noticiazinha daquela florescente cidade, tão desenvolvida sob a direção do atual Presidente, incansável em procurar embelezá-la.

Agora escrevo-lhe de Moura, antiga "*Itarendana*", pobre lugarejo situado ou perdido na margem direita do Rio Negro e muito semelhante a uma fazenda ou feitoria pobre e quase abandonada. Dentre este monte de ruínas, ocultas pelo matagal e situadas em ângulo reto, cujo vértice é ocupado pela igreja, surgem aqui e ali algumas quatro ou cinco palhoças habitáveis e habitadas, o quartel para o destacamento e duas casas cobertas de telhas.

Numa, cujas paredes esburacadas deixam o vento sibilar-lhe nas fendas, funcionam as escolas públicas desta freguesia. Aí uns quinze rapazes e umas seis raparigas recitam sonolentamente as sábias lições do pedagogo, e lembram-se de suas famílias ausentes.

Na outra casa mora o Juiz de Paz, que é o chefe de tudo, ou como se diz o Tuchaua da Maloca.

A igreja, que disto nada tem a aparência, pois até lhe falta o braço horizontal da cruz que a encima, é de mesquinho e sujo aspecto, concorrendo para isso o abandono por parte dos homens e o cuidado que nela a tomam os morcegos, seus habitadores em grande número. Como o antigo nome indica, isto é, uma pedreira, e só parece que uma grande convulsão do terreno fez com que estas pedras colossais tomassem as bizarras posições que ocupam.

Nestas pedras e nas da margem do Rio, principalmente, encontram-se lindos e caprichosos arabescos ([43]) e desenhos abertos, talvez em épocas muito afastadas, pois alguns já se estão apagando, por algum povo habitante destas plagas.

É completamente impossível saber para que e com que fim. Há quem afirme que são inscrições, enquanto outros negam. Deixem, porém, isto e o futuro talvez nos diga o que é e assim possam sair do campo da hipótese.

É aqui, em Moura, que há 10 anos estaciona, durante os meses de setembro a março, época da baixa do Rio, uma lancha da Flotilha do Amazonas, vindo ao mesmo tempo um destacamento do Exército para o quartel, tudo isto, dizem, para defender a Vila dos ataques dos índios; ao menos é esta a razão que se dá ao governo ostensivamente, embora seja uma proteção escandalosa que os presidentes da Província têm dado ao comércio contra a vítima, é, no meu entender, um atentado contra a Constituição que protege os brasileiros das outras Províncias.

Antes de prosseguir, permita-me dar uma pequena notícia, pois bem pouco se sabe sobre os Waimirys que são os índios temidos pelos de Moura.

[43] Caprichosos arabescos: pinturas rupestres.

Conservam-se estes índios ainda no estado primitivo, falam um idioma que nenhuma outra tribo compreende, parecem ter ciúme de revelar a sua língua temendo verem-se escravizados pelos brancos que a apreendessem. Andam completamente nus, alimentam-se mais da pesca do que da caça, porque sendo muitos flecheiros, eles não podem matá-la. Usam de arcos muito grandes e fortes, atirando as flechas com a corda bamba, o que produz um estalido todas as vezes que um Waimiry despede uma flecha.

Talvez seja esta a causa de serem sempre incertas as suas flechadas. São covardes e só atacam pelas costas e em grande número, fazendo grande algazarra atirando um grande número de flechas, das quais é raro uma acertar. Os habitantes de Moura vão provocá-los pra trazerem flechas das quais se servem nos seus arcos para matarem o peixe, seu principal alimento; isto porque as flechas são muito perfeitas e fortes.

Historiamos agora a causa do ódio, que há entre eles e os de Moura, e que tem custado tanto dinheiro ao governo, e que continuará enquanto o bom senso não presidir por cá. Em tempos passados – há uns 40 anos quando Moura florescia pelas suas fazendas e lavouras abastecendo todo o Rio Negro, viviam os Waimirys acima dos lagos e da foz do Rio Jauapery em continua luta com tribos vizinhas. Neste tempo nos lagos havia muitas feitorias de pesca e em suas numerosas ilhas muitas fazendas e sítios de europeus, na maior parte portugueses. Estes necessitando de pessoal formavam "*putiruns*" ([44]) e internavam-se pelo mato para trazerem os índios escravos; deste modo foram matando a tiro e a chicote as tribos que lutavam com os Waimirys, ou afugentando-as para longe. Em poucos anos, restavam apenas as numerosas tribos dos Waimirys para fornecerem escravos aos brancos.

---

[44] Putiruns: bandeiras.

A luta travou-se entre o escravocrata e o índio, que preferia a morte à escravidão. Presidia a Província o atual Senador Luiz Antônio, quando de Moura saiu uma força de 50 homens, comandada por um oficial da guarda nacional, e depois de alguma demora em "*Tanaquéra*" subiu o Jauapery e chegou às duas malocas dos Waimirys.

Os índios embora numerosos, fugiram ante a detonação das armas e foram buscar reforço, abandonando as malocas, que foram logo incendiadas e saqueadas pelos brancos, que não pouparam sequer um pobre velho, que mataram em uma das malocas depois incendiadas.

Os "*valentes*" guardas nacionais, porém, depois desta façanha, retiraram-se no que foram prudentes, porque apenas as canoas largaram, viam-se para mais de 5.000 índios que se haviam reunido e corriam a expulsar os brancos escravocratas. Até esta data nunca se havia visto um Waimiry dentro de canoa ou sobre as águas ao Rio e parece que foi a vista das canoas dos brancos que lhes sugeriu a ideia de descerem Rio abaixo até aos lagos.

Em toscas ubás eles aproveitaram-se da seca do ano seguinte e vieram pescar nos fartos lagos da foz do Jauapery. Aí eles encontrando os brancos começaram a tomar vingança do incêndio de suas malocas e desde então a luta tem sido sem trégua ou descanso de parte a parte.

Os lagos do Jauapery foram ficando ermos, e em breve não se via ali mais do que ruínas e silêncio. Ainda hoje se veem estas ruínas, como atestando os horrores que presenciaram. Dos lagos eles saíram para o Rio Negro e passaram-se para a margem direita. Era ali que estava a maloca dos brancos, era ali que eles iam levar o sangue e a morte. Era a vingança quem os guiava.

No dia 13 de janeiro de 1873, atacaram o lugarejo sem matarem ou ferirem uma única pessoa além de uma criança que ficara na casa de um peneiro ([45]), porque todos se haviam refugiado em uma pequena ilha a Oeste de Moura que desde então foi chamada Ilha da Salvação.

Nesta ocasião notou-se que eles não empurraram porta ou janela fechada, que não pularam uma cerca, e levaram tudo que era objetos de ferro. Retiraram-se e parece que algumas ubás foram a pique na travessia, porque encontraram-se 50 e tantos afogados em um, ponto abaixo da freguesia, ficando assim provado que nenhum deles sabia nadar.

Depois que os Waimirys já estavam longe chegou uma Força ao mando do Coronel Barros Falcão e restaurou a Vila. Foi deste ano em diante que começou a estacionar ali uma lancha da Flotilha.

No ano seguinte os Waimirys tornaram a aparecer em Moura o foi tal o pavor que os "*valentes*" perderam a cabeça, – ninguém achava uma arma, inclusive o comandante do destacamento, que, fechado em casa, pedia a espada que lhe pendia da cinta. Um velho e um menino foram os primeiros que atiraram sobre os índios, que logo fugiram e tudo deixaram.

Reunida uma Força de 100 ou 150 homens, marchou-se em três colunas atrás dos selvagens, que foram encontrados 8 milhas Rio abaixo.

Aí morreram para mais de 200 índios, nem tendo tempo de darem uma flechada, os poucos que escaparam foram fuzilados no dia seguinte, quando se escondiam nos galhos das altas árvores de onde caíam como macacos.

---

[45] O trabalho de peneirar a farinha era normalmente executado pelas crianças, que o consideravam como uma diversão.

Nem um só sobreviveu ao combate para levar à maloca a notícia da derrota. Foi tal a lição que eles nunca mais se se aproximaram da Vila, senão em 1880, quando foram vistos à Oeste e logo fugiram apenas esbarraram nas primeiras casas.

Os Waimirys não poupam aos moradores de Moura que também não lhes dão quartel é, porém, só com os de Moura que o índio implica, pois, eles se encontram com os de Airão e de outros lugares sem os hostilizar e cada um segue o seu caminho.

O direito de pescar nos lagos do Jauapery é contestado de parte a parte a tiros de carabina e de flecha.

No mês de junho, de cada ano vêm de Moura um abaixo assinado dos pseudos-moradores que pedem proteção ao governo e acompanhando esta lamúria vem uma lista necrológica das mortes feitas pelos Waimirys; consta-me que são quarenta e tantos os mártires que à data de S. Sebastião são encontrados mortos, porém sabendo o governo que é com as flechas dos Waimirys que pescam os caboclos de Moura, não deveria indagar que arco atiraria as flechas, muito mais acrescendo a circunstância dos de Moura serem mais destros do que os selvagens?

Moura só tem por habitantes o Juiz de Paz, dois negociantes, o professor e mais ninguém. O de Paz pede Força, os negociantes lucram porque vendem ao soldado gêneros por um preço fabuloso e têm nas lanchinhas prontos reboques para as suas canoas, e é esta a razão porque ainda continua tal escândalo.

A atitude do governo dando proteção à gente de Moura, que anualmente assassinam centenas de Waimirys não é vergonhoso? Acaso é lícito gastar-se tanto dinheiro com um lugarejo sem habitantes?

Por quê deixa o governo perseguir e matar auxiliando os assassinos, em vez de retirar as quatro ou cinco famílias que formam a Vila de Moura, deixando o selvagem tomar conta da margem direita o que os fará chegarem-se à civilização?

No nosso entender parece que o governo antes deveria punir as autoridades que em nome dele escravizam os pobres selvagens e os matam como cães. Que crime cometeram os Waimirys? Mataram alguns assassinos; mas acaso o governo sabe o número de Waimirys mortos impunemente? Acaso não são os caboclos tão brasileiros como o filho do europeu?

Na minha opinião os Waimirys são os verdadeiros brasileiros, porque preferem morrer livres na terra onde nasceram a curvar a cerviz ante o brasileiro importado ou do contrabando, se as leis destes não os protege, eles tem as suas florestas para caça e os seus arcos para direito. O fato da escravidão do caboclo no Amazonas é o mais escandaloso e repugnante que se pode imaginar.

O senhor, que está ai na Corte, onde ainda vibram as palavras de Joaquim Nabuco, onde se ouviu Paranhos e o grande Euzébio de Queiroz, não crê, porque eu só creio, porque vejo, na mais desumana das escravidões – a do Amazonas – tanto mais escandalosa porque é patrocinada pelas autoridades.

Hoje que por todo o Brasil se quer liberdade do escravo, seria a mais gigantesca e sublime das obras a que tivesse por fim libertar estes míseros brasileiros, que, nascidos livres, morrem sob o chicote do branco que o escraviza, o qual só se utiliza dos seus serviços e o abandona apenas adoece, morrendo estes desgraçados à falta de tudo. E nós somos um país livre?

E não temos uma Constituição? Moura, AM, 02 de dezembro de 1883. A. B. (A FOLHA NOVA N° 423)

Imagem 41 – Dr. João Barbosa Rodrigues

A Folha Nova n° 534 - Rio, RJ
Segunda-feira, 11.04.1884

Os Índios Waimirys

Enfim o Governo Provincial tomou algumas medidas e conseguiu domar os valentes Waimirys, tribo selvagem de um dos afluentes do Rio Negro – o Jauapery – que há 40 e tantos anos tem sido o terror dos moradores de todas as cercanias do Jauapery.

Parece-nos que o Dr. Theodureto ([46]) "*saltou com o pé direito*", como diziam as velhas.

---

[46] Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto: Presidente do Amazonas, no curto período de 11.03.1884 a 12.07.1884, foi exonerado por ter abolido a escravidão na Província. O Jornal "*O Economista, n° 908*", editado em Lisboa, Portugal, de 04.09.1884, publicou:

"Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1881 [...] Mas antes de falar desse fato, vou dar-lhe aqui uma parte da representação dirigida, por centenas de pessoas das mais gradas daquela Província, ao Imperador. Há ali trechos dignos de registro. Diz assim:

Senhor. – Os cidadãos abaixo assinados, [...]

Em uma Província nova, a maior do Império, a mais rica de elementos naturais de prosperidades, os quais permanecem ainda em estado de repouso e de inércia, só um talento, uma ilustração, uma laboriosidade, um patriotismo como o desse eminente cidadão, podem agitar pacificamente todas as grandes forças, que o progresso e a civilização exigem que se desenvolvam para o engrandecimento moral de uma sociedade!

O grande, o assombroso sucesso da abolição do elemento servil, realizado em três meses, sem abalo da fortuna particular, nem da pública, sem ofensa nem perturbação do direito, tendo o Presidente encaminhado sabiamente o movimento, ao mesmo tempo que suscitava, mantinha e alentava com a influição legítima de seu espírito superior, com a intuição das aspirações sociais, com o sentimento vivo e calmo da liberdade, abraçado com a lei, fazendo-se o intérprete das crenças, inspirações e tendências elevadas da sociedade amazonense, é um fenômeno histórico e moral, que assina-la a vida de um homem e de um povo, como pontos culminantes na vida geral, e circula de auréola imortal a fronte do administrador que foi parte máxima nesse evento imenso.

Eis, senhor, o que fez esse ilustre brasileiro, honra de sua Pátria!

Se o fato da emancipação fosse considerado um crime em qualquer de suas fases e peripécias, desde o início até o fim: se isso fosse um delito, e para afirmá-lo preciso seria aberrar de todos os princípios humanos e cristãos e patrióticos; se tal delito existisse, a Província inteira era, como disse, um distinto representante da imprensa do Pará, corré do Presidente.

Não; isso não e crível, nem é aceitável; seria uma injúria à consciência do Amazonas, além de sê-lo à do gênero humano! [...]

Na questão da Abolição da Escravatura é lícito aos interessados do Sul opor os mais sólidos diques à onda redentora; mas não podem impor à vontade do povo da Amazônia, patenteada de um modo brilhante na redenção da Província em menos de três meses! [...]

Mais ou menos já lhe dei uma notícia sobre estes índios e ela aí foi publicada, hoje que é mais completa, vem corroborar alguns tópicos da passada. De há muito o Dr. Barbosa Rodrigues trabalha com o governo para encarregá-lo da catequese dos Waimirys, os amigos, porém, do "*Tuchaua de Moura*" e todos os que esperam escravizá-los se tem oposto a que um homem como o Dr. Barbosa tenha influência sobre os índios, pois em lugar de embrutecê-los com a cachaça e de infama-los há de incutir-lhes o amor e respeito a si mesmos.

As teorias do Dr. Barbosa são conhecidas, e por cá ninguém lhe perdoa o atrevimento com que ele foi ao Imperador mostrar-lhe que no Amazonas escravizavam homens índios. Chegou o Dr. Theodureto, e, apesar de todos se oporem ao pedido do Dr. Barbosa Rodrigues, o mandou na Comissão.

No dia 29 de março último, saiu de Manaus a bordo da lancha n° 2, da Flotilha, o Dr. Barbosa, levando a lancha mais dez praças do 3° de Artilharia, comandada pelo Alferes Ferreira e o comandante da lanchinha era o Tenente Bessa. Devido ao mau estado da máquina, ela só chegou a Moura na tarde do dia 1° de abril, e ali fundeou onde imediatamente o Dr. Barbosa saltou e foi em procura do Tuchaua de quem o Presidente esperava que o Dr. Barbosa receberia auxílios.

Tudo faltou ao Doutor neste lugar e apenas se lhe deu duas canoas estragadas e quase abandonadas pelo seu mau estado; assim mesmo a Expedição seguiu, dividindo-se a gente para remar e botar água fora. Sem pessoal para remar os soldados foram os remadores. O "*Tuchaua*", vendo que a pertinácia do Doutor a tudo vencia; tentou seduzir o intérprete induzindo-o a pedir dinheiro; ainda esta dificuldade foi removida, pois o Doutor deu do seu bolso 200$000 que o intérprete queria.

Antes de prosseguir devo dizer que o verdadeiro intérprete é um índio do Rio Branco, chamado Pedro, que só fala o Uapixana e o Procotó; este índio é criado de um criador, do mesmo Rio Branco chamado Zeferino Castro, e foi com o senhor do índio que o Doutor se entendeu, sendo ele o primeiro a quem tentaram seduzir e depois ao próprio Pedro.

Qualquer dos dois fazia falta, porque se fala português ao Zeferino e ele fala em Uapixana ao seu índio a fim de que ele fale aos Waimirys em Procotó que é a língua que falam. Saiu, pois, a Expedição acompanhada de algumas canoas dos caboclos dos lugarejos, próximos de Moura, no dia 2 de abril.

Diversos fatos que se deram em viagem fazem supor que o fim da ida destes caboclos era afastarem os Waimirys, a fim de o doutor não os ver, empregando para isso muitos meios, sendo um deles desviar a Expedição do verdadeiro caminho. Durante 8 dias a Expedição subiu debalde o Jauapery; faltando os mantimentos, os caboclos voltaram e o doutor seguiu só.

Nesse mesmo dia [7 de abril] à tarde quando o Doutor ficou livre dos caboclos, encontrou os índios, falou-lhes e fez-lhes numerosos presentes, recebendo também arcos e flechas. Nesta ocasião, se lhes disse que a lancha ia levar-lhes brindes e que esperassem.

O Doutor regressou a Moura e ali chegou no dia 11, às 4 horas da tarde, cheio de fadiga e quase sem ter o que comer. Neste mesmo dia tentaram, de novo, seduzir os intérpretes a fim deles abandonarem a Expedição, vindo alguns dizer ao Zeferino que a mulher, dele estava à morte. A tenacidade e a constância de ferro do Dr. Barbosa Rodrigues a tudo superou, e, no dia seguinte, sábado de Aleluia, às 6 horas de manhã, a lancha suspendeu o sulcou as águas do Jauapery – apesar dos odiosos olhares e das tolas ameaças do "*Tuchaua*" e habitantes de Moura.

Neste mesmo dia, às 2 horas da tarde, da lancha falou com os índios de duas ubás, aos quais se distribuíram presentes e de quem se recebeu arcos, flechas, acangataras ([47]), etc. Tendo-se estado na praia juntos e na mais íntima cordialidade. No dia seguinte, ao meio dia, em outro ponto muito distante deste, encontramos outros índios que do barranco nos chamaram.

A lancha lhes foi ao encontro e eles depois de muita conversa meteram-se na lancha e seguiram viagem para cima, desde 2 horas da tarde até às 6, quando fundeamos no lugar escolhido.

No dia seguinte [13], começaram a chegar índios em sua ubás – estes eram velhos, rapazes, mulheres e até crianças de peito; então na praia nos ofereceram o Banquete de Paz – dançando nós todos um rondó ([48]) infernal. Perguntamos-lhe a que tribo pertenciam e responderam – "*enin Chrichaná*" – nós somos Chrichanás. Já se vê que é um erro chamá-los Waimirys, que parece ter sido a concepção da palavra Jauaperys, em cuja margem vivem.

Notamos que de 60 ou 70 que vimos todos tinham sido feridos por bala ou chumbo, não se excetuando mulheres e crianças, ficando assim provado que a gente de Moura tem boa pontaria. Também nos disseram que nunca fizeram mal aos brancos, e que se apareceram em Moura foi para espiar a Maloca – o que nos prova, pois eles nunca empurraram uma porta ou pularam cerca ou janela – mas, que o branco atirava e eles flechavam. Eles esperam que o Doutor os vá buscar e os ensine a trabalhar, pois desconhecem até o anzol. Dois dias ali se demorou a lancha e regressou a Manaus no dia 18 corrente.

---

[47] Acangataras: cocares.
[48] Rondó: composição poética pequena em que os primeiros versos se repetem no meio ou no fim da peça.

Praza aos céus que a gente de Moura não vá, de novo, atacá-los e os exaspere, fazendo com que suponham ter sido uma cilada a ida do Doutor. Só enérgicas medidas fazendo retirar de Moura o Tuchaua e rápidas providências pacificarão estes miseráveis Chrichanás, que hoje morrem pelas balas dos civilizados, porém amanhã o vergalho ([49]) marcar-lhes as costas.

Creia que não posso reter a minha tristeza ao lembrar-me que talvez em pouco tempo eu veja os arrogantes e valentes Chrichanás remando canoas e seminus dobrarem o tronco para mais facilmente serem vergalhados; parece-me já estar vendo estes homens, que hoje abominam a cachaça e o fumo, caírem embriagados "*nos fundos dos canos*" ([50]), deixarem indiferentes que lhes tirem os filhos e até a mulher. Enfim Deus tenha compaixão dos vencidos! (A FOLHA NOVA N° 534)

A Folha Nova n° 540 - Rio, RJ
Segunda-feira, 17.05.1884

À Propósito dos Índios Waimirys

[...] Nunca, porém, um só Waimiry deixou-se fazer prisioneiro. Os seus hábitos, a sua língua, a sua origem eram completamente desconhecidos. Ninguém sabia de que região haviam emigrado.

---

[49] Vergalho: chicote.

[50] Fundos dos canos: "*Ao abrigo de uns arbustos, um grupo de sete ou oito ingleses carrega as espingardas, os soldados mordem os cartuchos, empurram-nos com as varetas para o 'fundo dos canos', enfiam as balas até ficarem encaixadas nas buchas, firmam os joelhos em terra, metem as armas à cara. Fire!*" (Álvaro Guerra, 1991)

Muitas tentativas foram feitas para chamá-los à civilização; todo foram malogradas. Em fins de 1878, dirigiu-se ao Rio Jauapery um missionário franciscano – Fr. José Villa – e tal foi o medo que dele se apoderou ou tão má fé foi a recepção que fizeram-lhe os selvagens, que o sacerdote declarava que só à pólvora e bala poder-se-ia catequisar aqueles filhos das selvas.

Há pouco tempo, entretanto, mostraram-se mais accessíveis e aproveitando essa oportunidade dirigiu-se ao seu encontro o ilustre naturalista Dr. Barbosa Rodrigues, que teve a fortuna de ver a sua arrojada empresa coroada do mais brilhante êxito, segundo noticiou "*A Folha Nova*" de 11 do corrente.

Muitas conjecturas eram feitas sobre a procedência dos Waimirys. Uns diziam que eram os índios Assahys das cabeceiras do Urubu, outro acreditavam que vinham de mais longe, das misteriosas florestas banhadas pelas águas do Cananá, e Parimé.

Quando viajei, em Comissão do governo, pelas regiões Setentrionais do Amazonas, muitas vezes os velhos índios me disseram: branco, é perigoso subir o Mucajaí e o Parimé, porque lá existem Jauaperys que que são teus inimigos [...] Ouvi muitos afirmarem que esta tribo, depois de fazer as suas irrupções anuais nas vizinhanças de "*Itarendana*", voltava para as suas longínquas terras e o ponto escolhido para a sua paragem no Rio Branco era a barranca de Santa Maria.

Hoje está aclarado o mistério que envolveu durante tantos anos em suas sombras os célebres selvagens. "*Enin Chrichaná*" – Eu sou Chrichaná, foi o raio de luz que nos fez conhecer a sua origem. Os Chrichanás constituem uma poderosa nação, que há longos anos habita os ínvios sertões, as matas desconhecidas das cabeceiras do Parimé e Mucajaí.

Os tetos pontiagudos das malocas erguem-se também nas margens dos grandes afluentes da margem direita do Uraricoera: – os Rios Caricuri, Auiropó e Alcaméa. Confirmam-se assim as informações dos velhos índios do Rio Branco.

Não creio, entretanto, que empreendam os Waimirys todos os anos uma viagem de ida e retorno de cerca de 100 léguas, para infestarem as margens do Rio Negro. Acredito, isso sim, que foi uma parte da grande nação, que repelida do seu solo ou impelida pelas necessidades da caça e da pesca, mudara de domicílio.

Segundo a já citada "*A Folha Nova*" de 11 do corrente é a Puricotó a língua dos Waimirys. Falaram eles esta língua, não duvido; o que não receio, porém, afirmar é que tem a sua própria. Os índios, levados pela necessidade de sua índole viageira, são obrigados a falar diversas línguas.

É raro o índio que não seja poliglota. Conheci um Manduacá, quando percorri o Canal Cassiquiare e que serviu-me de guia, que falava 10 idiomas diversos e todos com perfeição.

Os Puricotós subiam muitas vezes o Uraricoera e o Auaris e passavam pela serra Mereuaui para o território dos Maiongkongs e Quináus. Deviam ter-se encontrado, pois, muitas vezes com os Chrichanás e daí resultou naturalmente, para estes, o conhecimento de sua língua.

Os Puricotós, ainda nos fins do século passado, constituíam uma poderosa nação. O seus domínios estendiam-se desde o Paraná, onde os espanhóis fundaram a povoação de Griol, hoje extinta, até o Uraricapará, onde assentaram o estabelecimento de Santa Rosa, destruído logo depois pelos portugueses.

Os seus chefes Pamanacau e Arimulcaipi incutiram no espírito aventureiro de Centurião, governador de Caribana, ardentes desejos de visitar o Eldorado, que se supunha existir no célebre Lago Parima. Hoje desta poderosa nação indígena resta apenas o índio Pedro e seu irmão mais velho o Tuchaua Caualuqual que vivem no Canal de Maracá, no limite de região dos campos do Rio Branco.

O Tuchaua Puricotó exerce autoridade sobre alguns índios Waimirys, que habitam o alto Uraricoera e alguns Saparás, que não constituem mais tribo.

Conheço estes dois índios que foram meus guias e companheiros de trabalhos nas excursões científicas da Comissão de Limites com a Venezuela, e guardo deles as mais gratas recordações, pelos importantíssimos serviços que prestaram-nos guiando-nos através das regiões inóspitas e selvagens da fronteira venezuelana.

Não creio, como disse, que seja o Puricotó a língua dos Waimirys. Quem conhece os nossos selvagens sabe que cada tribo diferente tem também línguas diversas. Para as pessoas que tem curiosidade de notícias sobre os nossos indígenas e se interessam pelos estudos antropológicos, sobre os quais é manifesta a influência da linguística, darei um pequeno vocabulário da língua Puricotó, extraído das minhas notas de viagem e fornecido pelo simpático chefe Caualuqual.

[...] Pólvora................................ Carubaiá
Chumbo..................................... Pirotó
Espoleta................................... Kiapú [...]

O idioma dos Puricotós aproxima-se notavelmente da língua dos Macuxis, nação numerosa, que habita e domina os ubérrimos e esplêndidos campos do Rio Branco.

Do exame comparativo das duas línguas vê-se imediatamente que são tão irmãs como é a portuguesa da espanhola. Tanto aquelas duas línguas, como todas as outras faladas no Norte da Província do Amazonas se assemelham e tem portanto uma origem comum; mas muito distinta da Tupi ou Nhengatu.

Não admira que os Waimirys [Chrichanás] nação selvagem e bravia, falem a língua dos Puricotós, índios mansos. Eles entre si e mantém relações de amizade.

Quando atravessei a serra de Pacaraima, passando do vale do Uraricapará para o do Paranamuxy, foi conosco um índio Acaquy, chamado Uaruquai, que não obstante ser manso, entretinha relações amistosas e visitava as malocas dos selvagens bravios daquela região, desde os índios Guaicás ou Uaicás até os Caribes e Arinacotós.

O serviço prestado pelo Dr. Barbosa Rodrigues, chamando à civilização os pobres selvagens do Jauapery é da maior valia. Não deve, porém, o governo deixar em meio a obra iniciada. Não deve entregá-los a si próprios, mas vigiá-los constantemente, educando-os e bem dirigindo-os. Sabemos muito bem, que o infeliz selvagem que trocou as sombras das suas densas florestas pela luz de uma civilização bastarda, é geralmente um ser degradado, cheio de vícios e explorado sem compaixão pelo ganancioso regatão que o corrompe e envilece para melhor dominá-lo.

O nosso selvagem vai desaparecendo rapidamente e o Brasil cruza indiferente os braços diante do espetáculo contristador e não se lembra de buscar um meio de paralisar o acelerado movimento de decadência.

Não trata o governo o quanto antes de aproveitar o poderoso elemento aborígene e vê-lo-á aniquilar-se, como acontece na América do Norte, na Austrália, na Nova Zelândia e em outras regiões.

É certo que na luta pela existência o mais fraco terá de ceder o passo ao mais forte mas há um meio de pôr um paradeiro à fatal lei. Para que o elemento índio não se extinga inutilmente, é preciso que seja absorvido pela raça civilizada. Isto só poder-se-á realizar pelo cruzamento e o cruzamento só é possível, civilizando o selvagem. (A FOLHA NOVA N° 540)

O Economista n° 844 - Lisboa, Portugal
Quarta-feira, 18.06.1884

Brasil

O Dr. Barbosa Rodrigues acaba de prestar um grande e importante serviço, chamando ao grêmio da civilização os terríveis índios Waimirys, que durante mais de 40 anos assaltaram os brancos, no Rio Jauapery, na Província do Amazonas, e conseguindo que eles se rendessem completamente. Aqueles índios, embora conhecidos pelo nome de Waimirys, são os verdadeiros Chrichanás.

A catequese foi-se fazendo a pouco e pouco. Após esforços inauditos, conseguiu que estes entrassem na sua lancha a vapor, apesar do horror que tinham àquele navio, levando-os até a estarem à sua vontade e a dançarem em torno dos soldados completamente armados.

É tão interessante a descrição desta catequese, que me não furto ao dever de transcrever aqui uma parte da narração do notável explorador. Verificou o Dr. Barbosa Rodrigues que o nome dos índios é Chrichanás e não Waimirys, sendo que esta denominação é uma corrupção de Jauaperys, nome que lhes deram os habitantes de Moura pelo fato de viverem os índios nas margens do Rio do mesmo nome.

O ilustre explorador esteve com mais de cem indivíduos dos dois sexos, representantes de todas as malocas da tribo. Em viagem ao Jauapery chegou o Dr. Barbosa Rodrigues a Moura, no dia 1° de abril corrente, e no dia 2 esperou pelo interprete Pedro e seu patrão Jararaca, que recusou-se a acompanhá-lo salvo se lhe pagasse 200$000 réis adiantados.

Em vista dessa recusa o distinto explorador envidou todos os esforços afim de encontrar entre os habitantes de Moura uma pessoa que o acompanhasse, procurando algumas pessoas que já tinham ido ao Jauapery; mas foram frustradas todas essas tentativas. Por fim convenceu a Gonçalves, vulgo Bicudinho, a acompanhá-lo na Expedição, o que obteve com muito trabalho, indo a sua residência. Gonçalves com toda a família acompanhou o explorador.

No dia 3, seguiu a Expedição em duas canoas para o Jauapery. Gonçalves até o dia 8 seguiu sempre na frente de modo que o explorador não o via senão nos momentos da parada diária. Nesse mesmo dia, porém, Gonçalves abandonou a Expedição, dizendo que era inútil continuar, porque não encontrariam índio algum. Não obstante seguiu o Dr. Barbosa Rodrigues sua viagem, e, às 3 horas da tarde, encontrou encostada à margem uma ubá [curé-curé], aproximou-se dela, depositou dentro diversos brindes e seguiu marcando o seu caminho com pedaços de pano que ia atando às árvores para indicar aos índios a direção que tomara.

No dia 9, chegando à ilha denominada Mabana, a que deu o nome de ilha do Triunfo, viu subir o Rio quatro ubás tripuladas por 40 homens que, saltando, logo que o avistaram, à margem direita do Rio, ocultaram-se na mata com grande alarido. Momentos depois apareceram sobre uma grande pedra e acenaram para a Expedição, batendo nos peitos e brandindo os arcos.

Então dirigiu-se o Dr. Barbosa Rodrigues para eles em uma montaria, mostrou-lhe brindes e convidou-os a vir à ilha do Triunfo. Alguns obedeceram logo ao chamado, saltando na água e nadando para a ilha; outros embarcaram numa canoa que lhes foi oferecida pelo explorador, e os demais em suas ubás, demandando todos a ilha.

Ai chegando, tornaram-se ameaçadores e insolentes; mas alguns brindes e afagos foram suficientes para desarmá-los. Assaltaram a canoa em que ia o explorador, quiseram mesmo apossar-se dela e arrebataram um caixão contendo diversos brindes; mas fazendo o explorador partir a canoa para o largo, ficou em terra apenas o intérprete que convenceu os índios a se encontrarem no dia 12, pedindo-lhes que trouxessem a gente de todas as malocas, prometendo-lhes subir na lancha e que, finalmente, não tivessem medo porque não se lhes faria mal algum.

Responderam os índios que a lancha podia seguir e que não os enganassem, prometendo trazer consigo o maior número possível de companheiros. Queixaram-se dos brancos, mostrando no corpo cicatrizes de chumbo, bala e metralha.

Nesse dia, com efeito, subindo o explorador na lancha, encontrou no Sapa duas ubás com 20 homens que, avistando-o, saltaram para terra. Indo à terra, deparou com os índios que vinham ao seu encontro, e que, em troca dos brindes que então receberam, entregaram ao explorador 111 flechas, 13 arcos, diversos outros objetos, frutos, etc.

Declararam que vinham da maloca do Igarapé do Sapa: dois índios foram então vestidos, pois achavam-se todos completamente nus, alguns com a cara pintada de vermelho, outros com o corpo pintado de preto.

No dia 13, chegando ao Igarapé Chichinahú, viu fumaça na mata à margem direita, desembarcou e encontrou 10 índios que também vinham a encontrá-lo. Destes recebeu 17 flechas e 19 ainda sem as pontas; convidou-os a aproximarem-se da lancha, o que fizeram depois de muitos rogos, entrando todos na lancha e fazendo nela uma volta pelo Rio.

O explorador convidou-os a seguirem na lancha para a Ilha do Triunfo; só quatro acederam, pois os outros tinham de conduzir a ubá. Mostrou-se-lhes, então, o armamento, a utilidade de diversos instrumentos; tocaram realejo ([51]) e chegaram todos pacificamente à Ilha. Pedindo eles que os transportassem a terra firme, foram satisfeitos, partindo todos vestidos, prometendo que iriam avisar as malocas do Mabana.

No dia 14, às 6 horas da manhã, apareceram os mesmos quatro índios, dizendo que esperavam muita gente. Com efeito, ao meio-dia, mais ou menos, começaram a chegar ubás trazendo não só homens, como mulheres e crianças algumas de colo, vindo entre eles o Tuchaua, que o explorador desejava conhecer, um homem com mais de cem anos.

Declararam que traziam o "*Banquete da Paz*"; prepararam um grande caxirí, a que dão o nome de "*cicuru*", e, depois de ter o explorador com eles bebido e comido, levaram em suas ubás ao pessoal da lancha o mesmo caxirí. Enquanto a bordo se banqueteava ao som de cantigas, era o explorador em terra envolvido em uma dança ao som do canto cariná, camarara.

Depois da dança rodearam-no todos, estenderam-lhe as mãos em posição humilde, pedindo-lhe que os livrassem dos inimigos brancos.

---

[51] Realejo: instrumento musical cujo teclado é manejado por meio de uma manivela.

A cerimônia da paz consistiu em passar o Dr. Barbosa Rodrigues a sua mão três vezes pela cabeça, cuspindo nelas. Velhos mulheres e crianças, todos queriam ser os primeiros tocados. Um abraço geral terminou a cerimônia, seguida de cantos e danças.

À tarde retiraram-se os selvagens, prometendo voltar no dia seguinte em maior número, o que realizaram. Prometeram também nunca mais fazer mal aos brancos, se lhes garantissem que estes por sua vez o não fariam.

O Dr. Barbosa Rodrigues convidou-os a aldearem-se com os brancos e, reunindo-se o Conselho dos Velhos e velhas presidido pelo Tuchaua, deliberaram que iam preparar-se para juntos todos descerem, porém, pedindo que se os não enganasse. Depois disso cercaram o explorador, estenderam-lhe as mãos com os dedos abertos pedindo que os preservasse de toda e qualquer moléstia. Essa cerimônia foi executada puxando-lhes os dedos e passando-lhes a mão pela cabeça, como na primeira vez.

Às 5 horas da tarde despediram-se, pois tinham longo caminho a fazer, prometendo sempre voltar no dia seguinte.

No dia 15, às 6 horas da manhã, chegaram mais três ubás, trazendo frutos, redes, caça, etc., vindo depois outras. Os índios pediram então que se lhes cortasse o cabelo, desejo que foi satisfeito pelo Dr. Barbosa Rodrigues, Alferes Ferreira e intérprete Jararaca.

Às 10 horas, chegaram mais três ubás carregadas de meninos. Então estavam todos por assim dizer perfeitamente mansos, não gesticulavam, não gritavam, falavam mansamente, obedeciam a qualquer ordem, respeitavam tudo e procuravam andar sempre abraçados com o ilustre chefe da Expedição.

Fizeram ainda caxirí, que a todos foi oferecido, e renovando-se-lhes o pedido de se aldearem, prometeram fazê-lo.

Vendo o Dr. Barbosa Rodrigues que era preciso deixá-los algum tempo nesse estado de quietude, disse-lhes que podiam retirar-se porque ele também se ia embora. Alguns, obedeceram prontamente; outros, porém, ficaram na praia até desaparecer a lancha.

Homens, crianças e mulheres foram vestidos, adornados com brincos, e estas ao despedirem-se cortavam pedaços de sua tanga que ofereciam ao Dr. Barbosa Rodrigues.

Já de volta encontrou a Expedição uma ubá que subia sendo brindados os índios que a tripulavam. Depois do primeiro encontro em cada grupo que chegava, o índio que vinha na frente entregava logo – seu arco e flecha.

Todos esses índios, em número superior a cem, não haviam tido ainda contato algum com os brancos, e nem tinham sido vistos por Jararaca e pelo índio Pedro, que fez sempre parte das pescarias que encontraram com os índios em março, como estes mesmos declararam.

Esses índios não são nem Jauaperis nem Waimirys; declararam ser da tribo Chrichaná.

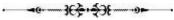
Fecho com chave de ouro, nada mais posso nem devo dizer. (O ECONOMISTA N° 844)

Diário de Notícias n° 96 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-feira, 10.09.1885

A bordo do vapor "*Ituxy*", que navega para o Rio Negro, estiveram cerca de duas horas cinquenta índios Chrichanás ou Waimirys. Estes índios, pouco a pouco vão se chegando para a comunhão social, pois é notório que em toda a bacia daquele Rio, só eles são temidos pela sua índole guerreira e feroz.

É, portanto, um motivo de justo contentamento encontrá-los tão bem dispostos para a paz e aliança com os homens civilizados. O comandante e passageiros trataram a todos com urbanidade, distribuindo por eles alguns brindes, e recebendo em troca arcos o flechas.

Ao sair o vapor, seis dentre eles não quiseram desembarcar. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS N° 96)

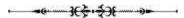
Diário de Notícias n° 271 – Belém, PA
Domingo, 28.11.1886

Os índios Waimirys continuam em suas correrias, no Rio Negro. À esse respeito escrevem do Carvoeiro:

Aqui estiveram nos dias 30 e 31 do mês passado [outubro] e 2 do corrente cinco ubás tripuladas por mais de cinquenta índios Waimirys, que retiraram-se a 3, depois de roubarem quatro canoas de diversos moradores, saqueado algumas casas e incendiado outras.

O professor Serafim Ferreira dos Anjos, amedrontado, abandonou a escola e retirou-se para o Rio Branco. A povoação está reduzida a quatro famílias, que têm esgotado o último objeto de seu uso, dando-os em brindes para abrandarem a ferocidade dos ladrões e assassinos.

Nenhuma pessoa pode aventurar-se à pesca, com receio da agressão dos índios. No último dia de sua estada aqui, tentaram, à noite, arrombar a casa de comércio do Sr. Alferes Manoel Ferreira da Silva, chegando a abrirem diversos buracos nas paredes.

Para cúmulo destes vexames a navegação deste Rio não é feita regularmente de acordo com o contrato, de maneira que os nossos reclamos só podem chegar muito tarde aí. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS N° 271)

Gazeta de Notícias, n° 287 - Rio, RJ
Quarta-feira, 09.12.1942

O Massacre Praticado pelos Índios Waimiris

Louvada pelo General Rondon
a Renúncia Das Vítimas

MANAUS, 8 [ASAPRESS] – A propósito do massacre praticado no Alto Rio Negro, pelos selvícolas Waimiris, conforme noticiamos há dias, o General Cândido Rondon acaba de telegrafar ao sr. Alberto Jacobina, inspetor do Serviço de Proteção aos Índios, ressaltando a heroica renúncia dos auxiliares sacrificados na luta para trazerem os Indígenas à civilização. (GAZETA DE NOTÍCIAS, N° 287)

Gazeta de Notícias, n° 291 - Rio, RJ
Domingo, 13.12.1942

Heróis da selva

De tempos em tempos, procedentes de certas regiões inóspitas do nosso imenso Brasil, chegam-nos dolorosas e sucintas informações de que pequenos grupos de funcionários do Serviço de Proteção aos Índios são atacados e massacrados pelos selvícolas. Ainda agora, telegramas de Manaus informam que várias pessoas empregadas nesse serviço foram atacadas e sacrificadas pelos índios Waimiris, habitantes do Rio Camanau, no interior do Estado do Amazonas.

Confirmando as notícias, o Coronel Vicente Teixeira de Vasconcellos, diretor do Serviço, adiantou que, segundo robustas provas colhidas no local onde teve lugar o doloroso acontecimento, ficou constatada a responsabilidade de elementos aventureiros que, se infiltrando no meio dos índios, despertam a animosidade desses contra os abnegados funcionários do Serviço, naturalmente com objetivos torpes e gananciosos de aproveitamento de riquezas da região. Os despachos telegráficos fazem até referência aos nomes desses perniciosos traficantes das selvas.

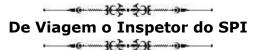
A repetição de fatos dessa natureza, a par da indignação que nos inspira por estes cruéis e rapaces aventureiros, nos desperta um profundo sentimento de admiração pelo heroísmo obscuro e discreto desses patrícios, que, arrostando todos os perigos, prosseguem, destemerosos e incansáveis, na tarefa altamente civilizadora de catequizar os índios.

E o respeito e a compunção que nos suscitam os massacres de que são vítimas esses valorosos mensageiros da civilização na selva brasileira, por obra de indivíduos inescrupulosos e sem entranhas, mais alimentam os nossos desejos de que enérgicas e prontas medidas sejam postas em prática, de modo a reprimir a ação desumana desses aventureiros.

É realmente necessário que esse perigo seja evitado para esses estoicos servidores que, na sua espinhosa missão, vão até o sacrifício da própria vida, antes de infligir qualquer castigo ao índio.

O Brasil precisa do trabalho tranquilo desses seus filhos valorosos e por isso eles devem ser poupados do massacre engendrado pela torpeza de certos elementos nocivos. (GAZETA DE NOTÍCIAS, N° 291)

Jornal do Comércio, n° 13.158 - Manaus, AM
Domingo, 14.02.1943

De Viagem o Inspetor do SPI

Será Apurado o Massacre do Posto Indígena Manuel Miranda

Ainda perdura na memória de todos o trágico massacre levado a cabo pelos Waimiris, de trabalhadores do posto indígena "*Manuel Miranda*", do Serviço de Proteção aos Índios. Afim de continuar com as inquirições para apurar as responsabilidades do mesmo, seguirá terça-feira próxima, às primeiras horas da tarde, para o Rio Camanau, afluente do Negro, o Sr. Alberto Pizarro Jacobina, recém-nomeado inspetor do SPI no Amazonas e Acre.

Em ligeira palestra com a reportagem, o Sr. Alberto Jacobina teve a oportunidade de esclarecer-nos sobre a sua viagem, salientando que era uma obrigação do SPI concluir o respectivo inquérito, razão por que pretendia iniciar, com a máxima brevidade, a 2ª parte das inquirições que seriam prestadas pelos próprios selvícolas, contando para isso, com a colaboração do Tuchaua da tribo capitão Madaruaga.

A 1ª parte do inquérito, que foi procedido entre o elemento civilizado, não dava argumentos para apressar a conclusão de que houvessem interessados a acirrar ódios entre os índios e o pessoal do Posto.

O Sr. Alberto Jacobina pensa encontrar, na sua tentativa de contato com os Waimiris, apenas dois obstáculos: um, proveniente da vazante do Rio e a consequente dificuldade em alcançar o aldeamento, e o outro, decorrente da exaltação de ânimo, ou mesmo de hostilidade, entre os selvagens. Mas, apesar destas duas grandes barreiras, o seu pensamento é vencer, pois vai dispor de todos os recursos para um completo entendimento com a tribo.

Sobre essa viagem, já recebeu do General Rondon expressiva mensagem telegráfica, em que recomendava toda dedicação à causa da pacificação dos índios, aconselhando o emprego de todos os esforços disponíveis, no sentido de resgatar a criança cujo paradeiro ainda hoje se ignora, mas que provavelmente se encontra no seio dos Waimiris. [...]

Ao ser indagado sobre o prosseguimento da pacificação daqueles índios, o Sr. Jacobina disse-nos que isso constituía também, outro objetivo da sua viagem ao Camanau. Todas as providências para a inauguração do Posto "*Irmãos Briglia*" [homenagem do SPI aos seu auxiliares sacrificados] estavam tomadas.

Em sua companhia seguirão 10 trabalhadores sob a chefia do Sr. Isac Augusto Maciel Cordeiro, funcionário habilitado na pacificação dos nossos índios, com longa experiência entre os Parintintins do Madeira.

Para a segurança desse pessoal, que vai passar a residir no novo posto, o SPI instalará naquele Rio uma estação telegráfica, sendo que para a defesa de suas vidas, em caso de extrema necessidade, o pessoal disporá do armamento necessário.

O Posto Indígena "*Irmãos Bríglia*", que se acrescentará a vários outros postos disseminados em vários Rios do nosso "*hinterland*", será classificado com um Posto de Atração e terá alguma segurança em sua construção, pois o SPI procurará instalar uma casa de madeira e telha, dando o conforto suficiente aos seus moradores.

O Sr. Jacobina mostra-se deveras otimista na próxima pacificação dos Waimiris, confiando nos préstimos do índio Abraão José da Silva – o intérprete – que é o único índio civilizado daquela tribo. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 13.158)

Jornal do Comércio, n° 14.328 – Manaus, AM
Sexta-feira, 03.01.1947

Massacrados Pelos Índios do Rio Camanau

Um a um, sem dó nem compaixão, os selvícolas trucidaram seis trabalhadores e quatro menores indefesos – As flechas sibilavam no ar e crivaram os corpos das vítimas imbeles – Desaparece nas matas o telegrafista – Por dois dias uma gestante sofre estoicamente dores lancinantes – Gritos desvairados e alucinações de mais sete pessoas feridas chegadas ontem em Manaus – Tragédia de sangue e dor ocorrida naquele afluente do Rio Negro

Doloroso acontecimento temos a registrar em nossas colunas, e aqui o fazemos com um sentimento de profundo pesar, duplo por duas razões: pelas vítimas que pagaram inocentemente com as suas vidas preciosas por crimes que não cometeram e pelo estado de profundo barbarismo em que ainda vivem os nossos selvícolas, alheios completamente aos preceitos humanos.

Em região do Rio Camanau, já celebrizada por tragédias semelhantes, verificou-se um massacre em que tomaram parte ativa índios, possivelmente da tribo dos Waimiry, os matadores dos irmãos Briglia, e do Tenente Wiliamson e Bates, fatos a que nos referimos anos atrás. O posto atacado figura como estando plantado no mesmo, local onde se verificara a matança dos infortunados irmãos Briglia, e se isso é um fato, houve imprudência da Inspetoria, estabelecendo no mesmo local um posto que fatalmente estaria, dentro de pouco tempo, sujeito a uma visita dos ferozes Waimiry, fato que se verificou, como passamos a relatar minuciosamente.

Essa tragédia selvagem, como quantas se tem verificado, em curtos interregnos, registrou-se no rio Camanau, afluente do rio Negro e próximo ao Alalau, às 6 horas da manhã do dia 31 de dezembro. Os índios Waimiry, conhecidos como os "*Xavantes do Amazonas*", pela sua ferocidade e tirania, atacaram a fechadas, o Posto Indígena Irmãos Briglia, localizado no Rio Camanau, matando 6 adultos e 4 menores e ferindo 7 outras pessoas, em sua totalidade trabalhadores do Posto e suas mulheres e filhos, exceção de 2 pescadores que não trabalhavam para o Serviço de Proteção aos Índios [SPI] e que sucumbiram à saraivada mortífera desencadeada pelos terríveis Waimiry.

A Reportagem em Campo

Ao tomar conhecimento da notícia, a reportagem do JORNAL DO COMÉRCIO deslocou-se para a residência da família do Sr. José Gomes Fiuza, inspetor especializado do SPI, à rua Carolina das Neves, no Bairro da Aparecida, em virtude de correr o boato de que esse funcionário teria sido vítima do massacre levado a efeito pelos selvagens, uma vez que ele se encontrava distribuindo rancho e brindes pelos postos indígenas plantados no Camanau.

O ambiente de desespero e lamentações, que se generalizava na família do sr. Fiuza, não nos permitiu concluir nada de positivo derredor da tragédia – e, por isso, a reportagem rumou para a praia de São Vicente, onde fora encontrar...

Um Motor Repleto de Feridos. Quase Todos Moribundos

Um quadro verdadeiramente dantesco e contristador, desvendava-se ante à vista do repórter. O barco a motor "*Airão*", que transportara as vítimas do local da matança para Manaus e que aqui aportou às 20 horas de ontem, depois de 2 penosíssimos dias de viagem, servia de teatro a uma cena de cores vivas e impressionantes.

Uma porção de redes atadas, umas sobre as outras, sustendo corpos em contorções de dor aguda, gritos desvairados, alucinados, – era o que se observava no interior da embarcação.

O Massacre

A reportagem venceu a barreira humana que se acotovelava curiosa e, momentos depois, entrou em contato com as vítimas que, no momento, estavam mais em condições de fornecer informações sobre o ataque bárbaro dos índios Waimiry. O repórter parou junto da rede da mulher de nome Cândida Carvalho, esposa do trabalhador do SPI Francisco Antônio de Carvalho, que fora assassinado pelas flechas dos selvagens.

A vítima procedeu à narrativa da tragédia, pormenorizando os fatos, tal e qual se verificaram. Ao nascer do Sol, os selvagens se aproximaram das casas do Posto, cercando-o por todos os lados e, isso feito, desfecharam um ataque cerrado de flechas, que foram atingir os trabalhadores ainda sonolentos e que faziam o asseio matutino.

O alarma foi dado pelos primeiros feridos, provocando pânico no Posto. Os trabalhadores corriam desordenados, de um para outro lado, sendo facilmente atingidos pela taquara certeira dos sitiantes que flechavam de posições favorecidas, mostrando-se apenas, ao pessoal em pânico, um punhado insignificante de selvagens, enquanto a maioria deles atacava protegidos por moitas ou por toros de paus ou ainda do aceiro da mata.

Assim, os índios abatiam, um a um, decididamente, sem dó nem compaixão, os trabalhadores indefesos e desprevenidos, que não tiveram um só recurso de defesa, porque foram surpreendidos e de nada suspeitavam.

Os Índios Mostravam-se Amigos e Atacaram de Surpresa

A mulher Cândida Carvalho prosseguiu narrando a tragédia, dizendo que os selvícolas permaneciam no Posto, visitando os trabalhadores, cerca de 3 dias antes do ataque de tão graves e terríveis consequências.

Os trabalhadores do Serviço de Proteção aos índios deram tudo o que possuíam aos selvagens – rancho, brindes de Natal, roupas, utensílios domésticos, redes e mosquiteiros, visando, por esse modo, conquistar a confiança dos Waimiry.

Assim agindo, o pessoal estava longe de acreditar na possibilidade de um massacre tão sangrento. As flechas sibilavam no ar e crivavam-se nos corpos das vítimas, parecendo não existir uma única oportunidade de fazer cessar a saraivada mortífera, que ameaçava aniquilar todas as pessoas ali residentes. O ataque cessou com a fuga dos selvícolas, que se embrenharam mata a dentro, lá pelas 8 horas da manhã, depois, portanto, de 2 horas de ataque, sem intermitência.

No terreiro do Posto viam-se 10 cadáveres estendidos, varados de taquara, em diferentes regiões do corpo, entre eles, homens, mulheres e crianças e até uma criancinha de peito, também serviu de pasto à sanha criminosa dos índios.

Tiago Safou-se e foi Buscar Socorro

Tiago Coelho da Silva teve sorte excepcional – conseguiu safar-se, rompendo o cerco dos Waimiry, sendo antes vítima de uma feroz dentada de um índio que saiu ao seu encalço, e que quase lhe amputa o dedo polegar de uma das mãos. Tiago protegeu-se atrás de uns troncos e, em dado momento, desatou a correr na direção do porto, tomando de uma canoa e rumando com destino à localidade mais próxima, que era a vila de Airão, onde foi chegar após remar horas a fio, levando em socorro dos poucos sobreviventes o motor "*Airão*". Não havia, entretanto, medicamentos para os casos urgentes que se faziam mister. Os feridos foram, por isso, besuntados com óleos vegetais e outros ingredientes e drogas do mato. Tiago retornara apenas às 18h00 do mesmo dia, muito depois da cessação do massacre, juntamente com 9 homens, que removeram os feridos para dentro da embarcação.

Cadáveres Insepultos

Os cadáveres ficaram insepultos, uma vez que o estado gravíssimo dos feridos exigia fossem os mesmos, o quanto antes, transportados para Manaus, afim de serem internados no hospital e submetidos às intervenções cirúrgicas. Os corpos ficaram espalhados pelo terreiro do Posto, na mesma posição em que tombaram, entregues à voracidade das aves e bichos do mato. Natural, portanto, que o SPI envie, com a máxima urgência, uma de suas lanchas à localidade, para proceder o sepultamento das vítimas e uma investigação derredor do caso, para apurar detalhes.

"*La Vai Flecha*"

A parteira Raimunda Nunes, que levou uma flechada nas costas contou à nossa reportagem que estava na cozinha fazendo o café matinal, quando viu um "*índio muito barbado*" aproximar-se dela e gritar: "*Lá vai flecha*", em excelente português! Em seguida, foi alvejada e caiu esvaindo-se em sangue, no mesmo local.

É de supor que o "*índio barbado*" não fosse realmente índio, devendo tratar-se, isso sim, de algum civilizado que está orientando essas expedições, talvez por interesse nas terras. Esse "*índio*" suspeito era de cor morena e possuía barba bem alentada, falando um português bastante apurado para deixar dúvidas quanto à sua verdadeira identidade.

Alvejada Com um Filho de Quase Nove Meses no Ventre!

Um dos casos mais escabrosos da matança dos Waimiry foi o da mulher de um funcionário do SPI, Iracy Viana, que teve o ventre trespassado por uma taquara e que se encontrava em adiantado estado de gravidez – com quase nove meses de gestação.

Por dois dias, Iracy carregou o nascituro arrebentado nas próprias carnes, sofrendo estoicamente dores cruciantes.

O esposo da vítima morrera, igualmente, no massacre dos possessos selvagens.

APARECEU NA MATA

O telegrafista do Posto, cujo nome não conseguimos anotar, desapareceu nas selvas, por ocasião da chacina. Ignora-se o seu paradeiro, mesmo porque nenhuma busca foi procedida, até o momento.

Alguns sobreviventes narraram à reportagem que o telegrafista, num momento de alucinação, conseguira; rastejando, atingir a mata próxima, daí desaparecendo em carreira desabrida. Outros afirmam que o operador foi seguido de perto pelos selvagens, sendo difícil sua salvação, caso seja isso verídico.

DISTRIBUÍA BRINDES NATALINOS

Como referimos, de início, o Sr. José Gomes Fiuza, viajava pelo Camanau distribuindo rancho e brindes natalinos pelos Postos do Serviço de Proteção aos Índios. Entretanto nada acontecera com ele conforme declaração das vítimas, pois que, somente no dia seguinte à saída do motor em que viajava o sr. Fiuza, foi que os índios atacaram. O sr. Fiuza rumara para, a localidade de "*Ajuricaba*", onde está instalando um outro Posto do SPI. A reportagem "*açodada*" ao chegar, à noite de repente na residência do inspetor, soube pelas pessoas de sua família ter sido ele vítima das flechadas dos selvagens, versão essa que, mais tarde, o repórter desmentiu trazendo serenidade à esposa e aos filhos do Sr. Fiuza que se lamentavam do irreparável golpe que lhes preparara o destino.

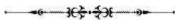
OS MORTOS E FERIDOS

Os Waimirys massacraram 10 pessoas – 6 adultos e 4 menores. [...] Sete pessoas foram feridas na chacina: [...]. O trabalhador Severino Sousa, que ontem foi operado, na Santa Casa de Misericórdia, teve a pleura atingida pela taquara dos índios, inspirando sérios cuidados o seu estado de saúde.

FLECHAS ENVENENADAS

Os Drs. Djalma Batista e Jorge Abraim procederam com felicidade as investigações nas vítimas, verificando que os ferimentos estavam infeccionados,

denotando que as flechas usadas pelos Waimirys foram envenenadas com curare. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 14.328)

Jornal do Comércio, n° 14.329 – Manaus, AM
Sábado, 04.01.1947

Novos e Sensacionais Detalhes sobre a Sangrenta Tragédia Ocorrida no Camanaú

Entrevistados pelo repórter do Jornal do Comércio os feridos hospitalizados na Santa Casa – As Causas Prováveis do Massacre – Os Índios Desceram em Ubás comandados peio cacique Maruaga – Seguiu Para o Local uma Expedição de do SPI

A cidade foi ontem abalada com a notícia da matança de 10 pessoas, homens mulheres e crianças, que sucumbiram vítimas da sanha perversa dos ferozes Waimirys, que habitam as margens do Rio Camanau, a 31 de dezembro, iniciando-se o ataque ao barracão do Posto dos Irmãos Briglia – local do sangrento massacre – precisamente às 6 horas da manhã, indo terminar duas horas depois.

O espetáculo da terrível chacina em pleno coração da selva amazônica, revestiu-se de requintes de barbaridade, bastando referir que os "*Xavantes do Amazonas*", designação merecida aos Waimirys, dada a sua conhecida ferocidade, não pouparam sequer as crianças que ficaram ao alcance de suas temíveis taquaras. Um verdadeiro saque de vidas, bárbaro e selvagem, foi levado a cabo pelos selvícolas, que conservam uma tradicional vingança da gente branca, oriunda dos tempos coloniais. [...]

SEVERINO CONTA A SUA HISTÓRIA

Severino Sousa, solteiro, com 17 anos de idade, amazonense, que trabalhava cerca de um ano e meio no Posto, acha-se hospitalizado na Santa Casa, em leito de segunda classe. Encontrava-se na cozinha do barracão, com um seu companheiro de trabalho, Tiago, – o que fora Buscar socorro na vila de Airão – quando os índios atacaram-no, de todas as direções, sendo ele atingido à altura do mamilo esquerdo e em um dos braços, por certeira flecha.

A taquara alcançara-o primeiro no braço ferindo-o ainda no peito. Severino foi a primeira vítima e, se não sucumbiu, no local dos trucidamentos, foi devido a interferência de Tiago, que se atracara com um dos corpulentos assaltantes, no momento em que ele retesara o arco para ferir Severino mortalmente.

APENAS 3 HOMENS SAÍRAM ILESOS

No Posto Indígena dos Irmãos Briglia existe, apenas, um grande barracão de madeira, coberto de palha, onde residiam, indistintamente, homens, mulheres e crianças. Entre os demais encontravam-se no Posto, morando no barracão, apenas 17 homens, dos quais apenas 3 – Bernardino José da Silva, Mateus Dias e Raimundo de Carvalho, – saíram ilesos da matança. Este último, Raimundo, embrenhou-se mata a dentro e seu paradeiro, como o do telegrafista, é desconhecido até o momento.

ÍNDIO DE CABELO CRESPO

Em nossa reportagem anterior, revelamos que a parteira Raimunda Nunes afirmara que vira um "*índio barbado*", gritando "*Lá vai flecha*". Severino Sousa também viu um índio de cabelo muito crespo, de olhos vivos, que gritava, em altas vozes, concitando os seus camaradas à carnificina.

Foi esse índio de cabelos crespos que flechou Severino e tentara liquidá-lo de uma vez, com repetidas flechadas. Cumpre, portanto, aos funcionados do SPI, que excursionarão ao local do massacre, proceder rigorosas investigações, visando apurar se o "*índio*" visto por Raimunda e Severino era realmente um Waimiry, um arigó, ou um impostor de maus instintos ou intenção criminosa e velada...

FAZIA CAFÉ

Maria de Oliveira, gravemente ferida pelos selvagens e que se encontra, igualmente, hospitalizada naquele nosocômio, foi atacada quando preparava o café matinal. Marta com 32 anos, é solteira e recebeu 2 profundas flechadas dos Waimirys. Ao sentir-se ferida, ela mesma arrancou as taquaras e desmaiou sem tomar conhecimento, por isso, do desenrolar da tragédia.

A PARTEIRA RAIMUNDA NUNES

Raimunda, a parteira que fora de Airão para o Posto assistir o parto de Cândida Pastana, esposa do administrador, o qual perecera no massacre, conforme já foi noticiado, disse-nos que uma sua filha de dez anos de idade, fora assassinada pelos índios. A menina levava ao colo um garoto de pouco mais de um ano de idade, que também serviu de pasto aos Waimirys.

OS ÍNDIOS VIERAM EM UBÁS

Matilde Viana e Beatriz Viana, mãe e filha, revelaram que os índios desembarcaram em ubás. Beatriz, atingida no braço, escondeu-se debaixo de um sofá e sua mãe, Matilde, correra desesperadamente para o Rio, atirando-se às aguas, foi perseguida por um selvagem. O índio firmou a pontaria, alvejando a vítima, que ficou a debater-se n'água, por algum tempo, conseguindo, a grande custo, aproximar-se da beira, onde permaneceu paralisada pelo terror.

O GAROTO NASCEU NA CANOA

A mulher Cândida Pastana de Carvalho, que se encontrava em adiantado estado de gravidez, teve a sua délivrance ([52]) a bordo de uma canoa, que foi de encontro ao motor "*Airão*".

UM OUTRO PARTO

Dissemos, em nossa primeira reportagem sobre o assunto, que a mulher Iraci Viana, em melindroso estado de gravidez, tivera o ventre varado por uma taquara, conseguindo sobreviver milagrosamente – lapso esse, que nos apressamos a retificar, pois Iraci fora alvejada nas costas por uma seta que lhe repontara no seio. A infeliz mulher deu à luz, pela manhã de ontem, a uma linda criança do sexo feminino, que se chamará Maria de Nazareth. O estado de saúde da vítima ameaça agravar-se, devido a profundidade da ferida.

O CACIQUE "*MARUAGA*"

Os índios foram comandados na chacina pelo cacique "*Maruaga*" e por um seu filho, jovem ainda, malvado e valente. O morubixaba em meio ao pânico reinante dava gritos de comando, determinando que os fugitivos fossem perseguidos até à morte... Ninguém deveria escapar.

A SUPOSTA CAUSA DA CARNIFICINA

D. Cândida informou-nos que os selvícolas exigiam nos dias que antecederam o ataque, presentes e mais presentes, mostrando-se descontentes quando lhes foi comunicado que não existiam mais prebendas ([53]).

---

[52] A sua délivrance: o seu parto.
[53] Prebendas: benesses.

O Posto Indígena dispunha apenas de 12 terçados, material deficiente, quando esse setor de pacificação de índios deveria possuir grande quantidade de materiais de utilização agrária, por excelência, para distribuição entre os selvagens. Aconteceu, porém, que os poucos presentes esgotaram-se e, em consequência, os índios se desgostaram. Talvez tenha sido isso a causa da carnificina, que ceifou 10 preciosas vidas.

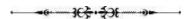
OS FERIDOS

Os feridos estão em estado gravíssimo de saúde. Poucos, talvez, conseguirão sobreviver, devido a profundeza das feridas e, bem assim, a grande percentagem de sangue desperdiçado Essa, aliás, a opinião dos médicos que procederam às intervenções.

EXPEDIÇÃO AO CAMANAU

Às 14 horas de ontem devia ter seguido, para o Rio Camanau, uma expedição do Serviço de Proteção aos índios, a fim de investigar a causa do massacre e proceder o sepultamento dos cadáveres dos trabalhadores que sucumbiram. A estação radiotelegráfica do SPI esteve na escuta durante todo a tarde de ontem, não conseguindo comunicar-se com o telegrafista Armando que fugiu para o mato. (JORNAL DO COMÉRCIO, N° 14.329)

A Manhã, n° 1.662 – Rio de Janeiro, RJ
Quarta-feira, 08.01.1947

Como Foram Encontradas as Vítimas dos Índios Uaimiris

O Cadáver do Telegrafista

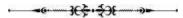
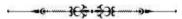
Manaus, 7 [ASAPRESS] – Divulga-se que a turma de socorro do Serviço de Proteção aos Índios que partiu para o posto dos Irmãos Briglia, palco do trágico massacre pelos índios Waimirys, radiotelegrafou para aqui comunicando que aquele posto foi encontrado sem sinal de saque. Os corpos estavam nas posições que caíram ao serem feridos vítimas dos índios.

Foi também encontrado o cadáver do telegrafista Armando Cardoso de Freitas, que tentara refugiar-se na floresta.

Devido ao adiantado estado de putrefação dos corpos, foram as vítimas sepultadas nos terrenos do Posto Irmãos Briglia, exceto o do telegrafista que foi enterrado na Vila de Airão. (A MANHÃ, N° 1.662)

A Noite, n° 12.479 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-feira, 30.01.1947

Uma nota impressionante em toda essa tragédia é a existência, no meio dos índios "*Waimirys*", chamados também os "*Xavantes do Amazonas*", de dois índios loiros e de olhos azuis – que não falavam o português – contrastando, na epiderme e nos olhos, com os seus companheiros, segundo o testemunho de D. Cândida de Carvalho. (A NOITE, N° 12.479)

A Noite, n° 12.485 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-feira, 26.02.1947

Ponteiras de aço nas Flechas Assassinas

Como foram trucidados pelos índios "Waimirys", os funcionários do posto Irmãos Briglia, do Serviço de Proteção aos índios – Um civilizado desaparecido e um barbado misterioso – "Caríua-marupá" – Flechas tornadas mortíferas com os presentes distribuídos pelo próprio posto – Ponteiras de aço, com gume singelo e ramificado – O que se passou no dia fatal e os indícios de um massacre premeditado – Hipóteses e conjeturas – Quem seria o mandante? – Como falou aos jornais o Sr. Joviniano Caldas Magalhães, chefe da 1ª Inspetoria Regional do SPI

Naquela manhã luminosa de último dia do dezembro de 1946, o posto "*Irmãos Briglia*", da 1ª Inspetoria Regional do Serviço de Proteção aos Índios, um dos mais afastados do interior amazônico apresentava como sempre a sua habitual tranquilidade. Os funcionários cuidavam dos seus afazeres longe de qualquer preocupação. É bem verdade que certos acontecimentos não deixavam de apresentar indícios estranhos, ao "*modus-vivendi*" até ali prevalecente entre os funcionários federais e os selvícolas da região.

Tudo corria bem, quando de dentro da mata surgiu um grupo de "*Waimirys*". Aproximaram-se do posto, dirigiram-se ao chefe e pediram presentes. Este, solícito atendeu prontamente. O grupo que se acercara não trazia armas perigosas, apenas algumas flechas inofensivas, nem seria lícito fazer conjeturas trágicas se nada havia para tanto. Reinava a melhor das harmonias entre as tribos e seus civilizadores.

Satisfeito até por mais essa oportunidade de aproximação, o chefe dirigiu-se tranquilamente para o caixote dos presentes e curvou-se para abri-lo. Nessa ocasião o silêncio foi quebrado por um brado de guerra e, ainda curvado sobre o caixote, o funcionário do SPI recebeu uma flechada pelas costas. Estabeleceu-se o pânico.

Os índios, apanhando suas vítimas de surpresa começaram, então, a terrível chacina. As flechas, partindo de um círculo oculto pela vegetação, sibilavam no ar entre gritos de dor e imprecações de ódio. Dez funcionários foram tragicamente atingidos.

Oito morreram no local e mais dois ao serem hospitalizados O espetáculo que se desenhou no sombrio da mata, num impressionante contraste ao silêncio que se seguiu ao "*brou-ha-ha*" da chacina, era simplesmente dantesco! Corpos caídos sem vida e ensanguentados, formando um trágico pedestal às hastes mortíferas que balançavam no ar com as suas pontas de aço rigidamente fincadas na carne dilacerada. Algumas, atiradas de frente, partiram-se em duas sob o peso do vítima, traspassando-lhe o corpo de lado a lado.

Os socorros foram imediatos de acordo com os recursos disponíveis. Entretanto, somente dois resistiram a dolorosa operação de se lhes tirar do peito e das costas a ponteira aguçada das setas assassinas.

Nunca se viram entre todos os índios da região amazônica setas daquele feitio. Terminavam em pontas afiadíssimas, algumas em feitio de faca de dois gumes e outras em perfil de seta, cuidadosamente aguçadas em forma de "*V*". Quando se arrancava uma dessas pontas seus vértices pontiagudos traziam também pedaços de carne.

CONFECCIONADOS COM PRESENTES DO PRÓPRIO POSTO

Depois desse relato em que descreveu minuciosamente uma das mais trágicas ocorrências até hoje verificadas no nosso "*hinterland*" entre brancos e selvícolas, o inspetor Joviniano Caldas Magalhães, mostra algumas das flechas assassinas dos "*Waimirys*" e acrescenta:

– Alguém deve ter industriado esses índios ao tremendo massacre. Vejam o que representam essas flechas como armas mortíferas. Todas elas acabadas em aço e com pontas afiadíssimas.

Por ai se vê como desvirtua para o mal um ato bem intencionado. Essas pontas – acentua foram feitas com material distribuído de presente pelo próprio posto. Das facas, enxadas, terçados, foices etc. que habitualmente damos aos índios para desenvolver suas tarefas agrícolas e eles fizeram essas armas.

É fácil reconhecer a origem desse material pelas marcas registradas de fabricação que são visíveis em muitos deles.

UM CIVILIZADO DESAPARECIDO E UM BARBADO MISTERIOSO

– Como lá acentuei continua – não se podia prever esse acontecimento no Posto "*Irmão Briglia*". Tratava-se de um setor que só agora ia recomeçando os seus trabalhos, pois tanto este como outros pontos do SPI no Amazonas, estavam praticamente paralisados em virtude da precariedade dos recursos.

– Esse posto, antigamente, chamava-se "*Camanau*". Em 1942, foi também assaltado pelos índios, que mataram o seu chefe e um irmão deste de sobrenome Briglia.

Daí ter sido reinstalado com esse nome em homenagem aos dois civilizadores do SPI barbaramente sacrificados no cumprimento do seu dever.

Nesta segunda fase e com o seu novo nome o posto prosseguia calmamente nas suas tarefas, quando começaram a surgir certos indícios contra a rotina que lhe era comum.

– Sem importância porém para a previsão de uma tragédia: um deles foi o desaparecimento de um índio civilizado que se tornara funcionário do posto: outro o relato de um índio à senhora de um empregado sobre o trucidamento de alguns pescadores pelos "*Waimirys*", nas margens do Rio Alalau.

Esse índio revelando um espírito de revolta contra os brancos, não se sabe porque, repetia a todo instante: "*cariua-marupá!*", "*cariua-marupá!*", que quer dizer, "*branco mau!*", "*branco mau!*".

HIPÓTESES

– Pois bem.

Prossegue o inspetor.

– No dia do ataque foi visto entre os índios um indivíduo barbado que falava o português.

– Daí as conjeturas que o fato admite: não teria esse índio civilizado se aproveitado das circunstâncias para forçar uma natural ascendência sobre os selvícolas, induzindo-os ao ataque?

Depois dessa pergunta, acrescenta:

– Os índios, por si só, não fazem tal coisa. De hábito, os nossos selvícolas são inofensivos e jamais tomam a inciativa de um ataque. São valentes e perigosos quando ofendidos, mas humildes e pacíficos quando reconhecem na aproximação dos brancos um propósito de camaradagem.

– Diante disso, só resta concluir que os "*Waimirys*" foram instigados ao espírito de revolta por alguém desejoso de vingança, levando-os assim ao terrível massacre. (A NOITE, N° 12.485)

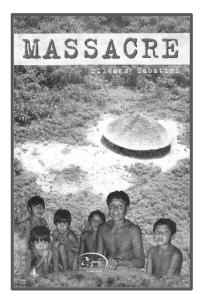
Massacre – Silvano Sabatini

O Padre italiano Silvano Sabatini escreveu o livro intitulado *"Massacre"*, nele o religioso sustenta que o massacre da Expedição liderada pelo Padre católico João Calleri, em novembro de 1968, foi arquitetado por um grupo de missionários americanos.

Sabatini era amigo do religioso morto em 1968. Sabatini contradiz, categoricamente, os inquéritos oficiais da época baseando suas conclusões em relatos orais de indígenas que teriam participado da chacina.

O relato de Sabatini é ratificado pelo Coronel Fregapani, também amigo de Calleri, que aponta como artífices e autores dos assassinatos agentes Norte-americanos travestidos de missionários religiosos.

Guerrilha na selva

> Em 1884, finalmente, o botânico e etnógrafo João Barboza Rodrigues tenta a primeira aproximação pacífica dos Waimiri-Atroari através de três expedições. Para isso, usa método indireto de abordagem, fazendo o primeiro contato com os Uassahys, do Rio Jatapu, cuja hostilidade ainda não havia sido deflagrada pelo contato com o branco para, por meio deles, chegar aos Jauaperys, certo de que os Uassahys não eram mais que um ramo dos Jauaperys. [...] As expedições de Barboza Rodrigues abriram um período de vinte anos de relativa calma. A partir da década de 1880, entretanto, tem início o ciclo da borracha na economia amazonense, levando seringueiros e comerciantes a subir os Rios, penetrando em território indígena, em busca do látex. Em 1905, um desses comerciantes, Fuão Vidal, mata um índio no posto comercial que estabelecera nas margens do Jauaperi. Em represália, os índios matam um de seus empregados. [...]

Nos anos seguintes, índios e brancos se envolveram em uma surda guerrilha de tocaias e massacres, apesar da instalação de um posto pioneiro do SPI – Serviço de Proteção ao Índio, em 1911, no Rio Jauaperi. O maior incidente deste período foi a emboscada em que morreu um grupo de trabalhadores da "*Penha & Bessa*", empresa que operava na cata e exportação de castanhas, em 1926. [...]

Com a eclosão da II Guerra Mundial e a interdição dos seringais do Sudeste asiático, a Amazônia vive um novo surto da indústria extrativa da borracha na primeira metade dos anos 40. Com o retorno dos seringueiros às terras indígenas, o SPI estabeleceu, no primeiro semestre de 1941, novo Posto de Atração dos Waimiri-Atroari [PAWA], desta vez no Rio Camanau. Nunca se conseguiu apurar os motivos ou quem atacou o posto em novembro de 1942: não houve sobreviventes para contar a história.

Os corpos foram encontrados pelo Chefe da inspetoria do SPI em Manaus, Sebastião Moacyr Xerez, em uma visita de rotina: os irmãos Humberto e Luiz Briglia, João Vieira de Souza e sua família, a mulher, Maria Augusta, e dois filhos, Antônio Eva e uma menina de seis anos. Outra menina foi levada pelos atacantes e dela não se teve mais notícias. O Posto foi reinstalado em fevereiro de 1943, com o nome de Posto Irmãos Briglia, e mudado das cabeceiras para a Foz do Camanau, e novamente destruído em 1946. Desta vez foram onze mortos. (SABATINI)

> Ouvi, hoje [27.05.1949], de um passageiro o relato do combate travado recentemente entre caçadores de jacarés e os índios Waimiris na região do Rio Camanau. Segundo esse senhor, foram abatidos mais de 30 índios e capturado um menino, hoje entregue ao Serviço de Proteção aos índios [SPI], em Manaus. Todas as flechas eram de ponta de ferro, algumas delas tendo como ponta a extremidade de um facão. Pelo modo da narrativa, parece-me que nem os caçadores, nem o próprio SPI sabem quantos foram mortos, havendo naturalmente muito exagero em tudo. Os Waimiris ultimamente têm tido vários conflitos com os caboclos, estando ainda na lembrança de todos o massacre de Camanau, onde foram abatidos a flechadas vários servidores do posto indígena local. (CARVALHO)

O ataque ao Posto Irmãos Briglia foi o último massacre de vulto nas terras Waimiri-Atroari por mais de vinte anos.

Nas décadas de 50 e 60, indígenas e brancos chegaram a uma paz que, se não evitava totalmente as chacinas de parte a parte, <u>permitia que seringueiros, caçadores, pescadores e regatões transitassem com alguma segurança por território índio</u>. Essas incursões muitas vezes terminavam em tragédias, mortes anônimas de índios e caboclos cujos corpos e histórias ficaram esquecidos no meio da selva, na beira dos Rios.

Como a chacina contada pelo português Frederico Machado aos homens do PARASAR que procuravam a Expedição Calleri, em novembro de 1968. (SABATINI)

Massacre da Expedição Calleri

A Expedição era chefiada pelo Padre João Calleri, um sacerdote italiano de 34 anos, que se tornara conhecido por pacificar os índios Ianomâmi na região do Catrimani, na fronteira do Brasil com a Venezuela.

Quando os trabalhos de construção da estrada BR-174, que ligaria Manaus, no Brasil, a Caracas, na Venezuela, atingiriam o território Waimiri-Atroari, na altura do alto Rio Urubu, a cerca de duzentos quilômetros da linha do Equador, os operários começam a debandar em pânico. Ali é a área de caça dos Waimiri-Atroari, lendária nação de guerreiros famosa pela bravura na defesa de seu território.

Com o medo ameaçando interromper a construção da estrada, o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, que não confiava na delegacia regional da Fundação Nacional do Índio em Manaus, pediu ajuda a Padre Calleri para o trabalho de aproximação com os índios.

O grupo, oito homens, incluindo Padre Calleri, e duas mulheres, partiu de Manaus, em meados de outubro de 1968, para reunir-se em um acampamento do DER-AM, o Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas, localizado no Rio Abonari, a 220 quilômetros da capital do Amazonas.

Em 22 de outubro [1968], eles deixaram o acampamento do DER-AM, subindo em direção às nascentes do Rio Santo Antônio do Abonari, um afluente do Uatumã, viajando em dois barcos e levando alimentos para um mês, cinco revólveres, uma pistola, duas espingardas, um rádio transmissor-receptor e meia tonelada de alimentos, ferramentas e tecido para distribuir aos índios.

Nos dois primeiros dias, seguiram pelo afluente do Uatumã. [...]

No dia 25, "*Cara-de-Onça*" contaria que o grupo que seguira na frente estava acampado a mil metros dos Atroari e planejava chegar à maloca na manhã seguinte para o primeiro contato. [...] Na noite do dia 26, porém, o Padre já não parecia preocupado. [...]

Tudo parecia estar sob controle e o ambiente era quase de festa. Como pano de fundo, a irmã podia ouvir distintamente as brincadeiras dos índios e as risadas do Chefe Maroaga. Padre Calleri contou [pelo rádio] que tudo corria bem e que o Tuxaua até lhe passara saliva nos lábios, numa clara demonstração de amizade.

As coisas pareciam tão tranquilas que, no dia seguinte, Padre Calleri, pressionado pelo prazo que lhe dera o Cel Mauro Carijó para concluir sua missão, 31 de dezembro, dividiu ainda mais a equipe. Enquanto Marina, Aragão e "*Cara de Onça*" ficavam na maloca Atroari, ele voltaria ao acampamento-base com cinquenta índios para buscar os companheiros e a mercadoria que levara para presentear os silvícolas. "*Cara-de-Onça*" também já parecia estar perfeitamente à vontade entre os Waimiri-Atroari. [...]

Na volta do acampamento da TRANSCON, com a gasolina, Piauí, Manoel Mariano e os índios que o acompanhavam tiveram problemas com o motor. Os índios que os esperavam no acampamento-base ficavam cada vez mais apreensivos com a demora, até eles chegarem. Depois, segundo Álvaro Paulo, Calleri tentou fotografá-los, apesar do medo que sentiam da máquina fotográfica. Além disso, os indígenas estavam assustados com o cachorro de Álvaro Paulo, que corria atrás deles, obrigando-os a subir nas árvores.

O ambiente só se desanuviou depois que um índio caiu na água e Álvaro Paulo amarrou o cão. Foi nesse dia, também, segundo Álvaro Paulo, que o Padre ameaçou um índio com a espingarda.

Contrariando a ordem de Calleri, o mateiro estava dando presentes aos indígenas às escondidas. Maria Mercedes viu um índio guardando um prato e uma colher e contou ao Padre. Calleri teria obrigado o índio a devolver o prato, apontando-lhe a espingarda.

– Padre marupá [mau]. Índio roubando, Padre pega espingarda e pum... pum... índio morre.

Ameaçou o Padre, conforme a versão de Álvaro. Paulo Mineiro teria repreendido o Padre por ter ameaçado índio com a espingarda e a palavra "*marupá*". Os dois tiveram, então, uma conversa dura:

– Você está com medo? – teria perguntado Calleri.

– Estou sim. Eu tenho coragem para atravessar a mata sozinho, mas do jeito que você está tratando esses índios, vai provocar um desfecho perigoso para nosso pessoal.

Teria respondido Álvaro Paulo. O mateiro ainda correu atrás do líder dos Waimiri-Atroari, mas ele se recusou a voltar por medo do cachorro:

– Cachorro marupá – teria dito Maroaga.

Álvaro Paulo procurou convencer os outros expedicionários a abandonarem o Padre e voltarem com ele, o que causou mais um desentendimento com Calleri. Para completar o dia, Álvaro Paulo discutiu também com Manoel Mariano, por ciúmes de Maria Mercedes. Álvaro Paulo teve uma discussão muito forte com Manuel nesse dia, o dia em que o índio caiu n'água – Francisco Cordeiro lembra das histórias que corriam nas conversas dos radioperadores.

Na madrugada do dia 31, antes de o Sol raiar e os expedicionários voltarem à maloca de Maroaga, deixando Álvaro Paulo sozinho, Calleri entregou-lhe uma autorização para requisitar um avião do DAER-AM em São Gabriel e retornar para Manaus. Na hora da despedida, Paulo Mineiro ainda tentou convencer os companheiros a abandonar Calleri, mas eles não aceitaram. Seu compadre, Francisco Eduardo, estava desarmando a rede para partir quando Álvaro Paulo fez a última tentativa.

– Se é pelo dinheiro que vão lhe pagar, compadre, eu lhe dou quando chegar em Manaus.

Ele propôs, mas Francisco Eduardo recusou. Álvaro Paulo teria feito a última recomendação a Manoel Mariano:

– Você agora é o responsável pelo grupo, em caso de ataque dos índios fuja pela trilha, não pelo Rio. [...]

Neste último comunicado enviado à sede do DER-AM, como fizera na mensagem do dia 24, depois de sua primeira discussão com o mateiro, Calleri defendia seus métodos das críticas feitas por Álvaro Paulo e demonstrava sua preocupação com a visita próxima à maloca. Os incidentes da véspera o haviam deixado apreensivo e ele dera um jeito de desarmar os índios, trocando seus arcos e flechas por mercadorias. Agora, as coisas pareciam ter se acalmado.

Chovia torrencialmente, os índios já estavam se recolhendo à maloca para dormir e ele também ia se deitar, explicou a irmã Hugolina antes de desligar a fonia. Irmã Hugolina queria saber sobre os perigos que enfrentaria nos dias seguintes, mas sobre isso ele não queria falar. [...] Calleri não sabia, mas o que estava sendo planejado era a sua morte. A sua e a de todos os expedicionários que estavam com ele. O massacre estava planejado há muito tempo e o momento estava chegando. (SABATINI)

Teoria da Conspiração

Eles chegaram à América do Sul nos anos 30 e, de início, fixaram-se na República Cooperativa da Guiana ([54]) e no Suriname ([55]) como membros da Cruzada Evangélica Mundial, dividindo-se, depois, em dois

[54] República Cooperativa da Guiana: antiga Guiana Inglesa.
[55] Suriname: antiga Guiana Holandesa.

grupos, a MICEB – Missão Cristã Evangélica do Brasil, que se deslocou para a região dos Caiapós, no Pará, e a MEVA – Missão Evangélica da Amazônia, que permaneceu na área de fronteiras, montando sua base de operações no local que passou a ser denominado de Kanaxem, na Guiana.

Suas primeiras conversões foram conquistadas no início dos anos 40 em um grupo da "*nação*" Wai-Wai que havia se transferido da região do Mapuera, no Pará, para Kanaxem. Oficialmente, a MEVA é mantida por doações da Unevangelized Fields Mission, entidade com sede na Pennsylvania, EUA. Na verdade, porém, sua principal fonte de recursos era a exploração de duas minas de ouro, uma na Serra do Meruri, nome indígena da Serra do Jacu, na Guiana, e outra no território dos índios Tiriós, no Suriname.Em meados dos anos 50, eles iniciaram sua expansão em território brasileiro, na região que mais tarde ficaria conhecida como "*Província Mineral do Mapuera*".

Partindo da base de Kanaxem, que significa "*Deus te ama*", na língua dos Wai-Wai, nas nascentes do Rio Essequibo, na Guiana, eles começaram a espalhar missões com precisão militar. Primeiro nos Rios Tacutu e Mau, que estabelecem a linha de fronteira entre os dois países; depois no Cotingo Mucajaí, Auaris, Ericó e, finalmente, no Uraricoera e no Parima, impedindo acesso fluvial às fronteiras com a Guiana e a Venezuela, uma região rica em diamantes, ouro, diatomita, manganês e urânio. Para estabelecimento dessas missões, a MEVA fazia expedições exploratórias nas quais o zelo Missionário se confundia com o interesse mineral. [...]

O comportamento dos missionários da MEVA deram origem a rumores, no início da década de 60, de que sua verdadeira atividade seria a mineração, não a catequese.

Esses boatos nunca foram suficientemente esclarecidos mas, em 1961, o então Coronel Sérgio Camarão, do comando Aéreo da Amazônia, decidiu abrir uma série de pistas de pouso em torno dessas missões e convidar o Padre Dante Possamai, da Prelazia de Roraima, a acompanhá-lo em uma visita à Bacia do Rio Uraricoera para estudar a possível instalação ali de uma missão católica. [...]

Já sobre a MEVA, pesava uma longa lista de acusações, que ia do tráfico de índios brasileiros para trabalhar em sua central em Kanaxem à infiltração ilegal de técnicos para pesquisas em suas bases no Brasil, passando pelo contrabando de minérios e manutenção de milícias armadas clandestinas.

Malcher citava como exemplo o caso dos pesquisadores Ernesto Migliazza e Edson Diniz, do Museu Emílio Goeldi que, autorizados e financiados pelo governo brasileiro, foram impedidos por guardas armados de entrar numa Missão da MEVA. [...]

Nessas circunstâncias, é fácil entender a opção da FUNAI e de Albuquerque Lima pelos Missionários da Consolata para pacificação dos Waimiri-Atroari, no início de 1968. A MEVA ainda insistia, em setembro de 1968, pedindo autorização para abertura de uma terceira frente e atração no caso de "*situação imprevista*" com a Expedição chefiada pelo Padre João Calleri, o que irritou ainda mais o Diretor de Patrimônio Indígena da FUNAI. [...]

Em 1968, uma nova queixa, feita à Comissão Parlamentar de Inquérito que investigando a venda de terras na Amazônia ligava os pastores americanos John Davis, um Major da United States Air Force, e Henry Fuller, da Missão Novas Tribos do Brasil, ao contrabando de minérios, grilagem e venda de terras a estrangeiros. As acusações não foram uma surpresa.

Há anos o extinto SPI recebia reclamações sobre o trabalho das missões protestantes na Amazônia, especialmente a MEVA e sua divisão de apoio aéreo, a Asas do Socorro, chefiadas pelos irmãos Hawkins.

Segundo José Maria da Gama Malcher, Presidente do extinto SPI no período de 1951 a 1954 e primeiro Diretor do Patrimônio Indígena da FUNAI, contra a Asas do Socorro pesava a suspeita de usar seus aviões para contrabando de minérios. (SABATINI)

A Execução

Os assassinos chegaram às 05h00, quando ainda estava escuro. [...] Calleri ainda dormia, deitado em sua rede e o tiro o atingiu na barriga. No entanto, o Padre era forte como um touro e, mesmo baleado, saltou de sua rede, cambaleando e segurando a barriga onde o tiro o acertara, com o corpo dobrado para a frente devido à dor. Thomaz então armou seu arco e disparou.

A flecha atingiu o Padre pelas costas, na altura do omoplata esquerdo e Calleri dobrou-se ainda mais, caindo com o corpo atravessado sobre a rede enquanto os outros índios disparavam mais flechas contra ele. Nesse momento, um dos expedicionários, despertado pelo barulho do tiro, fez um disparo com arma de fogo. Thomaz ainda tem a cicatriz no ponto onde a bala pegou sua mão esquerda, arrebentando seu arco. Com o impacto do projétil, ele caiu no chão desmaiando. Quando retomou a consciência, alguns minutos depois, a chacina estava quase consumada.

Os homens da Expedição estavam todos mortos, restando apenas duas mulheres com vida e os "*soldados*" estavam discutindo com os Waimiri-Atroari o destino delas, enquanto quatro guerreiros Wai-Wai, reunidos à distância, somente observavam a cena. [...]

As duas tinham de morrer. A primeira a ser morta foi Mercedes e em seguida a Marina. O que aconteceu, horrorizou até os guerreiros Waimiri-Atroari, acostumados com os horrores das guerras intertribais. [...]

Também os Wai-Wai, como os Waimiri-Atroari, entretanto, se recusaram a tocar nos corpos. Kron ([56]) ainda cutucou o cadáver do Padre com uma lança, para mostrar que ele estava morto e já não oferecia perigo. Mas era exatamente por estarem mortos que os indígenas se negavam a pegá-los.

Como os índios se mostravam irredutíveis, Kron ensinou-lhes como fazer, mandando cortar algumas bura kiri ([57]) para que os soldados amarrassem os corpos e os índios pudessem puxar sem tocá-los. Os quatro Wai-Wai arrastaram, então, os corpos dos expedicionários para a beira do Abonari, onde os militares do PARASAR os encontrariam, já descarnados, um mês depois.

Retirados os corpos, Claude Lewitt passou a distribuir os pertences da Expedição entre os assassinos. Os Wai-Wai pegaram alguns facões e ferramentas e o próprio Kron recolheu, como sua parte na pilhagem, os pertences pessoais de Calleri, inclusive o pequeno diário que o Padre levava sempre preso ao braço esquerdo com um elástico para anotar a pronúncia e o significado de novas palavras que aprendia nas línguas das nações indígenas com quem mantinha contato.

O roubo não era, porém, o motivo do crime, pelo menos para aventureiros Norte-americanos. (SABATINI)

---

[56] Kron: como os Wai-Wai têm dificuldade em emitir alguns sons eles adaptaram os nomes dos brancos chamando Claude Lewitt de "*Kron*".

[57] Bura kiri: forquilhas de madeira, em língua Wai-Wai.

O Mistério da Morte do Padre

Meu grande amigo Coronel Gélio Augusto Barbosa Fregapani, de quem sou profundo admirador, enviou, a meu pedido, um dos capítulos de seu livro "*No Lado de Dentro da Selva II*", no qual faz um breve mas contundente relato sobre a morte do Padre Calleri.

O relato do Coronel Fregapani é mais elucidativo do que a versão de Sabatini.

> No final da década de 60, o Brasil, tentando integrar seu território, iniciava a abertura de uma estrada que haveria de ligar à cidade de Manaus ao longínquo e então isolado território de Roraima, quando esbarrou na reação de uma tribo conhecida por sua ferocidade: os "*Waimiri-Atroari*".
>
> Na abertura da estrada, sucediam-se as ameaças a ponto de muitos operários debandarem e ser difícil recrutar trabalhadores, mas a estrada tinha que prosseguir. Concordou-se em fazer uma pausa na abertura, enquanto uma equipe tentaria pacificar os índios ou transferi-los para outro local. Para chefiar a missão pacificadora, convidou-se o Padre Calleri.
>
> No dia 23.10.1968, o grupo, com o Padre mais sete homens e duas mulheres, atingia o território dos "*Waimiri-Atroari*", instalando um acampamento na margem do Rio oposta a uma maloca queimada e um ancoradouro com algumas canoas. Os contatos, desde o início, foram amistosos. As mensagens diárias prenunciavam uma feliz conclusão da missão pacificadora: "*eles mesmo descarregaram a canoa*", "*às 15 horas nos trouxeram, em sinal de amizade, quatro panelões de bebida para tomarmos juntos. Quase noventa índios nos fizeram a grande festa*"; "*tem índios que fizeram amizade conosco, até nos seguem por toda parte*" dizia o radioperador em tom otimista.

No final do mês, uma última mensagem, esta em tom sombrio:

– Os índios tornaram-se algo prepotentes. Com extrema facilidade passam da calma à violência. Ontem à noite, estudamos um meio de comprar as armas do grupo que nos acompanha, para podermos viajar mais sossegados. Hoje de madrugada, um dos nossos melhores homens abandonou a Expedição. Tudo indica que, se faltarem orações, as flechas não tardarão a voar.

Provavelmente não faltaram as orações das freiras e das crianças do Colégio Adalberto Vale, de onde saíra o Padre Calleri, mas as flechas voariam assim mesmo. Não houve mais mensagens. Eu ainda hoje me lembro do Padre João Calleri, hospedado no Adalberto Vale, Colégio de Manaus, onde minhas filhas estudavam. Era de fato uma figura impressionante.

Alto, muito forte, bem apessoado, alegre e extrovertido, sincero e cativante, era capaz de inspirar confiança à primeira vista. Tudo nele lembrava o esportista que era. Poderia ter sido um condutor de homens se não tivesse escolhido ser condutor de almas. Por suas atitudes generosas e meigas, as crianças o adoravam, bem como muita gente grande.

Ele reunira o grupo para pacificar os índios que estavam no caminho da estrada que ligaria Manaus a Boa Vista. Esses índios, os "*Waimiri-Atroari*", bastante arredios, tinham um passado de contato com os civilizados quando não faltaram massacres de lado a lado. Entretanto o Padre tinha confiança de que os poderia harmonizar ou conduzi-los para outro sítio, evitando novos choques. Ele já tinha pacificado uma tribo Ianomâmi em Roraima. Sabia o que fazia. Levava inclusive duas mulheres para demonstrar que não era uma Expedição guerreira, e se deslocava pelos Rios que, na Amazônia, não são considerados propriedade de alguém, portanto território neutro.

Um mês depois, num telefonema, o mateiro da Expedição pergunta se alguém mais havia chegado. Interrogado, disse que pressentira o ataque e se afastara da Expedição, mas que, arrependido, voltara no dia seguinte e vira os corpos de alguns dos companheiros terrivelmente mutilados. Que conseguira escapar, fugindo durante 15 dias por terra e por água, perseguido por índios ferozes, em grande parte desarmado, pois seu barco virara e perdera a espingarda.

Que tinha advertido o Padre do perigo, mas que ele, obstinado, não o ouvira. Que não sabia se algum outro teria sobrevivido. Agora não havia dúvida. A Expedição estava oficialmente perdida. Foi chamado o pessoal do PARASAR [Grupo da Força Aérea especializado em resgate] para a busca do que restasse.

Como quase todos eles tinham aprendido comigo a saltar de paraquedas e a andar na selva, me convidaram para acompanhá-los.

O assunto era um "*prato feito*" para a imprensa mundial, sempre ávida de sensacionalismo: uma Expedição desaparecida na selva, trucidada por índios ferozes. O assunto ainda iria se revelar mais grave, mas sem a mesma repercussão. Começamos as buscas de helicóptero, pedindo ao mateiro que nos mostrasse o local, na selva, onde teria havido os sinistros eventos, quando um médico do Hospital Tropical comentou comigo que o tal mateiro poderia ser um impostor, que era fazendeiro e ele [o médico] já tinha curado malárias na fazenda do falso mateiro.

Neste mesmo tempo, uma senhora que se dedicava a obras sociais nos informou que fora encontrada, numa cabana, a espingarda que o "*mateiro*" dizia ter perdido, com 50 cartuchos secos e mais material da Expedição e presentes que o Padre levava para os índios. Agora era certo que o mateiro havia mentido.

A imprensa já desconfiara disto. As buscas continuaram. Todos estávamos convencidos de que ele, Álvaro Paulo da Silva, vulgo Paulo Mineiro, seria o assassino e estaria usando a estória de índios para encobrir seu crime. Paulo Mineiro era uma figura contraditória; muito alto, forte, bem apessoado, bom de tiro e rápido no facão, exímio conhecedor da floresta, suas histórias estão até hoje envoltas em mistério. É certo que tinha trabalhado no início da abertura da estrada, indo à frente da turma de demarcação.

Dizia-se que teria sido Sargento do Exército; que teria desertado após um assassinato. Sempre fora um andarilho que fazia longas, solitárias e misteriosas viagens pela mata. Segundo se afirmaria depois, já havia feito contatos com os Atroari. Não há dúvida que era um homem perigoso, mas isto não era raro nessas paragens onde só aventureiros perigosos se animam a penetrar.

A suspeita durou até serem encontrados os restos da Expedição, os homens, todos, com marcas dos golpes de bordunas ([58]) que lhes haviam rebentado as têmporas. As mulheres, perfuradas por varas pontudas e cortadas ao meio, a facão. Isso praticamente o inocentou. Se tivesse sido ele, teria matado a tiros. Só índios poderiam matar daquela forma. As ossadas estavam na terra alagada da beira do Rio, com sinais de terem estado submersas pelas águas da cheia. A carne já havia sido comida pelos urubus. Três dos esqueletos estavam com os braços e pernas amarrados. Jamais se poderá saber tudo o que realmente aconteceu, pois Paulo Mineiro e a maioria dos índios que participaram do massacre já não pertencem a este mundo, mas as investigações imediatas e os depoimentos posteriores de diversos índios derramaram alguma luz sobre o que teria ocorrido.

---

[58] Bordunas: tacapes.

Na primeira versão, endossada pela FUNAI, o massacre teria sido provocado pela imprudência do Padre, e os índios estariam somente defendendo suas casas. O material da Expedição que o mateiro roubara e escondera seria somente uma tentativa quase inocente de ganhar algum dinheiro extra. Ele bem que tentara salvar a Expedição, pedindo que se retirasse da área, como comprovaram as mensagens radiofônicas do Padre.

A versão dos Atroari só veio a público a partir de 1975. "*Matamos o Padre junto com os brancos. FUNAI mandou matar. Foi Paulo quem disse que FUNAI mandou matar*".

Segundo os Atroari, quando Paulo Mineiro se retirou da Expedição, se reuniu novamente às escondidas com os líderes da tribo e um grupo da missão evangélica dos índios Wai-Wai, que estariam ocultos, vigiando a Expedição. O grupo estaria chefiado por um americano chamado "*Cron*". Ele e Paulo teriam dito aos índios:

> Vocês têm que matar. Ordem da FUNAI. O Padre vai trazer azar para vocês e prejudicar todos os crentes da missão evangélica e meu Chefe nos Estados Unidos vai se vingar. Vai jogar fumaça que matará todos vocês.

Depois a orientação de como fazer: "*Vocês fingem que estão contentes com a chegada deles e depois matam*" – O trecho completo está no livro "*Massacre*", de Silvano Sabatini, membro da comissão de inquérito sobre o incidente. Qualquer que seja a conclusão do leitor, ainda restarão muitos pontos de dúvida. Entretanto parece provável que Paulo Mineiro tenha tentado convencer o Padre a desistir e voltar com a Expedição, talvez para poupar-lhe a vida, talvez para impedi-lo de pacificar os índios que trancavam o acesso às fantásticas jazidas do Pitinga.

Seja como for, até a antevéspera do ataque, os índios pareciam tranquilos e Calleri não desistiria facilmente.

Como foi a execução, contou um dos participantes do massacre, o índio Tomás Waimiri:

– Quem atirou primeiro foi um branco [Cron?]. Calleri ainda dormia na rede e o tiro atingiu na barriga. Ele saltou da rede e eu atirei minha flecha nas costas dele. Ele caiu enquanto os outros jogavam mais flechas nele. Um dos expedicionários acordou e atirou em mim. O tiro pegou na minha mão. Os homens foram mortos logo, mas não queríamos matar as mulheres porque as queríamos para nós. O Paulo e os outros nos forçaram a matar.

Ainda segundo Tomás Waimiri, as duas mulheres foram mortas com tal crueldade que revoltou aos próprios índios. Certamente, ainda mais do que os índios, os incentivadores do massacre não poderiam deixar testemunhas.

Naquela época, nós, brasileiros, não sabíamos da existência das jazidas do Pitinga, mas tudo indica que já eram do conhecimento de organizações Norte-Americanas.

A partir dos anos 60, os pastores Norte-americanos já estavam sob suspeita de usarem a catequese como disfarce para prospecção mineral, manterem milícias armadas, de exploração ilegal de ouro e pedras preciosas e impedirem a presença de brasileiros.

Por mais de trinta anos os missionários do pastor Robert Hawkins haviam percorrido a região, cruzando as fronteiras do Brasil, e do Suriname, atraindo índios para sua missão na Guiana. O governo terminou por expulsá-los, sob a acusação de não serem pastores e sim agentes da CIA.

É provável que entre pastores houvesse realmente membros do serviço secreto Norte-americano, ou ao menos agentes a serviço das mineradoras daquele país. Um indício é que, próximo ao local do massacre, hoje se exploram as minas do Pitinga, e por lá Claude Lewitt, ou "*Cron*", como o chamavam seus índios Wai-Wai, estava colhendo amostras.

Cron nunca deixara dúvida de que seu interesse não era Missionário, pois ele nem religião tinha, apesar de sua base ser na missão evangélica. Tudo indica que ele tenha sido o mentor do massacre e Paulo um coadjuvante. Os índios comentaram que ele recebia ordens de um misterioso Mr. John.

Olhando com a perspectiva de hoje, sou levado a crer que os interesses comerciais dos gringos se misturavam com o interesse estratégico da grande nação do Norte. Mais do que dominar, eles tentavam impedir que o Brasil interferisse em seus mercados, no caso o de estanho, controlado por um cartel internacional que mantinha artificialmente os preços num patamar muito elevado. Mas foi em vão.

A estrada prosseguiu, levada avante pela Engenharia do Exército, e isto propiciou a exploração das jazidas do Pitinga, o que causou a quebra do cartel internacional. Prejudicado, o cartel passou a incentivar e financiar os movimentos indianistas e ambientalistas numa tentativa de frear a exploração do Pitinga e impedir que outros "*desenvolvimentos*" pudessem interferir nos mercados que eles dominam.

Quando não dava mais para impedir a exploração, uma última tentativa: o dono da mina, Octávio Lacombe, morreu "*acidentalmente*", uma estória não bem esclarecida. A mina foi vendida, mas ninguém mais conseguirá paralisar a exploração do estanho no Brasil. (FREGAPANI)

Padre Giovanni Calleri, o Missionário que Amou os Índios... (Por Gianfranco Graziola)

Nascido em Carrù em 1934, Giovanni foi ordenado Padre em 1957 pela diocese de Mondovì. Após a experiência pastoral de vigário paroquial em três paróquias de sua diocese, amadureceu sua vocação missionária e o desejo de partir para terras longínquas. Após um tempo de preparação, não sem obstáculos, em fevereiro de 1965 partiu como missionário da Consolata para a Prelazia de Roraima, norte do Brasil.

Dinâmico, generoso, carismático, e, sobretudo, apaixonado pelo Senhor, foi enviado para a Missão Catrimani, onde estabeleceu com os indígenas Ianomâmi, povo da floresta amazônica, uma relação de amizade e confiança recíproca. Por essa razão foi convidado a chefiar a expedição pacificadora entre os indígenas do Rio Alalau alarmados pela construção da BR-174 cruzando e ferindo sua terra.

A expedição tinha objetivos humanitários e pacificadores, mas, [...] se transformou num massacre dos seus membros, cujos restos foram encontrados somente no dia primeiro de novembro de 1968.

Os restos mortais de padre Giovanni Calleri, por vontade de Dom Roque Paloschi, então Bispo de Roraima, foram colocados debaixo do altar mor da Igreja Matriz, em Boa Vista. Na sua última carta à família, padre Calleri escreveu: "*se acontecer de eu morrer, saibam que foi por uma nobre causa*". [...].

Diário Carioca, n° 11.309 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-feira, 02.02.1965

Dente de Elefante paga Catequese de Índio da Amazônia

Roma – Tapetes russos do século XVI, armas árabes do século XVII, escudos Mau-Mau do Quênia e dentes de elefante entalhados na China no século XV serão leiloados na Itália, em benefício de uma missão religiosa dirigida pelo Padre Giovanni Calleri, de 30 anos, que pretende ir a zonas selvagens do território do Rio Branco, Brasil, onde os índios quase nenhum contato tiveram como o homem branco. Os 4 mil objetos da coleção de arte artesanato estão sendo exibidos em Roma atualmente e os preços variam de mil liras para pequenas bonecas japonesas até um milhão e meio para um ídolo chinês de marfim.

O padre Calleri pensa partir para a Amazônia em meados de fevereiro, via Brasília, onde chegará de avião. Os cinco mil quilômetros de Brasília até o Rio Branco serão percorridos de jipe, bote e a pé. "*Depois de tomar contato com os índios – disse o Padre – antes de catequizá-los, ou ao mesmo tempo, me ocuparei com o seu desenvolvimento econômico e social*". (DIÁRIO CARIOCA, N° 11.309)

Jornal do Comércio, n° 19.925 – Manaus, AM
Quinta-feira, 10.10.1968

Expedição Tentará Pacificação de Índios que Impedem Estrada

Uma nova fase para a construção da Rodovia BR-174, que ligará Manaus a Caracaraí, se iniciará no próximo sábado quando desta capital partirá a expedição que vai tentar a pacificação dos índios Waimiri e Atroari. Sem a integração desses silvícolas não se pode pensar na continuação da abertura da estrada, e isso ressaltou antes o Cel Mauro Carijó, ao participar da entrevista que o Padre João Calleri concedeu à imprensa para anunciar o trabalho que agora vai realizar.

A entrevista, convocada pelo Cap Alexandre de Souza, inspetor regional da Fundação Nacional do Índio [FUNAI], foi iniciada pelo Padre Silvano Sabatini, apresentando o seu colega roraimense, a quem a direção geral da FUNAI autorizou comandar a edição que agora se forma com aquele fim.

FEROZES

A experiência do Padre João Calleri, que há alguns anos vem se dedicando ao contato com os silvícolas, foi convocada tendo em vista a ferocidade ímpar dos Waimiri e Atroari que são os mais temidos da região. A isso se acrescenta uma tradição de ódio e desconfiança formada ao longo dos últimos 300 anos de infelizes contatos que com eles e os brancos tentaram estabelecer.

Entretanto, a Prelazia de Roraima vem se firmando e adquirindo larga experiência de pacificação havendo sido notável o trabalho realizado com os Catrimani, como o Padre Silvano Sabatini lembrou ao apresentar João Calleri. Os índios Waimiri e Atroari, cujas malocas se localizam exatamente na faixa por onde deverá passar a BR- 174, são, por isso mesmo o grande de objetivo desta fase de construção da estrada estando sua pacificação a justificar a reunião de esforços da FUNAI, da Prelazia de Roraima, do Distrito local do DNER, que financiará quase toda a Expedição, do DER-AM, da Aeronáutica e do GEF.

EXPEDIÇÃO

Liderada pelo Padre João Calleri a expedição será formada por 08 homens e 2 mulheres [cuja presença dará aos silvícolas a impressão de um movimento normal de família] que de Manaus sairá no próximo sábado, em avião com destino ao KM 150 da Rodovia.

Daí, os expedicionários em helicóptero, atingirão o KM 212, último acampamento do DER-AM. (JDC, n° 19.925)

Jornal do Comércio, n° 19.961 – Manaus, AM
Sábado, 23.11.1968

Buscas do PARASAR Revelam
Chacina no Alalau

No voo de reconhecimento, realizado a partir das 09h15 de ontem, é que os observadores do PARASAR, a bordo do "*Catalina*" 6225, localizaram alguns cadáveres da expedição comandada pelo Padre João Calleri, trucidada selvagemente pelos índios Atroari, nas proximidades do Alalau.

AS INFORMAÇÕES DO PARASAR

Logo após o regresso do "*Catalina*", e depois de conferenciar com os componentes da tripulação, o Tenente Ribas, coordenador geral da operação, reuniu os jornalistas que estão fazendo a cobertura do acontecimento e informou que os observadores do PARASAR haviam confirmado a existência de cadáveres nas proximidades da maloca 2, sendo que 2 corpos se encontram juntos, acredita-se que tenham sido trucidados, pois os cadáveres não estão completos.

Outros cadáveres foram vistos nas proximidades pelos observadores, sendo difícil acreditar-se que existam sobreviventes, pois os índios usaram o sistema de torturas para liquidar os expedicionários, isto porque os dois cadáveres vistos com mais precisão estão amarrados.

PROVIDÊNCIAS ADOTADAS

Informou o Tenente Ribas aos jornalistas que diante do fato já havia solicitado ao Rio os recursos necessários para o resgate dos corpos e possíveis sobreviventes. Assim é que hoje, provavelmente pela parte da tarde, estarão chegando a Manaus os elementos necessários, incluindo um avião Búfalo que transportará o PARASAR para São Gabriel, que será a base de operações da equipe de resgate; um helicóptero "*sapo*", à jato, que fará o resgate dos corpos, além de outros aparelhos que sobrevoarão o local para assustar os índios durante as operações do PARASAR.

O LOCAL DO MASSACRE

Conforme já dissemos acima os expedicionários foram massacrados na maloca 2, a 235 km de Manaus, e a 61 km distante do posto do DERAM, onde iniciaram a jornada para tentar a Pacificação dos Atroari. Durante o voo do "*Catalina*", os observadores não constataram a presença de índios no local do massacre, mas nas aldeias próximas eles existem em quantidade, vindo todos a observar o voo do avião. [...]

EQUIPE CONFIANTE

A equipe de resgate se encontra confiante na sua missão que deverá começar provavelmente hoje mesmo, afirmando o comandante que todos os corpos serão resgatados, qualquer que seja a condição dos mesmos.

TORTURAS

Acreditam os observadores que os expedicionários foram torturados até morrer, motivo porque os seus corpos ainda se encontram praticamente inteiros.

Foram morrendo aos poucos, de acordo com as torturas que lhes foram aplicadas, daí surgir uma hipótese embora muito vaga, de que possa ser encontrado alguém com vida, desde que tenha tido forças para suportar os sofrimentos.

QUEM ERA O PADRE CARELLI

O Padre João Carelli, chefe da expedição era italiano de nascimento e se encontrava no Brasil há apenas cinco anos. Apesar disso já dominava bem o nosso idioma, chegando inclusive a falar alguns dialetos indígenas. Passou 3 anos pacificando os índios Catrimani e tinha larga experiência com os silvícolas e seus métodos de vida.

Antes de partir para esta expedição trabalhou cuidadosamente na sua organização, cuidando de detalhes que poderiam ser úteis ao bom desempenho do seu trabalho. Lamentavelmente não alcançou o êxito desejado, sendo vítima dos elementos que tentava trazer para o seio da civilização.

OS COMPONENTES DA EXPEDIÇÃO

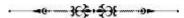
Além do Padre Calleri seguiam com a expedição duas mulheres, sendo uma delas esposa do radioperador, que fez questão de acompanhar o marido, pois era entusiasta de aventuras como essas; a outra era uma jovem amante de aventuras, já tendo participado de outras expedições no Catrimani, em Roraima; os restantes eram trabalhadores e funcionários do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem.

SERTANISTAS VIRÃO PACIFICAR

Com o propósito de colaborar nas operações deverão chegar hoje, em aviões da FAB, três sertanistas da Fundação Nacional do Índio, que juntamente com elementos do PARASAR, tentarão alcançar o local por terra, visando uma aproximação com os índios. Será uma iniciativa arriscada mas necessária, que muito virá ajudar nos trabalhos de resgate, possibilitando a que os elementos encarregados de içar os corpos para os helicópteros trabalhem com mais calma, deixando os índios de lado.

BASE AVANÇADA

Brasília, 22 [M] – O Serviço de Busca e Salvamento da FAB, informa que se for confirmada a existência de brancos massacrados nas proximidades da maloca de número dois, coordenada 01°02’ S / 60°02’ W será instalada uma base avançada no campo de pouso de São Gabriel, para as operações de resgate dos corpos e possíveis sobreviventes. Fotografias tiradas à bordo de um avião “*Catalina*” revelam a existência de corpos, próximos àquela maloca. De São Gabriel partirá uma expedição de sertanistas e da PARASAR, a fim de pacificar os silvícolas. Serão utilizados helicópteros e aviões para a operação, que contará com o integral apoio do Centro de Busca e Salvamento, em Manaus, inclusive para contatos radiotelegráficos. (JDC, n° 19.961)

Diário de Notícias, n° 232 – Porto Alegre, RS
Sábado, 30.11.1968

Surgiu a Estória de um Branco no Massacre

MANAUS, 29 [Meridional] – Os silvícolas da região amazônica, numa autenticação de que alguma coisa está ocorrendo de anormal, receberam com flechadas um avião "*Catalina*" que sobrevoava o local, ao contrário do que faziam anteriormente quando acenavam amigavelmente para qualquer aparelho.

Os ocupantes do aparelho da FAB todavia, não perceberam qualquer branco nas imediações, e já chegou a Manaus, vindo de São Paulo, outro helicóptero a jato, para substituir o aparelho que está operando na selva apoiado pela base avançada de Moura. Este, já esgotou o limite de horas de voo e deverá ser submetido a completa revisão.

Está circulando na capital amazonense a informação de que missionários norte-americanos teriam comunicado ao programa radiofônico "*A Voz da América*", dos EUA que a expedição do Padre Calleri não foi dizimada pelos índios. Seus elementos estariam perambulando pelas selvas. Na dolorosa sucessão de massacres dos Rios Alalau e Camanau sempre aparecem suspeitas de que hajam brancos por trás dos índios, insuflando-os contra a civilização – destaca o "*Jornal do Comércio*", órgão líder dos "*Diários Associados*" no Amazonas, comentando os chocantes acontecimentos nas selvas do nosso Estado.

Quando do ataque ao Posto "*Irmão Bríglia*" do então SPI, em 1942 – acrescenta – correu a notícia da existência de um índio branco, até louro, entre os invasores.

Causou desconfiança, também a transformação em pontas de lanças, usadas na ocasião, por instrumentos de corte, obtidos no mesmo Posto em troca de paz. Ninguém ignora que a área que agora se desbrava é considerada como uma das reservas naturais mais importantes da região, flora e fauna, com indícios de outras riquezas.

O BRANCO MARUAGA

Rio [Sucursal] – A expedição do Padre Calleri pode estar prisioneira na tribo dos Atroari, ou ter sido massacrada pelos índios que são incitados por um branco venezuelano conhecido por Maruaga, segundo versão do PARASAR e confirmada pelo engenheiro-agrônomo Eduardo Celestino Sanata, que está abrindo a BR-174 e é profundo conhecedor da região.

Esta versão ganhou consistência na localidade do Moura, depois que as autoridades da FAB deram maior atenção ao depoimento do mateiro Álvaro Paulo da Silva, que no seu relado inicial, fez referência à presença de um branco entre os Atroari, que havia passado até então desaparecido.

A versão de que os membros da expedição estejam aprisionados numa das malocas geminadas dos Atroari é consideraria importante pelas autoridades responsáveis pelas buscas e salvamento pois os cadáveres que foram fotografados e vistos anteriormente desapareceram, além de não ter sido encontrado nenhum vestígio concreto de violência.

Um novo avião "*Catalina*" está sendo aguardado em Moura para auxiliar nas buscas.

Também deverá chegar um Búfalo, que tem condições para pousar e decolar de até 300 m e oferece a vantagem de poder transportar mais homens e material.

Durante as buscas que compreendem um vasculhamento completo das malocas geminadas nas margens do Igarapé de S. Antônio, serão jogados centenas de espelhos de formato pequeno e cerca de cinco mil panfletos com instruções aos possíveis sobreviventes sobre os sinais que deverão emitir para os aviões que sobrevoam a região. [...]

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 1.º, e segunda-feira, 2 de dezembro de 1968 Ano LXXVIII — N.º 202

FAB acha 8 corpos da Missão Calleri

Imagem 42 – Jornal do Brasil n° 202, 02.12.1968

As notícias sobre a presença de um branco entre os Atroari, ocupando uma função de liderança, corre há muito tempo por toda a região. Após o relato do mateiro Álvaro Paulo da Silva e a confirmação feita pelo engenheiro Eduardo Celestino Santana – que constrói a BR-174 – as autoridades colocaram o fato como uma pista importante para elucidar o desaparecimento dos membros da expedição.

As pessoas que já viram o branco venezuelano descrevem-no como um elemento alto e idoso e que exerce autoridade muito grande entre os indígenas que demonstraram em seus contatos anteriores com a equipe que trabalha na abertura da rodovia terem "*profundo respeito pelo chefe Maruaga*". As operações de vasculhamento da área onde se localizam as malocas geminadas, último contato conhecido da expedição na selva, não evoluíram em nada mas deverão continuar com dois helicópteros. [...] (DDN, N° 232)

Manchete

A caminho da morte, a expedição do Padre Calleri deixou no território dos indomáveis índios atroaris um rastro passo a passo percorrido pelos nossos repórteres Ubirajara Mendes, Gervásio Batista e Vieira de Queiroz

O MASSACRE NA SELVA

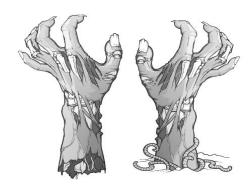
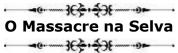



Imagem 43 – Revista Manchete n° 869, 14.12.1968

Manchete n° 869 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 14.12.1968

O Massacre na Selva

A caminho da morte, a expedição do Padre Calleri deixou no território dos indomáveis índios Atroari um rastro passo a passo percorrido pelos nossos repórteres Uirapuru Mendes, Gervásio Batista e Vieira de Queiroz.

"*Irmã, reze muito por nós, porque tudo indica que, se faltarem as orações, as flechas não tardarão a chegar*" – disse o Padre Giovanni Calleri a uma freira de Manaus, em sua última comunicação pelo rádio. O sacerdote italiano, com um grupo de oito homens e duas mulheres, partira para o território dos índios Atroari, conhecidos por sua agressividade.

Pretendia pacificá-los, para que o governo pudesse prosseguir, sem luta, a construção de uma rodovia de penetração para Roraima. Dias depois do último diálogo pelo rádio apareceu em Itacoatiara um mateiro que se apresentou como o único sobrevivente do massacre da expedição.

Ninguém quis acreditar. Uma missão de socorro foi, porém, enviada à selva, com turmas especializadas do SAR e do PARASAR. O resultado foi a descoberta dos esqueletos do sacerdote e de seus companheiros. Enquanto se processavam as buscas, a reportagem de MANCHETE refazia a rota da expedição.

Por aqui seguiu a expedição do Padre Giovanni Calleri, a caminho da morte. Por esse território proibido deverá passar a estrada para Roraima "Morrer, sim. Matar, nunca!" ([59]) era o lema altruísta do Marechal Rondon.

---

[59] Na verdade o lema era: "*morrer se preciso for, matar nunca*".

E esse lema foi cumprido à risca pelo Padre Giovanni Calleri e seus companheiros. Eram todos voluntários, desejosos de ver em progresso as obras da BR-174, entre Manaus e Caracaraí, no Território de Roraima.

Os trabalhadores da rodovia estavam intimidados, pois o traçado enveredara por uma zona de índios bravos, os Atroari e Waimiri. Encontramos, em vários lugares, vestígio da passagem da expedição: restos de comida, objetos de uso pessoal, imprestáveis ou abandonados – lembranças de homens e mulheres que, liderados pelo sacerdote, se dispuseram a deixar as comodidades e o conforto de Manaus, para tentar a pacificação das duas tribos. Esse trabalho teria valor inestimável para a região e nele estavam empenhados a Fundação Nacional do Índio, a Fundação Brasil-Central e o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem.

A reação dos Atroari só se explica em face de um contato anterior da tribo com brancos matadores de índios. Diante das atrocidades desses aventureiros, mesmo expedições pacíficas já são vistas como perigosas e indesejáveis pelos índios.

"*Os índios compareceram de repente, medrosos e desconfiados*", disse o Padre Calleri no penúltimo rádio.

Cinco dias antes do massacre, o Padre Calleri e seus companheiros chegaram à maloca dos Atroari. Houve troca de presentes –, os índios ofereceram bananas e beijus. Pelo rádio, o sacerdote italiano disse ter visto mais de 100 redes na Maloca da Esperança –, assim batizada porque tudo ia bem. Mas a expedição não se contentara com esse êxito. E resolvera ir a outras malocas. Segundo a FAB, a tribo dos Atroari conta cerca de três mil índios.

A missão pacificadora que o Padre Calleri não conseguiu realizar é um desafio aos nossos sertanistas.

Quando a BR-174 foi planejada e entrou em execução, ninguém levou em conta o fato de que essa rodovia, destinada a estabelecer ligação com a Venezuela, iria atravessar territórios em que a presença do homem branco não era tolerada pelos índios. Mas, depois, o problema se evidenciou de forma decisiva: ou os índios hostis serão pacificados, ou o traçado da estrada terá de ser alterado, com enormes prejuízos.

Os estudos e o início da construção já consumiram somas consideráveis. A tarefa pacificadora é, assim considerada, um grande desafio.

O sacerdote italiano sacrificado pelos Atroari deixou o clero secular e ingressou numa ordem missionária, dedicando-se à catequese dos indígenas da Amazônia, cuja cultura estudara no Museu Goeldi

O chefe da expedição massacrada, Padre Giovanni Calleri, italiano de 34 anos, era membro da Congregação dos Missionários da Consolata. Veio ao Brasil, em fins de 1964, expressamente para trabalhar na Prelazia de Roraima. Antes, pertencera ao clero secular. Mas entrara para aquela Congregação disposto a se dedicar à catequese.

Seus motivos, segundo o Padre Silvano Sabatini, procurador da Prelazia, eram os mesmos que atraíram à Amazônia vários outros sacerdotes italianos: a insatisfação pelo desempenho de funções meramente burocráticas nas paróquias italianas.

Na Itália, um Padre tem que esperar pelo menos dez anos para se tomar vigário. Mas não há só italianos, em Roraima. Ha também Padres franceses, ingleses, norte-americanos e espanhóis. O que ali falta é a presença do clero nacional.

Nos primeiros meses de sua permanência no Brasil, Padre Calleri fez, no Museu Goeldi, em Belém, um curso intensivo, preparando-se para lidar com os índios.

Depois, realizou sua primeira missão na selva, pacificando os Catrimani, tribo do grupo dos Ianomâmi, à margem direita do Rio Branco, já perto da Venezuela. Tais índios já haviam experimentado inúmeros choques com os civilizados.

Em 1934, houve um massacre de silvícolas. Desde então, o branco não se atrevia a entrar no Rio, temendo represálias.

Padre Calleri fez uma expedição preliminar, muito bem sucedida, seguindo-se outras. Numa delas, escolheu o ponto para construção de um campo de pouso para aviões, pois a navegação no Rio era dificultada por mais de 40 cachoeiras e rápidos, maiores e menores, a tal ponto que para se chegar ao local escolhido para base do trabalho de pacificação eram necessários mais de vinte dias de viagem.

<u>Após esses contatos iniciais, os índios foram pouco a pouco se acostumando a não receber presentes, mas a serem recompensados de forma justa por qualquer serviço que prestassem. O resultado foi a criação de um clima de respeito mútuo e confiança, pois, segundo o Padre Sabatini, "*o Índio sentia a promoção da sua pessoa humana*".</u>

Para conseguir isso, tinha o Padre Calleri a condição de líder nato, simpatia transbordante, espírito calmo e ponderado que não excluía uma firmeza persuasiva nos momentos necessários. Além disso, tinha grande respeito pelas instituições tribais e valorizava grandemente o chefe do grupo. Seus contatos com os demais membros da tribo eram sempre feitos através dele.

Para que não houvesse injustiças quanto à remuneração do trabalho dos índios, instituiu um sistema de pagamento por intermédio de fichas coloridas – para atrair e motivar o interesse dos assalariados – com desenhos de um ou mais círculos, cada um significando meio dia de trabalho.

O Padre Calleri não se preocupava em vestir os índios, pois via como questão imediata e prioritária a organização social do índio como comunidade. Também não sonhava a curto prazo com a catequese, que poderia abalar de forma violenta e prejudicial a estrutura social das tribos.Segundo o Padre Sabatini, ele queria dar uma contribuição como antropólogo e linguista para um estudo profundo da cultura indígena.

Conseguira atingir excelentes resultados embora, estivesse se defrontando com um sério problema, que era o da poligamia entre os índios, principalmente de seu chefe. Além de ter quatro ou cinco mulheres, nos últimos tempos ele se habituara a incorporar a seu harém jovens donzelas.

Mas mesmo numa questão desta ordem o Padre Calleri nunca intervinha, por aceitar o fato naturalmente como uma fase social, uma forma de manifestação de poder. Mas esta constatação não extinguiu no Padre o desejo de estudar o fenômeno para ver em que medida e de que maneira poderia ser criada uma nova mentalidade.

Os resultados da pacificação eram considerados os melhores possíveis. E, assim. o trabalho do Padre Calleri chegou aos ouvidos dos engenheiros do Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas, na iminência de parar os trabalhos de construção da BR-174, rodovia Manaus-Caracaraí, para evitar choques de índios com os trabalhadores. A solução ideal seria a pacificação dos Atroari e Waimiri. O Padre Calleri aceitou a missão com o maior entusiasmo.

Conseguiu logo a incorporação de funcionários do DER-AM, alguns voluntários e duas mulheres a sua expedição, que partiu de Manaus no dia 14 de outubro. No dia 22, deixou ela o seu último acampamento da BR-174, subindo o igarapé Santo Antônio, rumo e mais próxima aldeia dos Atroari, com os quais logo entrou em contato.

Mas no dia 31 de outubro o radiotransmissor silenciou, crescendo a suspeita de que fora massacrada pelos índios. Com grande emoção o Padre Sabatini recorda o seu amigo:

> – Seu plano inicial era fazer um contato muito rápido com os índios, mas depois deve ter mudado de ideia, fazendo um acampamento ao lado da maloca. Porque, em vez disso, ele não os atraiu a um território neutro como pretendia?

Padre Calleri e os membros da sua expedição pacificadora, mortos talvez no dia 1° de novembro, tiveram as mãos e os pês amarrados com cipós pelos Atroari, que os trucidaram a golpes de borduna. Quando resolvemos refazer o seu roteiro ainda não sabíamos disso. Três vezes no mesmo dia tentamos chegar ao acampamento do DER-AM em São Gabriel, sem o conseguir.

O tempo naquela região está quase sempre fechado. As chuvas quase diárias tornam perigosas as incursões aéreas. Só na quarta tentativa fomos bem sucedidos, embora as condições tivessem se tornado ruins a uns 20 minutos do acampamento, em virtude das camadas muito baixas de nuvens.

Gervásio e Queiroz iam cantando sambas no banco traseiro. E, no intervalo das melodias, comentavam se não poderíamos ter o mesmo destino do grupo do Padre Calleri.

Acontece que nossa missão era diferente, e, se aparecessem índios no caminho, não iríamos trocar presentes ou manter contato com eles. Íamos logo soltando os fogos de artifício para assustá-los além de dar uns tiros para o ar, com os dois 38 emprestados por amigos de Manaus. Em seguida, o plano era fugir. Afinal, já era bem conhecida a capacidade que tem os Atroari de aparentar amizade com os brancos para depois matá-los, como terminou acontecendo com o grupo do Padre Calleri.

Enquanto era discutida esta grave questão, eu observava o Comandante Homero Mello manobrar o Bravo Extra Piper, para furar e descer as espessas e continuas camadas de nuvens, que impediam e visibilidade e não permitiam que seguíssemos o trajeto da BR-174. Aqui é assim: o voo cego é uma temeridade, pois há sempre o risco de o piloto se perder sobre a selva; é necessário, então, um ponto de referência, como a estrada.

Sob as nuvens, voando a uma altura entre 250 e 300 metros, o problema não existe. Lá embaixo, um mundo hostil nos espreita: é a selva amazônica.

Porque a Expedição do Padre Calleri
Falhou e foi Trucidada?

Quais foram os erros do seu chefe? O principal deles terá sido a repentina e inexplicável mudança dos planos, que previam apenas um contato rápido com os índios, e mesmo assim em território neutro, afastado da maloca. Mas o Padre resolveu aceitar o convite dos índios para ir à maloca, e isto os deixou à vontade para o domínio da situação.

Outro engano: a inclusão de duas Mulheres na expedição, na esperança de que os índios aceitassem a missão com naturalidade, julgando tratar-se de "*uma família em viagem*".

Na verdade, a presença das mulheres poderia sugerir duas coisas aos Atroari: para uma família, eram poucas mulheres para muitos homens, e estes poderiam cobiçar as mulheres índias?

Ou havia a possibilidade de que os índios quisessem reter as mulheres, para minorar a carência do elemento feminino em suas tribos, devida a morte prematura das índias, quase sempre no momento do parto, pois na idade em que engravidam [10 a 14 anos] ainda não estão organicamente preparadas para isso?

O mateiro Álvaro Paulo da Silva, único sobrevivente da expedição, confirmou o interesse dos índios pelas mulheres brancas expresso de início em apalpadelas, criando um clima de grande tensão. Não terá sido esta situação a causa do massacre?

Mais: o Padre Calleri, em seu trabalho de pacificador dos Ianomâmi, usou de uma certa autoridade, exigindo sempre algum trabalho em troca de seus presentes. Não seriam seus métodos – embora corretos para os Ianomâmi – errados para os Atroari, que têm mentalidade diferente e acentuada disposição guerreira?

Recolhidos pelo Grupo de Socorro da Força Aérea Brasileira e Identificados em Manaus pelo Mateiro Álvaro Paulo da Silva, os Restos Mortais do Padre Calleri Serão Transportados para a Itália.

Depois do desaparecimento da missão do Padre Calleri, o acampamento de São Gabriel foi abandonado pelos operários do DER-AM. A construção da estrada está suspensa.

Após um rápido reconhecimento do terreno, sem nada a fazer ali, despedimo-nos do comandante e começamos a caminhada. A parte já construída da estrada termina ali, e o trecho que começamos a enfrentar está apenas desmatado.

A chuva da madrugada tornava o avanço difícil e cansativo, no terreno pesado e lamacento. Mesmo assim, só paramos quilômetros adiante, para lavar o rosto na água que jorra de um tronco oco e tombado em uma encosta. E logo continuamos, cercados por uma floresta densa e cerrada, em que a altura das árvores varia entre 20 e 50 metros.

Nela, há um festival de ruídos, guinchos, urros e cantos de pássaros. Serão mesmo cantos de pássaros ou assobios de índios?

Depois da pausa para o almoço – pão e salsichas, enlatados da Zona Franca – e de alguns minutos de descanso, vamos embora, rumo a zona em que desapareceu o Padre Calleri. Segundo o depoimento do mateiro, ele teria ameaçado os índios com sua espingarda, para impor respeito. Isto os teria grandemente irritado.

A partir daí, Álvaro Paulo resolveu deixar a expedição. Antes, advertiu o Padre de que "*a barra estava ficando pesada*" e que era melhor voltarem todos.

Mas o Padre contornou a situação, dizendo que ele voltasse para a maloca queimada e abandonada, a 25 quilômetros de distância, onde ficara parte do equipamento. Álvaro Paulo obedeceu e, ao chegar lá, entrou em crise. Diz que antes de fugir ainda voltou maloca dos Atroari, na esperança de que a expedição não houvesse sido massacrada.

Já era noite, tudo silencioso e sem índios, avistou um cadáver e então sua resolução de deixar a expedição foi definitiva: voltou à maloca queimada, esperou amanhecer e desceu o Igarapé Santo Antônio em pequena balsa já preparada para a fuga.

Adiante, encontrou uma canoa que o levou a Itacoatiara, de onde telefonou para a FAB, em Manaus, comunicando o acontecido. Seu depoimento causou muitas controvérsias. Havia quem achasse que a história estava mal contada.

As dúvidas surgiram principalmente depois de os homens do SAR e PARASAR desembarcarem na maloca por ele indicada, sem encontrar o cadáver que dissera ter visto. Havia, contudo, forte indício de massacre: os índios tinham abandonado a maloca.

Ao lado dela havia uma outra, em construção. Por que eles deixariam um lugar que pretendiam aumentar, a não ser por medo dos espírito dos mortos?

Esses indícios aumentariam na segunda busca dos homens do PARASAR: foram encontrados víveres e objetos do equipamento da expedição no acampamento do Padre Calleri. Se ele partira para outra maloca, porque deixaria ali os equipamentos, inclusive as botas? Apesar disso Álvaro Paulo foi colocado sob suspeita, principalmente por terem sido encontrados no barco que o levou a Itacoatiara uma espingarda e outros objetos da expedição que ele dissera haver perdido na viagem.

Em seu favor havia uma impressionante verossimilhança, uma sinceridade de homem simples incapaz de simular a ênfase dramática com que contou sua história. Mais tarde, ficaria provado que tinha razão: o cadáver que vira existira mesmo, só que fora depois arrastado pelos índios até 200 metros da maloca, onde foram colocados os demais. Ali permaneceram até serem encontrados na terceira incursão dos homens da FAB, já reduzidos a ossos.

O reconhecimento pôde ser feito pelo "*soutien*" de uma das mulheres e pelo dente de ouro do Padre Calleri, que como quase todos os outros teve o crâneo afundado a bordoadas.

Com a chegada da noite acampamos à beira da estrada. Instalamos as redes, fizemos fogo e preparamos o café. Por via das dúvidas, colocamos redes a mais de 4 m do solo. Aproveitamos uma pequena clareira que deve ter sido usada pelos operários do DER-AM.

Felizmente não havia tanto mosquito como em outras áreas da Amazônia. Mas, para nos defendermos da malária, trouxemos mosquiteiros, estendidos sobre a rede. Após o jantar, o fogo foi morrendo e a escuridão se tornou intolerável. Os bichos noturnos começaram a gritar. É difícil dormir. E é imprescindível renovar o fogo. Desço com a lanterna. Descubro um arbusto com pretensões a árvore.

Com o terçado [facão] bem amolado não é difícil reduzi-lo a toras, que vão para o braseiro. Subo para a rede. Gervásio começa a contar as estórias de suas viagens pelo mundo. Queiroz interrompe para dizer que talvez os índios acuados pelo pessoal da FAB, estejam se descolocando em nossa direção. Mas eu me baseei na opinião de alguns mateiros [nenhum deles quis nos acompanhar, achando a incursão desaconselhável e o momento perigoso], que me disseram que os índios não andam nem atacam à noite.

Entretanto, não é bom facilitar. E quando o cansaço finalmente nos vence, Queiroz fica velando pelo nosso sono. As três horas fui acordado pelo Gervásio, que me passou a vigília. As seis, eu os acordei, e após um lanche ganhamos de novo o caminho onde será construída a estrada.

O mateiro Álvaro Paulo acabou inocentado. Seu único pecado foi o de tentar tirar alguma vantagem, ocultando ter trazido na fuga alguns objetos da expedição. Mas uma coisa ficou provada: ele era o único, pela sua experiência, a ter consciência do perigo da situação.

O Padre Calleri, nos últimos rádios que passou para a base em Manaus, também reconheceu que as relações com os índios não estavam muito boas. Mas porque não voltou, obstinando-se numa pacificação cada vez mais temerária? Quando ele deixou de dar notícias, a 31 de outubro, Manaus começou a fervilhar de boatos.

Dizia-se que os índios Atroari eram chefiados por um homem branco, muito mau e temido por eles próprios. Que homem branco? Bem, até em Martin Bormann, o carrasco nazista, chegou a se falar.

Chegamos ao trecho mais difícil da jornada: os 10 quilômetros de picada abertos pela frente avançada da construção da rodovia – algo mais como um túnel verde furando vegetação cerrada.

É verdade que agora as copas das árvores, que se entrelaçam como se pertencessem a uma só, não deixam filtrar nem um raio daquele Sol impiedoso que nos vinha castigando na estrada. O calor é que continua o mesmo. Com o ar quente e pesado, aquela sensação de abafamento, só há uma diferença, para pior: a umidade.

Com a roupa grudada no corpo, ninguém se atreve a tirar a camisa, temendo a picada de algum inseto. O terreno às vezes se torna muito íngreme. São muitas as elevações e declives. A esta altura, já esqueci da minha ofidiofobia, aquela sensação do bicho se enrolando na perna a uma simples conversa sobre cobra.

É engraçado: nesta picada, ainda não vimos nenhuma. Só quando estávamos na estrada, uma cobra amarela que ninguém soube identificar atravessou o leito com muita pressa e desapareceu na mata.

Quem mais trabalho teve com a expedição massacrada do Padre Calleri foram os homens do PARASAR e do SAR, que fizeram sua base de operações no Posto avançado de Moura, a 300 quilômetros de Manaus, e 90 da Maloca da Esperança.

Moura só tem campo de pouso, um agrupamento de quatro casas e nenhum recurso. Víveres, equipamentos e combustíveis eram levados diariamente para lá, pelo "*Catalina*" e pelo "*Aero Commander*" do DNER engajados nas buscas.

As péssimas condições atmosféricas da região não permitiam buscas diárias. Estas só puderam ser intensificadas a partir do penúltimo dia de operações, com a chegada do avião Búfalo e de mais um helicóptero. Mesmo assim os helicópteros não podiam sair desacompanhados, aviões deviam escolta-los para que não se perdessem sobre as selvas.

E havia também o perigo de um ataque indígena aos homens encarregados das buscas, todos com instruções para não atirar neles. Mas em todas as incursões jamais se separavam das armas, pois sabiam que os Atroari são traiçoeiros, só atacando quando tem certeza da vitória.

Foram 14 dias de buscas, duros e trabalhosos. No dia em que os corpos foram encontrados, os homens do SAR, ao descerem no Aeroporto de Manaus, foram recebidos com fortes e emocionados abraços por seus companheiros. O Tenente Everaldo Ribas, que chefiou a operação, ao ter notícia pelo rádio de que a expedição tinha sido massacrada pelos índios, não conteve as lágrimas. Há duas semanas, ele dormia apenas três ou quatro horas por noite, Durante o dia, além de coordenar os trabalhos, ouvia muitas histórias fantásticas sobre o destino da expedição. Além disso, sofria a pressão dos jornalistas, que não se conformavam em receber apenas o ditado sobre as operações, ao fim de cada dia.

Também nós não nos conformávamos com o ditado. Por isso, estávamos chegando a Santo Antônio, naquele entardecer quieto e parado em que as árvores não faziam o menor movimento. Já um pouco desanimados, vimos surgir, em uma curva da picada, uma clareira, de onde pudemos divisar o acampamento e o Igarapé. Aqui funcionou a última frente da BR-174 até um mês atrás. E nos deixou um legado precioso, na figura deste velho barracão que nos abrigaria da chuva iminente.

Depois de jantar, podíamos até escutar os rugidos das onças sem ficar preocupados. Foi só trancar a porta e pudemos dormir os três, sem necessidade de vigilância. Estávamos protegidos da floresta amazônica e de suas ciladas. Já tínhamos água para beber: era só fervê-la neste fogo tão amigo. Mas acordamos sobressaltados com pancadas na porta.

Gervásio já estava com a arma na mão. Queiroz segurava um foguete e uma caixa de fósforos. Entreolhamo-nos rapidamente. Perguntei quem era. Uma voz forte respondeu: "*É o barqueiro*". Saímos da cabana dando risadas e tapas amistosos nas costas do homem. Conforme o combinado, ele viera em sua lanchinha a motor pelo Rio Uatumã e pelo Igarapé S. Antônio, para nos encontrar. É um velho gordo e queimado, que há oito anos trabalha com seu barco no Rio Amazonas. Português, esteve 15 anos na Marinha Mercante, deixando-a pela vida sobre as águas do Rio. Antes, passava uma temporada no Amazonas e outra em Portugal, para visitar os parentes. "*Agora, com esse tal de cruzeiro novo não dá mais*".

O Igarapé Santo Antônio tem entre 5 e 30 metros de largura. As inúmeras curvas nos deixam a 40 quilômetros da maloca queimada. As margens esbarram, como a estrada, na mesma selva bruta. Estamos na rota final do Padre Calleri. Há mês e meio, o sacerdote percorria com seu grupo estas mesmas águas, rumo à maloca dos Atroari. E o mesmo Sol lhe escaldava o rosto. E havia a mesma expectativa e os mesmos olhares inquisitivos para as margens.

Hoje, o Padre e seus companheiros estão mortos, a BR-174, pivô da tragédia, está parada. E a pacificação dos Atroari é imprescindível à conclusão desta estrada, muito importante para o Amazonas. Ela deve atravessar o território dos Atroari e Waimiri, ultrapassando o Rio Alalau, e entrando no Território de Roraima, rumo a Caracaraí.

De lá já existe uma rodovia para Rio Branco, que só precisa ser melhorada. De Rio Branco, a estrada ganha a fronteira com a Venezuela, na cidade de Santa Elena, abrindo caminho para as exportações e integrando uma enorme região brasileira. Já falam em mudar a rota da estrada, por causa do massacre da expedição do Padre Calleri.

Mas no Amazonas ninguém aceita esta solução, pelo trabalho já realizado e as somas investidas nas obras da rodovia. Então o problema fica de pé, uma dor de cabeça para o governo: ou se faz nova expedição para pacificar os Atroari, ou se continua a construção da estrada, correndo-se o risco de um ataque de índios.

Corremos o risco de um ataque de índios, mas não é isto o que nos preocupa. Depois de navegarmos durante cinco horas subindo o Igarapé Santo Antônio, a nossa aventura terminara.

Há um problema, agora, a resolver: quem retomará a perigosa tarefa do Padre Calleri, para tentar a pacificação dos Atroari? Estes índios são mais claros que os demais silvícolas da Amazônia. Altos, fortes e atléticos, ao rir mostram bons dentes. Vivem em mais de 13 malocas já localizadas entre o Igarapé Santo Antônio e o Rio Alalau, supondo-se que existam muitas outras ainda desconhecidas. Na mesma região habitam os Waimiri, que etnicamente se localizam no mesmo grupo, o dos Caribes.

Os Atroari não têm tradição belicosa. Há muitos anos mantém contato com os brancos, quase sempre partindo de uma posição inicial de cordialidade. Mas com o correr dos anos, iludidos e enganados pelos brancos, que lhes invadiam as terras, usando a força das armas, aprenderam que, quando eles apareciam, a morte andava por perto. Essa lição foi rapidamente assimilada.

Em 1942, eles executaram um massacre no Posto Camanau, depois chamado Posto Irmãos Bríglia. Nessa ocasião, o funcionário do então SPI, encarregado do local, cometeu o erro básico: o de se considerar dono da situação confiante na pacificação dos índios, cujos grupos já frequentavam o posto, trocavam presentes e davam mostras de perfeito entrosamento.

O encarregado do Posto e os demais funcionários passaram a conviver sem quaisquer preocupações com os índios, sendo por isso advertidos pelo SPI. Justamente no dia em que essa advertência foi feita, ocorreu o massacre. Os selvagens se aproximaram do Posto como quem vai trocar presentes e, aproveitando a distração dos funcionários, atacaram-nos de surpresa, matando-os.

Em 44 verificou-se novo massacre, desta vez nas margens do Rio Alalau. Foram mortos a flechadas dois técnicos norte-americanos e três brasileiros, havendo apenas um sobrevivente. Eles haviam terminado de fazer o levantamento do curso daquele Rio e o desciam numa canoa, quando perceberam a presença de alguns índios nas margens. O americano fez questão de encostar o barco, pois queria muito ter contato com indígenas. Apenas um destes se aproximou do grupo. Os demais permaneceram observando tudo por trás das árvores. Após a tradicional troca de presentes, o americano assestou a máquina fotográfica para registrar a presença do índio, mas esse mudou de atitude, gritando: *"Não, não! Isso ruim!"*.

Os brasileiros advertiram o americano, mas ele não lhes deu ouvidos e, ao bater a chapa, recebeu a primeira flechada. Imediatamente, as flechas começaram a chover. O outro americano e o brasileiro tentaram escapar a nado. O segundo, ágil nadador, fez em mergulhos a maior parte do percurso de sua fuga abrigando-se atrás de umas pedras no outro lado do rio.

Daí viu o americano afundar, após receber uma flechada na nuca. O único sobrevivente escapou numa fuga que durou vários dias, porque conhecia a região, rica em palmitos e bananeiras. Mesmo assim, ao ser encontrado, estava fraco e combalido, a ponto de sucumbir.

Em 1946 houve outro ataque ao Posto dos Irmãos Bríglia, com trucidamento de funcionários do SPI. E a última manifestação guerreira dos Atroari, antes do caso do Padre Calleri, foi o desaparecimento de quatro homens às margens do Rio Alalau, em 1966.

Contudo, alguns brancos tiveram contatos pacíficos com os Atroari. Um deles é o sertanista Gilberto Figueiredo, que há 27 anos exerce tão perigosas tarefas. Ele diz que tais índios não revelam qualquer atitude agressiva, embora às vezes gostem de receber presentes sem dar nada em troca. O sertanista, em junho deste ano, fez os primeiros voos rasantes sobre as malocas dos Atroari, juntamente com engenheiros da BR-174, Manaus-Caracaraí.

Os índios não se assustaram, nem demonstraram atitude guerreira para com o avião. Animados com a boa receptividade – os índios chegavam a abanar para os participantes do voo –, resolveram, em julho, desembarcar de um helicóptero na principal maloca – aquela que agora está sendo chamada de Maloca da Esperança –, sendo recebidos pelos índios.

Houve troca de presentes, mas por medidas de precaução o grupo não se demorou lá mais de 10 minutos, prometendo voltar entretanto, depois de uma lua.

Efetivamente em agosto, Gilberto fez marchar a sua nova expedição, que estabeleceu o itinerário depois seguido pelo grupo do Padre Calleri. Após deixar o acampamento de Santo Antônio, pelo Igarapé, Gilberto atingiu a maloca queimada e abandonada, conseguindo o primeiro contato com três índios, com idades de 17 a 20 anos.

Estes logo o convidaram a segui-los, o que fez, deixando bandeiras nos locais em que passavam [estas bandeiras seriam depois mencionadas nas

comunicações do Padre Calleri, pelo rádio]. Ao chegarem à maloca, encontraram poucos índios, apenas três ou quatro casais com seus filhos. Os demais tinham ido a uma festa muito longe – a uma lua de viagem – foi a explicação que Gilberto recebeu.

Após haverem dado panelas, camisas e outros objetos aos índios, recebendo beiju e muitos cachos de bananas, Gilberto e seu grupo foram convidados a visitar as roças onde os Atroari plantam mamão, cana, aipim e batata-doce, ao lado de enormes bananeiras que caracterizam a região. Atravessaram o Igarapé em canoas e caminharam cerca de duas horas, encontrando outro pequeno grupo de índios, que relutavam em se aproximar.

Só depois de muita insistência é que um menino se acercou deles e os outros o apresentavam com um certo orgulho: "*Curumim, Capitão Maroaga*". O menino era filho do Chefe, o Tuxaua Maroaga. Dali Gilberto e seu pessoal regressaram e passaram novamente na Maloca da Esperança, onde fizeram novas trocas, recebendo grande quantidade de arcos e flechas.

O grupo de Gilberto faz questão de ressaltar que em nenhum momento os índios demonstraram o menor sinal de hostilidade. Nem por isso, eles se consideraram donos da situação e agiam sempre com as maiores cautelas, precavendo-se contra um possível ataque. A partir desta experiência. Gilberto diz que não chega a entender como os Atroari, após bons contatos com postos do SPI, como o de Jauaperi, ao contrário de outras tribos, terminam sempre voltando à vida selvagem e às atitudes agressivas. (MANCHETE, N° 869)

Os restos dos membros da expedição do Padre Calleri foram recolhidos perto da maloca que os índios atroaris abandonaram. (Foto de "O Globo".)

Recolhidas juntamente com alguns objetos pertencentes aos expedicionários, as ossadas das vítimas dos atroaris foram levadas para Manaus. O mateiro Álvaro Paulo da Silva identificou a do padre por um dente de ouro.

Imagem 44 – Revista Manchete n° 869, 14.12.1968

Imagem 45 – Revista Manchete n° 869, 14.12.1968

Jornal do Brasil, n° 145 – Rio de Janeiro, RJ
Quarta-feira, 24.09.1968

FUNAI Detém Chefe Atroari Temendo Sarampo na Aldeia

Brasília [Sucursal] – O Sertanista Gilberto Pinto está se defrontando com um sério problema: impedir que o Cacique Maruaga dos Atroari regresse de imediato à sua aldeia, pois pode estar levando doença que dizimará seu povo. Maruaga esteve recentemente no Posto Indígena Jatapu, onde quatro crianças se encontram com sarampo. Se ele ou um dos seus 23 guerreiros retornar à aldeia com o bacilo da doença, os Atroari, cerca de 2 mil, poderão morrer da doença, que normalmente lhes é fatal.

PACIFICAÇÃO

Desde que massacraram a expedição do Padre Calleri os Atroari vêm sendo alvo das atenções da FUNAI, que tem desenvolvido todos os esforços para pacificá-los.

Em maio, um grupo desses índios aproximou-se do Posto Irmãos Bríglia, ocorrendo novos encontros nos últimos meses. O sertanista Gilberto Pinto, considerado na FUNAI como o melhor depois de Francisco Meireles, acertou com o cacique Maruaga, através de índios que apareceram no posto, um encontro a várias luas, mais ou menos em fins de outubro.

Foi surpreendido com a notícia de que Maruaga, acompanhado de 23 guerreiros, apareceu no Posto do Rio Jatapu. Nesse Posto, quatro crianças encontram-se com sarampo. Ao ser avisado do aparecimento de Maruaga, Gilberto deslocou-se para o local, mas já não o encontrou.

Após dias e noites de marcha batida, de acordo com notícias chegadas ontem, conseguiu encontrar Maruaga já nas cachoeiras do Rio Camanau. A missão principal de Gilberto é de colocar Maruaga e seus 23 guerreiros de quarentena, até que se verifique se algum deles contraiu ou não a doença. O receio da FUNAI é que estes índios, ao regressarem, contaminem a Aldeia, o que representará morte certa para vários Atroari, pois são muito sensíveis ao sarampo e à gripe.

O sertanista Gilberto Pinto, no entanto, não pode explicar aos índios essa circunstância, pois são desconfiados e há receio de que se revoltem.

No primeiro contato, mantido a 19 último. Gilberto não conseguiu convencê-los a ficarem para caçadas e pescarias porque, argumentavam, "*estavam sem suas Marias*", as mulheres.

Ainda que Gilberto Pinto não tenha notado qualquer sinal da doença nos índios no encontro mantido a 19 último, poderá haver dificuldades mesmo que ele consiga, retê-los. Os índios, que se mostram muito desconfiados, se algum deles vier a ficar com sarampo poderão considerar isto uma consequência de terem sido retidos pelo sertanista. (JB, N° 145)

Revista O Cruzeiro, n° 33 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-feira, 11.08.1970

Missão de Paz Entre os Atroari

Reportagem de Ubiratan de Lemos e Geraldo Viola

EXCLUSIVO

Eis o relatório do sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, da FUNAI, sôbre contatos com os índios Waimiris e Atroaris, tribos guerreiras e inimigas, por muitos anos, mas que agora formam uma só comunidade, sob o comando supremo do célebre cacique Maruaga, que comandou o massacre contra a Missão do padre Calleri.

MISSÃO DE PAZ ENTRE OS ATROARIS

Reportagem de
UBIRATAN DE LEMOS e GERALDO VIOLA

Esta reportagem reproduz o relatório do sertanista amazônico Gilberto Pinto Figueredo Costa, da FUNAI. Foi êle quem realizou o primeiro contato com o chefe índio Maruaga (foto), o cacique Atroari que deu a ordem para o massacre da Missão do padre Calleri. O sertanista, em seu falar relatorial e simples, narrou todos os episódios da expedição. Em nenhuma ocasião os índios abordaram o massacre. E tudo correu bem, com saldo de maior confraternização entre silvícolas e servidores da FUNAI.

Imagem 46 – Revista O Cruzeiro n° 33, 11.08.1970

Eis o relatório do sertanista Gilberto Pinto Figueredo Costa, da FUNAI, sobre contatos com os índios Waimiri e Atroari, tribos guerreiras o inimigas, por muitos anos, mas que agora formam uma só comunidade, sob o comando supremo do célebre cacique Maruaga, que comandou o massacre contra a Missão do Padre Calleri.

A importância dos contatos narrados decorre do fato de que essa aproximação com os índios belicosos se verificou pouco depois do massacre brutal, sem que o sertanista Gilberto tivesse conhecimento do fato, porque se encontrava, há meses, internado na selva, inspecionando postos indígenas e procurando encontros com tribos arredias.

O relatório é uma peça de substância informativa. O sertanista – o único que manteve contato com os terríveis Atroari – conta detalhes curiosos do encontro.

A história desses índios contém aspectos fortes de sua índole guerreira. Quando Barbosa Rodrigues, o famoso botânico autor de "*Certum Palmarum*", alcançava o Rio Alalau, em missão científica, foi atacado pelos Atroari. Durante a última guerra, oficiais americanos procuraram filmar esses índios e foram massacrados.

Há 20 anos, eles atacaram o Posto Irmãos Bríglia, do então SPI, e mataram quem lá se encontrava: homens, mulheres, crianças e até animais domésticos.

A sua aversão ao branco é muito antiga e remonta à conquista pioneira do Amazonas, na época em que o colonizador português Pedro Favela – conforme nos conta o historiador Arthur César Ferreira Reis – matou mais de 40 mil índios (**?**) nas cabeceiras do rio Urubu.

No começo do século, a invasão do interior amazonense para conquistas de seringais era um gesto feroz, assim como acontecia nos Estados Unidos em relação ao Oeste americano.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
1ª DELEGACIA REGIONAL

RELATÓRIO APRESENTADO PELO SERVIDOR GILBERTO PINTO FIGUEIRÊDO COSTA, AO SR. CHEFE DA 1ª D.R./FUNAI, EM ADITAMENTO AO DATADO DE 25 DE OUTUBRO DO CORRENTE ANO, E REFERENTE A 2ª VIAGEM AO RIO CAMANAÚ, DE ACÔRDO COM OS TÊRMOS DA O.S.I. Nº 025/69.

SENHOR CHEFE:

AINDA SOB A FORTE IMPRESSÃO DO ENCONTRO QUE MANTIVEMOS COM OS WAIMIRÍS, NOS PRIMEIROS DIAS DE SETEMBRO, E EM CONSEQUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO PROCEDENTE DO PÔSTO CAMANAÚ, INFORMANDO HAVER CHEGADO NAQUELA UNIDADE, DIA 17, VINTE E QUATRO (24) ÍNDIOS, CHEFIADOS PELO TUCHAUA MARUAGA, O MAIORAL DOS WAIMIRÍS, QUANDO RECEBÍ A ORDEM DE SERVIÇO INTERNA NRº 025/69, DESSA CHEFIA, PARA QUE, EM CARÁTER URGENTE, SEGUISSE COM DESTINO AQUELA REGIÃO E CONTACTASSE COM O FAMOSO CHEFE INDÍGENA.

TOMADAS AS PROVIDÊNCIAS, SAIMOS DESTA CAPITAL, DIA 18, ÀS 17 HORAS.

ANTES, PORÉM, ATRAVÉS DA FONIA, INSTRUIMOS O SR. ESTEVAM DA SILVA RODRIGUES, ATUAL ENCARREGADO DAQUÊLE SETÔR, NO SENTIDO DE ENVIDAR TÔDOS OS ESFORÇOS, PARA FAZER COMQUE O TUCHAUA MARUAGA E SEUS GUERREIROS ALÍ NOS AGUARDASSEM, COM CHEGADA PREVISTA PARA AS 12 HORAS DO DIA 19.

DADA A URGÊNCIA E IMPORTÂNCIA DO ENCONTRO, VIAJAMOS SEM DESCANSO, TENDO CHEGADO NO CAMANAÚ ÀS 14,45 HORAS DO DIA PREVISTO, ONDE NÃO MAIS ENCONTRAMOS O CHEFE MARUAGA E SUA GENTE.

ESTÁVAMOS MUITO PREOCUPADOS EM QUE OS ÍNDIOS VIESSEM A CONTAGIAR-SE COM SARAMPO, CONSIDERANDO QUE TERIA UNS CASOS DA DOENÇA, EM FILHOS DE FUNCIONÁRIOS QUE SERVEM NO CAMANAÚ.

(CONTINUA)

Imagem 47 – Revista O Cruzeiro n° 33, 11.08.1970

Os Atroari não esqueceram essas lutas. Por isso a FUNAI se empenha em produzir, nesses índios – como nas muitas tribos do Brasil – a imagem positiva do branco, respeitando suas terras e seus costumes, e combatendo com mão de ferro a ocupação violenta do terras ocupadas por silvícolas. Na realidade, qualquer denúncia de ação armada de branco contra índio tem como consequência imediata a punição drástica por parte das autoridades. Essa evidência, de 64 em diante, trouxe a paz nas selvas do Brasil. E os comentários de certa imprensa estrangeira, quanto à matança de índios, não passou de invencionice criminosa de grupos subversivos interessados em pichar o nome do Brasil no exterior.

Esta reportagem reproduz o relatório do sertanista amazônida Gilberto Pinto Figueredo Costa, da FUNAI. Foi ele quem realizou o primeiro contato com o chefe índio Maruaga, o cacique Atroari que deu a ordem para o massacre da Missão do Padre Calleri. O sertanista, em seu falar relatorial e simples, narrou todos os episódios do expedição. Em nenhuma ocasião os índios abordaram o massacre. E tudo correu bem, com saldo de maior confraternização entre silvícolas e servidores da FUNAI.

RELATÓRIO

Ainda sob forte impressão do encontro que mantivemos Com os Waimiri, nos primeiros dias de setembro [1969], e em consequência da comunicação procedente do Posto Camanau, informando haver chegado naquela unidade, dia 17, 24 índios chefiados pelo Tuchaua Maruaga, o maioral, quando recebi ordem de serviço interna para que, em caráter urgente, seguisse com destino àquela região e contatasse com o famoso chefe indígena.

Tomadas as providências, saímos desta capital [Manaus] dia 18, às 17 horas. Antes, porém, através da fonia, instruímos Estêvão da Silva Rodrigues, atual encarregado daquele setor, no sentido de envidar todos os esforços para fazer com que o Tuchaua Maruaga e seus guerreiros ali nos aguardassem, com chegada prevista para as 12 horas do dia 19. Dada a urgência e importância do encontro viajamos sem descanso, tendo chegado ao Camanau às 14h45 do dia previsto, onde não mais encontramos o chefe Maruaga e sua gente. Estávamos muito preocupados que os índios viessem a se contagiar com sarampo, considerando que teria casos da doença em filhos de funcionários que servem no Camanau.

Chegando ao Posto, fomos informados pelo encarregado de que o Tuchaua Maruaga, após esperar até as 12 horas sem que chegássemos, preparou-se e disse que iria embora, porque "*não vem, não vem*", querendo dizer que, na hora marcada, ninguém estava lá; e demonstrando com isso que uma promessa feita deveria ser cumprida à risca.

ALEGRIA

Imediatamente, pela fonia, comuniquei a essa chefia o ocorrido, informando que partiria naquele instante atrás dos índios. Tendo deixado no Posto o telegrafista Alberto A. Sandoval, para manter contato permanente com esta sede, ainda viajando na lancha "*José Bonifácio*" saímos Rio acima, às 15h30, levando o encarregado Estêvão, o trabalhador Manoel Rodrigues, o motorista José Hilário da Silva e o ajudante de motorista Florentino Ferreira Lima. Como os índios levavam uma vantagem de horas, procuramos ganhar terreno e, às 18 horas, conseguimos alcançá-los. Eles estavam acampados na margem esquerda do Camanau.

Fomos recebidos alegremente, o que nos encheu de satisfação. Imediatamente embarcaram em nossas lanchas para nos abraçar. As apresentações foram protocolares, tendo o índio Capitão Cândido à frente, como se fosse um embaixador.

Conhecemos, enfim, o tão falado Maruaga. Não houve coquetel e, sim, café com bolachas, após o que fomos todos para terra, onde jantamos juntos. Pernoitamos nesse local.

O Relatório Realizado Pelo Sertanista Gilberto Pinto Figueredo Costa Destaca a Maneira Cordial Como Foram Recebidos Pelos Índios Atroari. Munido de Câmara Fotográfica, Gilberto Focalizou Grupos de Homens e Mulheres da Temível Tribo Amazônica, Após a Chegada à Sua Maloca

---

NO MESMO PRATO

Pela manhã, dia 20, o Tuchaua Maruaga pediu-me para seguir conosco na lancha, rebocando suas ubás [canoas cavadas em troncos]. Havia muita água no Rio, permitindo a navegação, e assim prosseguimos viagem, parando s 11h30 para fazer refeição. Comemos todos no lugar denominado Estrela.

Preparei um prato, tamanho família, e desembarquei, rumando para o grupo de índios, tendo convidado o Cacique e seus guerreiros para almoçar comigo. O convite foi aceito e comemos no mesmo prato, numa demonstração de amizade e companheirismo.

Os índios, por sua vez, trouxeram peixe assado à sua moda, tendo havido um verdadeiro banquete.

Enquanto isso, a bordo, os companheiros faziam o mesmo com os outros índios, num ambiente de tocante cordialidade. Terminado o almoço, foi servido café com bolacha, muito apreciado pelos índios.

GRAVADOR

Nessa ocasião, aproveitei para mostrar o gravador de fita. Fiz funcionar o aparelho, que reproduziu a voz do Capitão Cândido. Maruaga escutou com muita atenção. No começo ficou sério e depois desandou a rir gostosamente. Aproveitei a oportunidade e perguntei a Maruaga se ele queria falar para o gravador. Ele respondeu negativamente, mandando o capitão Cândido falar novamente. Na qualidade de porta-voz oficial, Cândido falou bastante, terminando por pedir muitas ferramentas e acessórios de mata. Outros índios – sempre entre risos – falaram para o gravador.

MATÁ-MATÁ

Às 12h30, prosseguimos viagem até às 16 horas, quando paramos no Pedral Matá-matá [nome de uma tartaruga feia, antediluviana, o bicho mais asqueroso da região]. Lá teríamos de deixar a lancha José Bonifácio porque não havia mais água no Rio, que só permitia a viagem de canoa. Teríamos de continuar a viagem em motor de popa.

Enquanto permanecíamos a bordo da lancha para dormir, os índios seguiram um pouco mais em suas ubás, Rio acima, tendo ficado próximos a nós apenas quatro deles, sendo três guerreiros filhos de Maruaga. Acredito que estes receberam a incumbência de nos vigiar.

Dia 21, às duas da manhã, ouvimos barulho de canoa que se aproximava. Ficamos em alerta. As canoas atracaram na nossa lancha. Eram quatro índios que vinham se abrigar do temporal que ameaçava desabar e desabou mesmo. Uma chuva torrencial, com trovões e relâmpagos. Desses temporais que parecem o fim do mundo. Agasalhamos os índios e caímos em sono profundo, porque estávamos fatigados.

CACHOEIRA

Quando o dia amanheceu, nossos hóspedes prepararam seus jamaxis [grandes cestos que carregam às costas, com apoio de cipó na testa]. Queriam viajar conosco, no motor de popa. No dia anterior, sofremos um encalhe e os índios tiveram de desatracar suas ubás, indo descarregar seus mantimentos num lajedo próximo, de onde voltaram para nos ajudar a desencalhar a lancha.

Às 8 horas, atracamos a ubá dos 4 índios que tinham dormido a bordo e prosseguimos viagem. Às 08h30, encontramos os demais, que haviam seguido na frente, a remo. Nessa altura, já rebocávamos 6 ubás, com meninos [curumins] e 20 homens. Entre estes, 4 Chefes – além de Maruaga, o filho deste, Mina, o Capitão Cândido e outro índio cujo nome não consegui saber. Havia 8 guerreiros que eram do Alalau e 4 homens eu os reconheci de uma viagem que fiz àquela região, em 1966.

Às 10 horas, passamos pelo antigo Posto Tubal, e às 11 chegamos à cachoeira Travessão. Os índios nos ajudaram a transpor o trecho encachoeirado, onde por pouco não sofremos um naufrágio. O cevador de mandioca chegou a cair no Rio, sendo retirado pelo mergulho profundo do índio Comprido.

O próprio Maruaga e seus filhos deram sua ajuda nessa operação da cachoeira.

PIRANHA ASSADA

Às 12h30, topamos nova cachoeira a nos desafiar. Nós ajudamos os índios a atravessar suas ubás e depois eles retribuíram o gesto ajudando-nos a transpor nossa canoa. Vencida a cachoeira sem maiores incidentes preparamo-nos para o almoço. Foi oferecimento de Maruaga: piranha assada e jaboti.

Comida feita na hora e à moda dos índios: o assado com tripa e tudo. O nosso avanço tinha de ser vagaroso. Havia muitas surpresas desagradáveis: pedras pontiagudas afiadas como navalhas e que poderiam romper o casco das ubás e da nossa canoa.

Prosseguimos depois do almoço e, às 17h30, paramos numa ponta de terra firme, a pedido de Maruaga. Ele queria pernoitar ali e concordamos com sua ordem.

MUITO SALGADO

Estêvão sugeriu que deveríamos dormir um pouco afastados do acampamento dos índios. Eu estava para concordar, quando Maruaga nos veio convidar para dormir no mesmo local. Aceitamos. Uns índios preparavam suas redes, outros foram pescar piranhas. Depois de prepararmos nossa dormida, assamos um pedaço de carne-seca. Convidamos para o jantar Maruaga e sua gente, que aceitaram a nossa comida e trouxeram muita farinha e as piranhas assadas. Os índios tentaram comer o charque, mas desistiram porque estava “*muito salgado*”.

Dia 22, muito cedo, os índios prepararam suas coisas para prosseguir viagem. Oferecemos a eles café com bolacha e eles a nós uma cuia com farinha de tapioca. Entramos, juntos, novamente no Rio, fazendo roncar o motor de popa, que rebocava todo mundo.

TRACAJÁS

Daí por diante, em toda ponta de praia, os índios faziam um alvoroço dos diabos. Mostravam os tracajás [tipo de tartaruga] que saiam do Rio para a praia para desovar. Eles recolhiam os ovos, às braçadas, mas não comiam nenhum. Diziam que era para levar para as suas "*Marias*". Não só os ovos, mas tudo de bom que encontravam, inclusive grandes peixes. Estavam com muita pressa. Quando o motor enguiçava, o primeiro a desatracar a sua ubá era o próprio Maruaga. Para dar a sua ajuda imediata. E explicava a sua pressa: "*Muita demora e 'Maria' chorar*".

Nesse dia o almoço foi feito a bordo. O servidor Manoel Rodrigues pescou um lindo tucunaré de 10 quilos, que foi transformado em caldeirada com pirão, a nossa parte, e a dos índios em moquém, uma espécie de churrasco de peixe. Quando já estávamos em nossas redes para dormir chegaram os índios. Sentaram-se à nossa volta, falando sem parar, rindo a valer, em movimentos largos e alegres. Soubemos, então, a razão de todo esse furor de alegria: era que, no dia seguinte, chegaríamos à maloca deles, objetivo de nossa excursão de trabalho, e onde estavam saudosas as suas "*Marias*".

MALOCA

Dia 23, dia da nossa chegada à maloca. Os índios acordaram aos pinotes de alegria. A viagem continuou até alcançarmos a mais difícil das cachoeiras – a de Japiim. Os índios misturam o seu trabalho de atravessar as canoas para o outro lado do Rio, além cachoeira, com a operação do cata do ovos de tracajás.

Às 10 horas, ao fazermos uma curva do Rio, pudemos ver a maloca. Eles desatracaram as suas ubás e prosseguiram a remo, numa loucura de alegria. Nosso motor quebrou o pino num pau submerso e nós tivemos também de seguir atrás deles, a remo. Fomos os últimos a atracar no porto, onde já nos aguardavam dois índios, que haviam permanecido na maloca.

Começamos a descarregar as canoas, inclusive os dois cevadores de mandioca – um para Maruaga, outro para Cândido. Eis quando aparece Maruaga rindo e alegre, convidando-nos a ir até a maloca. Era, aliás, o nosso grande desejo. Mas não poderíamos sequer sugerir. Ele mesmo teria de nos convidar ou ficaríamos num local qualquer por perto.

IGUARIAS

Cândido pediu que déssemos um tiro para o ar para avisar às "*Marias*". Caminhamos para a maloca e fomos encontrando índios, aqui e ali. Eles nos ofereceram piranhas assadas, traíras, um peixe muito gostoso, beijus de mandioca, farinha à farta. A fome era grande e comemos até tocar com o dedo. Maruaga reapareceu e em sua companhia estava a sua mulher e um filho do 4 anos. O índio Nina também trouxe a sua "*Maria*" para nos apresentar. Depois que os Chefes tomaram essa atitude, todos os índios os imitaram, trazendo cada qual a sua "*Maria*" para

apertar as nossas mãos. Foi uma ampla confra-ternização.

Eu disso a eles que também tinha a minha "*Maria*" e 8 filhos. Contei nos dedos. Eles vibraram. Parece que gostam de quem possui muitos curumins.

Cessadas as apresentações, informaram que tinham aberto um grande roçado e queriam plantar milho, cana, mandioca e melancia. Nós lhe demos as sementes e ensinamos como plantar essas culturas, novas para eles. Eu mesmo ensinei o plantio. Com paciência, procurando fazer com que me enten-dessem.

FOTOS

Perguntei a Maruaga se poderia tirar fotos de todo o pessoal. Ele permitiu. Comecei a operar com a pequena câmera que levava. Fotografei o Capitão Nina com sua esposa e dois filhos. A mulher não queria olhar a câmera e foi forçada a isso pelo marido. Acabou rindo e gostando. Havia ali entre 70 e 80 índios.

Não entramos na maloca, porque não houve convite. Fingimos até desinteresse. Vimos com o rabo do olho detalhes interiores. Todos os homens estavam conosco, enquanto as "*Marias*" se meteram dentro da maloca. Maruaga transpirava alegria. Falava nos roçados que ia rasgar na selva. Haveria muita comida para as "*Marias*", crianças e guerreiros.

Maruaga, Chefe dos Atroari, Responsável pelo Massacre da Missão do Padre Calleri, Comanda a Tribo sem Discussão

A VOLTA

Os chefes Maruaga e Cândido conversavam baixinho. Notei que falavam sobre o nosso rancho, que estava quase a zero. Trouxeram para nós farinha, bola de goma para fazer beiju e outras iguarias silvestres. E prepararam paneiros para botar mais mantimentos para a nossa volta.

Os próprios índios arrumaram os mantimentos na nossa canoa. Às 14 horas, iniciamos o regresso. Satisfeitos, missão cumprida. Maruaga e sua tribo ficaram no barranco acenando. Ele – um guerreiro de 60 anos, de 1,80 de altura, postura normal de seriedade. Uma ordem sua – e basta. Todo mundo o atende sem discutir.

PENETRAS

O relatorista denuncia o fato dos penetras que invadem os Altos Rios Camanau, Jauaperi e Alalau – região dos Waimiri-Atroari – em busca de peles silvestres. E, se veem um índio, espantam-no a tiros, com medo, e com isso causam dificuldades ao processo de atração da FUNAI. Propõe: "*A FUNAI deve tomar uma série de medidas, visando interditar os rios Camanau, Jauaperi, Alalau, Curiau e Uatumã [Baixo Amazonas], proibindo, terminantemente, o trânsito de pessoas estranhas, a fim de não prejudicar o trabalho que pretendo realizar junto aos índios*". A solução é tão exata que a FUNAI, agora sob rigorosa supervisão, está estudando o caso com seriedade. É oportuno sublinhar o risco que o grande sertanista Gilberto – um homem profundamente devotado à causa do índio – correu com seus companheiros.

Como já foi escrito, eles não sabiam do massacre da Missão Calleri, provocado exclusivamente pela ausência de tato do missionário. Se o índio deitava na rede do Padre, o Padre o expulsava com pontapés. Como negava presentes, isto é, o que o índio pedia. O somatório dessas ocorrências resultou no massacre.

Evidentemente. Maruaga e seus guerreiros confiaram na pessoa de Gilberto e seus comandados. E foi generoso com eles. Índio é como criança. Igualzinho. Faz festa quando é bem tratado. E pode ficar um amigão do branco. (O CRUZEIRO, n° 33)

Novos Massacres

18.01.1973 índios atacam um posto de Atração da FUNAI, matando quatro funcionários.

01.10.1974 o Posto Alalau II não responde ao chamado.

O avião da Igreja Adventista de Manaus aquatizou. Pedimos ao Pastor que, caso morrêssemos, contasse nossos últimos desejos a nossas famílias e saímos correndo em ziguezague. Na entrada do Posto, uma cabeça estava equilibrada no batente da porta. Era do companheiro Faustino Faria [...] No ataque morreram seis servidores da FUNAI, todos índios aculturados. Três mortos no Posto, por Comprido, Bornaldo e seus guerreiros; três, no Rio Alalau, massacrados pelo Chefe Elza quando se dirigiram para o Posto em uma canoa.

18.11.1974 dia que ficou conhecido como o "*Massacre dos Maranhenses*". Quatro trabalhadores maranhenses, da turma de desmatamento, foram emboscados e mortos.

29.12.1974 Às 06h00, Ivan foi se banhar no Rio e, em meio à névoa que cobria a água, ouviu uma fuzilaria. E então, apesar do nevoeiro, viu Gilberto Pinto na porta do posto agitando os braços, enquanto os Waimiri-Atroari o cercavam. Ivan não esperou mais. Saiu correndo pelo mato em busca de socorro no acampamento do 6° Batalhão de Engenharia de Construção [6° BEC], onde chegou esbaforido às 08h00. (SABATINI)

No massacre do Posto Abonari II, morreram o sertanista Gilberto e dois outros companheiros, um foi considerado desaparecido e um outro escapou.

"*Guerreiros*" Waimiri-Atroari

Os ataques dos Waimiri-Atroari, desde 1856, se caracterizaram, sistematicamente, por emboscadas cruéis e covardes aproveitando-se, em diversas oportunidades, da boa-fé e amizade que lhes devotavam a funcionários do SPI ou FUNAI.

As atrocidades cometidas contra funcionários desarmados e suas famílias por grupos numericamente superiores não fazem, absolutamente, jus à sua pretérita e tão propalada fama de "*guerreiros*".

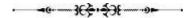
Execráveis Acusações

Infelizmente indigenistas como José Porfírio Carvalho e prelados como o do Padre italiano Sabatini apontam o Exército e a Força Aérea Brasileiras como responsáveis pelo genocídio dos WA. Baseados em relatos orais infundados afirmam nos seus livros que estas Forças teriam atirado em indígenas desarmados e usado armas biológicas para diminuir a agressividade dos WA.

Se verificarmos o padrão dos massacres, vamos notar que eles só atacavam quando sua superioridade numérica era considerável e quando suas vítimas não tinham qualquer possibilidade de reagir.

Para garantir a segurança dos trabalhadores da BR-174 foi determinado que os grupos não trabalhassem dispersos e que se tivesse uma força de dissuasão pronta para agir, caso necessário.

Revista Veja, n° 331 – São Paulo, SP
Domingo, 29.12.1974

ÍNDIOS – Outro Massacre

Flechas cruzadas com penas de arara vermelha são um seguro indício de que os índios Waimiri-Atroari planejam um ataque.

Para a delegacia da Fundação Nacional do índio [FUNAI], em Manaus, estes sinais de guerra encontrados no Posto Abonari-II, às margens da rodovia BR-174, ao Norte do Amazonas, no último dia 26, eram apenas uma pequena mentira de dois de seus mateiros que queriam passar o ano novo em casa.

Na manhã de domingo, dia 29, os Atroari, responsáveis pela chacina da Expedição do Padre Calleri, em 1968, atacaram e mais uma vez cumpriram com exemplar regularidade uma das características de suas devastadoras incursões: deixaram um sobrevivente.

Imagem 48 – Corpo do Sertanista Gilberto Pinto (ST Ávila)

Imagem 49 – Corpo do Sertanista Gilberto Pinto (ST Ávila)

Imagem 50 – Corpo de Funcionário da FUNAI (ST Ávila)

Imagem 51 – Funcionário da FUNAI degolado (ST Ávila)

Às 06h00, o índio aculturado Ivã Lima Ferreira abandonou uma das casas do Posto, onde esteve escondido por mais de uma hora, e foi pedir socorro aos soldados do 6° Batalhão de Engenharia de Construção do Exército, no quilômetro 220 da BR-174, que liga Manaus a Caracaraí, em Roraima. No Posto o sertanista Gilberto Pinto de Figueiredo e mais três ajudantes estavam mortos a flechadas e a golpes de borduna e facão.

Não tão Pacíficos – Em 33 anos de contato com os Atroari, a FUNAI parece ter aprendido muito pouco sobre seus métodos de vida, pois, apesar de ter perdido 62 homens, considerava-os "*praticamente pacificados*". Desde 1950, catorze missões de contato foram liquidadas pelos guerreiros e, nos últimos três meses, três ataques mataram catorze pessoas.

O ataque do dia 29 mostrou não apenas que os Atroari não estão pacificados mas também que a FUNAI prefere considerar todos os índios sob sua guarda e responsabilidade tão pacíficos, infantis e curiosos quanto os que confraternizaram com a Expedição de Pedro Álvares Cabral, em 1500. O engano custou-lhe a morte do sertanista mais capacitado para a pacificação deste grupo indígena. Figueiredo conhecia os Atroari desde os primeiros contatos, considerava-os inteligentes e astutos em suas táticas de guerra, e era chamado pelos guerreiros de "*Pai Gilberto*". Esta intimidade fez com que a FUNAI, em lugar de evacuar o Posto ameaçado, o enviasse ao Abonari-II numa operação de rotina.

Mateiros Fictícios – "*Vou porque não sou covarde*", teria dito o sertanista a mulher e aos nove filhos, na despedida, segundo o Jornal "*A Notícia*", de Manaus. A mesma fonte colocaria mais tarde a FUNAI em comprometedora contradição. Figueiredo teria dado a notícia da ameaça indígena ao Jornal, pedindo para

não ser citado. Então, inventou-se a história dos mateiros, e nada se fez. O relato parece algo fantástico, mas não chegou a ser desmentido.

As informações sobre o que ocorreu no Posto ainda são poucas, pois o sobrevivente Ferreira entrou em estado de choque. Sabe-se, contudo, que no sábado Figueiredo encontrou 27 Atroari liderados pelo Chefe "*Capitão Comprido*", significativamente sem suas mulheres e crianças. Após uma amistosa conversa, os índios ficaram para dormir, tendo a delegacia de Manaus recebido informações de que estava tudo bem. Na manhã seguinte, atacaram. É possível que o experiente sertanista tenha se enganado sobre os indígenas, mas do depoimento detalhado de Ferreira deverão surgir informações mais convincentes. Pois, apesar de guerreiros valentes, os Atroari sofriam muitos problemas com a invasão de suas terras. Num relatório ao comando do 6° BEC, em 1973, o mateiro André Nunes escreveu:

> A avidez dos índios pelos alimentos dos operários é enorme. Eles comem sal com tanta volúpia que podem ser comparados a um rebanho bovino. (*REVISTA VEJA, N° 331)*

Correio Braziliense, n° 4.395 – Brasília, DF
Sábado, 04.01.1975

Episódio dos Waimiri-Atroari

Não faz muito tempo, encontrava-se o Brasil nas páginas das mais destacadas publicações mundiais, acusado de executar uma política de extermínio das suas populações indígenas. <u>A campanha coincidia com os planos de abertura da Transamazônica</u>.

Na realidade, a coincidência era outra e muito mais grave. Constatava-se que na luta para alcançar objetivos nacionais mais importantes, estreitamente ligados à problemática da sua defesa e segurança – a ocupação dos espaços vazios – o Brasil encontrava obstáculos no seu caminho. Um deles se inseria precisamente na ardilosa campanha contra a política indigenista que a administração brasileira estaria pondo em prática.

A verdade é que acontecia conosco [ou se repetia] o mesmo problema enfrentado por outras nações do Hemisfério. No correr do processo de desenvolvimento econômico, verifica-se num ponto ou noutro um choque entre as frentes pioneiras de penetração da civilização e os aborígenes, ciosos da preservação da sua cultura e das suas terras de origem. E todo o problema se resume numa questão muito simples: Como evitar o choque?

Jamais passou pela cabeça de qualquer brasileiro reeditar com os nossos homens pré-cabralianos a política do General Custer ([60]) nos Estados Unidos. Não negamos ter existido no correr dos anos da nossa história fatos lamentáveis, ainda hoje ocorrendo na imensidão desse mundo vazio que é o nosso Centro-Oeste, mas sem o aval das autoridades. Mas nunca o massacre deliberado, como se homens se constituíssem em gafanhoto ou formigas.

Toda a questão se relaciona com o ataque dos índios Waimiri-Atroari, no Setentrião amazônico, onde está sendo aberta uma estrada que nos levará à fronteira da Venezuela. Os sertanistas encarregados do trabalho de amaciamento dos selvagens foram massacrados impiedosamente.

---

[60] George Armstrong Custer: oficial do exército dos Estados Unidos e comandante de uma unidade de cavalaria durante a Guerra Civil Americana e as Guerras Indígenas.

Os atacantes saíram incólumes do choque. E conta a testemunha da tragédia que o sertanista chefe do grupo da FUNAI, Gilberto Pinto de Azevedo, no auge da luta, atirava para o alto, enquanto era flechado pelas costas, obediente ao lema de Rondon: "*Morrer, se preciso for; matar, nunca*".

Cabe a FUNAI, dentro das suas normas de conduta, obedientes aos princípios humanitários que condicionam o comportamento do nosso espírito cristão, continuar, prosseguir, quando retornar aos postos ora abandonados, na tarefa de atrair para o convívio da nação, sem desvirtuar-lhes as características culturais, os Waimiri-Atroari, de modo a que eles se integrem, sem maiores sacrifícios de qualquer das partes, no grande esforço de ocupação dos vazios brasileiros.

Quanto ao episódio, ainda que doloroso nas suas consequências, deve ele ficar como um marco nos anais dessa grande luta de conquista e povoamento dos nossos espaços geográfico. (CB, N° 4.395)

Revista Manchete, n° 1.189 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 01.02.1975

"Tenho Absoluta Certeza de que os Atroaris não Atacarão mais. Nossa Tarefa Agora é Reabrir o Posto da FUNAI, Colocar lá um Sertanista Experimentado e Começar Tudo de Novo"

[...] A seguir, Orlando aborda o problema da morte do sertanista Gilberto Pinto, assassinado pelos Waimiri-Atroari:

"TENHO absoluta certeza de que os atroaris não atacarão mais. Nossa tarefa agora é reabrir o posto da Funai, colocar lá um sertanista experimentado e começar tudo de novo"

O próprio Marechal Rondon no começo era favorável à integração, mas mais tarde, depois de anos de convivência com eles tornou-se um dos maiores defensores da política isolacionista, isto é, da preservação do índio na sua cultura. A integração levaria o índio a um tipo de vida parecida com a do nosso sertanejo, para numa segunda etapa integrá-lo na vida e na economia regional. Mas o tempo mostrou que esta política é desastrosa. Neste século a tentativa de integração fez com que desaparecessem 90 nações indígenas e 35 línguas diferentes.

Orlando Vilas Boas mostra a selva densa que cerca o posto Diauarum e conta que o Parque Nacional do Xingu é uma área onde eles procuram afastar o índio da integração.

— Integrar é diferente de aculturar. Aculturação é uma fatalidade que ninguém pode impedir. Quando o índio recebe um facão, uma roupa, uma chave de metal, está dando o primeiro passo em direção à aculturação. Mas a integração é diferente. É a total substituição dos valores sociais, religiosos e míticos. Aculturar é puxar para a sua cultura traços de uma cultura estranha. Integrar representa abandonar todos os sistemas de uma cultura e substituí-los por outros. Isto é o mesmo que destruir uma cultura. Nós defendemos a política da não-integração e menos ainda a integração realizada às pressas, com prazos marcados. Até há pouco tempo a Funai defendia a política da integração, mas agora o novo presidente da fundação tem um ponto de vista diferente. Ele acha, no que tem razão, que se o processo de integração é inevitável, deve ser retardado e da forma mais lenta possível.

Bem cedo, no dia seguinte, uma equipe de médicos e estudantes da Escola Paulista de Medicina e médicos da Divisão Nacional de Tuberculose começaram a aplicar vacinas contra a poliomielite e a tuberculose. Foram realizados exames de sangue e biométricos. Os exames clínicos indicaram que toda a tribo está sofrendo de anemia profunda, em contraste com a situação de três anos atrás, quando os kren-akarores apresentavam-se muito bem de saúde. Mais tarde os índios foram identificados e fotografados por estudantes da Universidade de São Paulo. Isto é o mínimo de burocracia que o pessoal do parque exige, quando recebe índios. O trabalho dos médicos e dos funcionários prosseguiu durante todo o dia e pela manhã do dia seguinte. Depois do almoço os índios estavam prontos para seguir, de canoa, para o local onde passariam a viver. O Parque Nacional do Xingu atualmente abriga mais de dois mil índios, distribuídos por 16 nações.

O S índios partiram alegremente, em duas canoas, Xingu abaixo, até o local que a Funai reservou para eles. Injeções e vacinas foram tomadas sem medo, apesar das picadas.

Por volta das 14 horas, as mulheres começaram a transportar os bens da tribo para duas grandes canoas de madeira. Depois apareceram os homens, com enxadas desmontadas. As crianças também ajudavam. Cláudio queria mandar os índios em duas vezes, mas Orlando notou que havia espaço para que todos fossem de uma só vez. Os índios embarcaram e as canoas deslizaram pelo Xingu, enquanto os txucarramães e seus amigos kajabis e suiás ficavam nas margens acenando as mãos e braços, em gestos de despedidas. A jornada até o local da nova aldeia durou hora e meia. Decorrido este tempo as canoas aportaram e os índios ganharam a terra. Lá encontraram duas malocas de vinte metros de comprimento por oito de largura, uma boa plantação de milho e mandioca já em início de cultivo e um fumegante porco-selvagem assado no interior de uma das malocas.

OS kren-akarores foram retirando seus objetos das canoas e ocupando as malocas, tranquilamente, sem pressa ou atropelo. Pela expressão feliz que estampavam nas faces, via-se que estavam satisfeitos com a nova morada. O desembarque terminado, Cláudio Vilas Boas ordenou o regresso. A aldeia agora estava entregue aos kren-akarores.

De volta a Diauarum, ele reuniu-se com Orlando para tratar de um novo problema: os índios apiaká também estão ameaçados de extinção, porque em suas terras foram encontradas jazidas de cassiterita e a invasão dos brancos civilizados já começou. Orlando Vilas Boas estuda o problema e fala sobre a proteção dos índios:

— O antigo Serviço de Proteção dos Índios sempre lutou com muitas dificuldades, não só de pessoal como também de recursos. O Serviço passou por uma excelente fase quando foi administrado por homens como o Capitão Vasconcelos, José Maria da Gama Malcher e outros. A presença de Rondon, enquanto viveu, também era um fator importante para que tudo andasse bem. Mas com o desaparecimento de Rondon começou a decadência. Os interesses políticos foram colocados acima dos interesses dos índios. Mais tarde, o então ministro do Interior, General Albuquerque Lima, extinguiu o SPI e criou a Funai. O primeiro presidente da Funai, Queirós Campos, tentou reestruturar o esquema do Serviço e dinamizar suas atividades. Os 92 postos do interior foram aumentados para 106. Em 1970, a situação estava mais ou menos definida. Até então, jamais a política de proteção ao índio teve tanto apoio por parte do governo federal, da imprensa e da opinião pública. Entretanto, foi a partir deste ano que, em vez de uma fase brilhante, começou um período difícil, talvez o mais difícil pelo qual o índio brasileiro passou nas últimas décadas. Hoje, devido às falhas do passado recente, estamos vendo em todos os cantos do país o índio desamparado, o índio morrendo.

A situação é tal que justifica as afirmações de alguns religiosos, num trabalho publicado na imprensa sob o título **Um Povo Está Morrendo**. Para se ter uma idéia, basta dizer que só neste século desapareceram, no Brasil, 90 nações índias e com elas perderam-se para sempre nada menos de 35 línguas. Não é leve o fardo de trabalho que o novo presidente da Funai recebeu. Ele terá que restabelecer a confiança no trabalho desenvolvido em favor do índio para ser ajudado por todos os que desejam preservar a nação índia brasileira da extinção.

A seguir, Orlando aborda o problema da morte do sertanista Gilberto Pinto, assassinado pelos vaimiris-atroaris:

— O índio vaimiri-atroari não é exceção no panorama indígena nacional. É a mesma coisa: índio reage sempre da mesma forma. Os atroaris mantinham contato há muito tempo com os seringueiros da região. Mas a área que eles habitavam não despertava muito interesse dos brancos e foram deixados em paz. Só quando tiveram início os trabalhos de construção da estrada Manaus—Caracaraí, é que começaram os conflitos entre índios e brancos. A Funai contava na área com um sertanista excepcional: Gilberto Pinto Figueiredo. Ele tinha nas mãos todo o controle atroari. Posso garantir, sem medo de errar, que quem matou Gilberto não foram os atroaris, mas sim um atroari. O índio é completamente independente dentro de sua comunidade e inteiramente responsável pelos seus atos. Foi um deles que, por vontade própria, sacrificou o sertanista experimentado. E porque fez isso? Não sei. Talvez porque o índio se sentia pressionado por todos os lados. Pela construção da estrada, que violava o seu território. Contra quem reagir? Contra o mais fraco. Ele tinha ali, nas suas mãos, um núcleo de civilizados, de brancos no posto da Funai. Ele sabia que aquele grupo já fora sacrificado algumas vezes sem reagir. E assim não teve dúvidas, agiu violentamente. Acho lamentável o que aconteceu. Gilberto era realmente excepcional. Mas agora devemos olhar o futuro. Creio que a Funai deve destacar um outro sertanista para a área. Um homem experiente, que fique lá por longo tempo. Não adianta mandá-lo para lá e depois de alguns meses removê-lo. Deve fazer um trabalho a longo prazo, paciente e permanente. Nesse trabalho, ele vai precisar de pelo menos outros 25 sertanistas, também experimentados no trato com o índio. Tenho absoluta certeza que os atroaris não atacarão mais. O novo posto deve ser aberto com presentes, sem pensar no passado, sempre com as vistas voltadas para o futuro. Não podemos esquecer que no trabalho com os índios, sempre que acontece um incidente como este, nossa missão é perder. Outra coisa: o atroari não vai aparecer logo. Ele passará uns três meses na aldeia, escondido, mas não resistirá à tentação de voltar ao posto para receber presentes. Então será a nossa vez de recebê-lo sem mágoas e começar tudo de novo.

O sertanista Gilberto Pinto, em foto recente (alto) com o cacique Maroaga (direita) e seu cunhado Comprido. Os dois índios atroaris mataram Gilberto dia 29 de dezembro disparando flechas pela frente e pelas costas. Acima, índias kren-akarores pedindo comida na estrada Cuiabá—Santarém, antes da remoção para o Xingu.

10

11

Imagem 52 – Revista Manchete – n° 1.189, 01.02.1975

O índio Waimiri-Atroari não é exceção no panorama indígena nacional. É a mesma coisa: índio reage sempre da mesma forma. Os Atroari mantinham contato há muito tempo com os seringueiros da região. Mas a área que eles habitavam não despertava muito interesse dos brancos e foram deixados em paz.

Só quando tiveram início os trabalhos de construção da estrada Manaus-Caracaraí, é que começaram os conflitos entre índios e brancos. A FUNAI contava na área com um sertanista excepcional: Gilberto Pinto Figueiredo. Ele tinha nas mãos todo o controle Atroari.

Posso garantir, sem medo de errar, que quem matou Gilberto não foram os Atroari, mas sim um Atroari. O índio é completamente independente dentro de sua comunidade e inteiramente responsável pelos seus atos. Foi um deles que, por vontade própria, sacrificou o sertanista experimentado. E porque fez isso? Não sei. Talvez porque o índio se sentia pressionado por todos os lados. Pela construção da estrada, que viola-va o seu território. Contra quem reagir? Contra o mais fraco. Ele tinha ali, nas suas mãos, um núcleo de civilizados, de brancos no posto da FUNAI.

Ele sabia que aquele grupo já fora sacrificado algumas vezes sem reagir. E assim não teve dúvidas, agiu violentamente. Acho lamentável o que aconteceu, Gilberto era realmente excepcional. Mas agora deve-mos olhar o futuro. Creio que a FUNAI deve destacar um outro sertanista para a área. Um homem expe-riente, que fique lá por longo tempo. Não adianta mandá-lo para lá e depois de alguns meses removê-lo. Deve fazer um trabalho a longo prazo, paciente e permanente. Nesse trabalho, ele vai precisar de pelo menos outros 25 sertanistas, também experimen-tados no trato com o índio. Tenho absoluta certeza que os Atroari não atacarão mais (**?**). O novo posto deve ser aberto com presentes, sem pensar no passado, sempre com as vistas voltadas para o futuro.

O sertanista Gilberto Pinto, em foto recente (alto) com o cacique Maroaga (direita) e seu cunhado Comprido. Os dois índios atroaris mataram Gilberto dia 29 de dezembro disparando flechas pela frente e pelas costas.

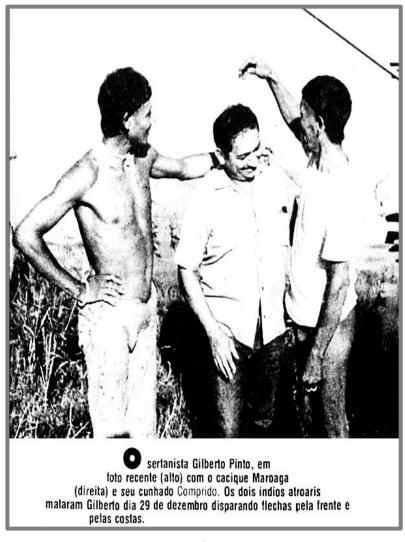
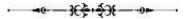



Imagem 53 – Revista Manchete – n° 1.189, 01.02.1975

Não podemos esquecer que no trabalho com os índios, sempre que acontece um incidente como este, nossa missão é perder. Outra coisa: o Atroari não vai aparecer logo. Ele passará uns três meses na aldeia, escondido, mas não resistirá à tentação de voltar ao posto para receber presentes. Então será a nossa vez de recebê-lo sem mágoas e começar tudo de novo. (REVISTA MANCHETE, N° 1.189)

Jornal do Commercio, n° 21.812
Manaus, AM – Sábado, 22.03.1975

Expedição de Apoena Segue Para Contatos com os Atroari

Com uma expedição de vinte homens, entre os quais seis índios Xavante e dois Suruí, o sertanista Apoena Meireles segue hoje para a região onde se encontram os silvícolas Atroari-Waimiri, a fim de com eles estabelecer contatos, dando início à verdadeira fase de pacificação.

A informação foi prestada ao Jornal do Comércio pelo Delegado Regional da Fundação Nacional do Índio, Sr. Francisco Mont'Alverne, que a respeito do pseudo ataque sofrido pelo avião que viajava o Presidente do órgão, General de Exército Ismarth de Araújo Oliveira, esclareceu tratar-se de "*fantasia*", explicando que a única vez que os índios demonstraram hostilidade atirando flechas, ocorreu há mais de um mês, num voo de reconhecimento de Apoena Meireles.

Francisco Mont'Alverne desmente as notícias a esse respeito com um telegrama enviado ontem às 10 horas do Gabinete do Presidente Gen Ex Ismarth, em Roraima, sobre a visita feita à região dos Waimiri-Atroari, nos dias 19 e 20 passados.

EXPEDIÇÃO

Durante a visita feita ao Abonari, o Presidente da FUNAI, Gen Ex Ismarth Oliveira, conversou longamente com o sertanista Apoena Meireles, tendo este feito a entrega de um relatório no qual pede a criação do Parque Waimiri-Atroari, entre os Rios Curiaçu, Camanau, Jauaperi e Alalau.

Durante o diálogo de Apoena com o Gen Ex Ismarth Oliveira, este tomou conhecimento dos planos de pacificação a serem adotados pelo sertanista em relação aos índios autores do massacre do Padre Calleri. A iniciativa de Apoena, em restabelecer de imediato os contatos com os índios, foi plenamente aprovado pelo Presidente da FUNAI.

ISMARTH VISITA

O comunicado enviado ontem à Delegacia Regional da FUNAI da expedição do sertanista Apoena Meireles e da visita do Presidente Ismarth Oliveira aos locais onde aconteceram alguns massacres, inclusive o de Gilberto Pinto Figueredo, assinalado por cruzes rústicas. Em nenhum momento, fala dos pseudos ataques sofridos pelo avião em que a comitiva viajava. Eis na íntegra o comunicado:

> [ABONARI] – O sertanista Apoena Meireles a frente de uma turma de 20 homens, entre os quais figuram seis índios Xavante e dois Suruí, inicia no próximo sábado [hoje] uma expedição visando restabelecer contato com os Waimiri-Atroari.
>
> Esta iniciativa foi aprovada pelo Presidente da FUNAI após ouvir, no Posto Abonari, uma completa exposição da sertanista sobre a maneira como vai atuar para conseguir o primeiro encontro com esses índios depois do massacre que vitimou Gilberto Figueredo.
>
> O General Ismarth de Araújo Oliveira chegou no dia 19 ao Posto Abonari após navegar algumas horas de canoa pelo bonito Rio Abonari, de águas escuras e margeado de abundante vegetação, via preferida dos índios Waimiri-Atroari. Apoena mostrou ao General Ismarth, na sede do posto, os locais onde verificou-se o massacre de dezembro último, assinalado por cruzes rústicas.

> O aspecto do Posto e do próprio ambiente naquela parte ao Rio é sombrio e de expectativa, pois acreditam os sertanistas num retorno dos índios, que já estiveram aqui por diversas vezes. À tarde, o Presidente da FUNAI e seus assessores seguiram em veículos cedidos pelo 6° BEC para uma visita ao subposto do Alalau, alvo igualmente de ataques anteriores dos índios Waimiri-Atroari.
>
> A viagem de 52 quilômetros foi realizada, em parte, de jipes, pela Estrada Manaus-Caracaraí, nesta época lamacenta e com certos trechos intransitáveis, ainda em trabalhos de terraplenagem. A partir do subposto Abonari a comitiva do Presidente da FUNAI seguiu a pé e, mais adiante, entrou numa picada na selva, guiada pelo sertanista Apoena.
>
> Não obstante a falta de hábito de caminhar na mata fechada, não foi difícil ao grupo atingir as margens do Rio Alalau atravessando-o por meio de barco. O retorno realizou-se da mesma maneira, mas desta vez diretamente para o acampamento do 6° BEC, onde o Presidente da FUNAI e seus assessores pernoitaram.
>
> Ontem [dia 20] pela manhã o General Ismarth Oliveira sobrevoou as aldeias Waimiri- Atroari, ao mesmo tempo em que Apoena Meireles faz a anotação das mesmas num mapa, como planejamento de sua próxima expedição.
>
> As aldeias distantes 25 km do Posto Alalau, e vários índios foram vistos saindo das malocas para observar o avião. Apoena esclarece que não empregará métodos novos de atração nessa missão junto aos Waimiri-Atroari. Sábado [hoje] rumará para as proximidades das aldeias, levando consigo vários brindes e armará o seu tapiri. Inicialmente o sertanista vai demorar-se por 10 dias no acampamento nas proximidades das aldeias, regressando posteriormente para empreender nova excursão."

Segundo o comunicado, Apoena Meireles, não fez prognósticos sobre quando restabelecerá contato com os silvícolas.

OS TRATORES

A respeito dos tratores destruídos, esclareceu o Sr. Mont'Alverne que quando ocorreu o massacre de Gilberto Pinto Figueredo, em dezembro do ano passado, houve, logo a seguir, evacuação do pessoal que se encontrava trabalhando naquela área. As máquinas foram abandonadas, do que se aproveitaram os silvícolas para danificá-las. O mesmo aconteceu com o teto de alguns barracos que tiveram o zinco perfurado por flechas. (JORNAL DO COMMERCIO, N° 21.812)

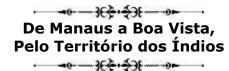
Jornal do Commercio, n° 21.968
Manaus, AM – Terça-feira, 30.09.1975

Nenhum Atroari Apareceu

A expedição de Apoena Meireles, encarregada de promover a pacificação dos índios WA ainda não conseguiu ver sequer um silvícola nas proximidades do local onde o 6° BEC faz o desmatamento para a BR-174. Ao que parece os índios estão fugindo cada vez mais ao contato com os brancos, dificultando os trabalhos de reaproximação do grupo. As notícias sobre a expedição são escassas, embora o sertanista Apoena faça diariamente um relatório à Divisão do Norte [da COAMA] em Manaus, chefiada pelo Major Saul Lopes de Carvalho, ao contrário do que ocorria anteriormente, com as notícias indo à Brasília. (JORNAL DO COMMERCIO, N° 21.968)

O jornal O Globo publicou uma reportagem intitulada "*De Manaus a Boa Vista, pelo território dos índios*". Ao chegar ao Rio Alalau, fronteira entre os Estados do Amazonas e Roraima o repórter faz um retrospecto dos acontecimentos passados:

Jornal O Globo – Rio de Janeiro, RJ
Segunda-feira, 04.04.1977

De Manaus a Boa Vista, Pelo Território dos Índios

Na Margem do Rio, Local de dois Massacres

No trecho indígena a estrada tem o melhor piso de todo o percurso, talvez intencionalmente, para evitar acidentes que poderiam provocar encontros entre brancos e índios.

É também um dos trechos mais bonitos, com a floresta cerrada e Igarapés de águas limpas visíveis da pista.

Às 13h00 o ônibus chega ao Rio Alalau. É um Rio típico da região amazônica: superfície calma, disfarçando a corrente que desce por uma cachoeira avistada ao longe; margens cobertas de vegetação, com árvores esguias e altas que disputam um pouco de Sol, no alto de suas copas.

Aqui, em 17.01.1973, os Waimiri-Atroari massacraram a golpes de borduna e terçado três funcionários da FUNAI, Rafael Padilha, Ernesto Nascimento de Aguiar e Altamir Aguiar.

Em 02.10.1974, eles voltaram a atacar, matando mais seis funcionários da Fundação. Um sobrevivente relatou a seus superiores o que acontecera no Posto. Sua história contribuiu para aumentar o desconcerto dos sertanistas em relação aos Waimiri-Atroari. Ela também confirma o caráter de "*verdadeiros guerrilheiros*" que o sertanista Apoena Meirelles atribui aos índios da Amazônia – Waimiri-Atroari.

Na manhã do dia 1° de outubro o sobrevivente Adão Vasconcellos recebeu, com mais seis companheiros que estavam no Posto do Alalau, a visita de 13 Waimiri-Atroari, chefiados pelo Capitão Comprido. Eles pediram presentes e os receberam.

À noite Adão notou que os cartuchos de sua espingarda de caça tinham sido retirados. Um companheiro disse a ele que Comprido estivera em seu alojamento durante a tarde. Na manhã seguinte um dos índios aproximou-se dele e começou a alisar-lhe os cabelos.

Era o sinal para o ataque. O próprio Adão levou um golpe de facão que lhe quebrou um braço, enquanto via seus colegas serem atacados. O cozinheiro teve a cabeça decepada por um grupo de índios jovens. Adão conta que correu e mergulhou no Rio Alalau, enquanto os índios disparavam flechas da margem.

O Capitão Comprido ainda o alcançou com uma canoa, mas quando ia matá-lo, Adão, lembrando da amizade do Cacique com o Chefe do Posto, Gilberto Pinto de Figueiredo, gritou para o índio: "*Papai Gilberto*". A palavra, segundo Adão, teve um efeito mágico sobre Comprido, que o deixou no Rio e dirigiu a canoa até a margem, onde desferiu o golpe de misericórdia em um dos colegas de Adão, que também ferido, tentava fugir.

Três meses depois, estranhamente, Comprido chefiou, com o Cacique Maroaga, o massacre em que o próprio Gilberto Figueiredo – "*o Papai Gilberto*" que os Waimiri-Atroari pareciam adorar – foi trucidado com mais três companheiros no Posto Abonari II.

Para cruzar o Alalau, local destes dois massacres, os passageiros, que são conduzidos com tantos cuidados até este ponto da viagem, abandonam o ônibus e embarcam na balsa controlada por um grupo de sete homens a serviço do 6° BEC.

No caso do ônibus da SOLTUR do dia 30 de março passado, os passageiros chegaram a cruzar o Rio com outros carros, enquanto o ônibus esperava uma nova viagem da balsa.

No Posto dos Balseiros, Fuzis Mauser

Foi a este local que, na noite do dia 24 de março passado, chegaram cerca de 120 Waimiri-Atroari. O funcionário que comanda a operação da balsa tem a resposta esperada para a pergunta sobre a visita dos índios:

> – Eles só queriam brindes.

Mas o responsável pela cozinha, que os companheiros chamam de João do Rancho, tem uma história melhor para os curiosos:

> – Eles estavam a fim de matar a gente – garante ele –; vieram ai com uma história de criança morta na cachoeira para levar a gente para longe da base e do Posto da FUNAI [que fica a 300 metros da balsa]. Os primeiros que chegaram eram poucos e estavam desarmados. Mas a gente descobriu que estava cheio de índios e que as flechas e os arcos estavam todos ali na beira do Rio.

João do Rancho exibe com orgulho seu companheiro inseparável, encostado ao fogão: um fuzil Mauser, militar. Com a culatra aberta, apoiada a uma das traves do galpão que serve de cozinha, está uma espingarda de caça. O Posto dos balseiros fica sobre estacas, com o assoalho bem acima do chão. Entra-se no Posto por um alçapão que se alcança por uma estaca móvel, para ser retirada à noite. No telhado do Posto uma placa: "*Bem-vindo a Roraima*"

Enquanto os balseiros tratam de atravessar o ônibus, João do Rancho aproveita a plateia interessada para mostrar sua valentia:

– Comigo não tem conversa com índio. Ainda mais que a FUNAI não nos deixa fazer negócio com os passarinhos que eles tentam trocar aqui. Eles nos chamam de marupá e de peruanos quando falam com os funcionários da FUNAI. E por isso que a gente tem que manter essa bichinha aqui [aponta para o fuzil Mauser].

João do Rancho talvez não conheça a história do último diálogo que o Padre João Calleri teve com os Waimiri-Atroari antes de ser trucidado com nove componentes de sua Expedição ao Posto indígena do Rio Camanau, em 30.11.1968.

Segundo o único sobrevivente do massacre, o Padre Calleri viu índios tirando colheres do acampamento. De surpresa, o Padre Calleri agarrou um índio e lhe disse:

– Aqui Padre Marupá. Espingarda pô! [imitando o ruído de um tiro]. Índio morre.

Os índios abandonaram o acampamento e voltaram no dia seguinte para dizimar a Expedição, com exceção de Álvaro Paulo da Silva, que pressentiu o perigo dos métodos do Padre e abandonou o acamamento. [...] (JORNAL O GLOBO, 04.04.1977)

Jornal do Commercio, n° 22.432
Manaus, AM – Domingo, 10.04.1977

Waimiri-Atroari perguntaram pelo
"*Papai Grande*" (Presidente Geisel)

Índios Reaparecem na BR-174
sem Arco e sem Flecha em Missão de Paz

MANAUS — Domingo, 10 de abril de 1977

3

Waimirí-Atroarí perguntaram pelo "Papai Grande" (Presidente Geisel)

ÍNDIOS REAPARECEM NA BR-174 SEM ARCO E SEM FLECHA EM MISSÃO DE PAZ

[illegible] ... Presidente da República, [illegible] "Papai Grande".

[illegible] Pinheiro [illegible], é [illegible] haver dedo de branco no [illegible] Waimiri-Atroari. No seu [illegible] massacres [illegible] e do padrão usado [illegible]. Explicou que os índios [illegible] mulheres e crianças dão provas [illegible] brancos.

[illegible] me confirmou que de fato, os [illegible] trazem suas mulheres e crianças [illegible] postos.

[illegible] visitam os postos, trazem [illegible], colares e cestas, [illegible], beiju. As mulheres trazem os [illegible] com banganas, [illegible]. Elas usam cabelos curtos e as [illegible] quando não, usam proteção [illegible] por elas mesmo. Os homens [illegible] e trocam seus arcos e flechas [illegible], calções, camisetas. Quando [illegible] um branco barbado e cabeludo, eles [illegible].

Quando chegam, os índios Waimiri-Atroari [illegible] procuram contatar com os homens do [illegible], que os tratam bem procurando trocar [illegible] pelo que trazem. Os funcionários da FUNAI procuram evitar maiores contatos.

No posto do Alalaú, os funcionários da FUNAI estão sempre de prontidão para receber a visita dos índios. É mantido um mateiro [illegible] na trilha onde sempre surgem os índios, o qual dá o aviso. A farmácia permanece sempre aberta com bom estoque de remédios para atender aos silvícolas doentes.

Texto: JOSÉ RIBAMAR

Quando os funcionários da FUNAI ou do 6º BEC fornecem açúcar aos índios eles abrem o comem, ficando todos sujos, lambuzados. Já o [illegible] levam para a aldeia, juntamente com as panelas, terçados, facões. Com estes fazem pontas de flechas e das lanças para pescarem e caçarem. As lanças sempre são de cerca de dois metros e a ponta de uns 30 centímetros.

MARUAGA E COMPRIDO

Segundo [illegible] mecânico a população Waimiri-Atroari possui dois chefes, Maruaga, chefe de Atroari e quanto que, o Capitão Índio Comprido, os Waimiri. Quem já viu ambos, faz referências dos mais diversos das personalidades de cada um. Maruaga, por exemplo, possui feição de que não é mal.

— Na última visita que fez, o Capitão Índio Comprido trouxe dois filhos. Um de 13/14 anos e outro já rapaz, que por sinal, tem feições de branco, principalmente por ser claro, revela o mecânico que por medida de segurança teve seu nome ausente da reportagem.

O atual chefe da equipe de atração da tribo Waimiri-Atroari, Sebastião Firmo, é de opinião que a causa do massacre praticado pelos índios contra Gilberto Pinto de Figueiredo Costa, em 1974, seria uma discórdia entre os caciques Comprido e Maruaga. Explicou que o cacique Comprido matou um filho de Maruaga, numa luta intertribal e por este motivo os dois se tornaram inimigos. Como Gilberto era muito mais ligado a Maruaga, e prevendo a queda do seu prestígio junto ao grupo tribal, Comprido procurou se unir novamente a Maruaga, e juntos realizaram o massacre no dia 29 de dezembro.

Paulino Pendon, atualmente no Posto Indígena Abonari-I, conhece toda a região habitada pelos Waimiri-Atroari, pois, foi um dos primeiros a integrar a equipe de Gilberto Pinto em 1967. Paulino era um dos homens de confiança do sertanista e sempre o acompanhava quando visitava as aldeias Waimiri-Atroari e disse no seu depoimento para a FUNAI:

"Visitei inúmeras aldeias com o "seu" Gilberto mas os índios nunca permitiam visitarmos todas as malocas. Em algumas eles imediatamente barravam a nossa entrada, não sei explicar porque".

Isso vem comprovar a possível existência de algum branco entre os índios que permanece escondido com a presença de civilizados. Embora tenha vindo de muito tempo, o pouco contato, com os brancos, os Waimiri-Atroari dão claramente a entender que existe algum [illegible] na tribo, não só pelo uso de açúcar, mas também como da plantação que fazem como de banana, abacaxi, cana, mandioca e pupunha. Eles estão, até mesmo, já começando sua alimentação, pois, sempre que visitam os postos, levam panelas. E se pergunta: quem teria ensinado tudo isso aos índios? Quem ensinou a chamar "papai grande", ao Presidente da República? Como eles souberam da presença do Ministro dos Transportes, com o qual tiveram um encontro?

O mecânico é outro que crê na existência de branco entre os Waimiri-Atroari: "Logo que eles apareceram não deixaram que a gente o fotografassem. Aos poucos foram permitindo, escondendo o rosto. Agora não, quando se quer fotografá-lo basta um ficar conversando para outro agir".

Conta mais que quando Gilberto estava vivo e à frente dos trabalhos de proteção na construção da Rodovia BR-174, os índios deram demonstração de hostilidade, deixando flechas cruzadas nas "picadas" ou então, um animal morto com as flechas. Mesmo assim Gilberto, sempre não tinha receio ou medo, indo aos encontros marcados até que foi morto, mesmo sendo chamado de "papai".

NOVE MESES

Os índios Waimiri-Atroari, depois do último massacre, no dia 29 de dezembro de 1974, passaram nove meses sem manterem contatos com os brancos. Eles abandonaram mesmo algumas malocas e somente em setembro do ano seguinte foi que reapareceram na rodovia BR-174, e permanecem calmos procurando manter contatos constantes com os funcionários da FUNAI e integrantes do 6º BEC de forma hospitaleira, fazendo trocas ou mesmo procurando remédios.

Tiago Coelho da Silva, que escapou ao ataque dos Waimiri-Atroari no Posto Indígena do Rio Camanaú, em dezembro de 1968, diz que se encontrava sentado à mesa, onde tomava café, quando teve início o massacre. Ao iniciá-lo, um "índio barbado" gritou — Lá vai flecha — em português. Afirma que nos dias anteriores, os Waimiri-Atroari haviam mantido atitude de cordialidade, mas que "o índio barbado" mantinha-se calado só falando a sua língua indígena. Declarou ainda que o grupo era chefiado por este "índio barbado".

Outro importante depoimento a respeito da presença de branco entre os índios Waimiri-Atroari, é, de dona Candida Pastana de Carvalho. Ela, também, não sabe a que atribuir a brusca atitude dos índios visto que eles mostravam-se amigos do pessoal do posto, inclusive haviam até dançado no terreiro com o seu esposo Luiz Antonio de Carvalho. A presença do índio barbado é assim narrada por D. Cândida. "Os índios eram chefiados por um barbado, embora entre eles estivesse um tuxaua-Maruaga — pois os índios nada decidiam sem o consentimento do índio barbado, inclusive troca de objetos". Quando se dirigia a ela fazia-o em português, às vezes misturado com a gíria, sendo o mais calmo de todos, procurando sempre manter-se calado e afastado, observando todos os pormenores.

Afirma ainda D. Cândida que "o índio barbado", quando das visitas nos dias anteriores, trouxe sua família, constituída de mulher e três filhos, entre as quais, uma mocinha de feições de [illegible]".

NOVA TRIBO

Nova tribo apareceu recentemente no rio Alalaú desconhecida dos funcionários da FUNAI e do 6º BEC, que já estão acostumados com a presença dos Waimiri-Atroari. Segundo o mecânico tudo foi de surpresa:

— "Surgiu no rio Alalaú um grupo de índios, sob o comando do Capitão Abonari. Eles então pediram "tinta" (remédio), para um menino que havia recebido um corte. Era filho do Capitão Abonari. A linguagem deles é diferente e são mais entendidos do que os Waimiri-Atroari. Eles chegaram chamando a gente de "colombianos" vestidos de calções, os quais estavam bastante sujos. Eles passaram 4/5 dias no posto da FUNAI. Presume-se que esse grupo tribal já tenha mantido contatos com brancos e que eles foram brasileiros. A linguagem deles era meio enrolada.

Esse acontecimento foi guardado pelos funcionários da FUNAI só que o mecânico que presenciou o surgimento dos índios chefiados pelo Capitão Abonari, desconhecendo a região que habitam.

Pelo contatos que eles estão mantendo, acredita-se que muito em breve, os Waimiri-Atroari aceitem a presença do branco como amigo e possam se integrar à civilização.

Imagem 54 – Jornal do Commercio – n° 22.432, 10.04.1977

A existência de branco entre os índios Waimiri-Atroari, continua sendo afirmada por elementos que trabalham na Rodovia BR-174, confirmando o que disse Adão Vasconcelos, um dos sobreviventes do massacre do Posto Indígena de Atração Alalau, que no seu depoimento salientou que:

> Cansei de ir na Aldeia deles com Gilberto e sempre fomos recebidos com muita alegria. A única coisa que não podíamos fazer era entrar em certas malocas. Creio que havia algum branco escondido nela, pois sempre ficavam dois índios na porta para impedir a entrada dos elementos da FUNAI, que só podiam permanecer no terreiro da Aldeia.

Antes da inauguração da Rodovia BR-174, um grupo de índios reapareceu nos acampamentos do 6° BEC e da FUNAI. No dia da inauguração conversei com várias pessoas a respeito da presença dos silvícolas.

PAPAI GRANDE

Um mecânico, cujo nome pediu-me que não revelasse com quem conversei bastante tempo fez revelações que chegaram a me surpreender. Na última visita, conforme narrou, os índios perguntaram pelo "*Papai Grande*", o qual viria a ser o Presidente da República Ernesto Geisel que inauguraria a Rodovia BR-174.

O mecânico trabalha há quatro anos na Rodovia BR-174 e durante esse tempo, ele próprio conversou com os índios, chegando mesmo a fazer trocas, nas quais sempre:

> Eles levam vantagem. O mais difícil é entender o que falam, no entanto, aprendem com facilidade o que a gente diz. Eles repetem certo.

As palavras mais comuns que os índios dizem aos brancos durante os encontros são "*marupá*" que é homem mau; "*maré-bom*", que é amigo e "*non*" que é não.

Para confirmar a possível existência de branco entre os índios Waimiri-Atroari, eles estão levando açúcar e sal. E como eles souberam da vinda do Presidente da República, chegaram perguntando "*Papai Grande*".

VISITAS

O sertanista Otávio Pinheiro Cangussú, é outro que acredita haver dedo de branco no meio dos ataques dos Waimiri-Atroari. No seu depoimento diz que "*os massacres são totalmente fora da ética e do padrão usado comumente pelos índios*". Explicou que os índios ao trazerem suas mulheres e crianças dão provas de confiar nos brancos.

O mecânico me confirmou que de fato, os índios sempre trazem suas mulheres e crianças quando visitam os postos:

> Eles quando visitam os postos, trazem carne moqueada, pupunhas cozidas e cruas, mandioca, cana-caiana, biju. As mulheres trazem os paneiros nas costas com bananas, abacaxis, para trocarem. Elas usam cabelos curtos e as vezes vem vestidas, quando não, usam proteção no sexo, feito por elas mesmo. Os homens costumam vir nus e trocam seus arcos e flechas por calças, camisas, calções, camisetas. Quando encontram um branco barbado e cabeludo, eles agarram e puxam. Quando chegam, os índios Waimiri-Atroari sempre procuram contatar com os homens do 6° BEC, que os tratam bem procurando trocar objetos pelo que trazem. Os funcionários da FUNAI procuram evitar maiores contatos.

No posto do Alalau, os funcionários da FUNAI estão sempre de prontidão para receberem a visita aos índios. É mantido um mateiro de plantão na trilha onde sempre saem os índios, o qual dá o aviso.

A farmácia permanece sempre aberta com bom estoque de remédios para atender aos silvícolas doentes.

Quando os funcionários da FUNAI ou do 6° BEC fornecem açúcar aos índios eles abrem e comem ficando todos sujos e lambuzados. Já o sal, eles levam para a aldeia, juntamente com as panelas, terçados, facões. Com estes fazem pontas de flechas e das lanças para pescarem e caçarem. As lanças sempre são de cerca de dois metros e a ponta de uns 30 centímetros.

MARUAGA E COMPRIDO

Segundo ainda O mecânico a população Waimiri-Atroari possui dois chefes. Maruaga, chefia os Atroari enquanto o Capitão Comprido, os Waimiri.

Quem já viu ambos, faz-me comentários dos mais diversos das personalidades de cada um. Maruaga, por exemplo, possui feição de que não é mau.

"*Na última visita que fez, o Capitão Comprido trouxe dois filhos. Um de 13/14 anos e outro já rapaz, que por sinal, tem feições de branco, principalmente por ser claro*", revela o mecânico que por medida de segurança teve seu nome ausente da reportagem.

O atual chefe da equipe de atração da tribo Waimiri-Atroari, Sebastião Firmo, é de opinião que a causa do massacre praticado pelos índios contra Gilberto Pinto de Figueredo Costa, em 1974, seria uma discórdia entre os capitães Comprido e Maruaga. Explicou que o Cacique Comprido matou um filho de Maruaga, numa luta intertribal e por este motivo os dois se tornaram inimigos. Como Gilberto era muito mais ligado a Maruaga, e prevendo a queda do seu prestígio junto ao grupo tribal, Comprido procurou se unir novamente a Maruaga, e juntos realizaram o massacre no dia 29 de dezembro.

Paulino Rondon, atualmente no Posto Indígena Abonari II, conhece toda a região habitada pelos Waimiri-Atroari, pois foi um dos primeiros a integrar a

equipe de Gilberto Pinto em 1957. Paulino era um dos homens de confiança do sertanista e sempre o acompanhava quando visitava às Aldeias Waimiri- Atroari e disse no seu depoimento para a FUNAI:

> Visitei inúmeras Aldeias com o "*seu*" Gilberto mas os índios nunca permitiam visitarmos todas as malocas. Em algumas eles imediatamente barravam a nossa entrada, não sei explicar porque. Isso vem comprovar a possível existência de algum branco entre os índios que permanece escondido com a presença de civilizados.
>
> Embora tenha vindo de muito tempo, o pouco contato, com os brancos, os Waimiri-Atroari dão claramente a entender que existe algum estranho na tribo, não só pelo uso de açúcar, sal, bem como da plantação que fazem como de banana, abacaxi, cana, mandioca e pupunha. Eles estão, até mesmo, já cozinhando sua alimentação, pois, sempre que visitam os Postos, levam panelas. E se pergunta: quem teria ensinado tudo, isso aos índios? Quem ensinou a chamar "*Papai Grande*", ao Presidente da República? Como eles saberiam da presença do Ministro dos Transportes, com o qual tiveram um encontro?

O mecânico é outro que crê na existência de branco entre os Waimiri-Atroari:

> Logo que eles aparecem não deixaram que a gente os fotografassem. Aos poucos foram permitindo, escondendo o rosto. Agora não, quando se quer fotografá-los basta um ficar conversando para outro agir.

Conta mais, que quando Gilberto estava vivo e à frente dos trabalhos de proteção na construção da Rodovia BR-174, os índios deram demonstração de hostilidade, deixando flechas cruzadas nas "*picadas*" ou então, um animal morto com as flechas. Mesmo assim Gilberto, nunca teve receio ou medo, indo aos encontros marcados até que foi morto, mesmo sendo clamado de "*papai*".

NOVE MESES

Os índios Waimiri-Atroari depois do último massacre, no dia 29.12.1974, passaram nove meses sem manterem contatos com os brancos. Eles abandonaram mesmo algumas malocas e somente em setembro do ano seguinte foi que reapareceram na rodovia BR-174, e permaneceram calmos procurando manter contatos constantes com os funcionários da FUNAI e integrantes do 6° BEC de forma hospitaleira. Fazendo trocas ou mesmo procurando remédios.

Tiago Coelho da Silva, que escapou ao ataque dos Waimiri-Atroari ao Posto indígena do Rio Camanau, em dezembro de 1946, diz que se encontrava sentado à mesa, onde tomava café, quando teve início o massacre. Ao iniciá-lo, um "*índio barbado*" gritou – "*lá vai flecha*" – em português. Afirma que nos dias anteriores, os Waimiri-Atroari haviam mantido atitude de cordialidade, mas, que o "*índio barbado*" mantinha-se calado falando na gíria da língua indígena.

Declarou ainda que o grupo era chefiado por este "*índio barbado*". Outro importante depoimento a respeito da presença de branco entre os índios Waimiri-Atroari é, de dona Cândida Pastana de Carvalho. Ela, também, não soube a que atribuir a brusca atitude dos índios visto que todos mostravam-se amigos do pessoal do posto, inclusive haviam até dançado no terreiro com o seu marido Luiz Antônio de Carvalho. A presença do "*índio barbado*" é assim narrada por D. Cândida:

> Os índios eram chefiados por um barbado, embora entre eles estivesse um Tuchaua Maruaga – pois os índios nada decidiam sem o consentimento do "*índio barbado*", inclusive troca de objetos. Quando se dirigia a ela fazia-o em português, às vezes misturado com a gíria, sendo ele o mais calmo de todos, procurando sempre manter-se calado e afastado, observando todos os pormenores

Afirma ainda D. Cândida que "*índio barbado*", quando das visitas nos dias anteriores, trouxe sua família, constituída de mulher e três filhos, entre os quais, uma mocinha de "*feições delicadas*".

NOVA TRIBO

Nova Tribo apareceu recentemente no Rio Alalau desconhecida dos funcionários da FUNAI e do 6° BEC, que já estão se acostumando com a presença dos Waimiri-Atroari. Segundo o mecânico, tudo foi de surpresa:

> Surgiu no Rio Alalau, um grupo de índios, sob o comando do Capitão Abonari. Eles então pediram "*tinta*" [remédio], para um menino que havia recebido um corte. Era filho do Capitão Abonari. A linguagem deles é diferente e são mais entendidos do que os Waimiri-Atroari. Eles chegaram chamando a gente de "*colombianos*" vestidos de calções, os quais estavam bastante sujos. Eles passaram 4 a 5 dias no Posto da FUNAI. Presume- se que esse grupo tribal já tenha mantido contatos com brancos e que não foram brasileiros. A linguagem deles era meio enrolada.

Esse acontecimento foi guardado pelos funcionários da FUNAI só que o mecânico que presenciou o surgimento dos índios chefiado pelo Capitão Abonari, desconhece a região que habitam. Pelos contatos que estão sendo mantidos, acreditasse que muito em breve, os Waimiri-Atroari aceitem a presença do branco como amigo e possam se integrar à civilização. (JORNAL DO COMMERCIO, N° 22.432)

Revista Manchete, n° 1.657
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 21.01.1984

Há Doze Anos, eles Eram 3 mil. Hoje, Restam uns 400, Espalhados Pelas Aldeias

Mas em todos os postos da FUNAI também existe um quadro com a fotografia do Presidente da República, a quem os índios já aprenderam a identificar como "*Papai Grande João*". E o ronco do caminhão solitário rompendo as últimas horas da madrugada é um indício incontestável de uma realidade mais pacífica. O dia amanhece enevoado. Da guarita sobre uma torre de madeira, no Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari [NAWA], da FUNAI, no quilômetro 255, a visibilidade é quase nenhuma. Uma bruma esbranquiçada encobre a estrada e a mata, dando-lhes uma dimensão quase mágica.

Um espetáculo bonito, mas que reflete lembranças aterradoras. O dia 29.12.1974 amanhecera com essa mesma névoa, que se estendia sobre as águas do Santo Antônio do Abonari, quando o sertanista Gilberto Pinto e três servidores da FUNAI foram mortos a flechadas no posto de atração construído na margem direita do Rio. Era o quarto massacre naquele ano dos arredios Waimiri-Atroari contra os brancos que insistiam em amansá-los. O ataque indígena, divulgado na imprensa nacional e internacional, acentuava o seu estigma de índios selvagens e assassinos.

O New York Times publicou uma reportagem abordando o comportamento espantoso daquele povo primitivo que se rebelava contra seus pacificadores e aterrorizava peões e soldados do 6° Batalhão de Engenharia de Construção do Exército Brasileiro, que construíam a rodovia invasora cortando o habitat dos ferozes e imprevisíveis Waimiri-Atroari.

Era uma barra. Após o ataque ao Posto de Atração no Rio Alalau em outubro de 1974, comandantes militares e antigos dirigentes regionais da FUNAI da Amazônia se reuniram no acampamento do 6° BEC, no Km 220, e baixaram algumas normas de segurança para garantir a continuidade dos trabalhos de implantação da estrada.

Caso houvesse visitas dos índios, por exemplo, deveriam ser realizadas "*pequenas demonstrações de força*", mostrando os efeitos de uma rajada de metralhadora, de granadas defensivas e da destruição pelo uso de dinamite. A reunião foi em novembro. Um mês depois, o experiente e respeitado Papai Gilberto, sertanista antigo por quem os Waimiri-Atroari tinham amizade e carinho, estava morto – vítima do massacre no Abonari. Foi a última vez que os índios atacaram. A rodovia Manaus-Caracaraí-Boa Vista, que ligaria o Brasil à Venezuela, era inaugurada a 06.04.1977.

No início do trecho que corta a área indígena há um monumento, uma pedra enorme com duas placas. Lá estão gravados os nomes dos 24 homens e das duas mulheres [da expedição Padre Calleri – 1968]. Uma homenagem aos que perderam a vida pacificando os índios rebeldes. [...] O jovem Capitão, do 6° BEC, Hiram Reis e Silva, acredita que os tempos mudaram:

> Hoje existe uma integração muito grande entre os Waimiri-Atroari, o Exército e a FUNAI. Voltar ao passado para consertar as coisas é impossível. Houve erros imperdoáveis, houve excessos, houve matança ([61]). Importa o que se pode fazer agora: dar assistência médica, apoio humano e tratar com respeito os índios.

A FUNAI é convocada para atuar como frente de atração em áreas indígenas não contatadas, em torno de cinco tópicos: mineração, hidrelétrica, estrada, colonização e polo agropecuário. A reserva Waimiri-Atroari foi atingida pelos cinco. Ainda não se sabe como será resolvido o problema da inundação de uma parte de suas terras, na ocasião do fechamento das comportas da represa da hidrelétrica Balbina, para formação do Lago, em 1987.

---

[61] Referia-me às atrocidades perpetradas, tantos pelos WA e "*civilizados*", no longínquo pretérito, como os recentes massacres protagonizados pelos WA desde a década de 40 até o dia 29.12.1974.

O chefe da frente de atração na área, o técnico indigenista Moiseniel Barbosa, explica que a fase atual é de consolidação de contato:

> Esse trabalho já está bem sedimentado, não acredito que haja possibilidade de uma retroação com referência ao clima de segurança. Os Waimiri-Atroari estão mais receptivos e aceitando espontaneamente os costumes dos civilizados. Eles são muito inteligentes, é nítido que desejam conquistar uma certa igualdade de condições em relação aos brancos.

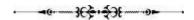
Na verdade, a FUNAI nunca se dedicou com tanto cuidado a um grupo indígena como atualmente aos Waimiri-Atroari. São 57 servidores distribuídos nos oito postos existentes dentro dos 1.850.000 hectares que correspondem à área interditada temporariamente como "*Terra Presumível Indígena Waimiri-Atroari*".

Sem interferir diretamente no comportamento dos índios, os indigenistas procuram influenciá-los através do exemplo, como nos hábitos básicos de higiene, alimentação mais nutritiva, cultivo de pomar, criação de galinhas, porcos e carneiros.

Assim, os índios usam roupas sabendo que é necessário lavá-las com sabão. Estão fortes e bonitos e até agora não adquiriram maus costumes civilizados. Não bebem, não fumam, não mexem nem tiram nada da bagagem de ninguém. Curiosos, observadores procuram apenas saber para que serve e como funciona tudo.

Poucos já falam português, os que sabem servem de intérpretes. Desconhecem o valor do dinheiro e não têm acesso às armas de fogo. São meigos e extremamente altivos.

Mas, nos olhos amendoados, ainda há vestígios de desconfiança. (REVISTA MANCHETE, N° 1.657)

Revista Manchete, n° 1.935
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 20.05.1989

Balbina é Irreversível.
E o Brasil já Pensa no Terceiro Milênio

[...] No caso de Balbina, a reserva dos índios Waimiri-Atroari foi que sofreu com a barragem. A terça parte dessa nação teve que ser transferida para outra área, pois o Lago atingiu todo o Sudeste de seu território, onde ficavam as aldeias Taquari e Tapupunã. A primeira foi alagada e a outra precisou ser remanejada porque a cabeceira do Rio Uatumã, que fornecia água e pescado para os silvícolas, ficou contaminada.

No entanto, os Waimiri-Atroari tiveram melhor sorte do que os caboclos ribeirinhos. Foi dada, aparentemente, uma atenção maior aos índios e estes, de um modo geral, se mostram satisfeitos.

A partir do final da década de 60, com o início da construção da BR-174 [Manaus-Boa Vista], que cortou a reserva ao meio, os choques e a decadência desses índios começaram. A população, estimada, na época, em 3.000 pessoas, foi reduzida por epidemias e atritos que chegaram a extinguir aldeias inteiras.

Diante desses fatores foi criado o Programa Waimiri-Atroari, custeado pela ELETRONORTE e gerenciada pela FUNAI, que estabelece uma linha de ações de assistência e apoio às comunidades indígenas, afetadas direta ou indiretamente pela construção da usina, nos próximos 25 anos. A base do programa é criar alternativas para a sobrevivência dos índios e minimizar os efeitos do impacto ambiental.

A ELETRONORTE faz questão de esclarecer que foram os próprios líderes das aldeias deslocadas que escolheram os novos locais de moradia. E mais: que a empresa indenizou os índios pelos serviços das novas roças, com base na área utilizada para plantações das antigas aldeias.

Esse montante foi depositado em caderneta de poupança para cada uma comunidade: 442.500 cruzados novos para Tapupunã, que agora se chama Sumauma, com uma população total de 35 índios; e 1.250.000 cruzados novos para Taquari, atual Manauma com 72 pessoas.

Mas, há quem discorde do programa. É o caso de Egydio Schwade, membro do MAREWA – Movimento de Apoio à Resistência Waimiri-Atroari.

Para ele, a transferência obrigatória dos indígenas de suas terras, além de violentar suas relações com o meio-ambiente, pode desencadear, também, uma espécie de desordem social motivada por um longo período de readaptação à nova área.

O que tem agradado mais aos índios nessa história toda é o atendimento médico constante que vêm recebendo da ELETRONORTE, em convênio com o Hospital de Medicina Tropical. Existem registros de que uma epidemia de sarampo chegou a matar 21 índios de uma só vez em 1981.

"*Meu povo quer viver em paz, com saúde e com terra, e isso nós conseguimos*", fala Tomás, o principal líder da aldeia Manauma. "*Balbina matou sim, mas é pau*", completa o índio, referindo-se à floresta alagada.

De acordo com o sertanista e gerente do Programa Waimiri-Atroari, Raimundo Nonato Correia, a população dessa reserva em 1986 era de 397 pessoas. Hoje, cresceu para 446.

Esses dados não são suficientes para convencer alguns indigenistas e ecologistas da boa intenção da ELETRONORTE/FUNAI. Francisco Guinter é um dos que acham isso tudo uma agressão à cultura indígena. Ele afirma: "*Até que ponto, em nome do progresso, homens podem se apropriar de terras que têm dono e mexer com toda uma tradição milenar de uma raça, só porque pode pagar, indenizar, ressarcir os prejudicados por isso? Será que não existiria outra forma de desenvolver o país sem ser preciso destruir tantas coisas?*"

Para o presidente do INPA, o biólogo e economista Herbert Schubart, uma forma de minimizar o impacto ambiental causado pelas grandes hidrelétricas seria substitui-las por uma série de represas menores: "*É uma alternativa que pode causar menos danos no seu conjunto, mas, também, custará bem mais caro*".

Outros cientistas entendem que seria menos desastrosa uma termelétrica alimentada a lenha ou a construção de um gasoduto, ligando o campo de Juruá a Manaus, ou ainda a construção de linhas de transmissão desde Tucuruí. [...] (REVISTA MANCHETE, N° 1.935)

Estado Ilhado

O fechamento da BR-174 prejudica, sensivelmente, o Estado de Roraima. O Estado fica ilhado à noite, via terrestre, porque a reserva, cortada pela BR-174, única rodovia que liga Roraima ao resto do País, fecha às 18h00 e só reabre às 06h00. O Estado de Roraima está lutando na Justiça para desbloquear a BR e liberar o tráfego 24 horas por dia. O interminável adiamento da construção do linhão para levar a energia de Tucuruí à Roraima é também outro crime perpetrado pelo governo federal.

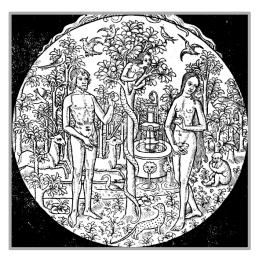
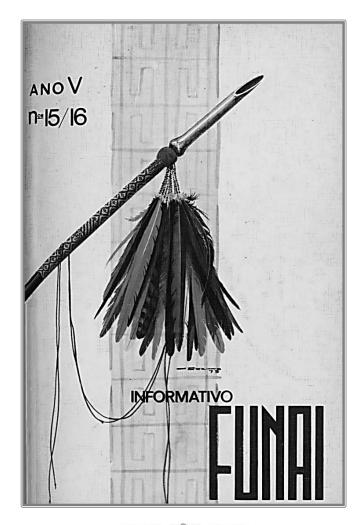



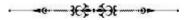
Imagem 55 – O Pecado Original – Antoine Vérard (1505)

Paraíso Perdido
(Jayme Caetano Braun)

[...] E mandou Nosso Senhor
O Menino de Belém
O que em cada Natal vem
Trazer carinho e amor
Mas o homem – pecador
Ao qual o dólar seduz
Não quis compreender a luz
Da fé e da fraternidade
Jesus falava em verdade
E o pregaram numa cruz! [...]

E o homem que fez então
Depois da morte sublime
Ao invés de expiar o crime
Num pedido de perdão
Ou tentar a salvação
Do inferno e da fogueira
Chorando à sua maneira
O Paraíso Perdido
Muito embora arrependido
Seguiu rondando a macieira.

Boletim Informativo da FUNAI

Ministério do Interior – Rio de Janeiro, RJ
Ano V – nºs 15/16 – 1975

Mistérios de um Século Envolvem Massacres dos Waimiri-Atroari

As Informações que Vamos dar Abaixo, Resultaram de Pesquisas em Relatórios de Sertanistas e Entrevistas Pessoais com os Sobreviventes de Massacres e Funcionários das Frentes de Atração da FUNAI

Um mistério que já perdura por mais de um século envolve os periódicos massacres praticados pelos índios Waimiri-Atroari. O último massacre que este grupo tribal cometeu foi contra um dos seus mais estimados amigos o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo, no Posto Indígena de Atração Abonari II em dezembro de 1974.

Além de Gilberto, outros três servidores perderam a vida naquele ataque. Antes, os Waimiri-Atroari já haviam participado de inúmeros massacres o primeiro dos quais contra os irmãos Bríglia, servidores do extinto Serviço de Proteção aos Índios, em dezembro do 1942.

ÍNDIOS KARIB

Os Waimiri-Atroari constituam um grupo indígena do tronco linguístico Karib, dividido em um número não definido de subgrupos locais.

Tradicionalmente ocupam a regiões de florestas equatoriais que se dispõem entre a Foz do Rio Negro e os tributários do Rio Branco O "*habitat*" desses índios inclui as áreas banhadas pelos Rios Jatapu, Uatumã, Urubu, Tarumã-Açu, Cuieiras, Apuau, Curiau, Camanau, Jauaperi [com seus afluentes Alalau, Muranau, Branquinho o Macucuau] e Branco [especialmente seu afluente Anauá]. À Leste, os Waimiri-Atroari fazem fronteira com os Wai-Wai e outros grupos Karib da região, com os quais mantem relações frequentes e amistosas.

Sabe-se que, em janeiro de 1873, os Waimiri-Atroari aproximaram-se da localidade de Moura e nela penetraram. Toda a população fugiu apavorada, o que provocou posteriores represálias dos moradores do lugarejo.

Talvez, segundo algumas opiniões, partam daí os constantes ataques dos Waimiri-Atroari contra os que procuram com eles manter contato

AS POSSÍVEIS CAUSAS

Entre sertanistas e outros funcionários da FUNAI que já a atuaram e atuam na área dos Waimiri-Atroari as possíveis causas dos ataques daqueles índios são as mais variadas, atribuem-se desde um ritual de iniciação, até a ausência de uma comunicação verbal entre os silvícolas e elementos da FUNAI devido ao desconhecimento da língua.

Ivan Lima Ferreira, um índio Sateré, que sobreviveu ao massacre do Posto Abonari II do dia 29.10.1974, é de opinião de que o ataque dos índios foi devido à de presentes no Posto do Atração. Ele observou que nos dias que antecederam ao ataque os índios chefiados por Comprido, Maruaga e Pedro mostravam-se alegres, pois estavam recebendo muitos presentes.

No dia 28 de outubro, quando Gilberto Pinto Figueiredo Costa já estava no Posto, o estoque de brindes terminou e foi solicitado a Manaus o envio mais presentes. Naquela noite os índios começaram a mostrar-se irritados e no dia seguinte, às 6 horas da manhã, ocorreu o massacre.

Gilberto foi o primeiro a ser atacado e o único a escapar com vida foi Ivan Lima Ferreira, que se encontrava na beira do Rio e imediatamente atirou-se n'água e atravessou a nado o Abonari e escondeu-se na mata.

Outro sobrevivente de massacre dos mesmos índios é o servidor Adão Vasconcelos. Adão se encontrava no Posto Indígena de Atração do Alalau; com outros quatro companheiros quando, no dia 02.10.1974, os índios realizaram mais um ataque a Posto da FUNAI.

Ele conta que, no dia 1° de outubro um cacique, de nome Comprido chegou acompanhado de mais 13 Waimiri-Atroari. Embora não trazendo nada para trocar à exceção de flechas, os índios pediram terçados de presentes, no que foram atendidos.

À tarde, Adão falou pelo rádio com Manaus, ocasião em que comunicou a Gilberto Pinto a presença de índios no Posto, tendo o sertanista recomendado que tomassem cuidado.

À noite, Adão notou que os Waimiri-Atroari, haviam retirado os cartuchos de sua espingarda. Odoncil Virgínio dos Santos um dos seus companheiros de trabalho informara que Comprido havia estado, momentos antes em seu alojamento. Na manhã do dia 2 outubro. Adão acordou cedo com os índios à sua porta, mas todos desarmados.

Adão continuou as tarefas de sempre, enquanto aguardava que desde 09h00 para falar com Gilberto através do rádio do Posto. No seu alojamento enquanto costurava uma calça, à guisa de passar o tempo, índios permaneciam de pé à sua porta. Por volta das 07h30, um índio chegou-se para perto dele e começou estranhamente a alisar-lhe os cabelos.

De onde estava pôde ver o cacique de espingarda na mão e logo concluiu que aquele era o sinal para o início do massacre. Adão levou um golpe de terçado no braço esquerdo que lhe fraturou o úmero.

Odoncil sofreu um golpe do terçado na testa e mesmo assim correu para o Rio. O cozinheiro do Posto teve a Cabeça decepada a golpes de facão.

Adão conseguiu correr até as margens do Rio Alalau atirando-se às águas. Os índios procuraram interceptar sua fuga com flechas e enquanto um grupo ficava atirando da margem, outro se dirigiu para o canoa e continuaram flechando. "*Não me acertaram de sorte*" – afirma Adão. Quando atingiu a outra margem do Rio, o Capitão Comprido se aproximou com a canoa pronto para matá-lo, mas Adão lembrou-se de dizer – "*Papai Gilberto*", palavra que teve um efeito mágico, pois eles pararam de atirar e rumaram em direção a Odoncil, que acabaram de matar.

Adão escondeu-se na mata e ficou deitado o dia inteiro. À noite andou com cautela até atingir a estrada BR-174 [Manaus-Caracaraí], de onde foi transportado para Manaus. O sobrevivente não soube explicar porque os Waimiri-Atroari atacaram. Segundo ele:

> Cansei de ir na aldeia deles com o Gilberto e sempre fomos recebidos com muita alegria. A única coisa que não podíamos fazer era entrar em certas malocas. Creio que havia algum branco escondido nela, pois sempre ficavam dois indos na porta para impedir a entrada dos elementos; da FUNAI que só podiam permanecer no terreiro da Aldeia.

Segundo ainda Adão Vasconcelos, quando os Waimiri-Atroari atacam, a maioria do grupo e constituída de rapazotes de cerca de 15 anos e os massacres só ocorrem no período de fim de ano. O sertanista Francisco Bezerra de Lima, que por duas vezes acompanhou Gilberto Pinto em seus contatos com os Waimiri-Atroari é do opinião que aquele grupo ataca porque não há ninguém que fale corretamente a sua língua. Segundo o sertanista:

> O diálogo através de mímica é muito difícil de ser compreendido e pode levar a uma má interpretação por parte do índio Francisco Bezerra acha que talvez os Waimiri-Atroari tenham os civilizados como homens perversos que desejam eliminá-los.

> Eles vem transmitindo a sua história verbalmente de geração em geração e é possível que as vezes ocorram exageros. No passado, os Waimiri-Atroari sofreram muito à beira do Rio Negro e agora, eles veem que os homens brancos estão em suas terras. Até o momento não houve ninguém capaz de lhes explicar que a estrada lhes trará benefício. Como homens guerreiros eles pensam em guerra, portanto, podem estar achando que os brancos desejam atacá-los, pois não confiam em nós de jeito nenhum.
>
> Para o sertanista Francisco Bezerra a solução para evitar os constantes ataques dos Waimiri-Atroari seria alguém se dedicar ao estudo do sua língua [no momento já se encontra na área um técnico do Summer Institute of Linguistics], ou então enviar para participar da Frente de Atração daquele grupo, índio Wai-Wai, também da língua Karib, que são amigos dos Waimiri-Atroari e entendem seu dialeto. Saber a língua dos Waimiri-Atroari já seria meio cominho nadado – concluiu Francisco Bezerra.

DEDO DE BRANCO

O sertanista Otávio Pinheiro Cangussu, atualmente atuando junto aos índios Wai-Wai, acha que deve haver dedo de branco no meio destes ataques, dos Waimiri-Atroari. Segundo o sertanista:

> Os massacres são totalmente fora da ética e do padrão usado comumente pelos índios. Explica que os índios ao trazerem suas mulheres e crianças dão provas de confiar nos brancos e nunca fariam um massacre à toa. Também afasta possibilidade de ser a abertura da estrada BR-174 uma das causas dos constantes massacres dos Waimiri-Atroari, pois segundo Otávio Cangussu: "*o índio gosta de estrada porque para ele é uma novidade*".

O sertanista relatou que os Wai-Wai, com quem vem trabalhando desde junho do ano passado são amigos dos Waimiri-Atroari, realizando frequentemente visitas àquele grupo.

Um deles chegou a permanecer mais de três meses junto aos Waimiri-Atroari e revelou que eles possuem muita banana e cará. Muitos deles falam o dialeto dos Waimiri-Atroari e chegaram a convidar Cangussu a ir até lá com eles sob garantia, mas Cangussu agradeceu a deferência.

RITUAL

O auxiliar de sertanista Carlos Marques da Silva, atualmente chefiando o Posto Indígena de Atração Camanau, trabalha há três anos junto aos Waimiri-Atroari e com eles já manteve contato várias vezes, a maioria vezes acompanhado Gilberto Pinto. Segundo Carlos Marques, poucos dias antes do massacre que vitimou Gilberto no 14 de dezembro, mais precisamente os dois e mais o sertanista Sebastião Firmo visitaram uma das Aldeias Waimiri-Atroari onde se encontravam 12 índios, todos demonstrando estarem em absoluta calma. Na ocasião que os chefes Maruaga e Comprido estavam a caminho do Abonari II.

Carlos Marques da Silva diz que não pode entender porque os Waimiri-Atroari massacraram Gilberto Pinto. Ele tratava muito bem os índios, era muito estimado por eles, que o chamavam de "*Papai Gilberto*". Conta que muitas vezes eles já tiveram ótimas oportunidade para exterminar o sertanista e outros servidores da FUNAI.

Como exemplo disto, cita que, certa vez foram a uma aldeia Waimiri-Atroari onde se realizava uma festa.

Quando chegaram haviam mais 10 índios, só do sexo masculino. Mais tarde chegaram outros 20. Se eles quisessem, podiam ter nos matado naquele dia e não teríamos a mínima condição de reagir. Mas eles não fizeram nada. Pelo contrário, nos trataram muito bem, principalmente Maruaga e Comprido, que são os líderes daquele grupo tribal.

Para Carlos só existem duas hipóteses que justificam os massacres Waimiri-Atroari:

> Ou é um instinto próprio daquele grupo ou se trata de um ritual através do qual o jovem índio se torna um guerreiro.

Segundo Carlos Marques, os Waimiri-Atroari são muito supersticiosos e o seu ritual religioso bastante vasto. Frisa que são sempre os jovens que tomam a iniciativa dos ataques enquanto os idosos lhes dão cobertura e que os ataques daqueles índios, quase sempre, ocorrem nos últimos meses do ano. Carlos Marques foi um dos últimos a manter contato com Gilberto Pinto antes de sua morte.

No dia que antecedeu ao massacre ele se encontrava no Posto Camanau e se comunicou pelo rádio com Gilberto, que informou encontrarem-se, no Posto Abonari II, 30 índios Waimiri-Atroari e que a situação era da mais absoluta calma.

> Se ele nos tivesse informado que os índios se mostravam aborrecidos, nós poderíamos, em poucas horas, atingir o Abonari II e reforçar a equipe do Gilberto, o que certamente demoveria os índios do intento de realizar o massacre, pois eles só atacam quando estão numericamente superiores aos brancos.

Frisou o auxiliar do sertanista.

OS MENINOS

Luiz Alberto Apolinário Duarte é outro que conseguiu, sobreviver a um dos massacres dos Waimiri-Atroari. Ele se encontrava no Posto Alalau II, quando, em 18.01.1973, os índios, atacaram, matando os servidores Rafael Fonseca Padilha, Ernesto Nascimento de Aguiar e Altamir Cardoso de Aguiar. Há dois anos que Luiz Alberto vinha integrando a equipe de atração de Gilberto Pinto. Segundo seu relato:

> Os índios chegaram na manhã do dia 17.01.1973 e se mostravam bastante satisfeitos. No Primeiro dia foram, inclusive, caçar com o pessoal do Posto. No dia seguinte, o grupo constituído de 20 índios chefiados por Comprido realizam trocas.

Por volta das 15h00, Rafael Fonseca Padilha alertou Luiz de que os índios se mostravam irritados sem nenhuma razão. Prevendo o pior, Luiz se escondeu no seu quarto. Foi a sua sorte, pois no mesmo instante os Waimiri-Atroari iniciaram o ataque. Tentaram arrombar a porta do quarto onde Luiz se encontrava, mas não conseguiram. Durante 20 minutos ficaram cercando a casa e quando viram que Luiz não sairia de maneira nenhuma e então incendiaram o Posto.

> O recurso que eu tinha era sair ou morrer queimado.

Diz o sobrevivente do massacre e prossegue:

> Quando eu notei que não aguentava mais ficar lá dentro, fugi pela porta da cozinha e me atirei no Rio Alalau. Ao notarem que eu havia me jogado n'água, os índios começaram a me flechar, da margem. Eu me desviei das flechas até chegar à outra margem e me embrenhei na mata.

À noite, Luiz se escondeu num matagal onde permaneceu até o dia seguinte, às 05h00 da manhã, quando retomou a caminhada pela mata. Por volta das 17h00, chegou a um local onde sempre deixava uma canoa e nela se dirigiu ao Posto Abonari narrando o massacre.

Segundo Luiz Alberto Apolinário Duarte, quem começou o ataque ao pessoal do Posto Alalau II foram dois rapazes entre 13 e 14 anos de idade. Diz Luiz Alberto que o rapaz Waimiri-Atroari para se tornar homem tem que matar e em todos os massacres são rapazes diferentes que tomam a iniciativa enquanto os mais velhos lhes dão cobertura.

Afirma Luiz:

> Entre estes índios, os mais aguerridos são sempre os rapazes. Qualquer coisa que não acham certo, eles reagem muito mais do que os adultos. Estes são mais calmos e tolerantes.

DISCÓRDIA

O sertanista Sebastião Firmo – por todos carinhosamente de Sabá – trabalhou, desde 1957, com Gilberto Pinto Figueiredo Costa na atração dos Waimiri-Atroari e atualmente chefia aquela frente da FUNAI. Para Sebastião Firmo a causa do massacre praticado pelos Waimiri-Atroari contra Gilberto seria uma discórdia entre os Capitães Comprido e Maroaga. Sabá explicou que o Cacique Comprido matou um filho do Cacique Maruaga, e, prevendo a queda do seu prestígio junto ao grupo tribal, Comprido procurou se unir novamente a Maruaga e juntos realizarem o massacre.

DESCONFIANÇA

Waldomiro Pereira da Silva trabalhou durante três anos com Gilberto Pinto Figueiredo Costa na atração dos Waimiri-Atroari. Hoje, continua atuando na área, e integra, a equipe de Sebastião Firmo no Posto Indígena Abonari II, o mesmo em que Gilberto foi massacrado. Waldomiro conta que já esteve muitas vezes nas aldeias Waimiri-Atroari acompanhando Gilberto, e que nunca enfrentou problemas mais sérios com os índios. Para Waldomiro a abertura da rodovia Manaus-Caracaraí poderia ser uma das causas do massacre os Waimiri-Atroari estariam desconfiando dos civilizados devido aos trabalhos da estrada.

Disse que, durante trabalhos de desmatamento, Gilberto e sua equipe não tiveram problemas, Estes só começaram com a abertura estrada. Disse ainda que todos os ataques são comandados por Maruaga e Comprido, e confirmou que deles sempre participam rapazes cujas idades variam em torno dos 15 anos.

VELHO COMPANHEIRO

Paulino Rondon atualmente no Posto Indígena Abonari II, conhece toda a região habitada pelos Waimiri-Atroari, pois foi um dos primeiros a integrar a equipe de Gilberto Pinto, em 1957. Paulino era um dos homens de confiança do sertanista e sempre o acompanhava quando visitava as Aldeias Waimiri-Atroari.

> Visitei inúmeras aldeias com o "*seu*" Gilberto, mas os índios nunca permitiram visitarmos todas as malocas. Em algumas eles imediatamente barravam a nossa entrada não sei explicar o porquê.

Paulino Rondon, evita falar sobre o massacre de dezembro de 1974, onde Gilberto perdeu a vida. Ainda hoje ele se emociona muito. Diz apenas que não encontra um motivo para Maruaga e Comprido terem matado o seu velho companheiro.

> Eles sempre gostaram do "*seu*" Gilberto e não posso entender porque eles fizeram isso com aquele que parecia ser o melhor amigo deles.

EXPEDIÇÃO CALLERI

O massacre da expedição de atração chefiada pelo Padre João Calleri, integrada por nove pessoas, ocorrido em 01.11.1968, marcou o reinicio dos ataques dos Waimiri-Atroari contra aqueles que procuravam penetrar em suas terras. Por um período bem razoável, aqueles índios vinham se mantendo em paz em seus domínios.

A partir de 1957, permitiram a presença do sertanista Gilberto P. Figueiredo Costa na área, trégua interrompida quando o sertanista foi substituído pelo Padre Calleri. Do massacre, apenas conseguiu escapar o mateiro Álvaro Paulo da Silva, atualmente trabalhando para a FUNAI no Território Federal de Roraima.

Segundo as próprias palavras de Álvaro Paulo da Silva, os erros cometidos pelo Padre João Calleri são injustificáveis. O Padre maltratava os índios e não tinha nenhuma consideração para com eles. Ele queria agir com os Waimiri-Atroari como agiu com os índios do Catrimani, que nunca foram bravos e eram de boa índole. Para Álvaro, um dos erros da política indigenista foi tirar a chefia da Frente de Atração de um dos funcionários da FUNAI, homem capaz o experiente, Gilberto Pinto Figueiredo e entregá-la ao Padre Calleri, que não entendia do assunto.

Conta Álvaro que o Padre Calleri queria pacificar de uma vez os Waimiri- Atroari e, por isto, levou a sua equipe para morar junto à aldeia, coisa que só se faz cerca de três anos após consolidado o contato.

Álvaro Paulo da Silva trabalhava com Gilberto Pinto antes do Padre Calleri assumir a chefia da Frente de Atração, ocasião em que tudo ia indo muito bem.

Diz o mateiro Álvaro que em várias ocasiões os Waimiri- Atroari quiseram fazer trocas e que o Padre se negava a atendê-los Até mesmo ao cacique Maruaga, que queria trocar arcos e flechas por uma panela e o Padre respondeu negativamente.

Quando encontrava os índios deitados nas redes, retirava-os de lá e os punha para fora do acampamento.

Dois dias antes do massacra da expedição Calleri – conta Álvaro – o Padre viu alguns índios retirando colheres do acampamento, repentinamente segurou um dos índios, pegou a espingarda e advertiu:

> Aqui Padre marupá [mau]. Espingarda pô [imitou com a boca o som do tiro] índio morre.

Álvaro advertiu o Padre que esta conversa não ia dar certo. No mesmo instante os índios se reuniram bastante irritados.

No dia seguinte voltaram ao acampamento os mesmos índios, e estes desacompanhados do Tuchaua Maruaga, que estava com raiva. Álvaro sugeriu que o Padre ficasse no acampamento e que ele e os demais membros fossem até a Aldeia levar brindes para os índios e tentar acalmá-los. O Padre respondeu negativamente dizendo que estava acostumado a lidar com índios:

> Nós temos que mostrar ao índio que somos superiores a eles.

Afirmou o chefe da expedição, ao que Álvaro respondeu que iria embora pois se continuassem a agir assim todos iriam rodar na flecha começando pelo Padre.

TODOS MORTOS

Apesar dos seus colegas acharem que ele estava com medo, Álvaro decidiu deixar o acampamento naquela mesma noite e retornar a Manaus. Mas depois de algumas horas de caminhada, resolveu voltar ao acampamento e ver como estavam as coisas, pois não tinha coragem de deixar a expedição entregue à própria sorte. Ao se aproximar da Aldeia, notou que estava tudo em silêncio e estranhou a situação.

Penetrou pelo roçado dos índios para ver mais de perto o pátio da aldeia e imediatamente viu caído um dos elementos da expedição, que não conseguiu identificar. Assim que constatou tratar-se de um massacre, fugiu para o mato.

Esperou escurecer e concluiu que os índios, após matarem os integrantes da expedição haviam fugido. À noite, passou no acampamento à procura de uma canoa para rumar direção a Manaus e comunicar a ocorrência. Naquela mesma noite parou numa praia para acampar, mas ouviu índios falando e resolveu prosseguir a viagem.

Finalmente, quando chegou à cidade de Itacoatiara, comunicou o massacre ao Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas, encarregado das Obras de construção da rodovia BR-174, ao qual o Padre Calleri estava ligado.

Como ocorreu o massacre, continua sendo um mistério. Todos os membros da expedição Calleri, incluindo uma mulher, que se encontravam no local foram mortos. Álvaro só constatou o ataque dos Waimiri-Atroari, segundo disse, depois de consumado.

Talvez futuramente os próprios Waimiri-Atroari venham a contar como tudo se passou e revelar a causa dos massacres contra os brancos que se aventuraram penetrar em suas terras.

PRECIPITAÇÃO

Padre José Vicente César, vice-presidente do "*Conselho Indigenista Missionário*" e diretor do "*Instituto Anthropos do Brasil*", em trabalho publicado no jornal "*Lar Católico*", do dia 04.10.1970, referindo-se ao massacre do Padre João Calleri afirma que aquele sacerdote mostrou injustificável afoiteza no trato com índios ferozes e descontentes.

Diz ainda o Padre César em seu artigo, tomando por base o diálogo que manteve com o único sobrevivente do massacre, Álvaro Paulo da Silva, que o Padre Calleri, embora munido de boa vontade e das melhores intenções, não era a pessoa indicada para uma missão tão delicada e cheia de riscos.

Ele fizera um curso rápido [parece de seis meses] no Museu Emílio Goeldi, de Belém e passara uns 3 anos com os íncolas das florestas do Rio Catrimani, no Território de Roraima.

Mas estes últimos são mansos de índole pacífica e pertencentes a uma outra família linguística, a dos Xavante e Uaicá.

OS PRIMEIROS MASSACRES

O primeiro massacre dos Waimiri-Atroari contra funcionários do órgão oficial de assistência aos silvícolas – naquela época, o hoje extinto Serviço de Proteção ao Índio [SPI] – ocorreu em dezembro de 1942.

Em um ofício encaminhado ao então diretor do SPI, José Maria de Paula, o Chefe da 1ª Inspetoria Regional do Órgão, Bacharel Joviniano Caldas de Magalhães, narra os acontecimentos referentes aos massacres de dezembro de 1942 e outro ocorrido no dia 31 de dezembro de 1946. Conta o ex-chefe da 1ª IR do SPI que:

> Os Waimiri-Atroari haviam sido visitados pela então Chefe da 1ª IR – Major Carlos Eugênio Chauvin, que conseguira, além de estabelecer contato com os mesmos, visitar-lhes cinco malocas, situadas na região do Rio Jauaperi.

Em marco de 1941, foi instalado na área um Posto de Atração, do pelo Agente de Índios Miguel Bríglia. Sabedor de que teria ocorrido "*certo incidente*" entre os índios encarregado do Posto o Major Carlos Chauvin, determinou o seu afastamento substituindo-o pelo Agente Cristovão Emerick Taumaturgo Lobo. Quando da gestão deste Agente – afirma o ex-chefe da 1ª Inspetoria – os índios visitaram o Posto inúmeras vezes, mantendo cordial amizade. Traziam objetos de sua confecção e levavam brindes. Mas, ao se referirem ao Agente Bríglia, serviam-se da frase "*branco mau*".

Consta que o Emerick envidou esforços no sentido de descobrir a causa da antipatia dos índios para com Miguel Bríglia, não conseguindo. Na qualidade de fiscal do SPI, Alberto Pizarro Jacobina foi a Manaus e um dos seus primeiros atos – embora o então Chefe da Inspetoria, Sebastião Moacyr de Xerez se manifestasse em desacordo foi determinar que os filhos do Agente Miguel Bríglia voltassem ao referido Posto.

O que teria se passado entre agosto e setembro de 1942. Em dezembro, ocorreu o massacre dos Waimiri-Atroari, o que custaria a vida de todos, os que se encontravam no Posto.

NOVO MASSACRE

Em fevereiro de 1943, o Posto foi reinstalado e seu funcionamento não sofreu alteração digna de registro até julho de 1946. Nessa ocasião os índios que procuravam brindes, sem os encontrar, tomaram as roupas dos trabalhadores, motivando que os mesmos retornassem a Manaus.

Mas já em outubro daquele ano, por determinação do Chefe da 1ª Inspetoria, todos funcionários que se encontravam na capital amazonense voltaram ao trabalho. Na ocasião o Posto Indígena era chefiado pelo Sr. Luiz Antônio de Carvalho.

No dia 31 de dezembro de 1940, os Waimiri-Atroari, que dois dias antes haviam chegado ao Posto do SPI acompanhados de mulheres e crianças, e demonstrando estarem alegres, praticavam novo massacre, no qual perderam a vida 9 servidores do SPI, inclusive o Chefe do Posto, Luiz Antônio de Carvalho.

Sua esposa dona Cândida Pastana de Carvalho que se encontrava com o marido, grávida do nove meses, conseguiu escapar com vida, apesar de ter sido atingida pelas flechas.

ÍNDIO BARBADO

Com base nos depoimentos sobre esse ataque dos índios prestados por Tiago Coelho da Silva, Raimundo Marques de Carvalho, Matheus Dias, Bernardino José da Silva, Cândida Pastana de Carvalho e Raimundo Nunes, todos sobreviventes, o Chefe da Inspetoria Regional do Serviço de Proteção aos índios afirma em seu ofício que:

> Os massacres ocorridos no Rio Camanau em face do testemunho dessas pessoas sobreviventes apresenta dois aspectos distintos um, referente ao primeiro – salientando, como origem, a desarmonia ou desinteligência entre os índios e o então encarregado do Posto e outro – alusivo ao segundo – em que se positiva a existência, entre os índios, de um civilizado ou índio civilizado, que os induz às hostilidades.

De fato, todos os sobreviventes, em seus depoimentos, citam a presença no massacre de um "*índio barbado que fala português e a língua indígena*".

Tiago Coelho da Silva, que escapou ao ataque dos Waimiri- Atroari no Posto indígena, do Rio Camanau em dezembro de 1946, diz que se encontrava sentado à mesa onde tomava café, quando teve início o massacre. Ao iniciá-lo, um "*índio barbado*" gritou – "*lá vai flecha*" – em português.

Afirma ainda Tiago que nos dois dias anteriores, os Waimiri-Atroari haviam mantido atitude de cordialidade, mas que "*o índio barbado*" mantinha-se calado só falando a gíria [língua indígena].

Declarou ainda que o grupo era chefiado por este "*índio barbado*".

Também Raimundo Marques de Carvalho, outro sobrevivente do massacre, aponta a presença do "*índio barbado*". Em certo trecho do seu depoimento afirma que:

> No dia do massacre de 1946 os índios não se fizeram acompanhar de suas famílias como nos dias anteriores.

Mais adiante conta que:

> Um dos índios, ao passar por ele, no Posto, falava em gíria ao "*barbado*", ao que este respondeu – Vamos embora – em português.

Também Matheus Dias, que conseguiu escapar com vida do ataque dos Waimiri-Atroari, em dezembro de 1946, se refere ao "*índio barbado*" em seu depoimento, ao afirmar, que entre os índios sempre esteve o barbado que se mantinha calado, só se expressando em gíria, o que também consta no depoimento de Bernardino José da Silva que diz que:

> O "*índio barbado*" só falava em português quando se dirigia à Dona Cândida Pastana de Carvalho.

O depoimento de Dona Cândida Pastana de Carvalho é mais rico em detalhes do que demais. Esses do encarregado do Posto, Luiz Antônio de Carvalho, que encontrava-se na sala de entrada da casa quando chegaram os índios em número de nove, todos armados de arcos e flechas.

O Tuchaua Maruaga estava presente e ela dirigiu-se a ele pedindo que fizesse negócio com as flechas ao que o índio lhe respondeu: "*Não, não quer fazer negócio*", empurrando D. Cândida para o lado.

A esposa do encarregado do Posto não soube a que atribuir a brusca atitude dos índios visto que todos mostravam-se amigos do pessoal do Posto, inclusive haviam até dançado no terreiro, com o seu marido.

A presença do "*índio barbado*", é assim narrada por D. Cândida:

> Os índios eram chefiados por um "*barbado*", embora entre eles estivesse o Tuchaua Maruaga – pois os índios nada decidiam sem o consentimento do "*índio barbado*", inclusive troca de objetos.
>
> Quando se dirigia ela, o "*barbado*" fazia-o em português, às vezes misturado com a gíria, e em gíria sendo ele o mais retraído de todos, procurando sempre manter-se calado e afastado, observando todos os pormenores.

Afirma ainda D. Cândida que:

> O "*índio barbado*", quando das visitas nos dias anteriores, trouxe sua família, constituída de mulher e três filhos, entre os quais uma mocinha do feições delicadas.

Segundo D. Cândida, este índio:

> Tem "*barba fechada*" e o "*corpo cabeludo*".

Como se nota, seria difícil classificar como fantasioso a presença do "*índio barbado*" entre os Waimiri-Atroari que atacaram o Posto do SPI, em 1946, uma vez que todos os depoimentos assinalam a sua presença.

Entretanto, após um período de relativa calma, interrompido com o massacre da expedição do Padre João Calleri, nunca mais ocorreram, citações sobre a presença do "*índio barbado*" nos ataques ou contatos com os Waimiri-Atroari.

NOVA TÁTICA

Atualmente a Frente de Atração dos Waimiri-Atroari está sob a chefia do sertanista Sebastião Nunes Firmo, profundo conhecedor daqueles índios, pois desde e primeira incursão do sertanista Gilberto Pinto de Figueiredo Costa naquela região, em 1967, participava da sua equipe de atração.

Seguindo determinações da Presidência da FUNAI, foi estabelecido um esquema do trabalho no qual as equipes terão contato apenas com os índios que aparecerem na estrada BR-174, ou seja, toda a iniciativa do contato deverá partir dos próprios Waimiri-Atroari.

Nenhuma penetração nas matas para visita às aldeias irá ocorrer. Na área, existem atualmente em atividade quatro Frentes: uma de apoio à BR-174 e os Postos Indígenas Alalau, Camanau e Abonari.

Para o sertanista Sebastião Firmo, a Frente de Apoio à BR-174 [rodovia Manaus Caracaraí] em construção, é, no momento, o mais importante por reunir grande número de trabalhadores da estrado, alheios aos problemas no trato ao índio e por ser esta a única Frente em que os índios tem mantido contato após o último massacre, no qual perdeu a vida Gilberto Pinto.

De acordo com o esquema montado por Sebastião Firmo, a cobertura aos trabalhos na rodovia BR-174 está sendo feita por três turmas da FUNAI que se encontram na altura do Rio Alalau [10 homens], junto à equipe de terraplenagem [15 homens] e na vanguarda da estrada dando apoio à turma de desmatamento [15 homens].

As turmas que acompanham as equipes de terraplenagem e desmatamento ficam cem metros à frente e 50 de cada lado da estrada, preparados para eventuais contatos com os Waimiri-Atroari.

Todos os que trabalham na construção da estrada estão proibidos, de caçar, portar armas ou embrenhar-se nas matas.

O P. I. Alalau, localizado na confluência dos Rios Alalau e Jauaperi visa a controlar o acesso de pessoas estranhas na área [caçadores, pescadores, gateiros, etc] que poderiam causar problemas aos trabalhos de atração. Seu efetivo é de 15 homens.

A mesma finalidade é a do P. I. Camanau, situado em ponto estratégico do Rio Camanau e também com um efetivo de 15 homens. Este Posto costumava ser visitado pelos Waimiri-Atroari, antes da morte do Gilberto Pinto.

Já o P. I. Abonari funciona como Base de Apoio aos trabalhos de atração e possui um efetivo do 15 homens, além de três índios intérpretes. Este Posto possui horta e roças para subsistência.

CONTATOS EM 1975

No ano passado os funcionários da FUNAI encarregados de dar cobertura aos trabalhos da BR-174 mantiveram quatro contatos amistosos com os Waimiri-Atroari que se dirigiam à estrada, a fim de realizarem trocas. O primeiro contato com os Waimiri-Atroari, após o massacre de Gilberto Pinto de Figueiredo Costa, com a equipe chefiada pelo sertanista Sebastião Firmo, ocorreu no dia 14.08.1975, às 10 horas da manhã.

Em seu diário de trabalho, o sertanista Sebastião Nunes Firmo, encarregado da Frente de Atração assim registra o contato:

> Às dez hora de hoje, encontravam-se em minha companhia os funcionários Eduardo Lopes Duarte, Maicosi Chiklisi, Pedro Barati, Osmar Bastos, Manoel Morais da Silva, Mário Dias, Manoel Sarmento e Francisco Pinheiro dos Santos, dando cobertura à Frente do Desmatamento Mecânico, momento em que apareceram 10 índios que de início levaram um susto ao nos ver, mas posteriormente vieram ao nosso encontro, gritando, gesticulando e finalmente, abraçando a todos no sentido de paz.
>
> O grupo de índios era chefiado pelo filho do Capitão Comprido, de nome Bornaldo, que aparenta, ter 17 anos de idade. O restante do grupo parecia ter de 17 a 22 anos.

Relata Sebastião Firmo que:

> Após o contato de amizade alguns índios manifestaram desejo de conhecer os tratores e pediu ao operador de máquinas para fazer uma demonstração. Alguns índios subiram no trator e assistiram a derrubada de algumas árvores. Após esse primeiro encontro se retiraram, prometendo voltar dentro de cinco dias. Esse primeiro contato deu-se no quilômetro 265 da BR-174, a 10.020 metros das margens do Alalau.

Mais adiante o sertanista assinala:

> Prometido voltar cinco dias após o primeiro contato, ficamos aguardando durante 10 dias consecutivos e eles não voltaram. Ao meu ver, o Capitão Comprido, chefe da tribo, ao ser comunicado do encontro dos seus 10 índios guerreiros com funcionários da FUNAI, proibiu o encontro marcado, ou seja o segundo, pois tudo indica que os 10 índios tenham vindo fazer uma averiguação, tais como: andamento da estrada, total de homens, etc. É provável que os índios estão se preparando para mudar para um local mais afastado, pois como se sabe a atual estrada passará bem próxima da Aldeia dos Atroari.

CONTATOS

O segundo contato entre os Waimiri-Atroari e os servidores da FUNAI, na BR-174, se deu a 23 quilômetros do Rio Alalau e o terceiro a 37 quilômetros.

O último contato com aqueles índios, no ano de 1975, ocorreu, no dia 5 de novembro, quando a frente desmatamento mecânico se encontrava a 42 quilômetros do Rio Alalau. Naquela ocasião a equipe de cobertura aos trabalhadores da estrada estava sob responsabilidade do sertanista Estevão da Silva Rodrigues. Como nas outras ocasiões os índios realizaram trocas com os integrantes da Frente de Atração e por volta das 15 horas se retiraram, prometendo, sempre, voltar.

PERIODICIDADE

Ao massacres praticados pelos Waimiri-Atroari parecem obedecer a uma certa periodicidade. Em de 1942, mataram os irmãos Bríglia. No dia 31.12.1946, morreram Luiz Antônio de Carvalho e mais oito servidores do extinto Serviço de Proteção aos Índios. Após uma trégua de 13 anos, a 30.11.1968, os Waimiri-Atroari voltariam a atacar um Posto de Atração, quando massacraram o Padre João Calleri e mais 9 pessoas.

Cinco anos depois, no dia 17.01.1973, os Waimiri-Atroari atacaram matando os servidores Rafael Fonseca Padilha, Ernesto Nascimento de Aguiar e Altamiro Cardoso de Aguiar que se encontravam no Posto Indígena de Atração Alalau. Em 1974, os Waimiri-Atroari realizaram dois massacres.

O primeiro, no dia 30 de setembro, novamente no Posto Indígena de Atração Alalau onde perderam a vida os servidores João Dionísio do Norte, Paulo Ferreira Ramos, Luiz Pereira, Faustino da Cruz Soares, Odoncil Virgínio dos Santos e Evaristo Batista e o outro massacre daquele ano, ocorreu no dia 29 de dezembro, quando perderam a vida, além do sertanista Gilberto Pinto de Figueiredo Costa, os servidores João Bosco Aguiar, João Alves Monteiro e Oswaldo de Souza Leal Filho, que se encontravam no Posto Indígena de Atração Abonari II.

Como se pode observar, todos os ataques dos Waimiri-Atroari ocorreram entre o final de setembro e meados de janeiro e, segundo depoimentos de sobreviventes, em todos eles o Cacique Maruaga esteve presente.

FESTA EM SETEMBRO

Em um dos seus relatórios, datado de novembro de 1973, onde apresenta os aspectos fisio-demo-sociográficos sobre os Waimiri-Atroari, Gilberto Pinto Figueiredo Costa assinala que:

> Em setembro, às vezes durante todo o mês, os Waimiri-Atroari costumam fazer algumas comemorações nas maloca centrais, possivelmente dedicadas em oferenda às plantações que são usualmente feitas em outubro e novembro.

Estas festas também são citadas pelo, índios Wai-Wai que já mantém contato com os elementos da FUNAI e que afirmam participar muitas vezes das mesmas que

se realizaram numa maloca próxima à Cachoeira Criminosa. Os Wai-Wai, entretanto, não entram em detalhes sobre o cerimonial, nem informam a que ele se destina.

I-Juca Pirama
(Gonçalves Dias)

[...] A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecações profundas soam,
Emaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, enovela-se confusa,
E mais revolta em mor furor se acende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.

Era ele, o Tupi; nem fora justo
Que a fama dos Tupis – o nome, a glória,
Aturado labor de tantos anos,
Derradeiro brasão da raça extinta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.

– Basta! Clama o chefe dos Timbiras,
– Basta, guerreiro ilustre! Assaz lutaste,
E para o sacrifício é mister forças.

O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:
"Este, sim, que é meu filho muito amado!"

"E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,
Corram livres as lágrimas que choro,
Estas lágrimas, sim, que não desonram". [...]

Bibliografia

A BATALHA, N° 4.334. ***A Fronteira Brasileira com a Venezuela - Prosseguem Ativamente os Trabalhos da Comissão Demarcadora*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Batalha, N° 4.334, 25.09.1940.*

A BATALHA, N° 4.346. ***O Presidente Vargas na Amazônia - Em Contato com os Membros da Comissão de Limites*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Batalha, N° 4.346, 09.10.1940.*

A BATALHA, N° 4.425. ***Atacados e Cercados Pelos Índios os Membros da Comissão de Limites*** *-* ***Surpreendidos e Cercados Quando Dormiam Foram Todos Feridos por Flechas Envenenadas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Batalha, N° 4.425, 14.01.1941.*

A FOLHA NOVA N° 423. ***O Alto Amazonas – Notas d'um Viajante*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Folha Nova n° 423, 21.01.1884.*

A FOLHA NOVA N° 534. ***Os Índios Waimirys*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Folha Nova n° 534, 11.05.1884.*

A FOLHA NOVA N° 540. ***À Propósito dos Índios Waimirys*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Folha Nova n° 540, 17.05.1884.*

A NOITE, N° 11.599. ***Encerrando uma Divergência Secular - O Acordo Final de Limites Entre o Peru e o Equador*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite, N° 11.599, 29.05.1944.*

A NOITE, N° 11.876. ***A Questão de Limites Entre o Peru e o Equador*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite, N° 11.876, 07.03.1945.*

ACD, 1958. ***Anais da Câmara dos Deputados*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Volume 5, 1958.*

ADRIÃO, Paulo Cezar de Aguiar. ***Almirante Braz Dias de Aguiar – Gigante da Nacionalidade!*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Marítima Brasileira, Volume 130, n° 07/09 – jul./set. 2010.*

AZEVEDO, Aroldo de. ***Brasil, a Terra e o Homem*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1964.*

AZEVEDO, Reinaldo. ***Tarso Genro o Trotskista Surtado*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista VEJA, Edição 2075, 27.08.2008*

BAINES, Stephen Grant. ***O Território dos Waimiri-Atroari e o Indigenismo Empresarial*** *– Brasil – Brasília, DF – UNB, 1993.*

CARVALHO, José Cândido de Melo. ***Notas de Viagem ao Rio Negro*** *– Brasil – São Paulo, SP – Edições GRD, 1983.*

CORREIO BRAZILIENSE N°18.566. ***Maduro Anuncia Prisão de Generais Golpistas*** *– Brasil –Brasília, DF – Correio Braziliense n°18.566, 26.03.2014.*

CORREIO BRAZILIENSE, N° 18.185. ***Posse sob Contestação*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense n°18.185, 09.03.2013.*

CORREIO BRAZILIENSE, N° 18.222. ***Nicolás Maduro Enfrenta o Desafio de Suceder Chávez*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense n°18.222, 15.04.2013.*

CORREIO BRAZILIENSE, N° 18.223. ***Chavismo em Causa*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense n°18.223, 16.04.2013.*

CORREIO BRAZILIENSE, N° 18.531. ***Entrevista Fernando Henrique Cardoso*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense n°18.531, 19.02.2014.*

CORTESÃO, Jaime. ***Introdução à História das Bandeiras – Morre um Bandeirante*** *– Brasil – Rio Branco, AC – O Acre, 18.01.1948.*

COUTINHO & PAULIN & MEDEIROS, Leonardo Coutinho & Igor Paulin & Júlia de Medeiros. ***A Farra da Antropologia Oportunista*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista Veja – Edição 2.163, 05.05.2010.*

DECRETO N° 88.985. ***Regulamenta os Artigos 44 e 45 da Lei n° 6.001, de 19.12.1973, e dá outras providências.*** *– Brasil – Brasília, DF – www2.camara.leg.br, 10.11.1983.*

DEFESANET, 08.06.2015. ***Militares Brasileiros e Pesquisadores Americanos Refazem Expedição Histórica*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Defesanet, 08.06.2015.*

DIÁRIO DA NOITE, N° 262. ***Às Zonas mais Desconhecidas da América do Sul*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário da Noite, N° 262, 11.08.1930.*

DIÁRIO DE CÁCERES, 24.08.2017. ***Grupo que Refaz a Rota da Expedição Roosevelt-Rondon Passa por Cáceres*** *– Brasil – Mato Grosso, MT – Diário de Cáceres, 24.08.2017.*

DIÁRIO DE NOTÍCIAS N° 271. ***Waimirys*** *– Brasil – Belém, PA – Diário de Notícias n° 271, 28.11.1886.*

DIÁRIO DE NOTÍCIAS N° 96. ***Waimirys*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário de Notícias n° 96, 10.09.1885.*

DUCKE, Adolpho. ***Aguiara*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Annaes da Academia Brasileira de Ciências, Edição 1, 1938.*

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. ***Viagem Filosófica pelas Capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Conselho Federal de Cultura, 1971.*

FOLHA DE SÃO PAULO, 23.08.2017. ***Procuradoria quer Indenização e Desculpas a Índios por Violações na Ditadura*** *– Brasil – São Paulo, SP – Folha de S. Paulo, 23.08.2017.*

FOLHA DE SÃO PAULO, N° 3.285. ***Governo Bolsonaro Renova Temor de Conflito em Tribo da Amazônia*** *– Brasil – São Paulo, SP – Folha de S. Paulo, n° 3.285, 17.03.2019.*

FON FON, N° 09. ***Fon Fon! Na Fronteira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante, Edição n° 09, 1914.*

FREGAPANI, Gélio. ***No Lado de Dentro da Selva II*** *– Brasil – Brasília, DF – Thesaurus Editora, 2009.*

GARZON, Luiz Fernando Novoa. ***O Destino Manifesto e a Tragédia Anunciada*** *– Brasil – São Paulo, SP – www.correiocidadania.com.br.*

GAZETA DE NOTÍCIAS, N° 291. ***Heróis da Selva*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Gazeta de Notícias, n° 291, 13.12.1942.*

GENTE DE OPINIÃO, 22.10.2017. ***Epopeia Acreana – Parte I*** *– Brasil – Rondônia, RO – Gente de Opinião, 22.10.2017.*

GOYCOCHÊA, Castilhos. ***Fronteiras e Fronteiros*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1943.*

GUERRA, Antonio Teixeira. ***Estudo Geográfico do território do Rio Branco*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Conselho Nacional de Geografia (CNG), IBGE, 1957.*

JB, N° 148. ***Gripe Mata Chefe Waimiri-Atroari que era Contra Brancos e mais 14 Companheiros seus Brasil*** *– Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 148, 03.09.1973.*

JB, N° 266. ***"Tem Branco no Meio", diz Sertanista sobre o Ataque dos Waimiri*** *– Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 266, 31.12.1974.*

JB, N° 282. ***Máquinas Chegam ao Território dos Waimiri-Atroari*** *– Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 282, 17.01.1974.*

*JB, N° 287. F****unai Culpa Viajante Pelo Massacre de 3 Funcionários*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 287, 03.02.1973.*

JB, N° 55. ***Roraima a mãe das Águas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil - n° 55, 08.03.1963.*

JB, N° 63. ***Os Nossos Limites com a Venezuela - O "Jornal do Brasil" ouve o Comandante Braz de Aguiar, Chefe da Missão Brasileira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, N° 63, 14.03.1930.*

JC, N° 21.340. ***Atroari que Mataram Calleri, Agora Expulsam médicos de sua Aldeia*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Comércio, n° 21.340, 29.07.1973.*

JC, N° 63. ***Gazetilha – Território de Roraima*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Comércio, n° 63, 18.12.1962.*

JORNAL O GLOBO, 04.04.1977. ***De Manaus a Boa Vista, pelo Território dos Índios*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal o Globo, 04.04.1977.*

JRH, 29.09.2017. ***Exposição do Artista Augusto Cardoso Marca Reabertura da Galeria Luiz Canará no Parque Anauá*** *– Brasil – Boa Vista, RR – Jornal Roraima Hoje, 29.09.2017.*

LOCZY, Louis de. ***Considerações Concernentes à Constituição Tectônica do Escudo das Guianas com Especial Referência à Formação Roraima*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Academia Brasileira de Ciências, Vol. 44, n° 1, 1972.*

MARTINS, Ives Gandra da Silva. ***Você é Branco? Cuide-se!*** *– Brasil – www.correiocidadania.com.br, 2011.*

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. ***Quando o Amazonas Corria para o Pacífico*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ed. Vozes, 2007.*

NARLOCH, Leandro. ***Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*** *– Portugal – Amadora – Ed. Leya, 2009.*

O ECONOMISTA N° 844. ***Brasil*** *– Portugal – Lisboa – O Economista n° 844, 18.06.1884.*

OEMG, n° 6.639. ***Roraima não tem Rota Fácil Para Escalada*** *– Brasil – Mato Grosso, MT – O Estado de Mato Grosso, n° 6.639, 26.09.1973.*

OPINIÃO, N° 114. ***Segundo a Funai, o Sertanista Gilberto Pinto era Amado pelos Waimiri-Atroari. Na semana passada eles o mataram. Por quê?*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Opinião, n° 114, 10.01.1974.*

QUARTIN, Adriano de Souza. ***Sessão Solene a 08.10.1948, no Salão de Conferências do Palácio Itamaraty*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Naval – Revista Marítima Brasileira Edição 153, N° 7, 8 e 9 – jan, fev, mar, 1949.*

REALIDADE, n° 97. ***Mundo Perdido – Hamish Mao Innes*** *– Brasil – São Paulo, SP – Realidade, n° 97, abril de 1974.*

RECLUS, Élisée. ***Estados Unidos do Brasil, Geografia, Etnografia, Estatística*** *– Brasil – Rio de Janeiro – H. Garnier, 1900.*

REVISTA VEJA, N° 331. ***ÍNDIOS – Outro Massacre*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista Veja, n° 331, 29.12.1974.*

RORAIMA EM FOCO, 30.08.2019. ***Roraima Forma Primeira Turma do Curso de Policiamento Ambiental*** *– Brasil – Boa Vista, RR – Roraima em Foco, 30.08.2019.*

SABATINI, Silvano. ***Massacre*** *– Brasil – São Paulo, SP – CIMI – Edições Loyola, 1998.*

SARNEY, José de Araújo Costa. ***Opinião: Fronteiras Sangrentas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Folha de São Paulo, 18.04.2008.*

SOUSA, Márcia. ***Moradores da Região de Palmas Vivem Clima de Tensão e Incertezas, Incra diz que está Realizando Levantamento, e não Vistorias*** *– Brasil – Bagé, RS – Jornal Minuano 06.04.2010.*

STADEN, Hans. ***Duas Viagens ao Brasil*** *– Brasil – Belo Horizonte, MG – Editora Itatiaia, 1974.*

THE ECONOMIST. ***Brazil's Indians: The Amazon's Indian Wars*** *– Inglaterra – Londres, 15.01.2004.*